UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA COELHO

A ALFABETIZAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE DIADEMA: IDENTIFICANDO BOAS PRÁTICAS

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2013

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA COELHO

A ALFABETIZAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DE DIADEMA: IDENTIFICANDO BOAS PRÁTICAS

Dissertação apresentada como exigência do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Norinês Panicacci Bahia.

SÃO BERNARDO DO CAMPO
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Coelho, Sebastião de Oliveira

C65a A alfabetização na Rede Municipal de Educação de Diadema: identificando boas práticas / Sebastião de Oliveira Coelho. 2013.

209 f.

Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

Orientação: Norinês Panicacci Bahia

1. Alfabetização – Diadema (SP) 2. Educação – Prática de ensino 3. Professores – Formação profissional I. Título.

CDD 374.012

A dissertação de mestrado sob o título “**A ALFABETIZAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DIADEMA: IDENTIFICANDO BOAS PRÁTICAS**”, elaborada por **Sebastião de Oliveira Coelho** foi apresentada e aprovada em 10 de Dezembro de 2013, perante banca examinadora composta por Prof^a. Dr^a. Norinês Panicacci Bahia (Presidente/UMESP), Prof^a. Dr^a. Marília Claret Geraes Duran (Titular/UMESP) e Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho (Titular/UNESP).

Profa. Dra. Norinês Panicacci Bahia

Orientador/a e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Roseli Fischmann

Coordenador/a do Programa de Pós-Graduação

Programa: **Pós-Graduação em Educação**

Área de Concentração: **Mestrado em Educação**

Linha de Pesquisa: **Formação de Educadores**

Dedico este trabalho ao meu amado pai, Antonio (*in memoriam*) que, como grande mestre, introduziu-me no mundo das letras, quando me alfabetizou aos 6 anos de idade.

À minha amada mãe, Marieta, pela sua sabedoria e serenidade, que, com sua fé inabalável, ofertou-me carinho colo e conforto.

À companheira Helena e os filhos, Camilo, Luana, Leonardo, Camila e Gabriela, que são a razão da minha vida, que deram todo apoio para a realização deste trabalho, mesmo conscientes da necessidade das minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Universo e a Deus por ter-me permitido viver.

À minha orientadora, Norinês Panicacci Bahia, que, com sua serenidade, competência e precisão cirúrgica, conduziu-me e permitiu-me conduzir, na busca do caminho mais adequado para construção deste trabalho.

Aos componentes da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Marília Claret Geraes Duran e Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho, por terem me acolhido, aceitando o convite para abrilhantar este momento que será marcante na minha história de vida, apontando-me os caminhos e descaminhos deste trabalho.

A todo o corpo docente do Mestrado da Universidade Metodista, pela acolhida que nos deram, pelo carinho que demonstravam conosco, pela generosidade em nos ouvir, pela sabedoria em pontuar nossas dúvidas e por instigar em nós o espírito científico.

A todos os meus colegas do curso de mestrado, pelos incentivos e apoios, pelas conversas sempre produtivas, mesmo nos horários do cafezinho e pelo grande espírito acolhedor, alegre e cooperativo do grupo.

Aos meus pares, professores, que, nestes anos todos, sempre me apoiaram e incentivaram, quando na minha busca por novos horizontes.

A todos os alunos que passaram pela minha vida nestes mais de vinte seis anos de atuação na educação em Diadema e São Bernardo do campo, ensinando-me, apoiando-me e alargando meus horizontes com suas múltiplas questões.

À população de Diadema que me acolheu como estrangeiro, conquistou-me com sua hospitalidade e matriculou-me na universidade das lutas, da participação popular e da gestão democrática, transformando-me, assim, em um dos seus.

À Márcia, secretária do PPGE, que nos acolhia com bom humor, sempre nos atendendo com carinho e profissionalismo.

Ao Partido dos Trabalhadores, ao qual fui filiado por alguns anos, por ter me inserido na luta por um Brasil melhor, empreitada essa que me acompanhará por toda a vida.

Ao Cláudio e a todos os funcionários do Trade Hotel Diadema, recanto dos meus momentos de recolhimento, para, na tranquilidade de suas dependências, dar conta da produção deste trabalho.

À Amanda Cordeiro, pela sua disponibilidade e presteza em aceitar o desafio de realizar a revisão deste trabalho num curto espaço de tempo.

Às sete professoras alfabetizadoras e aos cinco profissionais da equipe gestora, das escolas municipais de Diadema que participaram diretamente deste trabalho de pesquisa, por terem aberto suas escolas e suas salas de aula para que este trabalho fosse realizado.

A todos os funcionários da Universidade Metodista do Campus Vergueiro, principalmente às bibliotecárias, que sempre me atendiam com profissionalismo e dedicação, nos momentos que lá permaneci em busca de informações para este trabalho de pesquisa.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa aborda uma questão que está presente na ordem do dia da educação brasileira, há algum tempo: a alfabetização nas séries iniciais na escola pública. Permitimo-nos fazer uma escolha ao tratar desta temática, ou seja, optamos por identificar práticas de alfabetização de sucesso na rede de educação municipal, na cidade de Diadema. Para isso, escolhemos trilhar o caminho da pesquisa qualitativa, através da abordagem metodológica de um estudo de caso na Rede Municipal de Educação de Diadema, com a realização de entrevistas envolvendo 12 profissionais da educação municipal: 7 professores alfabetizadores que desenvolvem práticas consideradas de sucesso, 3 gestores das escolas municipais, 1 assistente pedagógica e 1 formadora dos professores alfabetizadores da rede. O presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: na Introdução, um passeio histórico ao longo da vida do autor da pesquisa, detectando as influências acontecidas para que o mesmo fizesse a opção pela atuação no magistério. No Capítulo 1, *Histórico e Fundamentos da Alfabetização no estado de São Paulo, a partir da década de 1980*, realizamos um resgate histórico do novo paradigma da educação no estado de São Paulo a partir do movimento de redemocratização do país – paradigma esse que se irradiou para o resto do Brasil, no qual o aluno passa a ser visto de um jeito novo, mudando-se o foco para a construção do conhecimento (o Construtivismo). Para visualizarmos a evolução desse processo, apresentamos quais foram as políticas públicas implementadas no estado de São Paulo nos últimos trinta anos. No Capítulo 2, *A Formação Continuada de Professores na rede Municipal de Educação de Diadema, a partir da década de 1980*, apresentamos como se deu a construção de uma política pública de gestão democrática no município de Diadema, e quais as influências desse processo na educação municipal e na formação do quadro de profissionais da rede. No Capítulo 3, *Os Procedimentos Metodológicos e as Análises de Dados*, demonstramos a escolha pela linha de pesquisa, como se organizou a metodologia da pesquisa, quem são os sujeitos participantes, a definição dos instrumentos para a coleta e análise dos dados. Nas Considerações Finais apresentamos uma síntese dos capítulos em interface com os resultados obtidos. As discussões realizadas tiveram como principal aporte teórico os estudos e as pesquisas de Bahia (2002), Duran (1995), Ferreira e Teberosky (1985), Figueredo (2011) e Mortatti (2000).

Palavras-chave: Alfabetização nas séries iniciais; práticas alfabetizadoras de sucesso; compromisso do professor.

ABSTRACT

This research addresses an issue that has been on the spotlight of Brazil's educational agenda for a while now: literacy teaching in early public school years. We have specifically chosen to highlight successful literacy teaching practices in local public schools in the city of Diadema, São Paulo. For this purpose, we have chosen qualitative research as a methodology, by conducting a case study in the local public school system in Diadema. We have interviewed twelve local school workers, consisting of seven first-grade teachers who carry out literacy teaching practices considered successful; three professionals with managerial roles in local public schools; one assistant teacher; and one literacy teacher trainer. This paper is structured as follows: in the Introduction, insight into the author's life provides context on influential events that led him to pursue a career in teaching. Chapter 1, *Historical Background and Literacy Teaching Principles in the State of São Paulo from the 1980's Onwards*, provides a historical review of a new wave of educational standards that emerged in the state of São Paulo in the aftermath of dictatorship, with the restoration of democracy in Brazil. This new approach, which became widespread in the country, has changed the way of looking at learners and shifted the focus onto the construction of knowledge, a theory known as constructivism. In order to illustrate how this process evolved, we describe public policies implemented in the state of São Paulo over the past thirty years. In Chapter 2, *Continuing Teacher Training in the Local School System in Diadema in the 1980's and after*, we give an account of the development of a public policy based on democratic management in the city of Diadema, and how this process influenced the local school system and teacher training programmes. In Chapter 3, *Methods and Data Review*, we explain our choice of approach, how we structured our methodology, who our subjects are, and our preferred tools for data collection and analysis. In the Conclusions, we provide a summary of the chapters and how they link to the findings. Our theoretical considerations were primarily based on studies and research by BAHIA, Norinês Panicacci (2002), DURAN, Marília C. G. (1995), FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana (1985), FIGUEREDO, Ângela Maria da Silva (2011), and MORTATTI, Maria do Rosário Longo (2000).

Keywords: literacy teaching in early school years; successful practices in literacy teaching; teacher engagement.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATP – Assistente Técnico Pedagógico

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BM – Banco Mundial

CAIS – Centro de Atenção à Inclusão Social

CB – Ciclo Básico

CEE – Conselho Estadual de Educação

CP – Coordenador Pedagógico

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FMI – Fundo Monetário Internacional

FUNDEB – Fundo Nacional de Educação Básica

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOVA – Movimento de Alfabetização

ONG – Organização Não Governamental

PAP – Plano de Apoio Pedagógico

PATP – Professor Assistente Técnico Pedagógico

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PROESA - Programa de Educação em Saneamento Ambiental

PROFA – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PT – Partido dos Trabalhadores

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

SANED – Companhia de Saneamento de Diadema

SEF – Secretaria de Ensino Fundamental

SEJA – Serviço de Educação de Jovens e Adultos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Idade dos profissionais.....	68
Quadro 2 – Sexo	69
Quadro 3 – Estado civil	69
Quadro 4 – Quantidade de filhos.....	69
Quadro 5 – Faixa salarial dos participantes	70
Quadro 6 – Formação acadêmica	70
Quadro 7 – Tempo de atuação no Magistério	71
Quadro 8 – Tempo de atuação na Rede Municipal de Diadema.....	71
Quadro 9 - Quanto tempo atua como alfabetizadora	71
Quadro 10 – Carga horária de trabalho semanal	73
Quadro 11 – Fazendo curso de atualização no momento	73
Quadro 12 – Curso de pós-graduação	73
Quadro 13 – Escolaridade dos pais	74
Quadro 14 – Fatores que facilitam a atuação profissional na escola	74
Quadro 15 – Fatores que dificultam a atuação profissional na escola	75
Quadro 16 – Alfabetizador por opção.....	80
Quadro 17 – A opção de ser alfabetizadora.....	81
Quadro 18 – O que é ser alfabetizadora?	82
Quadro 19 – O papel e a importância da contribuição da família no processo de aprendizagem da criança, na ótica das professoras	84
Quadro 20 – Como sua escola organiza o planejamento do trabalho pedagógico. ..	86
Quadro 21 – Como cada professora organiza o seu planejamento de trabalho	87
Quadro 22 – Critérios e instrumentos usados para avaliar o desempenho em leitura e escrita dos alunos	89
Quadro 23 – Parâmetros utilizados pelas professoras para considerar uma criança alfabetizada.....	92
Quadro 24 – Medidas efetuadas pela professora ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita..	98
Quadro 25 – Qual o procedimento da professora a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita	99
Quadro 26 – O uso ou não do livro didático para alfabetizar	102
Quadro 27 – Tipos de textos para trabalhar leitura com os alunos e como são utilizados	104
Quadro 28 – O resultado da alfabetização dos alunos.....	107
Quadro 29 – Situação de aprendizagem dos alunos ao final do ano de 2012	108

Quadro 30 – Alunos que não conseguiram alcançar o objetivo da alfabetização a que a professora atribui a isso	109
Quadro 31 – Cada professora fala do resultado positivo do seu trabalho	111
Quadro 32 – Qual o papel do ATP.	114
Quadro 33 – A relação da função de ATP com os professores alfabetizadores	114
Quadro 34 – O papel da formadora dos alfabetizadores.....	114
Quadro 35 – O que é ser diretora(or) e qual o papel pedagógico no comando da unidade escolar	114
Quadro 36 – Ao diretor da escola, cabe envolvimento com a alfabetização dos alunos nas primeiras séries?.....	115
Quadro 37 – Como é a participação do diretor na atuação com os professores alfabetizadores.	115
Quadro 38 – O entendimento sobre o que é ser um professor alfabetizador	117
Quadro 39 – Existe ou não um perfil para um bom professor alfabetizador	118
Quadro 40 – A que cada um atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização.	120
Quadro 41 – A que cada um atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 – HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DA ALFABETIZAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO A PARTIR DA DÉCADA DE 1980.....	9
1.1 - O contexto.....	10
1.2– A alfabetização na rede pública de educação do estado de São Paulo e a implantação do Ciclo Básico	11
1.2.1 – A Proposta Política (1983-1985).....	12
1.2.2 – A construção da Proposta Pedagógica (1985-1988).....	15
1.2.3 - A implantação da Jornada Única (1988-1991).....	20
1.3 – Políticas Educacionais para o Ensino Básico em São Paulo e no Brasil, nos anos 1990 e seguintes – governos do PSDB	24
1.3.1 – O Projeto Classes de Aceleração no estado de São Paulo (1996).....	25
1.3.2 – O regime de Progressão Continuada no estado de São Paulo (1997).....	26
1.3.3 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).....	28
1.3.4 – O PROFA, no estado de São Paulo, vira “Letra e Vida”.....	31
1.3.5 – O Programa Ler e Escrever – Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.....	32
1.4 – O comportamento gestor e a criação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)	33
Capítulo 2 – A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DIADEMA, A PARTIR DA DÉCADA DE 1980 ...	36
2.1 – Um pouco do contexto histórico	36
2.2 – Diadema cria o primeiro Serviço de Educação de Jovens e Adultos oficial do país	39
2.3 – Diadema, um salto adiante: a construção do Estatuto do Magistério.....	43
2.4 – Diadema propõe a eleição direta para Diretor e Vice-diretor.....	44
2.5 – Diadema inicia a municipalização do Ensino Fundamental.....	45
2.6 – Mudança de gestão: novos rumos da Educação em Diadema	46
2.7 – Como se deu a reorientação curricular em Diadema	46
2.8 – Primeira diretriz: democratização do acesso e da permanência	48
2.9 – Segunda diretriz: gestão democrática	49
2.10 – Terceira diretriz: qualidade social da Educação	50
2.11 – Os pilares da Proposta Curricular em Diadema	51
2.11.1 – Eixo 1: Dignidade e Humanismo.....	51

2.11.2 – Eixo 2: Cultura.....	52
2.11.3 – Eixo 3: Democratização da Gestão.....	53
2.11.4 – Eixo 4: Formação de Formadores / Escola “Aprendente”.....	55
2.11.5 - Eixo 5: As Diferentes Linguagens.....	56
2.11.6 – Eixo 6 – Meio Ambiente: uma questão social e urgente.....	57
2.11.7 – Eixo 7 – Educar e Cuidar: dimensões indissociáveis da prática educativa.....	61
2.11.8 – Proposta Curricular é desconsiderada pela gestão 2008-2012.....	62
Capítulo 3 – OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E AS ANÁLISES DOS DADOS.....	64
3.1 – Fundamentos e metodologia aplicada à pesquisa de campo.....	64
3.2 – Os sujeitos participantes da pesquisa.....	65
3.3 – A estruturação do questionário de perfil e do roteiro das entrevistas.....	66
3.4 – A análise dos dados coletados na pesquisa de campo.....	68
3.4.1 – Identificação do perfil e trajetória dos participantes.....	68
3.4.2 – Os fundamentos para a análise das entrevistas e algumas “joias pedagógicas”.....	76
3.4.3 – Identificação, categorização e análise das respostas das entrevistas.....	79
3.4.3.1 - Primeira Categoria: A opção por ser professora alfabetizadora.....	80
3.4.3.2 - Segunda Categoria: A importância do papel da professora alfabetizadora.....	82
3.4.3.3 - Terceira Categoria: A importância da família no processo de alfabetização da criança.....	84
3.4.3.4 - Quarta Categoria: A importância do planejamento de trabalho.....	86
3.4.3.5 - Quinta Categoria: Instrumentos de avaliação de desempenho em leitura e escrita.....	89
3.4.3.6 - Sexta Categoria: Quando considerar o aluno alfabetizado.....	92
3.4.3.7 - Sétima Categoria: Procedimentos para os alunos que apresentam dificuldades.....	98
3.4.3.8 - Oitava Categoria: Material didático utilizado pelas professoras alfabetizadoras.....	102
3.4.3.9 - Nona Categoria: O resultado positivo do trabalho.....	107
3.4.3.10 - Décima Categoria: O papel da equipe gestora e sua visão do processo.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFÊRENCIAS.....	135
APÊNDICE 1 – MODELO DO TERMO DE COMPROMISSO – UMESP – UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO – Programa de Pós-Graduação em Educação	138
APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO PARA PERFIL	139

APÊNDICE 3A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA PROFESSORA ALFABETIZADORA	140
APÊNDICE 3B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA FORMADORA.....	141
APÊNDICE 3C - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA COORDENADORA PEDAGÓGICA (ATP*).....	142
APÊNDICE 3D - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM O DIRETOR DA UNIDADE ESCOLAR (GESTOR).....	143
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 1 – ESCOLA DA PERIFERIA	144
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 2 – ESCOLA DA PERIFERIA	151
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 3 – ESCOLA DO CENTRO	156
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 4 – ESCOLADA.....PERIFERIA.....	161
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 5 – ESCOLA DA PERIFERIA	165
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 6 – ESCOLA DO CENTRO	171
APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 7 – ESCOLA DO CENTRO.....	175
APÊNDICE 4B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA ASSISTENTE TÉCNICA PEDAGÓGICA – ATP	178
APÊNDICE 4C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA FORMADORA.....	180
APÊNDICE 4D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO GESTOR 1 – G1	185
APÊNDICE 4D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO GESTOR 2 – G2	187
APÊNDICE 4D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO GESTOR 3 – G3	190

INTRODUÇÃO

“Qualquer um consegue elevar-se acima das circunstâncias e alcançar o sucesso se for dedicado e apaixonado pelo que faz.”

“A educação é a mais poderosa arma pela qual se pode mudar o mundo.”

(Nelson Mandela)

O objetivo deste texto introdutório é apresentar um *quando?*, um *como?* e um *para que?* fiz a opção de atuar na área da educação, *por que* escolhi fazer o curso de mestrado pesquisando a alfabetização de alunos nas séries iniciais, e apresentar o resultado do trabalho de pesquisa realizado.

Quero, inicialmente, permitir-me fazer um passeio pelo tempo, mergulhar nos porões da minha mente e buscar, nos recônditos mais profundos, lembranças da minha história de vida, que se fazem perceber no momento presente.

Para mim é tão *encantador* e ao mesmo tempo *desafiador*, sabermos lidar com nossas lembranças, com nossos “registros moleculares” (MACHADO, 2012).

Encantador por poder, quando eu quiser, buscar as lembranças dos momentos que mais marcaram de forma produtiva a minha vida, pois essas lembranças estão fundadas e fundidas nas crenças e valores que permearam a minha formação cultural, profissional, psicológica, religiosa e cidadã. Tenho certeza, são elas que me inspiraram na busca por compreender fenômenos que ainda hoje, apesar de toda evolução tecnológica, acontecem no processo de aprendizagem do ser humano.

Desafiador por também poder, quando eu quiser, buscar os momentos que mais marcaram de forma improdutivo a minha vida. Quando escolho esse caminho, trago à minha lembrança, em forma de filme, meus medos, minhas inseguranças, meus sofrimentos. Se eu não tomar cuidado, deixo me levar por este pensamento limitante, vitimando-me o tempo todo, o que fatalmente poderá me tornar uma pessoa amarga. Com certeza, por onde eu andar, estarei a disseminar esse comportamento, e conseqüentemente os resultados a colher não serão os melhores. Por outro lado, se escolho as lembranças produtivas e, com elas, os filmes das alegrias, da segurança, do acolhimento, da serenidade, do respeito, do

reconhecimento, das vitórias, da determinação, da convivência harmoniosa, estou fortalecendo o meu presente e me inspirando para uma trajetória produtiva comigo mesmo e com aqueles que eu interagir.

Ao visitar o meu passado na busca de momentos inspiradores para fundamentar o meu presente e as minhas escolhas, minha mente faz uma pausa no ano de 1961, numa belíssima imagem, na pequena cidade de Silveirânia-MG, onde acontece um verdadeiro ato de fé em valores cristãos, humanos, espirituais, educacionais, quando um bispo realiza a celebração de uma missa seguida da cerimônia de Crisma, e todo o povo do lugar estava presente devido às suas crenças e sua fé. Lá no meio desta pequena multidão, estou eu, com cinco anos de idade, sentindo uma grande emoção ao ver aquele homem fazendo a sua belíssima pregação, transmitindo àquele povo sedento por sabedoria os ensinamentos de serenidade, humildade, respeito, determinação, fraternidade, justiça, amor ao próximo... Perante o que acontece, eu me encanto, e sinto fortes arrepios. E com a minha ingenuidade e pureza de uma criança, penso comigo mesmo: “Um dia poderia também estar nesta posição de mensageiro do bem”. E poderia transmitir às pessoas mensagens de esperança, serenidade, justiça, simplicidade, sabedoria, conhecimento, amor e paz. Essa imagem real, que minha mente acaba de me entregar, permeia toda a minha história de vida até o momento presente com as seguintes perguntas: O que posso fazer para as outras pessoas? Como posso fazer algo para as pessoas? Como posso contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas? Essas perguntas contribuíram de forma decisiva para a construção dos meus valores e crenças. Elas permitiram que, ao longo de toda a minha vida, eu ansiasse por justiça, igualdade, respeito, humildade, consideração, reconhecimento e amor.

Busco essas lembranças porque hoje tenho plena consciência de que esses foram os primeiros *insights* para a escolha profissional que fiz.

Num primeiro momento, enveredei-me pelo caminho religioso, e fiz seminário para me tornar padre da igreja católica. Mas depois de um tempo descobri que não era o que eu queria, e foi com a minha saída do seminário que brotou o firme propósito de servir à humanidade atuando no campo educacional.

Iniciei minha trajetória na educação no ano de 1983, na cidade de Diadema, atuando como alfabetizador voluntário para jovens e adultos que não eram

alfabetizados. Utilizávamos a metodologia freiriana, que propunha usar as palavras geradoras, os temas geradores.

Essa rica experiência me colocou em contato com o querido e saudoso Prof. Paulo Freire. Tive o privilégio de, no segundo semestre do ano de 1983, participar semanalmente de uma tarde de formação com ele. Aprendi que é fundamental sabermos fazer a “leitura do mundo”, pois ela precede a “leitura da palavra”. Aprendi também que, para ser educador, é necessário *apaixonar-se pelo ato de educar*.

Dando continuidade à minha trajetória profissional no magistério, em 1987, ingressei na Prefeitura Municipal de Diadema como Professor da Educação de Jovens e Adultos, função que, à época, não exigia formação específica, magistério, bastava ter o 2º grau, que era o meu caso. Essa foi a minha primeira experiência institucional como professor. Confesso que foi um trabalho extremamente gratificante.

Tive nessa experiência a certeza do que, até então, era um indício, da minha vocação. Nela pude me realizar como um ser humano, engajado, de fato, naquele que era meu propósito desde criança: contribuir de forma efetiva para o bem estar das pessoas. Para mim, era encantador poder ver, ouvir e sentir a emoção de um aluno adulto quando este compreendia como se dá o processo da leitura e da escrita. E o milagre acontecia dentro de cada um, que, pela primeira vez na sua história de 20, 30, 40, 50, 60 ou 70 anos de vida, conseguia pronunciar as primeiras palavras em uma frase, um texto ou um livro e escrever as primeiras palavras, frases e textos. Confesso que eu me emocionava também, pois muitos, quando ingressavam na escola, desconfiavam da sua capacidade de aprender, já tinham deixado se levar por crenças já estabelecidas na sociedade através de um jargão popular que afirmava “papagaio velho não aprende a falar”. Estavam ali um pouco incrédulos, mas sentíamos, como educadores, que essa era a chance dessas pessoas mostrarem para si mesmas que cada uma carregava dentro de si todo o potencial de aprender que qualquer ser humano traz consigo desde seu nascimento. A prova disso é que elas se viravam bem na sociedade até então. Na sua trajetória de vida, já tinham aprendido inúmeras coisas, e essa era mais uma experiência que agregaria valor e mais qualidade às suas vidas.

É importante, aqui, salientar que nem tudo eram flores, e havia alunos que não conseguiam aprender com a mesma desenvoltura de outros. Esse era o grande desafio para os professores. Lembro-me de que buscávamos compreender, na

literatura, quais poderiam ser as causas e o que fazer, e não encontrávamos respostas. Os estudos e as pesquisas que existiam à época não davam conta de oferecer fundamentos para o nosso trabalho de alfabetização de adultos. Nessa época, existiam muitos trabalhos e pesquisas que abordavam a alfabetização de crianças, inspirados nos estudos de Piaget e Emilia Ferreiro, porém os adultos não eram o foco naquele momento. Parecia que isso fazia parte do *script* em que se fundava a sociedade capitalista, manter o povo na ignorância, sem acesso à educação, daí o imenso número dos milhões de brasileiros à margem do sistema educacional. Deparo-me aqui com o maior dos desafios, e sinto que é necessário que algo seja feito.

Mais tarde, com o crescente aumento das administrações municipais de esquerda no Brasil, vários desses municípios implantaram a Educação de Jovens e Adultos, o que leva a um aumento do interesse de pesquisadores a dedicarem estudos a essa modalidade de educação no país. Como resultado desse processo, começam a surgir respostas às indagações iniciais. Estes fundamentos passam a fazer parte da formação dos professores da Educação de Jovens e Adultos.

Após alguns anos atuando na educação de adultos no município de Diadema, e esta tendo avançado muito no tocante à qualidade e ao atendimento, os gestores da educação no município iniciam uma política de Formação Profissional, implantando cursos de qualificação e requalificação profissional, para jovens e adultos alfabetizados, em vários segmentos do mercado de trabalho. Fui convidado a participar desse novo projeto de formação, atuando na coordenação pedagógica por alguns anos (de 1995 a 1999). Foi essa outra experiência muito gratificante e, também, apesar de ser algo bem específico, deparo-me com os mesmos problemas de aprendizagem de alguns alunos. Novamente afloram-se as mesmas interrogações de quando eu atuava na EJA: O que acontece que alguns alunos não conseguem aprender? O que fazer? Essas perguntas ainda continuam sem respostas.

Parece que há um destino traçado para a minha trajetória de experimentos no magistério. Mas o que é o destino? Ele existe? Ou somos nós que, movidos pelos nossos objetivos, motivados conscientemente pela nossa missão, é que temos o poder de fazer escolhas? Acredito firmemente nesta última. Descobri recentemente e tomei consciência de que o *meu caminho quem o faz sou eu*. Descobri que posso estabelecer objetivos para a minha vida. Descobri que dentro de mim existe um

potencial gerador inimaginável e podemos compará-lo a uma semente que guarda dentro de si todo o poder de tornar amanhã uma árvore incrível que dê ramos, flores, frutos e sombra para quem quer dela desfrutar. Sigo meu caminho com essa nova consciência.

Diante desta nova descoberta e com novas atitudes, faço uma nova escolha de atuação, dar aula para crianças das séries iniciais e verificar o que acontece lá em termos de aprendizagem. Será que lá também existem desafios de aprendizagem como o que acontece com os adultos com quem trabalhei até hoje?

Até então, eu não tinha consciência de que o processo de aprendizagem acontece na mente humana, em qualquer lugar deste planeta, e em qualquer circunstância ou faixa etária da mesma forma. Ou seja, aprendemos aquilo que é importante para nós, aprendemos aquilo que tem significado para nós, aprendemos aquilo que vai gerar segurança, reconhecimento e bem estar para nós. Tive a ingenuidade de imaginar que, com crianças, o processo poderia ser diferente. Somente vivenciando a experiência para poder tirar conclusões. Ingressei então nesta promissora seara. Inicialmente, trabalhando na Prefeitura de São Bernardo do Campo, em 1999, com alunos de 4ª série, durante cinco anos. Posteriormente, até o momento, também com alunos de 4º e 5º ano na Prefeitura de Diadema.

Foram e ainda são anos de experiência nesse segmento e sempre tendo que conviver com as mesmas questões de experiências anteriores. Alunos que não aprendem, ou melhor, alunos que ainda não aprenderam a ler e escrever, não estão alfabetizados. Nesses anos todos, participando de inúmeras formações, pesquisando em livros, realizando leituras, vi que muitos pesquisadores estudaram e escreveram sobre o fracasso escolar no Brasil. Tenho a sensação de que essas pesquisas não trouxeram os resultados desejados. Ainda nos deparamos com muitos desafios para dar conta desta realidade de alunos da rede pública que permanecem sendo encaminhados para as séries seguintes sem o aprendizado dos conhecimentos básicos necessários.

Diante da realidade apresentada acima é que a cada dia, dentro de mim, crescia o desejo de compreender melhor esse fenômeno. Os anos passaram, os desafios pessoais eram grandes, mas tudo se alinhou, ou melhor, tudo se alinha quando temos um bom propósito. Quando temos objetivos bem definidos. Quando temos *clareza* e *certeza* do que queremos, o *querer* se torna *fato*.

Gosto muito de me expressar com metáforas e, a seguir, apresento a “metáfora da semente” que, creio, ilustra bem o propósito deste trabalho: uma semente carrega dentro de si um potencial extraordinário de se tornar uma árvore frondosa, maravilhosa e produtiva, porém, se esta continuar guardada em algum lugar, sem ser lançada à terra para germinar, esse potencial permanecerá latente e não fornecerá os resultados que se espera dela. Na vida humana, esse processo se repete, *temos um extraordinário potencial latente dentro de nós*, mas enquanto não nos lançarmos no terreno fértil da *pesquisa* e das *experiências*, em busca de respostas sólidas para as nossas perguntas, nosso fazer cotidiano permanece medíocre e, muitas vezes, estéril. Se quisermos fazer a diferença nessa vida, saibamos que temos o poder da escolha, e podemos escolher nos lançar ao mar e deixar que ele nos navegue. É a esse navegar que me propus no Curso de Mestrado, na busca da compreensão de que o “caminho que sobe e o caminho que desce é o mesmo e único caminho”, e de como desvendar o “Caminho da Natureza que se Esconde” (Heráclito de Éfeso *apud* LAUAND, 2012, p. 5).

O que ficou escondido nesse caminho, por que muitos alunos não conseguem se alfabetizar nos três primeiros anos do ciclo? Será que estes alunos não tiveram o privilégio de ter um bom professor alfabetizador? Será que a esses *alunos* não foram apresentadas estratégias que os estimulassem a ser alfabetizados? Será que a alfabetização é um problema de deficiência cultural do aluno? Será que a esses professores não foram oferecidos cursos de formação permanente e apoio pedagógico que os ajudassem a melhorar suas práticas de alfabetização? Será que os professores que atuam na alfabetização não são apaixonados pelo que fazem?

Diante destes vários questionamentos, fica para mim uma grande pergunta: **o que leva um professor alfabetizador a obter sucesso com o seu trabalho?**

Assim, decidi ir em busca de conhecimentos científicos e experiências bem sucedidas na alfabetização durante as séries iniciais, pois tenho como hipótese que é lá o nascedouro dessa questão. Identificar como se dá as práticas alfabetizadoras poderá ser a chave para entender o insucesso desses alunos e para prevenir futuros casos.

Com o propósito de compreender esse fenômeno, e tendo como objetivo geral **identificar experiências de sucesso** e considerar **o que foi produzido cientificamente sobre essa questão para a discussão teórica**, estabeleci como

meta para a minha pesquisa algumas ações que se desdobraram para a organização da dissertação.

A primeira delas, apresentada no Capítulo I – *Histórico e Fundamentos da Alfabetização no Estado de São Paulo a partir da década de 1980* - e no Capítulo II - *A Formação Continuada de Professores na Rede Municipal de Educação de Diadema a partir da década de 1980*, foi a de identificar políticas públicas propostas nos últimos 30 anos no Estado de São Paulo e na Prefeitura Municipal de Diadema, para o enfrentamento da questão.

A segunda foi a de pesquisar, na academia, quais inovações existem, sistematizadas ao longo dos últimos anos, que deem conta do sucesso na alfabetização.

A terceira, apresentada no Capítulo III, *Os procedimentos metodológicos e as análises dos dados*, foi a de apresentar o desenvolvimento da pesquisa de campo com o objetivo de identificar práticas pedagógicas de alfabetizadores que têm apresentado resultados eficazes na alfabetização de seus alunos.

Construir os fundamentos teóricos e vivenciais deste tripé está sendo a ação prioritária que vem permeando esse trabalho de pesquisa, na busca da compreensão do porquê do sucesso ou não da alfabetização dos alunos no primeiro ano do Ciclo, na Rede Pública Municipal em Diadema.

Como pesquisador e participante inserido neste contexto educacional é que me disponho a buscar conhecimentos já produzidos e experiências vividas, que podem contribuir para a compreensão da questão da alfabetização nas séries iniciais. Para isto, proponho colocar o foco nas experiências produtivas, e faço a opção por identificar as experiências de alfabetização de sucesso. Entendo que identificando as boas experiências, é possível torná-las referências de qualidade a serem desejadas pelos profissionais comprometidos com a alfabetização de seus alunos.

A partir do problema acima proposto, acredito que a investigação possa confirmar a hipótese de que, para a obtenção de sucesso na alfabetização, é necessário, para além da formação e atualização, **um forte compromisso e propósito profissionais, bem como acreditar que toda criança é capaz de aprender.**

Para identificar elementos da prática pedagógica dos professores alfabetizadores que interferem positivamente na alfabetização dos alunos nas séries iniciais, foi realizado um estudo de caso junto a professores alfabetizadores, para **analisar experiências alfabetizadoras** consideradas de sucesso. Creio que **identificar experiências de sucesso e o que se tem produzido cientificamente sobre esta questão** irá proporcionar aos profissionais que atuam como alfabetizadores a possibilidade de se inspirarem e de lidarem de forma mais prazerosa e eficaz com o desafio de uma alfabetização de qualidade.

Capítulo 1 – HISTÓRICO E FUNDAMENTOS DA ALFABETIZAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

“A Política de alfabetização do Estado de São Paulo foi construída no bojo do movimento de democratização da sociedade brasileira e representa o início do processo de democratização do ensino.”

(Maria Leila Alves)

Apesar de a humanidade estar num momento de grande evolução, com recursos tecnológicos que facilitam enormemente a vida das pessoas em todos os segmentos da ação humana, ainda há grandes desafios a serem superados, e um deles é sobre o que trataremos neste trabalho, a não alfabetização de alunos no tempo cronológico adequado, ou seja, alunos que não se alfabetizam até o terceiro ano do ciclo I, aos oito anos de idade, conforme proposta em documentos do MEC – PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa).

O objetivo deste capítulo é apontar, perante o fracasso escolar presente até então, quais foram as políticas públicas de alfabetização implantadas no Estado de São Paulo a partir da década de 1980; as propostas para superar este desafio; bem como reconhecer seus fundamentos teóricos e seus resultados de impacto produtivo na rede estadual.

Queremos ressaltar que não é foco do presente trabalho realizar uma pesquisa de aprofundamento sobre o histórico da alfabetização no Estado de São Paulo, mas enumerar momentos pontuais desta proposta que tenham contribuído de forma produtiva com experiências inovadoras na alfabetização nas séries iniciais nessa rede pública.

1.1 – O Contexto

No final da década de 1970 e início da década de 1980, o Brasil estava inserido em um contexto ímpar de sua história, onde nasceram e renasceram novas experiências de organizações classistas, como sindicatos de trabalhadores, centrais sindicais, comunidades cristãs, novos partidos políticos e movimentos sociais reivindicatórios. Essa efervescência organizativa se multiplicou Brasil afora, mas é em São Paulo, mais especificamente no ABC paulista, onde surgiram, na categoria dos metalúrgicos, as maiores greves da época. Os trabalhadores, sob as lideranças de seus sindicatos, buscavam melhores condições salariais e mais participação, enfrentando o poderio da polícia militar de um governo biônico no estado. O exemplo de organização e coragem dos trabalhadores do ABC serve de estímulo a muitas outras organizações de trabalhadores que, aos poucos, se fortaleceram e começaram a fazer frente às políticas de um regime militar em decadência. O fortalecimento dessas lutas reacendeu esperanças e perspectivas de mudanças através da participação popular; e possibilitou a redemocratização do país que, em seguida, traz de volta a eleição direta para os governantes, representando uma nova possibilidade de decisão de cada cidadão que passa a escolher, democraticamente, após longo tempo de ditadura, os dirigentes do país. Nesse novo contexto social muitas esperanças se espalham pelo campo educacional vinculado às redes públicas.

No estado de São Paulo, em 1982, e em meio à redemocratização do país, aconteceram as primeiras eleições diretas para governador do Estado, depois de vários anos de ditadura militar e cujos governos estaduais eram biônicos. É então eleito um candidato do PMDB, partido que, naquele momento, se destacava como de oposição ao regime militar. Esse governo traz novas possibilidades de atuação política para o povo paulista. Um dos novos horizontes que se apresenta é visto na área da educação, a partir da proposta de criação do Ciclo Básico que exporemos a seguir.

1.2 – A Alfabetização na Rede Pública de Educação do Estado de São Paulo e a implantação do Ciclo Básico

O novo paradigma da educação no Brasil das décadas de 1970 e 1980 deixou suas marcas profundas para a geração de estudantes da época. O acesso à escola pública se tornou fato. Os filhos dos mais pobres e trabalhadores passaram a ter acesso à escolarização, o que até então era privilégio de uma minoria. Esse fenômeno, mais tarde chamado de democratização do acesso, não trouxe para o alunado das camadas populares o resultado esperado, que era a permanência na escola e a qualidade do ensino, de forma a permitir uma aprendizagem de sucesso. Isso ocorreu porque os governos cumpriram apenas o item acesso, e não foram observados investimentos efetivos na formação dos profissionais da educação, nas condições de trabalho, e nem na infraestrutura. O resultado desse processo, no início dos anos 1980, foram índices elevados de reprovação nas séries iniciais do ensino fundamental, da ordem de 50% da 1ª para a 2ª série, fator que levava muitos alunos a abandonarem a escola depois de alguns anos de repetência. Esse era um processo que se repetia há pelo menos quatro décadas, ou seja, desde a criação oficial do Ensino Primário em 1946, através do Decreto de Lei nº 8.529, de 2 de Janeiro de 1946.

Diante desse quadro deprimente da educação no estado de São Paulo, o novo governo democrático eleito em 1982 pelo PMDB, na tentativa de estancar esse “fracasso escolar”, propõe novas políticas públicas na busca do enfrentamento desse desafio. A seguir apresentamos os passos que foram dados nesta perspectiva.

1.2.1 – A Proposta Política (1983-1985)

No início da década de 1980, o estado de São Paulo é um dos primeiros estados do Brasil a definir e implantar uma política pública para o enfrentamento do fracasso escolar, alterando a estrutura de seriação até então vigente, o que também foi feito em Minas Gerais e Paraná. A seguir vamos acompanhar o desenvolvimento dessa nova política proposta no estado de São Paulo, contada a partir do olhar de quem participou diretamente deste processo, no caso, as Profas. Marília Claret Geraes Duran e Maria Leila Alves. Veremos inicialmente o que Duran (1995) tem a nos falar sobre a implantação do Ciclo Básico:

A implantação do Ciclo Básico, há pouco mais de dez anos, foi uma medida de impacto que sacudiu a rede pública de Ensino no Estado de São Paulo e transformou as antigas primeira e segunda séries do Primeiro Grau em um **continuum** durante o qual o aluno realizaria o processo de aprendizagem sem interrupção, excluindo-se as reprovações no primeiro ano de escolaridade. A medida procurava combater um dos mais graves problemas do ensino fundamental em São Paulo e em todo o País: os inacreditáveis índices de reprovação e evasão de alunos já em seu primeiro ano de escola. (p.1)

De fato, a proposta tinha o seu lado de grandeza, de trabalhar para superar o que, até então, era um dos maiores desafios: o combate à reprovação maciça das crianças, no 1º ano de escolarização, que girava em torno de 50%. Daí o gesto de muita coragem dos que dirigiam a educação no estado de São Paulo à época, que acreditavam na construção de um novo paradigma na educação com o estabelecimento do **continuum**, como afirmou acima Duran. Porém, isso não foi o suficiente para despertar o encantamento pela proposta que, apesar do seu ineditismo e boas intencionalidades, acabou enfrentando grandes movimentos de resistência.

A resistência e a crítica é uma ação humana comum que se repete sempre ao longo da história da humanidade quando algo novo lhe é apresentado. Talvez pelo novo trazer a possibilidade da morte do velho. Talvez porque o novo traz a perspectiva de ter que deixar nossa zona de conforto. Talvez porque o novo se apresenta com a necessidade de assumirmos mais responsabilidades. No caso específico em questão, a visão era que a proposta do novo (Ciclo Básico) iria trazer

prejuízos para a qualidade da alfabetização das crianças, e alguns enxergavam a proposta como sendo a senha para a implantação da temida promoção automática.

É necessário olhar para esse movimento com as lentes da história que, após vários séculos de dominação portuguesa no Brasil, ficamos com um profundo legado de autoritarismo nas nossas mentes. Tal legado se refletiu historicamente na formação cultural do povo brasileiro, que sempre se coloca subserviente às elites que decidem o que é melhor para todos. Essa é uma realidade que está sendo alterada, e aos poucos, com a redemocratização do país após a ditadura militar, novas atitudes tem sido tomadas por pessoas ou grupos que acreditam que podem fazer parte da história como sujeitos. Na década de 1980, essa nova postura ganha cada vez mais espaço, e os governantes não mais decretam ações de gabinetes sem que tenham resistências na hora de viabilizá-las. Um exemplo concreto dessa situação aconteceu com a proposta de implantação do Ciclo Básico em São Paulo. A elaboração desse projeto não contou efetivamente com a participação dos professores, diretores e supervisores da rede estadual, ficando sua construção restrita à equipe técnica dirigente. Creio que essa não participação e a implantação por decreto foram disparadores de muita resistência dos agentes educacionais ao projeto do Ciclo Básico, quando de sua apresentação para a rede.

Podemos, então, perguntar: o que deu errado na construção e na implantação deste projeto? Será que o descontentamento foi resultado de um processo histórico que frustrou a todos que esperavam, em razão de um movimento amplo pela redemocratização do país, uma participação direta e efetiva na tomada de decisão deste novo governo eleito diretamente pelo povo?

Analisando os fatos, queremos acreditar que a equipe dirigente tenha pecado pelo desejo de dar respostas urgentes ao grande problema da retenção do alunado da 1ª para a 2ª série, que chegava a 50%, produzindo um projeto político pedagógico sem a participação direta das lideranças profissionais do magistério à época. Talvez essa devesse ser uma das razões da indignação e da indiferença da rede que não sentiu ser esse um projeto com sua coautoria, gerando assim uma atitude de que esse seria mais um dos projetos de quem chega com novas ideias vindas dos gabinetes.

Apesar das críticas e resistências à implantação do Ciclo Básico na rede estadual de São Paulo, a ebulição inicial foi se acomodando, e, de forma gradativa, o trabalho foi se consolidando. A desconfiança foi se desfazendo mediante algumas experiências positivas de alfabetização que começaram a aparecer e, após os três primeiros anos de funcionamento, colheram-se os primeiros resultados na rede, conforme nos mostra Duran (1995):

Apesar dessas dificuldades em 1986, as mudanças impostas pelo Ciclo Básico resultaram num acréscimo de 10% dos índices de aprovação dos alunos em relação ao regime seriado anterior – um ganho que vem se mantendo relativamente estável desde então. Se, anteriormente, após dois anos de permanência na escola, eram 50% os alunos reprovados ou evadidos, após a implantação do Ciclo Básico este índice está em torno de 40%. (p.7)

Este índice, do ponto de vista numérico, parece pequeno. Mas, se analisarmos que estamos lidando com o processo de alfabetização de crianças que, até então, não lhes restava nenhuma perspectiva senão a retenção, esse índice passa a ser de alta grandeza, pois, para os alunos, foram resgatadas as possibilidades de avanço, o que, do ponto de vista da autoestima, pode ser um ganho incalculável para suas perspectivas futuras. Acreditamos que esse ganho não tenha sido o desejado, mas foi o possível naquele momento histórico, e temos a certeza de que foi o elemento disparador para a construção de uma nova visão na concepção de alfabetização nas séries iniciais.

Creio que é saudável e produtivo reafirmar a importância desses dados de evolução apresentados nos primeiros anos do Ciclo Básico, considerando que, historicamente, nas últimas décadas no Brasil, os índices de reprovação eram de uma grandeza inaceitável, era da ordem de 50% como apresentado a seguir:

Para aquilatar a importância desse ganho, é preciso lembrar que, por mais de quatro décadas, os índices nacionais de reprovação na passagem da 1ª para a 2ª série giravam em torno de 50% e não se alteraram a despeito das mudanças sociais, políticas, econômicas, e mesmo educacionais ocorridas neste país nesse período. (ALVES, 1987, *apud* FIGUEREDO, 2011, p. 70)

Pelo conhecimento histórico e científico que possuímos hoje, o ser humano é o único dos animais que tem a capacidade de transformar o mundo, a natureza, a realidade. Para pôr em prática esse processo, faz-se necessário, ainda, o domínio

do código da linguagem escrita, que é algo de extrema importância nos tempos atuais, no qual as relações humanas se estabelecem e se fortalecem cada vez mais através da comunicação escrita. Adentramo-nos no mundo tecnológico da comunicação, no qual as redes sociais se ampliam à velocidade da luz, mas a base para essa comunicação planetária é a escrita. Dominar e compreender a importância da linguagem escrita neste momento da humanidade é fator transformador da realidade e, ao mesmo tempo, emancipador. Com os argumentos acima, reafirmamos a grande importância do domínio da escrita e da leitura por todo e qualquer cidadão no mundo atual, e é por isto que:

A nova proposta de trabalho no CB ressaltou o valor social da língua escrita como objeto cultural, como produção humana, que traz a marca do desenvolvimento histórico da humanidade e simboliza uma das formas do homem transformar a realidade para se comunicar com outros homens. A criança ao se apropriar desse objeto do conhecimento, o transforma, porque a ele imprime seu significado único e pessoal e, ao mesmo tempo, se transforma, pois, ao apropriar-se, desenvolve-se. (DURAN, 1995, p. 12)

Para que a escola, na concepção do Ciclo Básico, dê conta do seu papel como instituição que corrobora com a aprendizagem da língua falada e escrita de seus alunos, é necessário que esta construa uma proposta pedagógica bem fundamentada e que dê conta dos desafios da alfabetização. É o que veremos a seguir.

1.2.2 – A Construção da Proposta Pedagógica (1985-1988)

O Ciclo Básico, quando foi implantado, não trouxe no seu arcabouço teórico uma proposta pedagógica definida, que desse direcionamento às práticas alfabetizadoras a serem implementadas na rede pública estadual a partir daquele momento. Seguiu-se com as bases teóricas até então desenvolvidas. Talvez tenha sido esse um dos pontos geradores de tanta insegurança no professorado, que se viu questionado nas suas práticas pedagógicas tradicionais, e que, por outro lado, nada de inovador lhes era apresentado. Hoje, trinta anos depois, pesquisando a implantação desta política pública, acreditamos que essa talvez tenha sido uma das ações, *a priori* vista como negativa, que contribuíram para a superação gradativa das resistências iniciais. Creditamos a essa ação uma possível visão dos sujeitos

envolvidos em todo o processo à época, de que esta era uma lacuna ou uma possibilidade, em aberto, da construção de um novo projeto pedagógico. É possível fazer essa leitura, a partir de Duran (1995): “Na verdade, a implantação do Ciclo Básico possibilitou a revisão da prática pedagógica do professor e da escola” (p. 26). Ou seja, refletir sobre a prática pedagógica cotidiana possibilita ao professor comprometido construir o novo.

Mesmo vivenciando muitos “caminhos e descaminhos”, podemos hoje afirmar que aqueles três primeiros anos fizeram parte de um processo de maturação que a rede estadual precisou experimentar para, a partir daí, construir o novo, tão desejado pelos idealizadores do Ciclo Básico, para superarem o terrível fantasma do fracasso escolar. Esta nova experiência vivenciada nos três primeiros anos levaram a um amadurecimento da rede que possibilitou uma projeção para novas ações que viessem ao encontro dos objetivos de mudança. Para isso, buscou-se uma fundamentação teórica que permitisse um salto qualitativo nas ações educacionais no estado de São Paulo:

Nossa proposta inicial foi eminentemente política, com algumas medidas de mudança estrutural, para o conjunto da rede educacional. É preciso levar em conta que, de alguma maneira havia um clima favorável na rede educacional para essa discussão pedagógica, porque se sentia a necessidade de uma mudança, e porque se estimava que uma medida exclusivamente política não seria suficiente para modificar a prática. Estávamos procurando alguma coisa e, nesse momento, a produção teórica da Emília veio preencher o vazio na proposta política do Ciclo Básico. (ALVES, 1990, apud MORTATTI, 2000, p.263)

Emília Ferreiro e equipe, a partir do seu trabalho de pesquisa vivenciado inicialmente na Argentina e no México, estabelece um novo marco na história da alfabetização na América Latina. Com os resultados positivos de suas pesquisas, abriram-se novos horizontes para todos aqueles que se dispusessem a transformar suas práticas pedagógicas, colocando seus alunos como sujeitos do processo de aquisição da língua escrita e tendo-os como os verdadeiros construtores de novos conhecimentos. Isto gerou uma grande movimentação de desconforto no professorado alfabetizador, que via essa proposta com descrença. Estavam os professores acostumados e acomodados com os velhos métodos, que deixavam o aluno passivo na sala de aula, só recebendo a sabedoria já acalentada nos mestres. Essa velha prática não exigia comprometimento do professor. O destino do aluno já

estava decidido, ele não ia aprender mesmo, pois eram ele e a família os responsáveis pelo próprio fracasso. Era um grande desafio para os professores aceitarem que o contexto, a história de vida e a interação social dos alunos interferissem positivamente no desempenho do seu processo de aprendizagem. Diante desse quadro de instabilidade é que nascem algumas novas propostas. Após este processo inicial de muitas turbulências e num contexto nacional e internacional do surgimento de novos e promissores trabalhos de pesquisa no campo da alfabetização de crianças, é que, a partir de 1985, começa a configurar uma nova realidade para os que atuam nesse segmento educacional na rede estadual. A equipe gestora da rede dá início a um processo que terá como objetivo a construção de uma proposta pedagógica que dê conta dos desafios da alfabetização, como veremos a seguir:

Assim, desde 1985 vêm sendo introduzidas paulatinamente concepções inovadoras sobre a alfabetização. A construção de uma proposta alternativa de alfabetização, mais coerente com o compromisso de se oferecer um ensino acessível ao conjunto dos alunos, procura incorporar as importantes contribuições dos estudos e pesquisas sobre a língua escrita, tanto no campo da linguística (especialmente da psicolinguística e da sociolinguística) como na psicologia e pedagogia. E, nesse contexto, as ideias de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky representam uma das mais valiosas e recentes contribuições para reverter a prática de alfabetização. (DURAN, 1990, p.26)

A construção da proposta pedagógica para a alfabetização foi discutida na rede estadual de educação de São Paulo no período de 1985 a 1988 – essa proposta pedagógica foi apresentada à rede em 1988 (DURAN e LOPES, 1988) – tendo como um dos fundamentos teóricos o construtivismo, formulado por Piaget, que deu sustentação à pesquisa de Emilia Ferreiro e Teberosky – a teoria da psicogênese da língua escrita –, para identificar o processo de aquisição da língua escrita pela criança, ou seja, descobrir como ela aprende. Este foco teórico traz o novo paradigma da educação em São Paulo, nela *desloca-se a atenção para o processo de aprendizagem da criança como sujeito ativo*, que passa a ser visto com um novo olhar, e não o olhar velho, tradicional, de um depositário de técnicas, mas como um construtor evolutivo do seu processo de escolarização. Aqui a criança é vista como um ser que já tem conhecimentos e expressa isso quando está construindo sua forma de registro através de seus desenhos e rabiscos.

A partir de pesquisas desenvolvidas na Argentina e no México por Emilia Ferreiro – doutora pela Universidade de Genebra e orientanda e colaboradora de Jean Piaget – com a colaboração especialmente de Ana Teberosky, essa nova teoria busca explicar, de uma perspectiva psicolinguística pioneira, resultante do entrecruzamento de dois marcos conceituais – a teoria da linguagem de N. Chomsky e a teoria da inteligência de J. Piaget –, a aquisição da língua escrita pela criança como um processo psicogenético, que se inicia antes da escolarização e que “segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas” numa relação direta entre ontogênese e filogênese. (MORTATTI, 1999, p. 263)

O construtivismo traz uma nova perspectiva para atuação do professor. Ele apresenta ferramentas que permite ao professor construir, com cada aluno, um diagnóstico seguro de onde ele se encontra no processo de aprendizagem, e ao mesmo tempo oferece elementos objetivos para a intervenção do professor com o intuito de possibilitar o avanço do aluno.

Uma das maiores contribuições da psicogênese da língua escrita foi dar ao professor oportunidade de compreender a hipótese com a qual a criança está trabalhando e ser possível problematizá-la, acirrar através de informações as contradições que vão gerar o avanço em direção à elaboração de uma hipótese que dê conta do sistema de escrita aceito. (DURAN; LOPES, 1988, p. 18)

A pesquisa de Emilia Ferreiro é adotada com toda a sua potencialidade pela Secretaria Estadual de Educação, que faz dela seu grande objetivo pedagógico, para dar um salto de qualidade na aprendizagem do alunado da rede e, assim, suplantar de vez o fantasma do fracasso escolar. Para isso, a Secretaria de Educação otimiza toda sua estrutura já existente, direcionando-a para uma profunda revolução na rede estadual. Neste momento, é feita uma leitura de que nada adianta fazer se não investir maciçamente na formação do quadro de professores alfabetizadores.

Os princípios e objetivos apontados por Ferreiro estão presentes na teoria e na prática de alfabetização de uma parte dos professores paulistas, que têm conseguido excelentes resultados em seu trabalho. Esse conhecimento precisa ser urgentemente universalizado para o conjunto de professores alfabetizadores, o que requer muito estudo, muitas discussões, quebra de preconceitos e fundamentalmente uma nova postura ante os alunos. (ALVES, 1990, p. 20)

Entende-se que o professor é elemento chave neste processo. Ele é o único sujeito que pode transformar a realidade até então vivenciada, ao implementar

novas práticas pedagógicas no seu dia a dia. Para que esse objetivo se torne fato, toda uma estrutura é criada para dar conta da sedimentação do pensamento construtivista e, para isso, é de grande importância desencadear um intenso programa de formação continuada, através de várias frentes de atuação:

A institucionalização do Construtivismo no Estado de São Paulo. Apropriada pelo discurso oficial da Secretaria de Educação de São Paulo, essa teoria passa a ser divulgada no âmbito das estratégias de capacitação docente – seja nos cursos de formação básica e regular, seja nos de formação em serviço –, desenvolvidas pela CENP, a partir de 1984, especialmente por intermédio dos fascículos e programas televisivos do Projeto IPÊ e, posteriormente, pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), por intermédio de cursos, seminários, palestras, publicações e demais ações desenvolvidas pelo projeto Alfabetização Teoria e Prática. (MORTATTI, 1999, p. 267)

A temática da Alfabetização Construtivista que tomou conta da Rede Estadual de Educação de São Paulo estabelece novo paradigma na pesquisa acadêmica, que passa a ser influenciada por intelectuais simpatizantes ou adeptos da teoria de Emilia Ferreiro. São produzidos vários trabalhos, tais como dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros, além de artigos científicos, que contribuem significativamente para a rápida difusão dessas ideias.

(...) a temática da alfabetização vai sendo abordada por intelectuais acadêmicos, propiciando uma crescente produção de teses, dissertações e artigos, além de se constituir como disciplina curricular (...) nos cursos de magistério e pedagogia. (...) pesquisadores ligados às universidades paulistas passam a produzir textos de síntese e divulgação das novas ideias sobre alfabetização, seja sob a forma de artigos publicados em coletâneas oficiais – pela CENP ou Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) – seja sob a forma de artigos em revistas especializadas, seja ainda sob a forma de livros em coleções de iniciação ou destinados explicitamente a cursos de formação de professores, substituindo os antigos manuais de ensino. (MORTATTI, 1999, p. 256)

Em meio a toda essa efervescência de ideias e práticas alfabetizadoras inovadoras é que nasce a proposta pedagógica que fará parte da Rede Estadual de Educação. A implantação da proposta pedagógica, construída ao longo dos anos, 1985 a 1988, se dá também através da criação da Jornada Única, que traz uma nova configuração estrutural para a Rede Estadual de Educação.

Como resultado de toda essa discussão nos meios educacionais na Rede Estadual de São Paulo e devido a sua grande relevância, o Construtivismo é

introduzido nos cursos de formação de professores como disciplina curricular, e também passa a frequentar as bibliografias de concursos públicos para professores em todas as redes de ensino.

De lá para cá, apesar de alguns deslizes, assistimos, então, a um frutífero movimento que implementa na educação brasileira um novo paradigma, que coloca o aluno como o centro construtor do seu processo de alfabetização, tendo o professor como seu grande aliado no papel de mediador entre a leitura, a escrita e o letramento.

1.2.3 - A Implantação da Jornada Única (1988-1991)

Queremos deixar claro que não é nosso objetivo assumir um posicionamento, favorável ou contrário, à proposta pedagógica implementada pela Secretaria Estadual de Educação em 1988, através da Jornada Única. O nosso olhar, é o olhar de quem quer, como pesquisador, compreender a dimensão do que foi feito naquele momento histórico e que ainda continua fundamentando e procurando dar conta das questões sobre a alfabetização nas séries iniciais do Ciclo I, que é nosso objeto de pesquisa. Porém, acreditamos que, com este olhar, em alguns momentos, não nos isentamos de emitir algumas opiniões. Ao tomar contato com o que foi produzido sobre este período da educação em São Paulo e da experiência do Ciclo Básico, ficamos surpresos com o esforço, de bom propósito, feito pelos agentes gestores desta época. A Jornada Única é uma dessas propostas, que a nosso ver, teve uma sábia e profunda visão da necessidade de um projeto arrojado que desse conta da alfabetização plena do alunado. Já se propunha o que hoje, em 2013, muitos de nós professores, atuando na educação básica, na rede Municipal de Educação de Diadema, sonhamos em conquistar: uma jornada de trabalho de quarenta horas semanais, numa única Unidade Escolar, e com boa parte desta carga horária para pesquisa e planejamento. Outro ponto que hoje lutamos para ter é um coordenador pedagógico exclusivo para cada unidade escolar. Em 1988, com a implantação da Jornada Única, todos esses nossos sonhos de hoje já tinham se tornado realidade na rede estadual. Esta conquista, a nosso ver, foi algo revolucionário naquele momento histórico. A implantação da Jornada Única trouxe não só a proposta

pedagógica para o Ciclo Básico, mas também, principalmente, mudanças estruturais profundas na Rede Estadual de Educação.

É no ano de 1988 que se instituiu a Jornada Única para o Ciclo Básico em todas as escolas de Primeiro Grau da rede estadual. A partir desta data, os alunos passaram a ter seis horas diárias de aula, distribuídas entre o professor alfabetizador e os professores especialistas de Educação Artística e de Educação Física. O professor alfabetizador, que anteriormente cumpria uma jornada semanal de dezesseis horas, teve sua jornada estendida para quarenta horas semanais, distribuídas entre a regência de sua única turma de alunos e a participação em reuniões conjuntas com outros professores (para preparar aulas e corrigir trabalhos) e em cursos de capacitação em serviço (as horas de trabalho pedagógico coletivas – HTPCs). A jornada única também instituiu, em cada escola, um professor-coordenador para o Ciclo Básico, responsável por organizar o trabalho dos professores do CB e promover a articulação e a integração do trabalho com as terceiras e quartas séries do Primeiro Grau. (DURAN, 1995, p. 16)

Diante de todos os encaminhamentos, apresentados acima, propostos e disponibilizados pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, desde a implantação do Ciclo Básico em 1983, e da Jornada Única com a apresentação da proposta pedagógica em 1988, os avanços relacionados à alfabetização ainda não apresentavam os resultados objetivados. Evolução aconteceu, é claro, só não foi em grande escala como o planejado. Vejamos, com os dados numéricos, que, antes da implantação do Ciclo Básico, o percentual de aprovação da 1ª para a 2ª série, apresentava números em torno de 40%. Dois anos após a implantação da Jornada Única, a aprovação teve um salto representativo, passando a ser de 75,09% no conjunto da rede. Avanço que, a nosso ver, hoje (trinta anos depois), foi espetacular. Talvez para os gestores da época, em razão dos altos investimentos, esperava-se muito mais.

(...) após dois anos de CB, os dados de aprovação do conjunto da rede apontam um índice de 75,09%. Ganhos promissores, mas não significativos quando se considera o montante de recursos retidos na implantação da Jornada Única. (DURAN, 1995, p. 19)

Divergindo de alguns pesquisadores, acreditamos que em educação, mesmo com muitos entraves permeando o trabalho, ter um avanço dessa magnitude, num período de menos de uma década, é algo muito importante, que merece muita comemoração, pois foi possibilitado a milhares de alunos terem pela frente a perspectiva de construção de uma vida melhor, através da escolarização.

Apesar de a proposta trazer possibilidades de uma prática pedagógica mais qualificada e eficaz, muitas ainda eram as resistências dos profissionais da educação em seus vários níveis de atuação. Mesmo oferecendo aos professores alfabetizadores vantagens diferenciadas dos demais e com todo o alto investimento financeiro, a implantação da Jornada Única enfrentou vários pontos de estrangulamento. A seguir vejamos alguns:

- a falta de comprometimento efetivo dos diretores das escolas, muitos deles resistentes à medida e pouco envolvidos com as questões pedagógicas;
- as dificuldades de reunião de todos os docentes envolvidos na Jornada Única, professores polivalentes e especialistas, em função de incompatibilidade de horários;
- a baixa produtividade das reuniões de trabalho durante as HTPCs, às vezes realizadas com professores cansados e sem a presença do professor-coordenador do CB (que assumia a regência de classe naquele horário). (DURAN, 1995, p. 17)

Mesmo após alguns anos de discussão, atendendo a anseios da rede, com várias formações acontecendo através do projeto IPÊ e outros, novamente identificamos movimentos de resistência ao novo, a Jornada Única. Frente a estes comportamentos, continuam sem respostas algumas das nossas questões já destacadas anteriormente. Reafirmamos que não é o propósito desse trabalho de pesquisa aprofundar esta política pública de alfabetização no estado de São Paulo, mas o de identificá-la como uma das práticas inovadoras implementadas. Apesar de o nosso propósito não ser esse, acreditamos que as questões a seguir merecem, algum dia, ser aprofundadas. Será que a resistência acontece porque o novo traz a possibilidade da morte do velho que nos dava uma falsa segurança? Será que a resistência acontece pelo fato de o novo trazer a perspectiva de termos que abandonar nossa zona de conforto? Será que a resistência acontece pelo fato de o novo se apresentar com a necessidade de assumirmos mais compromissos e responsabilidades?

Apesar dessas questões ainda permanecerem sem respostas, somos otimistas em afirmar que essa política pública implementada no estado de São Paulo foi a grande força motriz inspiradora que impulsionou a construção de um novo paradigma para a alfabetização das crianças brasileiras.

Compartilhamos das afirmações de Duran (1995) quando mostra que a implantação dessa política pública em São Paulo, a partir de 1983, teve uma grande importância para a mudança de postura de muitos profissionais da educação na Rede Estadual, que desencadeou várias ações na formação dos profissionais dessa rede, gerou várias pesquisas acadêmicas com foco na alfabetização. Serviu também para perceber que a formação permanente de professores é a mola mestra para se obter resultados eficazes em qualquer empreendimento pedagógico.

A proposta do Ciclo Básico representou um momento de ruptura e estabeleceu alterações no que vinha sendo feito na sala de aula (...). O Ciclo Básico foi a resposta de São Paulo ao desafio de construir uma alfabetização de melhor qualidade e de avançar na democratização do ensino (...). O Ciclo Básico correspondeu a uma clara opção política de enfrentar, a partir de séries iniciais, a questão do letramento e da democratização da escola. (DURAN, 1995, p. 24-25)

A nosso ver, a implantação do Ciclo Básico e da Jornada Única foi o grande referencial para a educação brasileira para o enfrentamento do fracasso escolar nas redes públicas, nas séries iniciais. Foi a partir dessa experiência que disseminaram novas práticas alfabetizadoras em todo o território nacional. Temos, também, a clareza de que os desafios da alfabetização, hoje, ainda não estão superados. Porém acreditamos que estamos, hoje, num estágio de alfabetização bem melhor do que trinta anos atrás. Por tudo isso, reafirmamos que essa foi a maior ousadia de uma política pública, no Brasil, para o enfrentamento da reprovação que chegava a 50% no início da década dos anos 1980. Ao mesmo tempo, lamentamos que essa política implementada nos doze anos de governo do PMDB, no estado de São Paulo, tenha sido abandonada a partir de 1995 pelo novo governo do PSDB, o que, sem dúvida, trouxe prejuízos na educação paulista, que poderia hoje estar em outro patamar. A seguir, apresentarei os caminhos percorridos pela educação no estado de São Paulo e no Brasil do ano de 1995 até os dias de hoje, iniciando pela permissão do governo brasileiro ao financiamento externo para a educação.

1.3 – Políticas Educacionais para o Ensino Básico em São Paulo e no Brasil, nos anos 1990 e seguintes – Governos do PSDB

Creio ser enriquecedor e produtivo para o entendimento das políticas educacionais desencadeadas à época considerarmos o contexto político, econômico e social, vivido no Brasil na década de 1990:

(...) assistimos a uma das piores crises da nossa economia com o aumento da recessão e consequente desemprego, porque a finalidade do governo era o combate à inflação via diminuição do consumo, gerando ainda mais a pobreza e a exclusão social (...)

Esse período, marcado por uma imensa recessão econômica e desorganização social, propiciou a entrada de financiamento estrangeiro para projetos educacionais, numa época marcada por dados estatísticos que apontavam um precário desempenho escolar dos nossos alunos. (BAHIA, 2012, p. 24)

Diante deste contexto de muitas incertezas, os dirigentes políticos, à época, decidem por aceitar ajuda financeira externa para o financiamento de projetos educacionais. Os principais agentes financiadores foram o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Esses definiam as regras a serem cumpridas por quem tomava seus financiamentos. O projeto neoliberal que tinha sido iniciado no Brasil no governo Collor de Melo, e deixado de lado nos dois anos do governo Itamar Franco, retorna em 1995 com força total no governo do PSDB, sob o comando do presidente Fernando Henrique Cardoso, que implanta um plano econômico com o objetivo de baixar a inflação, porém, à custa de grande sacrifício do povo brasileiro, que viu seu poder de compra e seus salários diminuídos e as altas taxas de juros, mantidas.

Esse plano econômico levou ao empobrecimento de grande parte da população que dependia de aumento do nível de emprego. Como esse deixou de existir em função da forte recessão, mais uma vez, foi o povo que pagou por essa desastrosa política neoliberal que teve como contraponto o enriquecimento de muitos empresários e banqueiros.

O contexto apresentado acima tem forte influência ao que vai ser desencadeado na educação no Brasil nos anos seguintes, como veremos a seguir:

(...) a consequência de todo este cenário influenciou sobremaneira o nosso sistema escolar, reflexo de uma sociedade desigual que beneficia poucos, especialmente porque se submete às estratégias políticas e às diretrizes dos gestores das agências financiadoras e, assim, assistimos a uma explosão de medidas governamentais na área educacional, subordinadas às exigências para novos empréstimos para políticas educacionais, especialmente no que se refere ao Programa de Reorganização da Trajetória Escolar (1995) – Classes de Aceleração (1996) e o Regime de Progressão Continuada (1997) – do governo estadual e, ainda, a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), pelo governo federal. (BAHIA, 2012, p. 26)

Veremos, a seguir, como se deu a implantação dessas novas políticas públicas direcionadas à educação básica, tendo como referência as principais políticas educacionais no estado de São Paulo, que é o objeto de estudo e, também, as principais políticas do governo federal. A mudança na concepção política do governo do estado de São Paulo e o abandono das ações pontuais do Ciclo Básico deixaram a rede estadual sem leme de 1995 a 1996. A partir de então, são implementadas novas ações que apresentamos a seguir.

1.3.1 – O Projeto Classes de Aceleração no Estado de São Paulo (1996)

No decorrer do ano de 1996, foi apresentada, pelo novo governo, uma proposta política para a educação básica no estado de São Paulo, cujo objetivo era dar conta da defasagem educacional idade/série do alunado do ensino fundamental, denominada “Classes de Aceleração”:

Em 1996, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (gestão Covas-PSDB) implantou na rede de ensino o Projeto Reorganização da Trajetória Escolar – Classes de Aceleração (Parecer CEE nº 170/96) com a intenção de recuperar o percurso escolar dos alunos em situação defasagem idade/série, especialmente os multirrepetentes do Ciclo Básico à 4ª série do Ensino Fundamental. (BAHIA, 2012, p.43-44)

Após muitas pesquisas e leituras realizadas sobre a implantação de novas políticas públicas para a educação básica no estado de São Paulo e no Brasil, fica a sensação de que poucos são os avanços frente aos grandes desafios nas demandas da educação. Essa sensação permeia também o Projeto Classes de Aceleração.

Depois de apresentar, com muita competência, a trajetória das classes de aceleração no estado de São Paulo, Bahia (2012) finaliza a análise sobre as classes de aceleração apresentando suas considerações sobre o objetivo desse projeto, deixando-nos uma importante e profunda reflexão através da seguinte pergunta:

(...) promover a inclusão e efetivamente corrigir o fluxo idade/série entre os alunos defasados ou contribuir apenas para o mascaramento de uma situação de “reclusão dos excluídos”? Apesar de garantir a permanência na escola de alguns alunos estigmatizados pelo fracasso, parece não estar garantindo a qualidade da aprendizagem destes. (BAHIA, 2012, p. 51)

1.3.2 – O Regime de Progressão Continuada no Estado de São Paulo (1997)

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, dando sequência à sua política educacional, abre uma nova frente de atuação na educação básica com a criação do Regime de Progressão Continuada:

“A Deliberação CEE nº 09/97 instituiu no sistema de ensino do Estado de São Paulo o Regime de Progressão Continuada no Ensino Fundamental”, (...) A Progressão Continuada permite que a organização escolar seriada seja substituída por um ou mais ciclos de estudos, que têm por finalidade superar a fragmentação do currículo com vistas às características dos alunos, favorecendo a diminuição dos índices de repetência e evasão. A Secretaria da Educação adotou o Regime de Progressão Continuada organizando o Ensino Fundamental em dois ciclos: Ciclo I – da 1ª a 4ª série e o Ciclo II – da 5ª a 8ª série. (BAHIA, 2012, p. 51)

Essa proposta trouxe, para dentro dos muros da escola, grandes descontentamentos, grandes questionamentos e grandes desafios aos que atuavam no magistério, pois, para vigorar e atingir o objetivo proposto, era necessária uma profunda mudança no modelo mental, na estrutura organizacional e na forma de atuar dos profissionais da educação que, até então, estavam acostumados com uma prática de avaliação seriada; ou seja, ao final de cada ano/série, praticavam-se os conceitos de aprovado ou reprovado para o ano seguinte. Com a Progressão Continuada

Altera-se assim, radicalmente, a forma de avaliação dos alunos que, ao final de cada ano letivo, eram aprovados ou não para as séries subsequentes. Agora, apenas ao final do último ano de cada ciclo, no 4º ano do Ciclo I e no 4º ano do Ciclo II, o aluno pode ser retido. (BAHIA, 2012, p. 51)

A Progressão Continuada traz no seu bojo um inédito desafio para os profissionais da educação, que é a necessidade de adquirir novo modelo para o quesito avaliação. Dias (2005) corrobora com a ideia de que, na Progressão Continuada, a avaliação deixa de ser uma ação pontual num determinado momento, e passa a ser processual, contínua e progressista:

A avaliação na progressão continuada tem seu lado progressista ao propor-se como diagnóstica, isto é, voltada para rever os procedimentos pedagógicos necessários para superar as dificuldades encontradas nos alunos. Nesse sentido, tem de ser contínua e processual o que não é excludente com a avaliação do aprendizado, do produto. Por isso ela é progressista. (s/p.)

Essa nova dimensão do processo avaliativo requer um cabedal mais apurado por parte do educador, para identificar o estágio em que se encontra cada aluno e, a partir deste, propor novas intervenções que o impulsionem na evolução do aprendizado. Esta nova atribuição está presente no documento da deliberação:

O Regime de Progressão Continuada deve garantir a avaliação do processo de ensino-aprendizagem, o qual deve ser objeto de recuperação contínua e paralela, a partir de resultados periódicos parciais e, se necessário, no final de cada período letivo (Parágrafo 3º do Art. 1º da Deliberação CEE nº 09/97). (BAHIA, 2012, p. 51-52)

Como nas propostas políticas anteriores, essa, que também apresenta o novo, tem seu momento de inquietação e desconforto inicial. Desconforto esse que, com o passar do tempo, foi se acomodando. Essa proposta, aliás, é uma das únicas que se implementou de fato, com algumas modificações, como o ciclo de nove anos em duas etapas, que perdura até os dias atuais. Esta proposta, ao longo dos anos, foi aperfeiçoada e encampada pelo Ministério da Educação, e implantada como política educacional para todo o território nacional.

Apesar de a proposta da Progressão Continuada ser uma proposta inovadora, o que se fez no estado de São Paulo foi uma maquiagem para dar a impressão de que estavam trazendo para o centro da ação pedagógica o aluno, pois a implantação não passou por discussão com os principais atores, os profissionais da educação. A impressão que temos é de que este foi apenas um movimento de pavimentação na Secretaria Estadual de Educação para a implantação da Municipalização do Ensino Básico, o que ocorreu logo em seguida em todo o estado.

Outro elemento presente no processo foi a não clareza entre a progressão continuada e os ciclos:

A progressão continuada implantada no Estado de São Paulo pela Secretaria de Estado da Educação (SEE) em 1998, constitui uma medida educacional pontual: contextual e politicamente determinada. Isto significa que menções sobre, de um lado, relacionando os ciclos e a progressão continuada como se fossem a mesma coisa, de outro, a justificação da progressão continuada pela comparação com outras experiências, produzem o efeito de diluir a essência das diferenças e instituir um falso universalismo. (DIAS, 2005, s/p.)

Alves (2013) também corrobora com a visão de não clareza entre progressão continuada e ciclos:

É bom lembrar que a própria identificação entre a proposta de ensino em ciclos e a proposta da progressão continuada é fruto da não apreensão das diversidades existentes entre as duas propostas, mesmo considerando que a política do Ciclo Básico durou cerca de doze anos com investimentos maciços de formação continuada.

Se o tempo de três gestões de um mesmo partido, com centralidade nessa política educacional, não resultou em entendimentos que promovessem mudanças duradouras e de grande porte, o que podemos dizer da proposta da progressão continuada, cujo conceito sequer foi debatido com a insistência devida no Estado de São Paulo?

Na verdade, as estratégias de ambas as políticas, embora conceitualmente diferentes, os ciclos procurando superar a fragmentação promovida pela seriação e a progressão continuada com a intenção de que a avaliação do aluno fosse parte do processo de aprendizagem, foram entendidas, equivocadamente, como estratégias de não reprovação. (NO PRELO, s/p.)

Os artigos de Dias (2005) e Alves (2013) nos levam a acreditar que, de fato, a implantação da progressão continua não tinha como objetivo elevar o patamar de atendimento e qualidade da educação no estado, mas de apresentar uma política que pudesse melhorar numericamente os índices educacionais.

1.3.3 – Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Em 1997, no âmbito do governo federal, são apresentadas as novas bases para a futura política educacional do país, que foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Acreditamos ser de fundamental importância olhar para os PCNs com uma visão crítica, compreendendo que eles não deram conta de

solucionar todos os desafios da educação brasileira. Ao mesmo tempo, é importante percebê-los como um marco para as novas políticas educacionais que se desencadearam a partir de sua implementação. Vejamos a seguir o que se diz sobre a função dos PCNs:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. [...] Podem funcionar como elemento catalisador de ações na busca de uma melhoria da qualidade da educação brasileira, de modo algum pretendem resolver todos os problemas que afetam a qualidade do ensino e da aprendizagem no País. (MEC/SEF, 1997, *apud* FIGUEREDO, 2011, p. 78)

A implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais tem como ponto de partida a adesão do governo brasileiro à política neoliberal que vinha sendo implementada nas sociedades capitalistas da atualidade, em que o papel do estado é diminuído e tem como atributo preparar os indivíduos para um mercado de trabalho cada vez mais exigente, do ponto de vista das novas tecnologias, com o domínio dos saberes básicos. Outro aspecto que contribuiu para a implementação desta nova política educacional foi a necessidade de melhorar os índices numéricos da educação básica no Brasil, exigência das agências financiadoras. Apesar dessas contradições, foi uma proposta que trouxe uma nova dimensão para a educação brasileira, deixando assim um saldo positivo, pois propiciou uma ampla discussão em todo o território nacional, com respeitabilidade dos contextos culturais regionais. Para dar conta da implantação dos PCNs, a Secretaria de Educação Fundamental do MEC criou o programa “Parâmetros em Ação”:

Ao longo do período de 1995 a 1998, a Secretaria de Educação Fundamental do MEC elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e também os Referenciais para Educação Indígena, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos e Formação de Professores. Uma ampla discussão nacional foi desencadeada em torno desses documentos, cuja função principal é apoiar os sistemas de ensino no desenvolvimento de propostas pedagógicas de qualidade, na perspectiva de uma educação para a cidadania. Essa meta exige impulsionar o desenvolvimento profissional dos professores no âmbito das secretarias estaduais e municipais de educação. Com essa finalidade, a SEF/MEC estará implementando um programa que envolverá um conjunto de ações voltadas para diferentes segmentos da comunidade educacional (professores, equipes técnicas, diretores de escola e/ou creches) e será desenvolvido em parceria com as secretarias estaduais e municipais,

escolas de formação de professores em nível médio e superior e Organizações Não-Governamentais – ONGs. (MEC, 1999, *apud* FIGUEREDO, 2011, p. 80)

O programa Parâmetros em Ação foi de extrema importância para o redirecionamento da educação nacional, oferecendo, no âmbito das Secretarias Estaduais, Municipais e ONGs, materiais pedagógicos “que eram compostos por textos, vídeos, programas veiculados pela TV Escola e por formadores que viajavam pelo país inteiro” (FIGUEREDO, 2011, p. 80), levando formação para todos os envolvidos com a educação básica.

Um dos desdobramentos gerados pelas demandas de formação dos PCNs, no nível federal, para atender a defasagem na formação dos professores de alfabetização, foi a necessidade de se criar um programa que desse conta desta lacuna. Mediante este contexto e com o objetivo de dar maior suporte aos profissionais da educação, foi criado, pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC, o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), que teve dois anos de duração, 2001 e 2002, e consistia num curso de formação dirigido aos professores que atuavam na alfabetização das crianças.

Esse curso era desenvolvido em parceria com secretarias estaduais, municipais, universidades, escolas públicas, privadas e ONGs. O curso era formatado em três módulos, com carga horária de 160 horas, com finalidades e metodologias definidas, assim constituído:

(...) 75% do tempo destinado à formação em grupo e 25% do tempo destinado ao trabalho pessoal – estudo e produção de materiais que eram socializados no grupo, ou entregues ao coordenador, tendo em vista a avaliação. (...) O curso era orientado por duas finalidades: a ampliação do universo do conhecimento dos professores cursistas sobre a alfabetização e a reflexão sobre a prática profissional. Quanto à metodologia, o curso apoiava-se em estratégias de “resolução de situações-problemas” através de análise de produção de alunos, simulação, planejamento de situações didáticas, entre outros. (FIGUEREDO, 2011, p. 81-82)

1.3.4 – O PROFA, no Estado de São Paulo, vira “Letra e Vida”

A democracia vai se consolidando no Brasil e, em 2002, Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), é o primeiro operário eleito presidente. O povo brasileiro deposita nas urnas sua esperança de um Brasil melhor, creditando ao novo presidente a responsabilidade de colocar o país e o seu povo em lugar de destaque, entre as nações democráticas. Reacendem as perspectivas de um novo Brasil e, conseqüentemente, de novas políticas voltadas às grandes demandas sociais, como geração de emprego, habitação, saúde, infraestrutura e educação.

Com a mudança de partido no comando do governo federal e sendo o PROFA uma marca do PSDB, o governo do estado de São Paulo, também do PSDB, assumiu o PROFA, que foi rebatizado com o nome de “Letra e Vida”. A coordenação deste projeto foi entregue à pesquisadora Telma Weisz, que implantou uma ampla formação dos professores alfabetizadores da rede estadual, atingindo quase 100% desses. O curso era oferecido aos professores que se inscreviam de forma espontânea

(...) fora do horário de trabalho. Os encontros de formação propunham a realização de atividades e proporcionavam reflexões sobre a prática, articulando teoria e prática. (...) O “Letra e Vida” contribuiu muito para o acesso e construção de conhecimento dos professores sobre teoria e prática em alfabetização, fundamentados na produção teórica e nos estudos realizados por Emilia Ferreiro e outros. Foi quase, ou propriamente dito, uma revolução, tanto do ponto de vista dos conhecimentos da didática, das concepções de aprendizagem e de ensino, quanto das estratégias metodológicas de formação. (...) O “Letra e Vida” cumpriu muito bem o papel de dizer ou discutir o que e como alfabetizar a partir da fundamentação teórica do construtivismo. (FIGUEREDO, 2011, p. 87-88)

O programa “Letra e Vida” foi de suma importância para a educação em São Paulo, cumpriu com seu papel, porém não foi o suficiente para transformar as práticas de sala de aula dos professores, tendo em vista que o deixava

(...) em uma situação de solidão pedagógica. Esse profissional, apesar de ter acesso ao curso, não tinha com quem trocar, nem contava com espaço na unidade escolar para a discussão de sua prática e, ainda, não tinha apoio de material, nem apoio da instituição (Rede), ou seja, não era previsto o envolvimento do diretor, do supervisor de ensino e do dirigente nas ações do programa e não havia um acompanhamento da SEE sobre a aprendizagem das crianças. (FIGUEREDO, 2011, p. 91-92)

Após perceber que o programa “Letra e Vida” tinha suas limitações, não dando conta de resolver os problemas da alfabetização em São Paulo, e para dar conta dos urgentes desafios da educação em São Paulo, a Secretaria da Educação do estado criou um novo programa, com uma abrangência estrutural maior, que pretende tratar da questão com mais eficiência e eficácia o “Ler e Escrever”.

1.3.5 – O Programa Ler e Escrever – Secretaria Estadual de Educação de São Paulo

O programa “Letra e Vida” foi substituído por um novo programa que partiu da observação do que não funcionou nas experiências anteriores, e propôs uma nova implementação nas ações que pudessem contribuir efetivamente na evolução dos processos de alfabetização dos alunos nas séries iniciais. Para que isso se tornasse fato, foi criado um novo programa que recebeu o nome de “Ler e Escrever”, que apresentou uma abrangência maior de envolvimento dos vários sujeitos que compõem o processo pedagógico e administrativo da rede estadual de educação. A seguir, apresentamos as características do programa, que é formado por muitas ações que envolvem:

- a) A formação de gestores;
- b) O acompanhamento institucional efetivado pelas Diretorias de Ensino diretamente nas unidades escolares, da CENP, bem como junto às diretorias de ensino, das formadoras junto aos professores coordenadores e às escolas e que está ligado à prática de sala de aula;
- c) A produção e distribuição do material impresso para os alunos e professores;
- d) O “Bolsa Alfabetização”, parceria entre a SEE e as universidades, que disponibiliza um aluno pesquisador nas salas de 1º anos e 2ª séries;
- e) O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), que já existia na Rede antes do “Ler e Escrever” de 2ª série; e
- f) A formação de professores coordenadores e a formação de professores nas unidades escolares nos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e em forma de acompanhamento nas salas de aula realizados pelo professor coordenador. (FIGUEREDO, 2011 p. 93)

Como podemos observar, este programa apresenta uma estrutura bem definida com o envolvimento dos vários segmentos que lidam diretamente com o processo da alfabetização das crianças e, conseqüentemente, refletem nas práticas de sala de aula através do fazer pedagógico, que é medido pelas avaliações do

Saresp. O programa *Ler e Escrever* vem se mantendo até os dias atuais, apresentando resultados que o faz permanecer longo. Longeva também é a presença da professora pesquisadora e doutora em Psicologia Escolar Telma Weisz, que acompanha os programas de formação da Rede Estadual de Educação desde os tempos da implantação do Ciclo Básico, em 1984.

Ao realizar este passeio histórico, com o objetivo de identificar as políticas públicas de alfabetização nos últimos anos, percebemos que, apesar da diversidade de ideais e ideias inovadoras, houve fidelidade a uma concepção de alfabetização que permeou todas as políticas públicas implementadas nesta direção, nos últimos anos, que foi a concepção que tem como fundamento a construção do conhecimento:

(...) desde o Ciclo Básico até o “Ler e Escrever” o fio condutor destes programas foi a concepção da gênese do conhecimento e da psicogênese da língua escrita. (...) Todos os programas oferecidos pelos diferentes órgãos e instituições fundamentaram-se na concepção da construção do conhecimento. (FIGUEREDO, 2011, p. 103)

1.4 – O Comportamento Gestor e a Criação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)

Uma questão que cremos ser de grande importância considerar está vinculada diretamente ao comportamento gestor. Podemos perceber que este comportamento gestor, ao lidar com as políticas públicas nos últimos anos, foi algo que possibilitou e possibilita conceber a alfabetização e a educação com uma nova visão, e nos permite encarar o desafio de alfabetizar como uma ação pedagógica que transcende os governos e os partidos políticos. Embora ainda seja um desafio lidar serenamente com essa postura, podemos afirmar que estamos no rumo certo em busca da solução dos problemas que enfrentamos na alfabetização dos alunos nas séries iniciais. Confirmando essa percepção acima, assistimos atualmente a uma nova investida do governo federal, numa demonstração de preocupação com a questão da alfabetização no país: o lançamento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC – 2012). Esta nova política pública deixa claro que:

(...) são muitos os desafios que vivenciamos nos últimos anos na busca da garantia de uma escola democrática, em que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. Aprender a ler e escrever é um direito de todos, que precisa ser garantido por meio de uma prática educativa baseada em princípios relacionados a uma escola inclusiva. (BRASIL. Ministério da Educação, Currículo na Alfabetização 2012, p. 5)

Esta nova proposta traz no seu bojo algumas inovações tais como conceber o *ler e escrever como um direito de todos*; propor um pacto com todas as esferas administrativas nos níveis federal, estaduais e municipais; propor o desenvolvimento de uma cultura de formação continuada baseada numa duplicidade de compromissos, ou seja, há dois sujeitos – *institucional* e *individual* – centrais, envolvidos nesse processo que, se não tiverem claro seu papel, o pacto pode naufragar. O proponente, governo federal, é quem estabelece as bases para o *compromisso institucional* com os governos estaduais e municipais, através das Secretarias de Educação.

O *compromisso institucional* (do Governo Federal e das secretarias de educação) reside principalmente na necessidade de promover espaços, situações e materiais adequados aos momentos de trabalho e reflexão, compreendendo que a formação continuada não é um treinamento no qual se ensinam técnicas gerais a serem reproduzidas. Se concebemos os professores como sujeitos inventivos e produtivos, sabemos que eles não serão repetidores em suas salas de aula daquilo que lhes foi aplicado na formação para orientar a sua nova prática. Sabemos sim que, a partir de diferentes estratégias formativas, eles serão estimulados a pensar sobre novas possibilidades de trabalho que poderão incrementar e melhorar o seu fazer pedagógico cotidiano. (BRASIL. Ministério da Educação, Formação de Professores, 2012 p. 27)

O outro sujeito dessa duplicidade de compromisso é o professor, elemento imprescindível para o sucesso deste pacto, e, para que ele faça a diferença, é fundamental que assuma um **compromisso individual**:

O *compromisso individual* é compreendido no sentido de o professor entender-se como pessoa que está sempre sendo desafiada a conhecer novos caminhos e a experimentar novas experiências. Nesse sentido, para o docente integrar-se a um programa de formação continuada é importante que ele saiba que essa decisão associa-se à ideia de que esse processo visa a contribuir tanto para o seu crescimento pessoal, como profissional e não que essa seja apenas uma exigência ou formalidade institucional a ser cumprida. (BRASIL. Ministério da Educação, Formação de Professores, 2012 p. 28)

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa propõe a alfabetização dos alunos até o 3º ano do ciclo I, aos oito anos de idade. Para alcançar esse objetivo, vê o professor como peça chave neste processo. O pacto tem como foco bem definido a importância de uma sólida formação do professor. Por isso,

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa prevê, como uma de suas ações, a formação de professores alfabetizadores. Essa ação se dá por meio de um curso, que apresenta uma estrutura de funcionamento na qual as universidades, secretarias de educação e escolas deverão estar articuladas para a realização do processo formativo dos professores atuantes nas escolas, nas salas de aula. Essa estrutura é composta por dois formadores diretamente sintonizados com os objetos de estudo e com a sala de aula, ou, como dizemos, com o chão da escola. (BRASIL. Ministério da Educação, Formação de Professores, 2012 p. 24)

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa apresenta como imprescindível uma proposta de formação dos professores alfabetizadores, com duração de dois anos letivos. Orienta que cada sistema de ensino se esforce para manter esses professores que estão sendo formados, nos anos seguintes, nas mesmas séries, atuando em uma das três primeiras séries do ensino fundamental. Como incentivo à participação neste processo formativo, cada professor participante da formação tem direito a uma bolsa mensal no valor de duzentos reais ao longo destes dois anos de formação.

O PNAIC apresenta uma concepção inovadora de educação, tendo como principal foco a valorização do profissional da educação. A ele cabe o devido respeito e estímulo. Percebemos isso nas palavras finais do documento “Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”, quando

(...) propõe a realização de um programa coerente com a perspectiva de formação docente crítica, reflexiva, problematizadora. Tais princípios envolvem um profundo respeito aos profissionais da educação e uma busca incessante pelo saber, que conduza a uma escola cada vez mais inclusiva, articulada com as comunidades onde se inserem. Compartilhar é nossa principal meta. O trabalho conjunto, participativo, integrador, é o que se espera nesta jornada. (BRASIL. Ministério da Educação, Formação de Professores, 2012 p. 37)

Finalizo este capítulo acreditando ter dado conta do objetivo inicial, que era o de identificar práticas de políticas públicas de alfabetização na educação do estado de São Paulo ao longo dos últimos trinta anos.

Capítulo 2 – A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DIADEMA, A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

“(...) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos.”

(Paulo Freire)

A década de 1980 no Brasil foi marcada por muitas mudanças no cenário político; dentre elas, destacamos a redemocratização do País. Diadema, um município conurbado com São Paulo e com as cidades do ABC, com características estruturais de total abandono e com extrema pobreza da população, conhecida, até então, como a cidade mais violenta do estado de São Paulo, emerge para este novo cenário político, e deixa suas impressões digitais nas políticas públicas a serem implementadas no município e no Brasil, nas décadas seguintes. A experiência educacional em Diadema foi uma dessas marcas.

2.1 – Um pouco do Contexto Histórico

No início dos anos oitenta, o município de Diadema, no grande ABC, teve o privilégio de vivenciar uma experiência inovadora que muda radicalmente sua história nos anos seguintes. Esse fato se dá graças à atitude e à postura da população que, nas eleições municipais de 1982, decide creditar suas esperanças na candidatura a prefeito da cidade de um operário, ex-metalúrgico. Numa disputa bastante desigual em função do poderio econômico de outras candidaturas, o recém-criado Partido dos Trabalhadores apresenta como candidato a prefeito um operário e metalúrgico desempregado, Gilson Menezes. Esta candidatura do PT em Diadema inaugura, no cenário político brasileiro, uma nova forma de fazer campanha. Sem recursos econômicos fartos, como de costume nos grandes partidos políticos da época, o PT vai para a rua com uma militância operária determinada a mudar os rumos da cidade que, por variadas circunstâncias, escolheram para morar. A campanha que vai levar à eleição o primeiro operário a

prefeito da cidade traz uma inovação que se tornará a marca futura de atuação do Partido dos Trabalhadores: a militância em mutirão, visitando todos os moradores, de todas as ruas e de casa em casa, apresentando a eles a proposta política para resolução dos problemas do município. Vejamos, a seguir, uma fala do ex-prefeito Gilson Menezes numa entrevista ao jornal Folha de S. Paulo:

Foi uma campanha difícil, sem condições estruturais. Ou seja, não tínhamos nada. Então vendíamos camisetas e broches do partido, fazíamos reuniões e mutirões com todos os candidatos a vereador. Foi uma campanha muito gostosa, com muita união e muita garra. (SOARES, Folha de S. Paulo, 2010)

Tive o privilégio de fazer parte desta ação à época, como membro dessa militância aguerrida e esperançosa na mudança de rumo das condições precárias em que se encontrava o município, que sofria com total descaso por parte dos prefeitos anteriores, que mais se preocupavam em extrair benesses do poder público local para engordar seus patrimônios particulares. Éramos movidos pelo desejo de justiça social, e queríamos riscar do mapa a fama de Diadema como a cidade mais pobre e violenta do estado. Tínhamos consciência de que poderíamos tornar esse sonho realizável, acreditávamos que a hora era aquela, e para isso tínhamos que arregaçar as mangas e ir à luta. Foi o que fizemos. Em quatro meses de campanha, visitamos todos os bairros da cidade levando a seus moradores a possibilidade da esperança de dias melhores. Ao final, esse projeto foi vitorioso e foi, então, eleito o primeiro prefeito do Partido dos Trabalhadores no Brasil.

Gilson Menezes, em 2010, na qualidade de vice-prefeito de Diadema, na gestão 2008-2012, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, fez alusão ao desafio de governar Diadema entre os anos de 1983 e 1988.

“Precisava fazer tudo. Não podíamos dizer que era isso ou aquilo. Tudo era prioridade. Mas fizemos um governo revolucionário”, recorda o ex-petista, ao ressaltar a construção do primeiro pronto socorro público de Diadema, além da construção de escolas e creches. (SOARES, Folha de S. Paulo, 2010)

Inicia-se, então, um novo modelo de gestão pública no cenário político brasileiro. Diadema implanta uma gestão participativa, na qual os conselhos populares são uma prerrogativa e a participação da população se efetiva através

deles. Como resultado deste processo de participação, a gestão prioriza ações sociais que vão ao encontro das necessidades da população das periferias, que era formada, em grande parte, por moradores em favelas. A gestão apresenta algumas ações que viriam gerar grandes transformações na infraestrutura da cidade e na condição de vida das pessoas. São elas: gestão participativa; municipalização do transporte público; urbanização das favelas; construção de rede de esgoto; construção de unidades básicas de saúde nos bairros; ampliação da rede de escolas municipais, pré-escolas; criação do serviço de educação de jovens e adultos para atender uma grande demanda de alunos analfabetos; pavimentação e asfaltamento nas ruas da periferia, pois só eram asfaltadas as ruas dos bairros do centro da cidade.

Enfim, Diadema vive uma revolução na sua forma de ser e, anos mais tarde, apaga de vez a fama de cidade mais violenta do estado de São Paulo, para se tornar uma cidade com uma qualidade de vida bem melhor, passando a ser muito procurada para investimentos industriais e comerciais. Tudo isso se deu graças à força coletiva dos seus munícipes que participaram ativamente de toda esta história evolutiva.

Nesse cenário, a educação foi um segmento que muito contribuiu com todo esse processo de elevação cultural de seus moradores, através de múltiplas ações como o incentivo à participação dos pais na escola, através dos conselhos escolares, e dos grêmios estudantis, para os alunos do EJA; a construção de novas escolas espalhadas por toda a cidade; a construção de espaços físicos adequados a práticas esportivas e culturais nos bairros; a construção de creches nas várias regiões da cidade; a criação do ensino fundamental com atendimento aos alunos do 1º ao 5º ano. Todas essas ações contribuíram para uma “Diadema Melhor”.

Para dar conta das demandas dessa política educacional implementada no município, foi necessária uma gama de ações no projeto educacional, ações essas que vamos apresentar a seguir.

A gestão democrática do prefeito Gilson Menezes priorizou, nos seus primeiros anos de governo, a melhoria das condições de infraestrutura da cidade, como saneamento básico, transporte, habitação, saúde, e o fortalecimento da participação popular. Nesse momento do governo, a ação da Secretaria de

Educação se deu apenas na construção de novas unidades para a educação infantil, que era o único segmento educacional de responsabilidade do município.

2.2 – Diadema Cria o Primeiro Serviço de Educação de Jovens e Adultos Oficial do País

A primeira e grande novidade na educação do município foi a criação, em 1986, do Serviço de Educação de Jovens e Adultos, o SEJA. Isso aconteceu após estudos e a comprovação, pelos dados estatísticos, de que a cidade tinha uma elevada taxa de população analfabeta. Em torno de 15% não sabiam ler nem escrever, além de haver milhares de pessoas com escolaridade incompleta no primeiro grau, ou seja, não tinham nem sequer concluído as quatro primeiras séries do ensino primário à época. A prefeitura, através do Executivo, enviou projeto de lei para a Câmara Municipal de Vereadores que, após muitas discussões, foi votado e aprovado, pela **Lei Ordinária nº 857/1986**.

Nasce, então, uma nova perspectiva para a mudança de vida dos mais de 45.000 munícipes que se encontravam nesta condição. No mês de abril de 1987, iniciou-se o funcionamento das primeiras 40 salas de aula, abrigadas em escolas municipais da educação infantil, espaços comunitários de igrejas, associações de bairro, fábricas e outros.

Este, pelo conhecimento que temos, é o primeiro projeto de educação de jovens e adultos institucionalizado por um município do país. Um projeto totalmente financiado pelos recursos do município. O projeto já nasce com um diferencial – valoriza a formação permanente – em relação a todas as políticas públicas de alfabetização de adultos que se tinha implementado até então. Cito como exemplo o que aconteceu nas décadas de 1970 e 1980, com o MOBRL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e, mais tarde, a Fundação EDUCAR, que propunham ações vistas como meramente mecânicas, através de cartilhas predefinidas, para todo o território nacional, desconsiderando assim as realidades regionais, a realidade dos alunos adultos, como relata em artigo Cristiana Costa Brasil, da Universidade Católica de Brasília, em 2005.

Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL (1967 – 1985). O Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Os militares tinham todo o controle do que seria ensinado. Suas ações de alfabetização começaram a ter ênfase no fim de 1970, quando seus projetos foram iniciados em grande escala.

Seu objetivo era erradicar o analfabetismo no Brasil num curto espaço de tempo. Tinha forte influência do Método Paulo Freire, pois utilizava “palavra geradora”, que consistia em palavras pesquisadas com os alunos, para educar. Mas havia uma diferença marcante, pois o Método Paulo Freire utilizava palavras tiradas do cotidiano dos alunos e no MOBRAL, segundo Corrêa (1979), as palavras eram definidas por tecnocratas que as escolhiam a partir de estudo das necessidades humanas básicas. (BRASIL, Brasília, 2005)

Outro agravante improdutivo destas ações era que, para alfabetizar, bastava saber ler e escrever, não era necessário nenhuma formação prévia. Não existia também um planejamento das ações pedagógicas dos educadores com vistas a sua formação.

O SEJA, em Diadema, nasce com uma concepção diferenciada. No projeto de lei para a criação do cargo de Professor de Educação de Jovens e Adultos, já estava prevista uma carga horária destinada à formação permanente, ao planejamento e à pesquisa. A jornada de trabalho era de 24 horas semanais, assim distribuídas: 15 horas de aula com os alunos, de segunda a sexta (3 horas por dia), e as 9 horas restantes, para reuniões pedagógicas, formação e planejamento coletivo. Vemos aí uma extraordinária revolução na forma de pensar o fazer pedagógico, destinando mais de um terço da carga horária semanal para formação e planejamento. Isso foi tão inovador na época, que acreditamos que essa experiência em Diadema, vinte anos mais tarde, tenha contribuído para a criação da **Lei 11.738/2008**, que instituiu o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica e que regulamenta a jornada de trabalho do professor.

Lei Federal nº 11.738, de 16 de julho de 2008, que regulamenta e determina também, em seu artigo 2º, § 4º, que na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com alunos. Desta forma, no mínimo 1/3 da jornada de trabalho deve ser destinado às chamadas atividades extraclasse. (MEC, 2009, p. 3)¹

¹ Estudo sobre a Lei do Piso Salarial. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10241&Itemid=. Acesso em 23/11/2013

Os professores de Diadema, nessa época, eram contratados via seleção pública e, mais tarde, após a Constituição Federal de 1988, por concurso público. Antes de entrar em sala de aula para atuarem, participavam de um intenso período de formação inicial, a fim de assimilarem o projeto e a proposta pedagógica do município.

A educação de adultos em Diadema teve seu momento de maior expressividade na gestão democrática do prefeito José de Filippi Júnior, do Partido dos Trabalhadores, de 1993 a 1996, quando chegou a ter simultaneamente funcionando, no município, aproximadamente 180 salas de aula, com uma média de 30 alunos por sala, ou seja, um atendimento de 5.400 alunos, anualmente.

Outro aspecto diferencial presente no corpo deste projeto era a concepção pedagógica que estava fundamentada na pedagogia freiriana, que propunha partir do conhecimento da realidade do educando, provocá-lo a uma reflexão consciente, através da “leitura do mundo”, e daí para a evolução como cidadão que podia ser sujeito dos processos de transformações sociais. Não tínhamos uma cartilha pré-estabelecida; nosso planejamento de aula era feito semanal e coletivamente em discussão com os pares nos horários de formação. As formações realizadas forneciam o embasamento para esta prática inovadora. Sentíamos que, quando o professor de fato tinha **compromisso** com o seu trabalho, era visível o resultado produtivo no aprendizado dos alunos.

O projeto SEJA, mais tarde, com as novas nomenclaturas das leis da educação, muda para a sigla EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Em 1996, a administração municipal implementou mais uma política pública que impacta positivamente na vida dos cidadãos de Diadema sem escolaridade. É criada no município a EJA II, Educação de Jovens e Adultos de 5ª a 8ª séries. Isso significa um novo marco para a democratização do acesso à escolarização. Foram milhares de alunos que tiveram a oportunidade de concluir seus estudos no ensino fundamental. Necessidade essa que passou a ser exigência de escolaridade básica para ingressar no mercado de trabalho. Mercado esse que passava por profundas mudanças estruturais e tecnológicas, e, com isso, surgiam as demandas por níveis de escolaridade mais elevados. Neste quesito, podemos afirmar que foi de extrema importância a ousadia destas administrações comprometidas com os mais pobres e

desvalidos, pois essas políticas públicas implementadas contribuíram diretamente com a melhoria da condição de vida e qualificação profissional de milhares de trabalhadores.

Somos também sabedores conscientes de que essas primeiras experiências de gestão participativa e democrática, em Diadema, serviram de modelo para muitas outras novas experiências que foram implementadas na gestão pública Brasil afora. Essas práticas inovadoras deixam suas marcas na forma de fazer política no Brasil. Em 2002, quando da eleição do presidente Luis Inácio Lula da Silva, um cidadão operário, oriundo das lutas da classe trabalhadora, leva algumas dessas políticas públicas praticadas em Diadema para serem incorporadas a várias frentes de atuação do governo federal; e assim nasce um novo Brasil. Um Brasil que tem a oportunidade de se levantar do sono profundo que se encontrava em seu “berço esplêndido”. Um Brasil que se ergue em busca da justiça, e traz novamente a esperança, através deste teu filho que “não foge à luta”.

Na condição de sujeito ativo nesse processo de gestão democrática em Diadema, desde os anos de 1987, quando ingressei como servidor público na função de professor de Educação de Jovens e Adultos, orgulho-me desta história e trajetória, e tenho certeza de que posso, com serenidade, dizer que a população da cidade de Diadema se orgulha de ter sido laboratório de novas políticas públicas para um novo Brasil que vem dando certo, o Brasil de hoje, que tem muito a avançar, mas que deixou de ser um país sem perspectivas para seus filhos, como o foi na década de noventa, com altas taxas de juros, inflação e forte recessão.

Como podemos observar, Diadema tem um diferencial na sua forma de conceber a educação. Acima, mostramos na EJA que parte da carga horária semanal de trabalho é destinada à formação e ao planejamento. Seus profissionais de todos os segmentos educacionais têm crescido, em suas jornadas de trabalho, horas previstas para a formação e planejamento.

Essas horas de trabalho são, muitas vezes, utilizadas para a formação permanente do quadro de profissionais da educação. Diadema teve a oportunidade de, por ser uma gestão democrática e participativa, oferecer formações de excelente qualidade, com profissionais de muita competência técnica e comprometidos com a educação. Alguns desses formadores, professores da PUC, da USP, eram grandes

pessoas na esfera da reflexão educacional. Quero aqui citar o professor Paulo Freire como um desses formadores que nos ofertava magníficas reflexões sobre o fazer pedagógico numa perspectiva dialética, em que a práxis era o elemento norteador do ato de educar, compreendido como um ato político. Paulo Freire nos mostrava que, no ato de educar, não existia neutralidade. Ou você está do lado do povo dominado, ou você está do lado da burguesia que domina.

2.3 – Diadema, um Salto Adiante: a Construção do Estatuto do Magistério

A educação em Diadema, com o passar dos anos, vai tendo uma nova configuração, e vai construindo sua identidade, sua cara. Na gestão de 1993 a 1996, quando estive à frente da Secretaria Municipal de Educação a professora Lizete Arelalo, professora da USP, a educação municipal passou por muitas transformações. Dentre estas, uma de fundamental importância foi a criação da função do PATP (Professor Assistente Técnico Pedagógico), que passava a acompanhar a formação dos professores e o desenvolvimento do trabalho pedagógico nas unidades escolares. Outra ação impactante foi o início da discussão e a construção, de forma coletiva, do Estatuto do Magistério que, após alguns anos de discussão, foi aprovado, na gestão seguinte, pela Câmara Municipal de Vereadores, em 1997.

LEI COMPLEMENTAR Nº 071, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1.997

DISPÕE sobre a instituição do Estatuto do Magistério Público do Município de Diadema, e dá outras providências.

ARTIGO 1º - Esta Lei Complementar institui o Estatuto do Magistério Público do Município de Diadema, que tem como princípios fundamentais:

- I. universalização do ensino;
 - II. gestão democrática da educação pública;
 - III. valorização dos profissionais do ensino;
 - IV. ensino público municipal de boa qualidade;
 - V. igualdade de tratamento que respeite os Direitos Humanos, coibindo quaisquer formas de preconceito e segregação, em razão de gênero, etnia, cultura, religião, opção política e posição social;
 - VI. vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- (Lei Complementar nº 071, 1997)

O Estatuto do Magistério assegura em lei o que, até então, era vivenciado na rede, mas sem garantias legais e que qualquer outro prefeito que assumisse poderia acabar com os avanços até então conquistados. O Estatuto vem trazer respaldo legal para esse processo, que vai sendo consolidado e implantado de forma gradativa.

2.4 – Diadema propõe a Eleição Direta para Diretor e Vice-diretor

O Estatuto do Magistério, além de definir os princípios fundamentais, traz também uma proposta inovadora e revolucionária: a eleição direta pela comunidade escolar, do Diretor e Vice-Diretor de cada unidade escolar. Essa proposta inaugura na rede um novo jeito de gestar as unidades escolares, e consolida um dos princípios que vem, ao longo dos últimos anos, permeando a prática das administrações municipais, que é a gestão democrática. Isso quer dizer que a escola se torna o espaço privilegiado para o exercício da cidadania, através da participação de todos, alunos, professores, funcionários, pais de alunos, e entidades da comunidade do entorno.

Seção V - Do Processo Seletivo para Diretor e Vice-Diretor de Escola

ARTIGO 58-G - O provimento das funções gratificadas de Diretor de Escola e Vice- Diretor dependerá do resultado de processo eletivo entre candidatos docentes que atendam os requisitos básicos estabelecidos no art. 58-F, desta Lei Complementar.

§ 1º - Os procedimentos relacionados ao processo eletivo de Diretor de Escola e Vice-Diretor serão estabelecidos em documento oficial expedido pela Secretaria Municipal de Educação considerando:

I. Voto proporcional e paritário da comunidade escolar composta por:

- a)** Pais com alunos matriculados na escola, sendo 1 (um) voto por família;
- b)** Alunos do ensino fundamental maiores de 14 (quatorze) anos;
- c)** Equipe docente, de direção da unidade escolar e equipe auxiliar da ação educativa.

II. Os votos dos pais e alunos, somados, deverão corresponder a 50% (cinquenta por cento) do total de votantes.

III. Os 50% (cinquenta por cento) restantes corresponderão ao total de votos da equipe docente, de coordenação da unidade escolar e equipe auxiliar da ação educativa.

§ 2º - Os professores do Quadro do Magistério da Educação Básica do Ensino Público Municipal, inclusive os professores de desenvolvimento integral, portadores dos requisitos básicos estabelecidos nesta Lei Complementar, interessados nas respectivas designações para o exercício de funções gratificadas, deverão constituir chapas para se habilitarem a participar do procedimento de escolha.

§ 3º - Concluídos os processos designativos com estrita observância das normas estabelecidas nesta Lei Complementar, é de competência:

I. Do Titular da Secretaria Municipal da Educação indicar os profissionais do Quadro do Magistério da Educação Básica do Ensino Público Municipal para as funções gratificadas;

II. Do Chefe do Poder Executivo Municipal os atos específicos das designações correspondentes.

(Lei Complementar nº 071, seção V – artigo 58G, 1997)

2.5 – Diadema inicia a Municipalização do Ensino Fundamental

O município, até o ano de 1998, tinha como prioritária a educação infantil nas creches e pré-escolas, e a educação de adultos, na modalidade supletiva. A partir desse ano, a criação do Fundef pelo governo federal apontava como política pública o repasse, aos municípios, da responsabilidade do ensino fundamental, anos iniciais. Diante deste desafio e na eminência de sofrer perdas nos recursos federais destinados à educação no município, o governo municipal inicia, na sua própria rede de pré-escola, um processo de municipalização de cinco escolas, passando assim a dar sequência na primeira série com os alunos vindos das turmas de seis anos da própria rede. É o início do atendimento na modalidade de Ensino Fundamental.

A partir deste momento iniciam-se, na rede, novos desafios: formar este professor que irá migrar de sua atuação na pré-escola, ou na educação de jovens e adultos, para atuar nas salas de alfabetização do ensino regular fundamental. Muitos são os desafios enfrentados nos primeiros anos, tais como o despreparo dos professores; a falta de material pedagógico adequado para as séries iniciais; a falta de mobiliário adequado nas salas para atender alunos maiores; a adequação da jornada de atendimento na mesma unidade escolar com pré-escola e ensino fundamental; a necessidade da criação do cargo de professor do ensino fundamental, que demandava tempo. Durante alguns anos, foi esta realidade que a rede vivenciou.

2.6 – Mudança de Gestão: Novos Rumos da Educação em Diadema

A partir do ano de 2001, com o retorno de uma nova gestão do Partido dos Trabalhadores, com a eleição do Prefeito José de Filippi Júnior que, encontrando a administração municipal com uma série de lacunas em vários segmentos, optou-se, na Secretaria da Educação, por fazer um profundo raio X na rede para, a partir deste diagnóstico, estabelecer os caminhos a serem percorridos nos anos seguintes.

Para este trabalho, foram desencadeadas várias ações, como reuniões com professores, diretores, coordenadores pedagógicos, funcionários administrativos, funcionários operacionais, alunos, pais de alunos, e parceiros. O resultado de todo este esforço coletivo foi a construção do Plano Emergencial, que deu origem, mais tarde, ao Plano de Ações Pedagógicas (PAP). É importante ressaltar que todo esse processo foi possível porque a Secretaria da Educação tinha três diretrizes de ação bem definidas: Democratização do Acesso e Permanência; Qualidade Social da Educação; e Democratização da Gestão. Essas diretrizes permearam todo o trabalho coletivo realizado.

2.7 – Como se deu a Reorientação Curricular em Diadema

Esse processo, acima mencionado, foi o disparador para a construção da proposta curricular da rede municipal de educação de Diadema, apresentado no documento “Diadema Caderno Introdutório” (DIADEMA, 2007):

O início desse processo deu-se com o Plano Emergencial em 2001, quando a Secretaria necessitava mapear e diagnosticar a real situação das escolas. O Plano Emergencial continha um diagnóstico detalhado dos problemas de ordem física, material, conceitual e humana das escolas municipais, cujo objetivo foi subsidiar a Secretaria de Educação e as demais, para organizar um plano de ação que atendesse, minimamente, as necessidades de funcionamento das unidades escolares, chegando ao Plano de Ações Pedagógicas (PAP), que foi sendo explicitado, junto aos profissionais da Educação e comunidade, indicando as diretrizes de trabalho, metas e ações para melhorar a condição na Educação dos municípios. (DIADEMA, 2007, p. 7)

Este foi um processo, talvez, ímpar na história dos municípios, para a construção de uma proposta curricular numa rede pública. A nosso ver, esta foi uma

experiência paradigmática, pois trouxe o novo que, até então, parecia inatingível numa rede com muitos desafios e diversidade de concepções. Acreditamos que participar de um processo como este garantiu a consolidação do que se vinha procurando construir ao longo dos anos, nas gestões democráticas implementadas nos governos do Partido dos Trabalhadores em Diadema. Embora fosse um grande desafio, já tínhamos, em momentos anteriores, obtido conquistas importantes, construídas coletivamente na educação; uma foi a construção coletiva do Estatuto do Magistério, já mencionado. Isso era o combustível que nos movia nessa nova empreitada. Podemos afirmar que, quando se propõe atuar de forma democrática na gestão pública, os resultados positivos serão consequências das ações dos gestores. E tínhamos à frente da Secretaria da Educação gestores com este perfil, que era o de ouvir todos os sujeitos envolvidos na ação educacional do município. A seguir, três etapas vivenciadas nessa perspectiva democrática, conforme o documento da Secretaria Municipal de Educação de Diadema:

- 1) ***Dialogando com os protagonistas***: foram elaboradas, pelo Departamento de Educação, planilhas para a descrição de toda a situação das unidades escolares. Nessas planilhas, as equipes escolares deveriam descrever, detalhadamente todos os problemas que interferissem no cotidiano do trabalho desenvolvido pelas escolas. Deveriam ainda, indicar como a execução se daria: a curto, médio ou longo prazo.
 - 2) ***Elaborando estratégias***: foi realizada, pela equipe do Departamento, uma sistematização regional das planilhas. Em plenárias regionais com representantes de pais, alunos, professores e funcionários, foram elencadas as principais prioridades de cada região para a elaboração de um Plano Emergencial que seria executado em caráter de urgência. A intenção era solucionar as principais crises, para criar uma situação mais confortável para a elaboração do Plano Plurianual a ser entregue na rede no ano subsequente.
 - 3) ***Acompanhando e aprofundando o conhecimento dos problemas***: foi eleita, nas plenárias, uma comissão, com representantes por região, para acompanhamento da execução do Plano Emergencial. Durante todo o ano de 2001 foram realizadas diversas ações de aprofundamento do diagnóstico que subsidiava, permanentemente, a elaboração da proposta do PAP. Foram sistematizadas várias metas e objetivos referentes à democratização da gestão; do acesso e permanência das crianças, jovens e adultos em sala de aula; da qualidade social da educação, incluindo a reorientação curricular no PAP.
- (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 7)

Foi um trabalho árduo, de longa duração, porém muito gratificante, pois, ao final e nos anos seguintes, no fazer pedagógico cotidiano, era possível se enxergar como sendo um dos sujeitos construtores, e identificado com essa experiência que tinha um significado especial para quem dela participou.

2.8 – Primeira Diretriz: Democratização do Acesso e da Permanência

Acredito na importância de apresentar com maior detalhamento as diretrizes que fundamentaram a elaboração do Plano de Ação Pedagógica e da Proposta Curricular, conforme documento da Secretaria Municipal de Educação de Diadema. A primeira diretriz é:

DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO E DA PERMANÊNCIA. É dever e responsabilidade do poder público garantir o acesso dos brasileiros à educação para que crianças, jovens e adultos entrem na escola e permaneçam o tempo necessário para a aprendizagem. Desta forma, o acesso à Educação Básica de qualidade é uma condição para a democratização do conhecimento, para que todos e todas sejam sujeitos produtores de cultura. O projeto da Secretaria de Educação fundamenta-se nos princípios da democracia, solidariedade, justiça, liberdade, tolerância e equidade, de modo que ele contribua para a realização das pessoas e da sociedade, considerando a diversidade, respeitando os diferentes, fortalecendo-os e tornando a escola um espaço de permanência prazerosa e significativa, na direção de ser uma referência da comunidade local, uma vez que é lugar de todos e precisa ser feitos com todos. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 7).

Essa diretriz não ficou somente no papel, como comumente vemos por aí. Ela foi, de fato, traduzida em ações concretas através das práticas implantadas em toda a rede ao longo dos últimos anos, a partir de 2001. No ano de 2007, a rede contava com 45 escolas que atendiam os munícipes, da creche à educação de jovens e adultos, na suplência II de 5ª a 8ª série.

O atendimento em creches era, e ainda é, o grande desafio da administração municipal, pois tem uma demanda bem superior à capacidade de atendimento. Embora nos últimos anos, de 2001 a 2012, tenham sido construídas várias creches, o atendimento ainda não é pleno. Em 2007, as creches atendiam 6.380 crianças de zero a três anos. Se na creche, não era possível dar conta da necessidade de todos, na pré-escola esta realidade era bem diferente, e o atendimento era pleno para as crianças de 5 e 6 anos; ou seja, 100% das crianças do município tinham o seu direito de acesso garantido, e para as crianças de 4 anos o atendimento chegava a 80%. Nos segmentos creche e pré-escola, o atendimento chegava a 17.000 alunos anuais. No Ensino Fundamental, ciclo básico, com o funcionamento de 6 escolas, o atendimento era de 4.311 alunos. Na educação de jovens e adultos, de 1ª a 4ª série, eram atendidos 1.900 alunos, e de 5ª a 8ª série, 2.600 alunos. Também, ainda para os adultos, havia o programa MOVA (Movimento de Alfabetização) que atendia

1.500 no nível de 1ª a 4ª série. Além do atendimento acima mencionado, a Secretaria da Educação de Diadema tem uma sólida e pioneira ação em relação a alunos de inclusão. Este atendimento teve início na rede em 1988, e, de lá para cá, foi ampliado. Em 2007, o Centro de Atenção e Inclusão Social (CAIS) que, tendo profissionais especializados no atendimento às pessoas com necessidades especiais, atendia mensalmente 1.200 pessoas, entre estudantes e moradores da cidade.

2.9 – Segunda Diretriz: Gestão Democrática

No Brasil, nos anos 1980, os movimentos sociais organizados tiveram uma importância extraordinária ao realizarem inúmeras e históricas lutas pela democratização do país, tendo sua coroação com a elaboração da Constituição de 1988, que abriu espaço para a viabilização, de forma inédita, para a prática do “princípio da democratização da gestão nas instâncias públicas”. A diretriz apresentada, a seguir, no documento da Secretaria Municipal de Educação de Diadema, é o reflexo desta luta.

GESTÃO DEMOCRÁTICA. Para a Secretaria, democratizar é construir participativamente um projeto de educação de qualidade social, transformador e libertador, no qual a escola, em seus diversos espaços e tempos, contribua efetivamente para o exercício dos direitos, a formação dos sujeitos como cidadãos plenos, reafirmando os princípios da democracia, da solidariedade, da justiça, da liberdade, da tolerância e da equidade, na direção de uma nova sociedade mais justa, igualitária, fraterna e democrática. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 9)

O que, a nosso ver, diferencia a prática pedagógica em Diadema é exatamente a possibilidade concreta que vinha se delineando na rede a partir dessa nova forma de gerir a escola. Partindo deste pressuposto para a garantia da democratização da gestão, entendeu-se, em Diadema, que era importante ter uma organização em que houvesse o predomínio das decisões coletivas, e essas teriam maior genuinidade quando pensadas e propostas “à luz de um contexto mais amplo, que extrapolasse os muros da escola” (DIADEMA, 2007, p. 9). Esta diretriz tornou-se o principal pilar a sustentar o processo de eleição dos Diretores e Assistentes das Unidades Escolares; do Conselho Municipal de Educação; do Conselho Escolar; do Conselho

Mirim e do Grêmio Estudantil. Todas essas ações constituem-se em instrumentos de extrema importância para a concretização e efetivação da Democratização da Gestão.

2.10 – Terceira Diretriz: Qualidade Social da Educação

Fechando a apresentação das diretrizes, a terceira apresentada no documento da Secretaria Municipal de Educação de Diadema tem como tema:

QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO. O conceito de qualidade social da educação está vinculado com o desenvolvimento integrado de todo cidadão e cidadã. A noção de qualidade, aqui defendida, está estreitamente ligada ao direito à vida digna e ao combate às desigualdades, às dominações e às injustiças sociais. Está relacionada também à certeza de que a Educação é um espaço de construção da identidade social e individual dos sujeitos, ou seja, um instrumento fundamental de compreensão da vida, o que inclui sua transformação. ...Enfim, qualidade social da educação é construída na concepção de escola enquanto espaço de inclusão, de pluralidade cultural, de formação contínua onde se forma, formando o outro, de democracia real, de confronto entre a realidade existente e a realidade desejada. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 11).

Essa diretriz encerra o tripé de princípios que dá sustentação à concepção de educação desenvolvida na rede municipal. A prática da qualidade social da educação possibilita a todos os envolvidos na ação educacional do município exercer, no ato de educar, sua verdadeira contribuição para uma nova educação, no qual o educando se torna o centro do processo e o educador, um aliado nesta mediação. Com essa consciência e com o comprometimento dos profissionais, a educação em Diadema avança em busca de uma melhoria na qualidade. É com esse propósito em mente e com muita participação de todos que nasce uma nova proposta curricular para a rede.

2.11 – Os Pilares da Proposta Curricular em Diadema

A Proposta Curricular de Diadema foi construída a muitas mãos e mentes em dezenas de reuniões. O resultado deste processo, coordenado pela Secretaria Municipal de Educação, foi a definição dos pilares que sustentariam a proposta curricular em novos moldes. Para esta inovação, optou-se por estabelecer como norteadores sete eixos curriculares, que caracterizariam as intencionalidades político-pedagógicas para a rede. São eles:

1. Dignidade e Humanismo;
2. Cultura;
3. Democratização da Gestão;
4. Formação de Formadores;
5. Diferentes Linguagens;
6. Meio Ambiente;
7. Educar e Cuidar.

Veremos, a seguir, de forma bem resumida, o que significa cada um desses eixos.

2.11.1 – Eixo 1: Dignidade e Humanismo

O desafio, neste eixo, é acreditar que é possível mudar o curso da história e que, para isso, o professor é o sujeito por excelência para esta ação com seus alunos.

Dignidade e Humanismo, uma questão social e urgente está dividida em três subitens que são: Dignidade humana e diversidade racial; Dignidade humana e gênero; Dignidade, sexualidade, prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a Aids, e o uso abusivo de drogas. Enfim, neste eixo, a intenção é fazer com que os estudantes entendam os seres humanos como sujeitos de sua história, que percebam que embora difíceis, as mudanças podem ocorrer. Rompendo com os padrões preexistentes, na construção de uma escola construída coletivamente pela

comunidade escolar, onde as decisões sejam descentralizadas, com a compreensão dos estudantes dentro de seu contexto socioeconômico. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 12)

Ao compreender a dimensão deste eixo, o professor se coloca como o agente participante e mostra aos alunos que a história pode ser construída com a participação de todos. Eles, os alunos, devem ser o foco das intenções de aprendizagem, além de sujeitos sociais ativos numa ação educativa emancipadora.

2.11.2 – Eixo 2: Cultura

É desejável que a escola tenha uma atuação pedagógica que respeite as múltiplas culturas que se fazem presentes em seu interior. Para isso, o grande desafio é ter sabedoria e sensatez para lidar com os diversos padrões culturais que cada um traz na sua bagagem.

A escola é um espaço público em que cada um – aluno ou professor – relaciona-se no cotidiano com o outro, com o diferente. A escola é um espaço da construção e reconstrução simbólica, e os profissionais da educação são também profissionais da cultura... É necessário conhecer as nossas expressões culturais, pois só se pode gostar daquilo que se conhece. E é direito dos cidadãos brasileiros conhecerem e usufruírem as riquezas da Diversidade Cultural Brasileira... Culturas que valorizamos ao fazermos da escola um espaço democrático, onde cada um possa se reconhecer e conhecer e aceitar o outro. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 14)

É fundamental compreender que a escola, enquanto agente educador, não pode impor o seu padrão de cultura, nem deixar influenciar-se por culturas predominantes, mas sim saber lidar com isenção, mantendo-se como um agente aglutinador, respeitando e valorizando as várias dimensões culturais ali presentes. Aliás, acreditamos que é papel da escola gerar reflexão e estimular o diálogo entre as várias culturas que a compõem, pois cada uma traz sua riqueza histórica. Riqueza essa que poderá compor transversalmente com os conteúdos programáticos propostos nas grades curriculares. Neste contexto, a escola tem importante papel para ajudar a desvelar os meandros da cultura dominante ao longo da história, com prejuízos para as culturas de base ou culturas populares. Dessa forma, a escola cumpre com sua missão de instituição que corrobora para a

formação dos cidadãos que saibam respeitar a diversidade cultural que permeia a sociedade atual.

Para valorizar a importância deste eixo e colocando-o em prática, foram implantadas, nas 45 escolas existentes até 2007, bibliotecas que passaram a desenvolver projetos de incentivo à ampliação cultural dos alunos através do incentivo à leitura. Além das bibliotecas nas escolas, foram implantadas, em alguns bairros da cidade, bibliotecas para uso da população em geral.

2.11.3 – Eixo 3: Democratização da Gestão

Ser cidadão e vivenciar a cidadania plena é um direito conquistado nas sociedades democráticas atuais. Para exercer esse direito na esfera pública, faz-se necessário que a gestão seja democrática, e esse estado é construído coletivamente.

A Gestão Democrática possibilita construir participativamente um projeto de Educação de qualidade social, transformador e libertador, no qual a escola, em seus diversos espaços e tempos, contribua efetivamente para o exercício dos direitos, a formação de sujeitos como cidadãos plenos, reafirmando os princípios da democracia, da solidariedade, da justiça, da liberdade, da tolerância e equidade, na direção de uma nova sociedade mais justa, igualitária, fraterna e democrática. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 15)

O exercício da gestão democrática na escola, além de contribuir para uma corresponsabilidade na ação pedagógica, abre a possibilidade concreta da prática desde cedo com todos os alunos, do exercício da democracia, pois os mesmos podem e devem ser incluídos nesta experiência a ser vivenciada na unidade escolar. Estas experiências podem acontecer organizadamente, através da participação como representantes de sala em reuniões coletivas, no conselho mirim, no conselho da escola e em outras ações que visem o bem comum. Acreditamos que os alunos que se envolvem com esses processos desde seu ingresso na escola, ou seja, essas participações democráticas poderão contribuir para a formação de um novo ser humano, um ser humano que enxerga a vida de uma forma mais voltada para a resolução dos desafios através do diálogo, da solidariedade e da cooperação. Esse exercício pode ser vivenciado tanto na unidade escolar, numa instância macro, como no cotidiano da sala de aula, que pode ser o primeiro ambiente laboratorial para a

prática da gestão democrática. É na sala de aula o ambiente fecundo, onde a essência desta ação pode ser plantada. É lá que o professor pode dar seu testemunho, como mediador, estimulando e praticando a gestão democrática nas suas aulas, não impondo seus pontos de vista, mas fazendo as intervenções que são de sua responsabilidade, estabelecendo um diálogo produtivo e respeitoso com seus alunos.

A sala de aula também é espaço de gestão democrática. As concepções de sociedade de homem, de educação, de conhecimento do professor e dos estudantes estão em jogo a todo momento, tanto nas relações entre eles quanto nas práticas pedagógicas. A gestão democrática na sala de aula se constitui, a partir das finalidades da educação e sua concretização cotidiana: sabendo-se quem é o estudante – sua identidade individual e social – e investimento em sua aprendizagem efetiva. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 15)

Como já apresentado anteriormente, Diadema dá uma demonstração exemplar na crença da Gestão Democrática. Isto é percebido na prática, desde a primeira administração popular em 1983, com a participação dos Conselhos Populares. Um grande exemplo desta política nos últimos anos é o “Orçamento Participativo”. Todos os anos, o prefeito, com seu secretariado, percorre os principais bairros da cidade, realizando reuniões com a população, para a elaboração do planejamento orçamentário para o ano seguinte. A população tem aí garantida a sua participação. Nessas reuniões, os moradores apresentam suas reivindicações de melhorias para o bairro. As propostas são discutidas e, em seguida, votadas. As propostas vencedoras passam a fazer parte do plano de ação da prefeitura, sendo incluídas no orçamento, para execução nos anos seguintes. Além deste processo de discussão com os moradores, nessas reuniões são eleitos os representantes dos bairros que irão participar do conselho de orçamento.

O outro grande exemplo da Gestão Democrática na educação do município é a eleição direta dos diretores e assistentes das escolas municipais. Além dessa, nas escolas são realizadas eleições para o grêmio estudantil, o conselho mirim e o conselho escolar.

Como vemos, a participação popular e a Gestão Democrática estão no DNA da política praticada na cidade, no período de 1983 a 2012. Nestes anos todos, Diadema foi palco de ricas discussões políticas, da criação de muitas políticas públicas em benefício dos mais pobres. Também fizeram parte dessa história muitas

divergências, muitas discordâncias, elementos que fazem parte da democracia. Portanto, tudo que Diadema é hoje foi graças à construção histórica, consciente, de um processo de Gestão Democrática, onde tristezas e alegrias, erros e acertos, críticas e elogios, retrocessos e avanços, apatia e luta, individualismo e cooperação, descrença e fé, derrotas e vitórias, garra, serenidade, esperança, foram os fios utilizados para a construção de parte desta grande “teia”, da jovem democracia brasileira.

2.11.4 – Eixo 4: Formação de Formadores / Escola “Aprendente”

Creemos poder afirmar que, quando se planta com solidez os fundamentos no início dos processos, em uma dada experiência, os resultados são coerentes com aquilo que foi proposto. A experiência vivida na educação de Diadema serve como exemplo para a afirmação acima. Todas as ações que são desencadeadas na política da cidade revelam uma visão de participação e construção coletiva. As concepções que têm permeado a educação em Diadema ao longo destes anos são congruentes com esta visão. Os gestores da educação confirmam isto na definição deste eixo.

A Secretaria de Educação entende que a “Formação de formadores” deve se dar em várias instâncias articuladas: professores/educadores com seus pares; individualmente; com o grupo escola; com assessoria externa; em cursos de formação acadêmica; de extensão; atualização profissional, entre outros.

Além disso, a escola se torna mais um espaço de reflexões e ações de todas as pessoas, todos se tornam “aprendentes” nessa instituição. E, nesse sentido, a discussão sobre a práxis da escola é importante e fundamental. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 20)

Esse eixo destaca a importância da formação permanente, dos profissionais da educação, para um trabalho de qualidade e comprometido com as transformações que se fazem necessárias na sala de aula e na escola.

Em Diadema, a importância dada à formação já está consolidada na jornada de trabalho, há mais de vinte anos, com horas para planejamento e formação permanente. Assistimos hoje ao grande esforço do Ministério da Educação, desde 2008, para implantar em todo o país um terço da jornada para formação e planejamento. Como vemos, Diadema já vem vivenciando experiência similar há

pelo menos duas décadas. A seguir, alguns exemplos de ações relacionados ao eixo:

Ainda que tenhamos um programa de formação permanente – que vão desde os horários semanais de formação que acontecem com coordenadores e Departamento de Educação, aos Seminários que acontecem com assessores — destacamos o “Encontro de Trocas Metodológicas”, que têm a finalidade de possibilitar a troca de experiências entre os pares. Existem também os programas especiais, como Mostra de Criação Artística Infantil, GIM – Grupo de Intervenção Metodológica (atende crianças com dificuldades de aprendizagens) e o atendimento da rede pelo CAIS – Centro de Atenção e Inclusão Social. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 21)

Podemos constatar, na Rede Municipal de Educação de Diadema, o incentivo e o respeito que se tem às experiências vividas pelos profissionais. Isto se faz presente nas trocas metodológicas, que consideram o profissional da educação como sujeito de grande importância, pois a ele são abertos espaços para que compartilhe o resultado de sua ação pedagógica de sucesso com outros professores.

2.11.5 – Eixo 5: As Diferentes Linguagens

A proposta curricular em Diadema apresenta, como inovação do trabalho em sala de aula, o uso das diferentes linguagens, deixando para trás a forma livresca e tradicional de tratar o conhecimento, no qual os conteúdos eram previamente definidos, e o professor apenas os reproduzia para seus alunos, sem qualquer interferência.

Este quinto eixo tem relação muito próxima com os outros que norteiam a proposta curricular, pois quando nele tratamos das culturas, da Dignidade e Humanismo, da Formação dos Formadores é porque acreditamos que é pela educação que ensinamos nossas crianças, jovens e adultos a valorizar todas as formas de manifestação cultural de um povo como forma de manter viva sua ideologia, história, sua identidade, dentro dos preceitos da liberdade de expressão, característica da democracia.

Assim, o corpo e o movimento, o teatro, a dança, as artes plásticas, a música, a linguagem tecnológica, a linguagem matemática, a científica, a verbal (oral e escrita) são objetos de conhecimentos na apropriação das culturas humanas da/na escola, por meio de uma compreensão de currículo plural que considera que é por meio das linguagens que mostramos o que sabemos sobre o mundo e sobre nós mesmos, constituindo-nos como sujeitos, fazendo nossa própria história e contribuindo na construção de nossa identidade cultural. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 25)

Esse eixo apresenta uma nova crença na forma de ensinar, trazendo para o fazer pedagógico cotidiano um novo jeito de lidar com os conhecimentos. Entendemos que o que aparece aqui é a construção de um novo paradigma para a atuação na educação deste novo milênio, ou seja, fazer educação hoje é estar conectado aos novos tempos, trazendo para a sala de aula todos os recursos disponíveis na sociedade. E, entre esses diversos recursos, estão as diferentes formas de interação. A sociedade mudou, as relações se dão em novos patamares, e a comunicação é interplanetária neste mundo global.

O educador precisa levar em conta essa diversidade e esses novos conceitos e modelos que invadem o nosso cotidiano. E isso precisa estar expresso nos projetos de trabalho das escolas, garantindo que a escola seja um espaço democrático, um laboratório de ações intencionalmente voltadas para a construção dos sentidos da vida. Que ela possibilite às crianças, jovens e adultos, conhecer e vivenciar diferentes situações por meio das várias linguagens. Assim poderá se construir a identidade de um povo, o respeito à diversidade e, principalmente, a liberdade de se realizar escolhas pessoais e coletivas. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 25)

Se a educação não interage nessa nova configuração, as gerações atuais e futuras ficarão cada vez mais à margem da evolução humana e tecnológica. Por isso, a escola precisa fazer uma revolução na sua forma de atuar e, para dar esse passo, é necessário se atualizar. É o que a proposta curricular de Diadema sinaliza para os professores levarem para suas salas de aula.

2.11.6 – Eixo 6: Meio Ambiente: Uma Questão Social e Urgente

Meio ambiente, uma temática cada vez mais presente nas discussões educacionais na atualidade. Se quisermos continuar a desfrutar das maravilhas deste planeta, é chegada a hora de trazermos este assunto para dentro da ação pedagógica nas nossas escolas.

As Escolas Municipais de Diadema têm um grande acúmulo de experiências no trabalho com os temas que envolvem as questões ambientais. A própria configuração geográfica, histórica e social da cidade apresenta para os seus moradores uma complexidade de problemas que envolvem as questões de racionalização de uso e ocupação da terra e dos seus recursos naturais. A cidade é um município da região metropolitana de São Paulo, emancipado em 1959, com 30,7Km² de área. Na década de 50, Diadema era ocupado

principalmente por chácaras. Nos anos 70 e 80, a cidade passou por um processo de rápido crescimento populacional em virtude da expansão do parque industrial na região do ABC. E com a construção da Rodovia dos Imigrantes, ligando São Paulo a Santos e a política de incentivos fiscais da prefeitura, várias indústrias se instalaram na cidade. Houve uma grande valorização da terra e os seus moradores foram expulsos, passando a ocupar terras públicas, dando início ao processo de favelamento no município. Uma urbanização precária e a ilegalidade no seu processo era a regra. Na lógica do capitalismo, as áreas mais bem servidas de infraestrutura eram destinadas às indústrias. Com a alta densidade demográfica e escassez de terras para habitação, o avanço do setor industrial provocou uma grande disfunção no mercado de moradia: a terra urbana era bastante cara em Diadema. A ocupação foi desordenada provocando grande dano ao meio ambiente.

A sucessão de governos democráticos e populares em Diadema a partir de 1983 deu à cidade um caráter de democratização na administração municipal, criando-se canais e mecanismos de participação da sociedade na gestão pública, estendendo-se até os dias de hoje.

Portanto, para um município que tem na gestão democrática e participativa uma forma de resolver os problemas da sociedade, é preciso que as escolas sejam espaços de formação de cidadãos para essa sociedade. É preciso se buscar a compreensão da relação do homem com a natureza, para que os alunos possam compreender a sua realidade local e longínqua como consequências da convivência dos homens na constituição das sociedades e as suas culturas. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 27)

Para por em prática o que o texto acima aponta, foram criados dois programas que tiveram uma influência muito forte na formação dos alunos do município à época. Um deles recebeu um nome bastante significativo, PROESA (Programa de Educação em Saneamento Ambiental). Criado em 2003, este programa foi elaborado e executado através de uma parceria firmada entre a SANED (Companhia de Saneamento de Diadema), a Diretoria de Gestão Ambiental do município (que, mais tarde, se tornou a Secretaria do Meio Ambiente), e a Secretaria da Educação.

Este projeto tinha como objetivo transmitir aos alunos da educação infantil, do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos, das escolas municipais, estaduais e particulares, informações sobre as questões ambientais. Acreditava-se que este era o caminho mais promissor para tratar de um tema que cada vez mais ganha destaque na sociedade atual. A proposta de interferência nesta realidade passava pela educação das crianças, e o PROESA as colocava em contato direto com o meio ambiente do seu entorno, através de visitas monitoradas, onde podiam compreender melhor as razões das degradações do meio ambiente, e o que fazer para preservar. Na visão dos gestores da época, estas eram ações que contribuiriam

para o desenvolvimento da cidadania responsável na busca por melhoria ambiental e, conseqüentemente, melhoria da qualidade de vida. Novamente constrói-se um novo paradigma para o entendimento da ação educacional no município voltado ao meio ambiente.

Nessa perspectiva, a escolha do Meio Ambiente, como um dos eixos norteadores para a proposta curricular de Diadema, não significa apenas conteúdo de ensino na escola, mas necessidade de conscientizar os estudantes para a discussão de uma política pública maior, voltada para melhorar a qualidade de vida de toda a população. É assim que entendemos a escola: como espaço de formação de cidadãos que promovam a transformação social de forma consciente. É função social da escola desenvolver atividades que explorem os aspectos políticos, econômicos e sociais como temas de aprendizagem, não só das questões de cunho local, mas global, já que é preciso formar cidadãos planetários, que não se limitem a uma única realidade e façam associação da atitude reflexiva com a ação, da teoria com a prática, do pensar com o fazer, para realizar, como define Paulo Freire, o “diálogo” – a práxis em Educação Ambiental. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 28)

O outro programa lançado em Agosto de 2007 foi o Programa “Meu Ambiente: Diadema Cuidando do Planeta”. Tinha como objetivo incentivar as crianças e os pais a cuidarem do ambiente que é de todos, por isso o nome *meu ambiente*. Suas ações principais eram:

- a distribuição de mudas de árvores frutíferas à população e, só em 2007, foram distribuídas mais de 42.000. Essas árvores eram plantadas em praças públicas, quintais residenciais, parques e terrenos das escolas, mediante a orientação dos profissionais da Secretaria do Meio Ambiente;
- a coleta de material reciclável: as crianças levavam para as escolas os materiais, que eram recolhidos e entregues aos trabalhadores da Cooperativa de Catadores da cidade;
- a coleta do óleo usado, que era entregue na escola para posterior envio às empresas parceiras que davam destino ecológico ao produto;
- a poda, o roçado, a limpeza e os reparos necessários na rede de água e esgoto das escolas que participavam do projeto naquela semana.

Todas estas ações aconteciam de forma planejada, e envolvia as secretarias do Meio Ambiente e da Educação, e o Governo. O projeto era desenvolvido em duas escolas da rede municipal a cada semana. Durante seis dias, eram desenvolvidas as várias ações mencionadas acima. O projeto iniciava com uma reunião com a direção

da escola, os professores, o conselho escolar, as lideranças comunitárias do bairro, e eram apresentados os objetivos do projeto, esperava-se, com essa reunião, sensibilizar a todos para a questão ambiental e estimular a participação nas ações propostas. Após esta reunião, eram realizadas várias atividades educativas com alunos e professores durante os seis dias de execução do projeto. No sétimo dia, a escola era aberta para os pais dos alunos, a comunidade, todos os agentes envolvidos com o projeto e o prefeito da cidade, para apreciarem o trabalho desenvolvido nos dias anteriores através de oficinas, exposições e apresentação dos alunos. O prefeito encerrava o evento falando da importância dessa ação educativa para o meio ambiente local e do planeta.

Imagem 1: Crianças participantes do projeto.

2.11.7 – Eixo 7 – Educar e Cuidar: Dimensões Indissociáveis da Prática Educativa

Esse eixo, num primeiro momento, traz a sensação de que ele tem importância maior para as crianças de menor idade, como as de zero a três anos. Porém, quando nos dispomos a compreender a semântica dessas duas palavras, vemos o quão grande é a dimensão das mesmas e, com isto, vemos alargadas nossas responsabilidades como educadores com a dimensão do cuidar.

O ato de cuidar relaciona-se ao desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social do ser humano. Não se limita somente à sobrevivência física, pois à medida que vão sendo satisfeitas suas necessidades primárias de alimentação, higiene, saúde, locomoção, vão surgindo novas necessidades relacionadas à exploração do mundo, de si mesmo e de outro.

Sendo assim, educar e cuidar são ações que devem ser planejadas, sistematizadas, organizadas, em gestões compartilhadas entre crianças, jovens, adultos, professores, educadores, pais, cada um deles portadores de diferentes culturas, portanto com diferentes concepções de cuidar e pautadas no diálogo. Ações que tenham como um dos objetivos a autonomia física, intelectual, emocional dos estudantes. Conceber uma escola é pensar um espaço seja de direitos, de interação, organizando e oferecendo experiências desafiadoras. (DIADEMA, Caderno Introdutório, 2007, p. 30)

Podemos observar que o ato de educar/cuidar, quando assumido e vivenciado de forma consciente, transcende a ação pedagógica e penetra profundamente no humano presente nesta relação entre educando e educador. São vidas humanas que se inter-relacionam, e, quando o ato educativo faz parte da paixão do educador, o resultado desta ação gera emoções produtivas de ambas as partes que, conseqüentemente, geram aprendizagens mútuas. A partir dessa reflexão, consideramos que o exercício da prática educativa com a dimensão do educar/cuidar não é um ato isolado e solitário, mas sim um ato de comunhão nessa relação travada entre estes sujeitos. Como vemos em Freire (1983, p. 79), “(...) ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo”. Essa visão de Freire só vem confirmar que é da natureza da educação que esta se dê em colaboração, em comunhão, entre os agentes desse processo.

Encerramos, assim, as considerações que nos propomos a fazer sobre os sete eixos que compunham a proposta curricular da rede municipal de educação de Diadema. Proposta essa que deixou de ser praticada oficialmente a partir do ano de 2008.

2.11.8 – Proposta Curricular é Desconsiderada pela Gestão 2008-2012

Queremos ressaltar que essa Proposta Curricular, construída nesse processo riquíssimo de participação, não teve tempo para se consolidar, pois vigorou somente até o ano de 2008, quando encerrou a gestão do prefeito José de Filippi Júnior. Com a eleição, em 2008, do novo prefeito, Mario Reali, também do Partido dos Trabalhadores, a nova Secretária da Educação não deu sequência às ações do governo anterior e, com isso, a Proposta Curricular não teve a segunda etapa de sua elaboração, que era a consolidação das ações propostas, na qual deveria ser retomada a discussão para a construção dos objetivos específicos das áreas do conhecimento que comporiam o Plano Pedagógico das Unidades Escolares.

As prioridades da nova gestão passaram a ser outras, e a rede municipal de educação não pôde dar o salto de qualidade que se esperava com a consolidação da Proposta Curricular. Cada unidade escolar passou a atuar sem uma matriz norteadora oficial. Mesmo sem essa matriz, muitas escolas tinham como base para o seu trabalho a Proposta Curricular.

Acreditamos ser importante ressaltar que, apesar da gestão 2008-2012, não ter dado a devida continuidade na execução da Proposta Curricular construída em parceria com a rede, boa parte dos professores praticaram-na ao longo dos últimos anos. Prova disto é que o trabalho pedagógico em Diadema, aqui investigado, apresenta boas práticas e bons resultados, como veremos mais adiante nas análises e conclusões desta pesquisa, que envolveu 7 professoras alfabetizadoras (**ver** quadro 29 na página 108).

Nessa nova gestão, a rede teve um grande crescimento no atendimento do ensino fundamental, com a municipalização de mais 10 escolas estaduais. A municipalização dessas escolas aumentou as demandas de atendimento, de serviços, mas os recursos econômicos não acompanharam. Com esta ação, os desafios ampliaram e a rede, como um todo, entrou em estado de deterioração na infraestrutura, nas relações humanas, na proposta pedagógica ainda não consolidada.

Embora nesta gestão 2008-2012 tenham acontecido ganhos importantes para os profissionais da educação, em relação à carreira, com o novo estatuto do magistério e a isonomia salarial, os avanços na qualidade do atendimento ainda

ficaram a desejar. Com isso, perderam-se alguns paradigmas construídos nos anos anteriores. Apesar de todo esse novo contexto, podemos afirmar que a garra dos profissionais é que sustentam o respeito a essa rede, e que ainda coloca a educação e a alfabetização em Diadema em patamares consideráveis.

Apesar desse final infeliz, dos últimos quatro anos, continuamos acreditando que a experiência de educação e alfabetização em Diadema foi um grande exemplo de sucesso no cenário educacional brasileiro nos últimos trinta anos, de 1982 a 2012.

Para finalizar, queremos dizer que, nas eleições municipais de 2012, o Partido dos Trabalhadores perdeu a eleição para um candidato do Partido Verde. Candidato este descendente da mesma família que governava Diadema quando o Partido dos Trabalhadores ganhou em 1982. Assim se encerra um ciclo de três décadas de administrações populares, que elevaram Diadema a patamares respeitados hoje, nas áreas da Habitação, Saneamento Básico, Saúde, Educação, Transporte, Industrialização, Emprego, Infraestrutura e Segurança Pública.

Percorrer esse caminho foi, a nosso ver, muito produtivo, instigante, emocionante e, ao mesmo tempo, desafiante, pois nos leva a várias reflexões e questionamentos. Fica com esse trabalho uma certeza, *o desejo de aprofundar a compreensão dessa experiência de trinta anos de gestão democrática*, que transformou, de fato, a cidade de Diadema, verdadeiramente, numa “**Joia Preciosa**”. O que será dela de agora em diante, só o tempo e a história dirão.

Capítulo 3 – OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E AS ANÁLISES DOS DADOS

“Ninguém ignora tudo.

Ninguém sabe tudo.

Todos nós sabemos alguma coisa.

Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

Neste capítulo, apresentamos o passo a passo do desenvolvimento da pesquisa de campo, da organização, da categorização e da análise dos dados coletados.

3.1 – Fundamentos e Metodologia Aplicada à Pesquisa de Campo

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, realizamos entrevistas com 7 professores alfabetizadores que atuam na rede pública de ensino municipal de Diadema - SP; 3 gestores de escolas; 1 ATP (Assistente Técnico Pedagógico); 1 formadora dos professores.

Optamos pela realização de uma pesquisa de cunho qualitativo, fundamentada nas ideias de Ludke e André (1986), quando estas afirmam que a modalidade de pesquisa

(...) envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Entre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa, destacam-se a pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso. Ambos vêm ganhando crescente aceitação na área de educação, devido principalmente ao seu potencial para estudar as questões relacionadas à escola. (p. 13)

Considerando que um dos motivadores deste trabalho de pesquisa é a identificação e a discussão de práticas alfabetizadoras de sucesso, o estudo de caso qualitativo se encaixou perfeitamente nesse objetivo, contribuindo efetivamente para a compreensão da questão, pois permitiu compreender melhor a

rotina de ação de cada professor entrevistado e suas concepções sobre o trabalho pedagógico, conforme Ludke e André (1986):

Alguns autores acreditam que todo estudo de caso é qualitativo. O estudo qualitativo, como já foi visto, é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. (p. 18)

Podemos dizer que o estudo de caso “qualitativo” ou “naturalístico” encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade. (p. 23-24)

Para identificar com maior precisão os objetivos propostos nesta pesquisa, optamos por utilizar a metodologia da Análise de Conteúdo, inspirada em Bardin (1977) e Franco (2008), para trabalharmos com o conteúdo das entrevistas realizadas.

A análise de conteúdo é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações*. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p. 31)

(...) Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo. (BARDIN, 1977 p. 32)

3.2 – Os Sujeitos Participantes da Pesquisa

Para este estudo, foram selecionados profissionais que apresentam resultados de sucesso na alfabetização de crianças na primeira série, na rede municipal de Diadema. A seleção considerou dois critérios: I) professoras alfabetizadoras que obtêm resultados satisfatórios na alfabetização da maioria, ou totalidade, de seus alunos; II) professoras que atuam há, pelo menos, dois anos como alfabetizadoras na rede pública.

Como foram localizados esses profissionais para o trabalho de campo? Para chegar a esses profissionais, foram percorridas duas etapas apresentadas a seguir. Num primeiro momento, lancei mão do conhecimento que tenho da rede, por atuar nela há mais de vinte e cinco anos, e conhecer bem boa parte dos profissionais.

Para essa primeira etapa, foram agendadas conversas com alguns profissionais responsáveis pelo acompanhamento pedagógico nas escolas de ensino fundamental, ATP. O objetivo dessas conversas era realizar, com eles, um levantamento de experiências de alfabetização consideradas de sucesso. O resultado desses encontros foi a indicação de uma relação de escolas e de professores alfabetizadores que atendiam a este perfil de sucesso na alfabetização.

Na segunda etapa, o trabalho foi o de entrar em contato com as escolas escolhidas para agendamento de reunião com os professores indicados. Esse foi o momento em que era apresentado, tanto à direção da escola, quanto aos professores, o objetivo do trabalho de pesquisa que estava sendo realizado. Em havendo concordância, eram agendadas as entrevistas com os professores que participariam do projeto de pesquisa. Ao entrar em contato com os professores, eles se dispuseram a participar com muito gosto dessa experiência de pesquisa e de darem suas contribuições.

Para o trabalho de campo, definimos que o mesmo deveria acontecer no final do ano letivo, pois possibilitaria observar o desenvolvimento dos alunos ao longo de todo o ano letivo. As entrevistas foram realizadas na primeira quinzena do mês de dezembro de 2012. Definimos que seria feito o trabalho de pesquisa em quatro escolas, sendo duas localizadas na região central da cidade, e duas, na periferia da cidade.

3.3 – A Estruturação do Questionário de Perfil e do Roteiro das Entrevistas

A participação dos sujeitos na pesquisa foi de livre e espontânea vontade, e, com a finalidade de garantir a segurança dos entrevistados, todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice 1).

Diante dessa etapa organizativa consolidada, tendo já todos os sujeitos definidos, partimos para a realização da pesquisa. Para a efetivação deste trabalho na busca da coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: um questionário para a coleta de dados sobre o perfil dos professores alfabetizadores (ver Apêndice 2), e a realização de entrevista, gravada em áudio, para aprofundamento e compreensão da questão, através de um roteiro semiestruturado (ver Apêndice 3).

O questionário elaborado para servir de roteiro para as entrevistas foi estruturado com questões abertas que possibilitassem ao entrevistado apresentar o seu trabalho de forma bem consistente e com riqueza de detalhes. Corrobora para essa visão de entrevista Szymanski (2002), quando afirma que a entrevista face a face é uma interação humana que vai além das perguntas e respostas:

Partimos da constatação de que a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que está em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação. (SZYMANSKI, 2002, p. 12)

As questões foram organizadas de forma que pudessem permitir ao entrevistado apresentar uma maior gama de informações possíveis sobre o seu trabalho, e nelas pudesse expressar sua concepção pedagógica. Para isso, foram organizados três blocos temáticos que apresentamos a seguir: no primeiro bloco, são seis questões voltadas especificamente para a alfabetização. Essas seis questões tem cunho investigativo sobre como se deu o ingresso do professor na alfabetização, sua visão sobre o que é ser um professor alfabetizador, sua opinião a respeito da necessidade ou não de habilidades básicas para o domínio do processo de alfabetização, sua visão sobre a participação dos pais na aprendizagem da criança, sua compreensão sobre o que é ser uma criança alfabetizada, e sua visão se é possível identificar fatores que dificultam a alfabetização.

O segundo bloco traz três questões voltadas para o cotidiano da escola e da sala de aula. Na primeira questão, o professor apresenta como organiza a disposição física da sua sala de aula; na segunda, sobre o planejamento pedagógico da escola e, na terceira, quais medidas a escola apresenta para enfrentar dificuldades de aprendizagem.

O último bloco é formado por oito perguntas que abordam o dia a dia do professor. Nesse bloco, o professor tem a oportunidade de apresentar com maior detalhamento o seu fazer pedagógico, quais estratégias de intervenção utiliza para dar conta do processo de alfabetização das crianças. Apresenta os instrumentos que utiliza para avaliar o desempenho dos alunos, a organização do seu planejamento diário, se utiliza livro didático para alfabetizar, qual intervenção realiza

para atuar com crianças que apresentam dificuldades, quais tipos de textos utiliza em sala de aula, se todos os alunos já estão alfabetizados, o que fundamenta o sucesso ou não na alfabetização.

Com o propósito de preservar a identidade de cada profissional participante das entrevistas, foram identificados da seguinte forma: os professores como P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7; os gestores como G1, G2 e G3; a assistente técnica pedagógica como ATP e a formadora como F. Ao longo da dissertação, quando nos referimos a estes profissionais, utilizamos esta nomenclatura.

Essas questões destacadas acima serão, a seguir, analisadas e aprofundadas.

3.4 – A Análise dos Dados Coletados na Pesquisa de Campo

Este momento da análise dos dados será dividido em duas etapas. A primeira consiste na tabulação dos dados do questionário (ver Apêndice 2), que tem como objetivo identificar o perfil e a trajetória dos profissionais participantes do processo de pesquisa. A segunda etapa será de observação e análise das respostas dos participantes de acordo com o roteiro de entrevista (ver Apêndice 3), cujo objetivo é identificar os fatores que contribuem para práticas alfabetizadoras de sucesso.

Este questionário utilizado foi de grande importância para detalhar o perfil dos entrevistados, pois trouxe elementos valiosos para análise de conteúdo no roteiro de entrevistas.

3.4.1 – Identificação do Perfil e Trajetória dos Participantes

A seguir, apresentamos o perfil dos sujeitos envolvidos diretamente neste trabalho de campo.

Quadro 1 - Idade dos profissionais

De 21 a 30	2
De 31 a 40	4
De 41 a 50	5
Acima de 51 anos	1

A maioria (9) dos profissionais que participaram da pesquisa está na faixa etária de 31 a 50 anos, (Quadro 1). Os (2) mais novos estão na faixa dos 21 a 30 anos. Um deles tem mais de 51 anos, e aposentou-se em abril de 2013 na Prefeitura Municipal de Diadema. Diante desses dados, podemos considerar que todos os profissionais participantes desta pesquisa têm maturidade de vida e, por conseguinte, podem lidar com os grandes desafios da educação. Um dado interessante de observar: o tempo de experiência de alfabetização de um profissional quase corresponde à idade de um dos profissionais mais novos. Enquanto a P3 tem 1 ano de experiência de alfabetização na rede, a P7 tem 26 anos de atuação, ou seja, passou toda a vida de professora atuando na alfabetização, inicialmente na EJA com alunos adultos e, nos últimos anos, como alfabetizadora de crianças, o que demonstra o forte compromisso com a alfabetização. Há uma esmagadora predominância do gênero feminino (quadro 2).

Quadro 2 – Sexo

Masculino	1
Feminino	11

Quadro 3 – Estado Civil

Solteira(o)	4
Casada(o) ou vivendo com companheiro(a)	7
Separada(o) ou divorciada(o)	1

Quadro 4 – Quantidade de Filhos

P1	0
P2	1
P3	0
P4	1
P5	0
P6	2
P7	2
G1	0
G2	1
G3	3
ATP	0
F	0

Quadro 5 – Faixa salarial dos participantes

Até R\$ 1.500,00	0
De R\$ 1.500,00 a R\$ 2.500,00	0
De R\$ 2.500,00 a R\$ 3.999,00	4
Acima de R\$ 4.000,00	8

Quadro 6 – Formação acadêmica

P1	Pedagogia
P2	Pedagogia
P3	Pedagogia
P4	Pedagogia
P5	Pedagogia
P6	Pedagogia
P7	Pedagogia
G1	Pedagogia
G2	Pedagogia/Administração de Empresas
G3	Pedagogia
ATP	Pedagogia/Letras
F	Pedagogia

Podemos constatar que a maioria (7) é casada, os outros estão distribuídos em 4 solteiros e 1 divorciado (quadro 3). Dos que são casados, (6) têm filhos na faixa etária de 5 a 36 anos (quadro 4). A faixa salarial predominante é de mais de 6 salários mínimos, com 8 profissionais, e os outros 4 na faixa de 4 salários mínimos. O que nos chama atenção, e que não é novidade na categoria de professor, é que dos 12 participantes, a maioria possui jornada integral de trabalho (ou suplementa com exaustiva carga horária semanal), como é o caso das P1, P2, P5 e P6, com 56 horas semanais ou mais (quadro 10). Isso significa tempo maior do exercício do magistério em sala de aula e, conseqüentemente, menor tempo para lazer, estudo, planejamento. Podemos, com isso, constatar que esta é a realidade da maioria dos profissionais do magistério Brasil afora, devido à histórica desvalorização dos professores, situação que está mudando gradativamente agora, com a implantação do piso nacional salarial. Essa medida ainda não dá conta da questão salarial, mas já é uma realidade que tem obrigado os governos a cumprirem a lei, embora, em muitos municípios e estados, essa lei seja desrespeitada. Apesar de tudo isso, já é um avanço quando lembrarmos que, há poucos anos, muitos professores, pelos rincões do Brasil, ganhavam meio salário mínimo, ou próximo disso. Outro dado importante é o que trata da formação acadêmica, que nos mostra que todos os profissionais têm a qualificação mínima exigida para o cargo de atuação na

educação básica, Pedagogia, pré-requisito que passou a funcionar a partir da LDB/1996, (quadro 6).

Quadro 7 – Tempo de atuação no Magistério

P1	9 anos
P2	15 anos
P3	6 anos
P4	15 anos
P5	17 anos
P6	27 anos
P7	26 anos
G1	15 anos
G2	8 anos
G3	13 anos
ATP	23 anos
F	27 anos

Quadro 8 – Tempo de atuação na Rede Municipal de Diadema

P1	4 anos
P2	3 anos
P3	3 anos
P4	3 anos
P5	8 anos
P6	27 anos
P7	26 anos/aposentou-se em abril de 2013
G1	10 anos
G2	8 anos
G3	13 anos
ATP	22 anos
F	22 anos

Quadro 9 – Há quanto tempo atua como alfabetizadora

P1	3 anos
P2	3 anos
P3	1 ano
P4	7 anos
P5	17 anos
P6	7 anos
P7	26 anos

Quanto ao tempo de atuação no magistério (quadro 7), todos têm um tempo significativo. Na faixa de até 10 anos de atuação, temos 3 profissionais, sendo 2 professoras e 1 gestor; na faixa de 11 a 20 anos, temos 5 profissionais, sendo 3 professoras e 2 gestores; na faixa de 21 a 30 anos, temos 4 profissionais, sendo 2 professoras, 1 ATP e 1 formadora. Esses dados demonstram que todos os

profissionais que participaram desta pesquisa têm um tempo representativo, com larga experiência de sala de aula. Se fizermos uma média de atuação desses 12 profissionais, teremos como resultado 16 anos de atuação no magistério.

Considerando o tempo de atuação na Rede Municipal de Diadema (quadro 8), vemos que, na primeira faixa, de até 10 anos de atuação, temos 7 profissionais, sendo 5 professoras e 2 gestores; na faixa de 11 a 20 anos, temos 1 profissional, sendo 1 gestora; na faixa de 21 a 30 anos, temos 4 profissionais, sendo 2 professoras, 1 ATP e 1 formadora. Novamente, se fizermos uma média de atuação destes 12 profissionais, teremos como resultado 12 anos de atuação no magistério municipal. Índice esse que é elevado, graças aos longos anos de atuação das 4 profissionais da faixa de 20 a 30 anos. O que chama nossa atenção é que, numericamente, a primeira faixa é maior, 6 profissionais, mas todos com pouco tempo de atuação na rede municipal. Esse dado de maior número de profissionais com menos tempo na rede nos revela coerência com o tempo de existência da rede e seu movimento de expansão que foi intensificado nos anos de 2009 e 2010, portanto, o período de maior ingresso de novos professores.

Quanto ao tempo de atuação no magistério como alfabetizadoras (quadro 9), das 7 professoras participantes desta pesquisa, 5 estão na faixa de até 10 anos; 1, na faixa de 11 a 20 anos, e 1, na faixa de 21 a 30 anos. Queremos destacar que, para as duas professoras que têm mais tempo de atuação como alfabetizadoras, esse tempo não foi na rede municipal de educação de Diadema. A P5 tem 17 anos como alfabetizadora, dos quais 9 anos foram em outra rede, e 8, na Rede Municipal de Diadema. A outra professora, a P7, com 26 anos de atuação como alfabetizadora, tem situação bem diferenciada das demais. Nesses anos todos, ela sempre atuou como alfabetizadora, com 16 anos na mesma rede, mas na Educação de Jovens e Adultos, e 10 anos como alfabetizadora no ensino fundamental com crianças. Ao considerarmos a faixa de atuação de até 10 anos, no ensino fundamental, vemos que todas as 7 professoras se enquadram nesta faixa. Mais uma vez, vemos isso como um reflexo do tempo de existência dessa rede que é recente, embora a municipalização tenha acontecido no ano de 1998, portanto há 15 anos, mas só foi consolidada a partir do ano de 2009. Outro fator que entendemos também ser um colaborador para o destaque da atuação de professores

alfabetizadores é que essa discussão na rede é muito nova, e só ganhou corpo após a estruturação da rede a partir, também, de 2009.

Quadro 10 – Carga horária de trabalho semanal

P1	56
P2	56
P3	44
P4	31
P5	56
P6	61
P7	30
G1	40
G2	40
G3	40
ATP	40
F	40

Quadro 11 – Fazendo curso de atualização no momento

Sim	9
Não	3

Quadro 12 - Cursos de pós-graduação

P1	Alfabetização e Letramento
P2	Educação Infantil
P3	Educação Especial e Inclusão
P4	Psicopedagogia
P5	Psicopedagogia e Deficiência Mental
P6	Não mencionou
P7	Não mencionou
G1	Não mencionou
G2	Educação Especial/Gestão Escolar
G3	Gestão Escolar
ATP	Alfabetização
F	Psicopedagogia/Didática

Através dos dados dos quadros 11 e 12, podemos afirmar que faz parte da cultura desses profissionais estar sempre buscando o aperfeiçoamento profissional. Demonstram seu compromisso com o trabalho e a preocupação com a ampliação de suas competências. A grande maioria destes 12 profissionais ou estão fazendo algum curso de aprofundamento no momento, ou já fizeram nos últimos anos. O comportamento destes profissionais vai ao encontro de uma de nossas hipóteses trazidas no início deste trabalho: *para a obtenção do sucesso na alfabetização é necessário, para além da formação e atualização um **forte compromisso**.*

Quadro 13 - Escolaridade dos Pais

	Mãe	Pai
P1	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Médio
P2	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental
P3	Superior Incompleto	Ensino Médio
P4	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Médio
P5	Ensino Médio	Ensino Fundamental Incompleto
P6	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto
P7	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto
G1	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto
G2	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental
G3	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental
ATP	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental
F	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental

Os dados de escolaridade (quadro 13) nos revelam um retrato do Brasil do passado, quando os governos não se preocupavam com a escolarização do seu povo. Isso se torna nítido nesse pequeno universo pesquisado, quando vemos que nenhum dos pais dos 12 profissionais participantes da pesquisa tem formação de nível superior. Ou seja, há algumas décadas, o acesso ao ensino superior era para uma minoria. Apenas a mãe da P3 apresenta passagem pelo ensino superior, mas não concluído. A maioria das mães (10) tiveram acesso apenas ao ensino fundamental e, neste total, apenas 2 tem o ensino fundamental concluído; as outras 8 não concluíram. Apenas 1 tem ensino médio. Isso demonstra e reforça a visão de que se tinha no passado, que a mulher não precisava ser escolarizada. Podemos constatar, a partir desse quadro que, para os homens, o estudo era mais valorizado pela sociedade. Dos 12 pais, 3 concluíram o ensino médio, 5 concluíram o ensino fundamental e 4 tem o ensino fundamental incompleto. Isso demonstra um índice maior de escolarização para os homens. Constatamos que esses 12 profissionais são os primeiros da atual geração familiar a frequentar e concluir o nível superior.

Quadro 14 - Fatores que facilitam a atuação profissional na escola

A direção e a organização escolar, também a equipe de professores.
O bom relacionamento, a troca com os colegas.
Formação continuada, parceria com outras profissionais, socialização de práticas, planejamento coletivo e estudos pessoais (especializações).
Acredito que a parceria com a comunidade, ou seja, os pais, a família são imprescindíveis para um trabalho coeso e significativo para o aluno. Como também a direção da escola, com apoio do coordenador pedagógico é importante porque o trabalho é mais eficaz e pertinente a faixa etária. Nisso tenho a liberdade de realizar o meu planejamento poder trocar ideias com os meus parceiros de ciclo, sou flexível, procuro ouvir e também aceitar novidades que possam ajudar no meu trabalho diário, pergunto e pesquiso sempre novidades pertinentes ao grupo, a verificação de escrita e matemática que faço constantemente para intervir e ajudar meus alunos dia a dia é de suma importância para o bom desenvolvimento dos educandos.
Um dos fatores que facilita a minha atuação profissional nesta escola é o bom relacionamento

interpessoal, ter uma equipe gestora preparada para estar à frente da direção escolar dando os subsídios necessários e a troca constante de experiência com meus pares.
Parceria com a gestão escolar e com os pais. O planejamento partilhado entre os professores alfabetizadores, também contribuiu bastante.
Experiência profissional. Grupo escola e flexibilidade.

A atuação na escola pública, apesar de muitos avanços, atualmente, ainda é um grande desafio, e parte desse desafio pode ser superado quando há bons propósitos (quadro 14), permeando a ação pedagógica. Vemos que as 7 professoras que se manifestaram nesta questão atribuem como facilitadores da atuação profissional os seguintes elementos: o bom relacionamento com a equipe gestora, direção e coordenação pedagógica, através de uma ação em parceria; o bom relacionamento interpessoal com os outros professores e toda a equipe da escola; a parceria com a comunidade e a parceria com os pais, numa relação dialógica em busca das melhores ações para o fazer pedagógico em sala de aula; a construção do planejamento coletivo e a troca de experiência entre os professores alfabetizadores; a formação continuada e os estudos pessoais. Todas essas ações somadas possibilitaram uma atuação mais eficaz na busca da realização do principal objetivo, a alfabetização dos alunos.

Quadro 15 - Fatores que dificultam a atuação profissional na escola

Falta de material para as crianças, falta de espaços diversificados na escola, falta de estrutura física na escola.
Toda a estrutura desde o número de alunos até a falta de espaço alternativo.
Estrutura física precária, materiais pedagógicos de baixa qualidade, excesso de alunos por sala, ausência de auxiliar para alunos com necessidades especiais ou dificuldades de aprendizagens, pouco envolvimento dos pais do processo de educação das crianças, não valorização dos profissionais (pouco investimento na remuneração e formação).
Em alguns momentos, é o próprio espaço da escola, pois não está adequada ao ciclo de trabalho que é o primeiro ano, não temos sala de jogos, não temos um parque apropriado, não temos brinquedoteca, não temos uma sala de leitura propícia a momentos de atividades para a fase do ciclo, ou seja, recursos apropriados para a fase. Muitas vezes temos que improvisar esses espaços, ou ações para trazer um pouco da ludicidade para os alunos, ou seja, jogos em sala em que fazemos agrupamentos por fase de aprendizagem e brincadeiras que envolvam a alfabetização que acabamos fazendo em sala mesmo.
Em outros momentos quando a família não participa da vida do educando, não o ajuda nas tarefas dadas para casa, não frequentam as reuniões de pais para saber sobre a vida escolar do filho e não procura conhecer um pouco sobre o trabalho da escola e nem do professor.
A falta de compromisso de alguns pais com a vida escolar do filho.
A falta de estrutura para xerox de algumas atividades, dificuldade no retorno quando é apontada alguma dificuldade do aluno que precisa ser avaliada por outro especialista.
Assumir responsabilidade que não cabe a mim como professora, principalmente a de pais.

Apesar das várias ações produtivas destacadas acima, ainda permanece um conjunto de fatores impeditivos, que escapam ao domínio da gestão e sua equipe de

professores na unidade escolar. São fatores externos e dependem da gestão da Secretaria de Educação, da própria gestão da Prefeitura, e da atuação dos pais dos alunos. Esses fatores, como vemos no quadro 15, são travas para a realização plena dos propósitos da escola como espaço de formação cidadã, numa perspectiva cultural mais elevada em que a sala de aula não seja o único espaço formador, mas onde existam espaços alternativos para ações lúdicas, esportivas, culturais. Os fatores dificultadores apresentados não são só de ordem estrutural física, mas também da ação direta com o aluno, como a falta de materiais pedagógicos; da não participação da família no acompanhamento da vida escolar do filho; da falta de valorização dos profissionais da educação como um todo. O que podemos observar neste processo é que todas as professoras entrevistadas, mesmo tendo que conviver com todos estes desafios no dia a dia, demonstraram total convicção na opção que fizeram como alfabetizadores.

3.4.2 – Os Fundamentos para a Análise das Entrevistas e algumas “Joias Pedagógicas”

Conforme mencionado acima, a segunda etapa do trabalho será o da observação e da análise das respostas dos participantes de acordo com o roteiro de entrevista (ver Apêndice 3), cujo objetivo é identificar os fatores que contribuem para práticas alfabetizadoras de sucesso. Esta análise será apresentada mais adiante. Para o detalhamento desta etapa, as entrevistas foram transcritas (ver Apêndice 4), momento esse de grande importância, como nos mostra Szymanski (2002):

O processo de transcrição de entrevista é também um momento de análise, quando realizado pelo próprio pesquisador. Ao transcrever, revive-se a cena da entrevista, e aspectos da interação são lembrados. Cada reencontro com a fala do entrevistado é um novo momento de reviver e refletir. (p. 74)

Após a etapa de transcrição das entrevistas, foi realizado o trabalho de textualização, momento de realizar a limpeza dos vícios de linguagem, adequando-o à formalização da língua portuguesa sem, contudo, alterar os termos. Em seguida, partimos para a análise do conteúdo. Para isso, inspiramo-nos na metodologia que vai além da análise de mensagens, como nos mostra Franco (2008):

A análise de mensagens que se expressam por palavras, é uma análise dos conteúdos das mensagens que expressam crenças, valores e emoções à partir de indicadores figurativos. (...) a análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem. (p. 23)

Antes de partirmos para construção dos quadros, de análise do roteiro das perguntas que resultarão na categorização de conteúdo das entrevistas, queremos fazer um breve aquecimento e apresentar o resultado de uma leitura prévia de algumas falas dos sujeitos participantes, que demonstram o envolvimento, de fato, com a questão pesquisada: a alfabetização. Nestas falas, podemos identificar suas concepções do fazer pedagógico cotidiano e suas práticas comprometidas com a escola pública.

Os 12 profissionais que participaram deste trabalho de pesquisa, a nosso ver, demonstraram, em suas falas, ser plenamente conscientes da importância do seu papel como educadores, para a construção de uma nova forma de fazer educação, nos tempos atuais. Em suas falas, transpiram paixão e compromisso com a causa que escolheram para suas vidas. Queremos, neste breve momento, entregar a palavra para estes que são os verdadeiros responsáveis deste processo de alfabetização, “O Professor”, que é amado, odiado, abandonado, acolhido, respeitado, desrespeitado. Sem eles, a escola não leva ninguém a lugar algum. Vejamos o que responderam estes professores entrevistados quando perguntados: *para você, o que é ser um professor alfabetizador?*

P1: É participar de um processo muito importante que vai além do saber ler, escrever, do ensinar as letras. É fazer parte de um processo de transformação na vida das crianças. Acredito que isso interfira na autoestima delas. Eles se sentem mais motivados, se sentem parte de alguma coisa, sentem importantes, sentem que eles são capazes, que eles conquistaram algo. Então é você fazer parte disso, desse processo, de abrir também um mundo novo para essas crianças.

P2: Pra mim ser alfabetizadora é algo mágico, é um presente eu poder pegar aquelas crianças no início do ano, totalmente pré-silábicas, que mal sabem escrever o nome, e no final do ano, agora, eu vejo as crianças produzindo, como produtores iniciais, é fascinante, é fascinante poder contribuir um pouquinho para essas crianças. Acho que é um ganho a criança de seis, sete anos sair alfabetizada, é um ganho para vida dela, então é algo assim, extraordinário.

P4: É iniciar com a criança o processo de conhecimento, de letramento. É ensinar a criança qual é a função da escrita, qual é a função da leitura no sentido social também, a princípio seria isto e posteriormente seria entender, ensinar a criança a entender como que funciona esse código da escrita, esse código da leitura.

P5: A “professora” tem que gostar, (...) tem que gostar de alfabetizar, (...), tem que entender que a criança é pequena, ainda. A maioria das crianças vem da educação infantil. (...). O ensino fundamental é um mundo diferente para a criança, a escola é muito grande, ele se vê com mesa, com cadeira, com lousa é um sistema totalmente diferente da EMEI, que são mesas em grupo, que tem parque interno, parque externo. Então um professor alfabetizador tem que ter esse olhar com a criança, olhar a criança como um todo.

P6: É acreditar que a educação tem jeito e que as crianças são capazes. Que você tem que acreditar que todos vão dar conta, se não acreditar que vai dar certo, que o que você está fazendo vai dar certo, aí você já começa mal, então é acreditar que vai dar certo.

P7: É isso mesmo de acreditar no nosso trabalho, que as crianças são capazes de ser alfabetizadas, eu acho que é um trabalho difícil, não é fácil, porque a gente tem que ter uma dedicação mesmo com elas, porque envolve muita coisa com criança pequena. Eu acho que envolve não só o trabalho como também o relacionamento com eles, o entender um pouco eles, tem hora que a gente tem situações difíceis, mas eu acho que é o acreditar na criança, no seu trabalho de estar lá no dia a dia com eles até conseguir. (Apêndice 4)

Esta forma de fazer educação faz parte da evolução histórica desta rede, inserida nos novos paradigmas educacionais, vividos no Brasil nos últimos trinta anos. Para exemplificar, um desses paradigmas “é a concepção construtivista”, que coloca o aluno como o centro do processo de aprendizagem, que chega à escola com diversos saberes construídos no seu cotidiano. Nessa concepção, o professor é visto como um facilitador, como aquele que faz a mediação dos saberes construídos pela humanidade com os saberes do aluno, cujo objetivo é desafiá-lo sempre a ampliar seu universo de aprendizagem. A professora 3, demonstra com grande propriedade esta visão:

P3: Eu tenho pra mim, que eu sou um meio facilitador, eu tenho que gerar condições, que sejam elas quais forem, para que esse aluno tenha esse domínio da escrita e da leitura, ajudando, auxiliando, confrontando, pra que ele chegue lá no final do ano alfabetizado e quando eu me coloco sim, como facilitador, e trocando essas experiências, o resultado aparece por conta da parceria com eles. Eu acho que mais do que bases teóricas ou filosóficas ou sociológicas ou fundamentos teóricos, a parceria com o primeiro ano é fundamental. Ao terminar uma sondagem de escrita com um aluno, que no começo do ano era silábico com valor, eu sentia que ele agregava vogais às palavras e hoje ele já produz frases, na última sondagem que fiz com ele, ele já produz frases e pequenos textos. Eu fiz a sondagem, mostrei pra ele a evolução, dei parabéns, elogiei, mostrei o que ele tinha conseguido e pedi para que ele levantasse e voltasse para o seu lugar, ele saiu da minha mesa, que a sondagem é feita individualmente, ele saiu da minha mesa e voltou e falou assim pra mim **“professora, obrigado você por me ajudar a chegar lá”**. Então a partir do momento que a criança também percebe que você está como facilitadora de um processo que é dela, que você está ali só pra auxiliá-la, é isso que faz o sucesso, do trabalho. Porque ele percebe mesmo o professor como integrante do processo. (Apêndice 4)

Temos aí uma “**joia pedagógica**”, o compromisso, o acreditar, a presença, não só física, mas acolhedora das professoras, como sujeito integrante e integrado, participando ativamente com sua interferência diária para evolução na aprendizagem de seus alunos.

3.4.3 – Identificação, Categorização e Análise das Respostas das Entrevistas

Dando sequência ao trabalho, a seguir será apresentada a “categorização e a análise do conteúdo”. Estas etapas estão embasadas na visão de Szymanski (2002), quando diz que:

A categorização concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular de agrupá-los segundo a sua compreensão. Podemos chamar este momento de explicitação de significados. Diferentes pesquisadores podem construir diferentes categorias a partir do mesmo conjunto de dados, pois essa construção depende da experiência pessoal, das teorias do seu conhecimento e das suas crenças e valores. (p.75)

Trazemos também, para o enriquecimento deste trabalho, a concepção de Bardin (1977) que nos revela importância das categorias para a análise de conteúdo:

A *categorização* é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria “ansiedade”, enquanto que os que significam a descontração, ficam agrupados sob o título conceptual “descontração”), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (p. 118)

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos... A análise de conteúdo assenta implicitamente na crença de que a categorização (passagem de dados brutos a dados organizados) não introduz desvios (por excesso ou por recusa) no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis, ao nível dos dados brutos. (p. 119)

A partir da análise das respostas das entrevistas transcritas dos 12 profissionais participantes da pesquisa (ver Apêndice 4), foram identificadas dez categorias de análise:

1. A opção por ser professora alfabetizadora;
2. A importância do papel da professora alfabetizadora;
3. A importância da família no processo de alfabetização da criança;
4. A importância do planejamento de trabalho;
5. Instrumentos de avaliação de desempenho em leitura e escrita;
6. Quando considerar um aluno alfabetizado;
7. Procedimentos para os alunos que apresentam dificuldades;
8. Material didático utilizado pelas professoras alfabetizadoras;
9. O resultado positivo do trabalho;
10. O papel da equipe gestora e sua visão do processo.

Analisaremos cada uma destas categorias identificadas. Para permitir uma melhor visualização, optamos por colocá-las em formato de quadros, como fizemos na primeira etapa, na construção do perfil.

3.4.3.1 – Primeira Categoria: A opção por ser professora alfabetizadora

Quadro 16 - Alfabetizador por opção

P1	Sim
P2	Sim
P3	Ingressou por acaso e gostou
P4	Sim
P5	Sim
P6	Sim
P7	Sim

Quadro 17 – A opção de ser alfabetizadora

<i>P1: Sim, sou alfabetizadora por opção (...). É uma área apaixonante que eu fui buscar especialização, fui fazer a pós-graduação em alfabetização, porque eu quero me especializar nessa área. Então se eu tiver oportunidade de continuar mais anos com o primeiro ano específico é o que eu quero. Sou apaixonada pelo 1º ano.</i>
<i>P2: Sim, por opção, adoro o primeiro ano, sou alfabetizadora sim por opção. Adoro o primeiro ano desde que iniciei aqui na rede, já me apaixonei pelo primeiro ano, eu comecei como volante eu ficava muito com o primeiro ano. (...) é fascinante o primeiro ano, é a descoberta (...)</i>
<i>P3: Eu cai na alfabetização por acaso, no processo de remoção eu queria muito voltar para a escola, voltei para o período da tarde que tem as séries iniciais e dentro da classificação das escolhas eu cai com o 1º ano pelas opções que ali estavam. Então eu cai por acaso, não foi uma escolha minha, mas dentro das opções que eu tinha. E ao longo do trabalho é que você vai se encontrando e dando continuidade de uma maneira mais certa. Hoje em dia eu vejo que alfabetizar é ajudar o aluno a adquirir essa habilidade da leitura e da escrita, eu sou um meio facilitador.</i>
<i>P4: Sim, sou alfabetizadora por opção, já tive experiência em outros anos do ciclo e acabei optando por ser alfabetizadora, tanto é que já permaneço no primeiro ano faz um bom tempo, tem 5 anos.</i>
<i>P5: Sim, sou alfabetizadora por opção, porque eu comecei, já tem 16 anos (...). Comecei com pré-escola, (...). Eu trabalhava em creche, com turma de 6 anos e eu sempre gostei dessa faixa etária. Então o 1º ano para mim é uma coisa assim que eu gosto, eu gosto de alfabetizar, porque eu acho que as crianças, elas tem essa garra, essa força, essa vontade, tá mais propício isso nela, nessa faixa etária elas veem com mais animação. São crianças (...) que a gente observa que tem “n” características, são crianças diferentes umas das outras e eu gosto muito de lidar com essa diferença, por isso que eu me considero alfabetizadora por opção, porque eu gosto.</i>
<i>P6: Sim, foi por opção</i>
<i>P7: Sim, por opção</i>

Um dos fatores que pode ser um facilitador para um bom trabalho como alfabetizador é o profissional ter tido a oportunidade de fazer sua escolha de atuação. Diante da pergunta se era “alfabetizador por opção” (quadros 16 e 17), percebemos que, das sete professoras alfabetizadoras entrevistadas, seis atuam nesta série por opção e cada uma apresenta o motivo pelo qual fizeram esta opção, e uma por falta de opção. Mas, mesmo tendo ingressado por acaso, pois era a sala que estava disponível naquele momento, com o decorrer do trabalho, ela foi se identificando com esta fase de atuação e, neste processo, foi construindo seu perfil de alfabetizadora. Podemos retomar uma das nossas hipóteses para o sucesso na alfabetização, que é o **compromisso do professor** com o trabalho que ele faz. Entendemos que, para esse compromisso ser genuíno e verdadeiro, o fazer a escolha é um dos fatores determinantes para o resultado positivo da ação

pedagógica, pois, quando realizamos algo que nos dá prazer, apaixonamo-nos pelo que fazemos, e esse fazer passa a ser o nosso principal objetivo de atuação, que é o de contribuir como mediador da aprendizagem dos nossos alunos.

3.4.3.2 – Segunda Categoria: A importância do papel da professora alfabetizadora

Quadro 18 – O que é ser alfabetizadora?

<i>P1: É participar de um processo muito importante, que vai além do saber ler, escrever, do ensinar as letras. É fazer parte de um processo de transformação na vida das crianças. Acredito que isso interfira na autoestima, eles se sentem mais motivados, se sentem parte de alguma coisa, sentem importantes, sentem que eles são capazes, que eles conquistaram algo. Então é você fazer parte disso, desse processo, de abrir também um mundo novo para essas crianças.</i>
<i>P2: Pra mim, ser alfabetizadora é algo mágico, é um presente, eu poder, pegar aquelas crianças no início do ano, totalmente pré-silábicas, que mal sabem escrever o nome, e no final do ano, agora, eu vejo as crianças (...) como produtores iniciais. (...), é fascinante poder contribuir um pouquinho para essas crianças. Acho que é um ganho a criança de seis, sete anos sair alfabetizada, é um ganho para vida dela, então é algo assim extraordinário.</i>
<i>P3: Eu tenho pra mim assim, que eu sou um meio facilitador. Eu tenho que gerar condições, que sejam elas quais forem, para que esse aluno tenha domínio da escrita e da leitura, ajudando, auxiliando, confrontando, para que ele chegue lá. (...) você percebe resultados, quando eu me coloco, sim como facilitador, e trocando essas experiências.</i>
<i>P4: É iniciar com a criança o processo de conhecimento, de letramento. É ensinar a criança qual é a função da escrita, qual é a função da leitura no sentido social também. A princípio seria isto e posteriormente seria entender, ensinar a criança a entender como que funciona esse código da escrita, esse código da leitura.</i>
<i>P5: A “professora” tem que gostar (...), ela tem que gostar de alfabetizar, ela tem que vivenciar, tem que entender que a criança é pequena, ainda. A maioria das crianças vem da educação infantil. (...). O ensino fundamental é um mundo diferente para a criança, a escola é muito grande, ele se vê com mesa, com cadeira, com lousa é um sistema totalmente diferente da EMEI, que são mesas em grupo, que tem parque interno, parque externo. Então um professor alfabetizador tem que ter esse olhar com a criança, olhar a criança como um todo.</i>
<i>P6: É acreditar que a educação tem jeito e que as crianças são capazes. Que você tem que acreditar que todos vão dar conta. Se não acreditar que vai dar certo, que o que você está fazendo vai dar certo, aí você já começa mal. Então é acreditar que vai dar certo.</i>
<i>P7: É isso mesmo de acreditar no nosso trabalho, que as crianças são capazes de ser alfabetizadas. Eu acho que é um trabalho difícil, não é fácil, porque a gente tem que ter uma dedicação mesmo com elas, (...), porque envolve muita coisa com criança pequena eu acho que envolve não só também o trabalho como o relacionamento com eles, o entender um pouco eles, tem hora que a gente tem situações difíceis, mas eu acho que é o acreditar na criança, no seu trabalho de estar lá no dia a dia com eles até conseguir.</i>

Podemos identificar no quadro 18, quando perguntadas sobre “o que é ser alfabetizadora?”, que cada uma tem, dentro de si, uma motivação e uma visão do seu papel de alfabetizadora. Isso, a nosso ver, está presente nas falas:

- P1: “É participar de um processo muito importante, que vai além do saber ler, escrever, do ensinar as letras. É fazer parte de um processo de transformação na vida das crianças. (...) de abrir também um mundo novo para essas crianças.”
- P2: “(...) ser alfabetizadora é algo mágico. (...) é fascinante poder contribuir um pouquinho para essas crianças.”
- P3: “Eu tenho pra mim assim, que eu sou um meio facilitador. Eu tenho que gerar condições, (...) para que esse aluno tenha domínio da escrita e da leitura, ajudando, auxiliando, confrontando, para que ele chegue lá.”
- P4: “É iniciar com a criança o processo de conhecimento, de letramento.”
- P5: “A ‘professora’ tem que gostar (...), ela tem que gostar de alfabetizar.”
- P6: “É acreditar que a educação tem jeito e que as crianças são capazes.”
- P7: “É isso mesmo de acreditar no nosso trabalho, que as crianças são capazes de ser alfabetizadas.”

É muito comum, na educação, nos depararmos com professores que estão atuando em sala de aula, mas que sentem que não é o que gostariam de estar fazendo, estão ali circunstancialmente. Esta é uma situação de desconforto, incômoda, de não escolha da atuação profissional. Também é comum encontrarmos atuando na alfabetização professoras que estão lá por não terem outra opção de sala, como o exemplo vivenciado pela P3 (quadros 16 e 17), mas que, com o passar do tempo, ela se identificou e se tornou uma alfabetizadora convicta. Nem sempre esses casos terminam dessa forma. Sabemos que, na maioria das vezes, terminam com prejuízos para ambos, professores e alunos.

O que podemos identificar nas falas das 7 professoras é que encontraram significado para suas ações pedagógicas, ou seja, se sentem realizadas com o que fazem, descobriram-se nesta profissão. Percebemos que acreditam no seu trabalho, acreditam que o aluno pode aprender, acreditam que a educação tem jeito. Corrobora para essa visão Weisz (2002), quando afirma:

Se não acreditarmos que os alunos podem aprender, se não estivermos convencidos de que podemos de fato ensiná-los, não teremos o empenho necessário para identificar o que sabem ou não e, a partir daí, planejar as intervenções que podem ajudá-los a avançar em sua aprendizagem. Além do mais, os alunos sentem quando não acreditamos que podem superar suas dificuldades, mesmo que digamos o contrário – esse é um território em que não é o discurso que manda, mas a crença que nos orienta. (p. 107)

Acreditamos que essa plena consciência do papel de alfabetizadoras pode ser a força motriz que impulsiona o resultado positivo do trabalho que estas 7 professoras desenvolvem.

3.4.3.3 – Terceira Categoria: A importância da família no processo de alfabetização da criança.

Quadro 19 – O papel e a importância da contribuição da família no processo de aprendizagem escolar da criança, na ótica das professoras.

P1: Tem total importância, tanto que os meus alunos que tem mais dificuldade, que não foram alfabetizados, são os alunos que tiveram problemas familiares no decorrer do ano ou problemas assim de separação e tudo mais ou também que a mãe não tem ou pai não tem condições de acompanhar. A família tem que fazer uma parceria com a escola. A gente não consegue dar conta de tudo aqui dentro, porque na sala de aula a gente tem 32 alunos e você não consegue fazer o mesmo trabalho com todos de forma mais individual, porque isso leva tempo. Às vezes você consegue dar atenção pra um em um dia e outro, no outro dia e aquele que você deu num dia você só vai retomar lá na outra semana. Os pais quando a gente tem realmente uma parceria de conversar o que tem que ser conversado, dele estar ajudando, ou se os pais têm hábitos de leitura, se os pais incentivam sempre, isso faz com que a criança avance, desperta interesse e isso ajuda nesse processo de alfabetização.

P2: A família ela é importante. A criança que tem uma família estruturada é uma criança mais segura, uma criança que vem pra escola, como eu posso falar, que tem crianças que não tem essa estrutura familiar, então ela chega na escola além de aprender a ler e escrever a gente tem que meio que tentar suprir essa outra necessidade básica dela, de carinho, de afeto, de segurança, de você estar ali trabalhando com a autoestima da criança e, por outro lado, aquela criança, que tem essa estrutura familiar ela já vem com isso, ela já vem com a autoestima legal, ela já vem com todo esse lado de afeto de carinho, então já está meio que suprido, então é mais fácil.

P3: Eu acredito que a família tem um papel importante com relação até mesmo à parceria da escola, a família que é parceira, que contribui, que faz esse caminho escola casa, que tem as mesmas visões e objetivos auxilia esse aluno. Aquele aluno que não tem esse auxílio, você trabalhando mais com ele, ele chega junto com outro, mas talvez ele tenha um caminho mais dificultoso.

P4: Em todas as reuniões de pais eu converso muito com os pais que a parceria é muito importante e eu vejo que os pais que participam acompanhando os filhos, seja trazendo na escola, conversando com a professora, olhando o caderno, ajudando nas lições extraclasse, eu vejo que o desenvolvimento dessas crianças acaba se tornando até diferenciado das outras. Então, eu vejo assim o papel da família, que é muito importante na questão da parceria com o professor. As famílias que confiam no professor, o professor até se sente a vontade de fazer um trabalho diferenciado, uma atividade mais individualizada porque sabe que pode contar com a família, então é de extrema necessidade assim essa parceria, família e professor, confiança que tem que existir entre os dois.

P5: É muito importante a família. Costumo dizer que tem que participar das reuniões de pais. Sempre coloco que é importante ter um elo entre a professora e eles, se não tiver isso eu não consigo trabalhar, tem muitos pais que trabalham, que eu não tenho contato, até mesmo nas reuniões de pais, alguns pais eles trabalham, mas eles comparecem à reunião, então assim é um momento de troca, então eu falo para eles que a gente precisa sempre ter esse elo porque eles são muito importantes. Eu falo que nós, professores, a gente tem 20% de responsabilidade com os alunos, com o que? Com a aprendizagem deles, com o pedagógico e os pais é o limite, o educar, o cuidar, então eles precisam sim ser parceiros da escola e a

escola também ser aberta para eles.

P6: Na verdade eu acho que a escola tem o papel de alfabetizar e socializar tudo o que a criança precisa, mas se a família fizesse o papel de cuidar dessa criança, o de cuidar mesmo, coisas assim: vai escovar o dente, a gente pode ensinar como escovar o dente, mas não é papel da escola ficar cobrando que a criança escove o dente, a questão do tomar banho, coisas que a gente acaba ensinando para as crianças, que os pais podiam fazer e deixar outras coisas, talvez acrescentasse mais, trouxesse mais conteúdos, mais substância, a gente às vezes perde tempo com isso para fazer coisas do dia a dia que a família podia fazer e até cuidar mesmo de trazer material, às vezes você perde um tempão procurando um lápis emprestado. Hoje mesmo tinha uma criança sem lápis e sem borracha, ontem o menino veio sem caderno e hoje de novo.

P7: Acho que tem muito, porque eles a família esta passando para a escola o papel dela. Se a família ajudasse em casa e fizesse o papel dela, a escola teria mais como trabalhar com as crianças a questão da alfabetização, porque muitas vezes a gente para uma aula para você trabalhar relacionamento, comportamento, coisas que não seriam papel da escola e do professor. Uma criança que chega agredindo e batendo e ter que parar uma aula ou uma explicação ou alguma coisa pra você trabalhar isso. Que isso também a gente faz agora.

Observamos, no quadro 19, que o entendimento de todas as professoras é o de que a família tem um papel decisivo e pode interferir diretamente no desempenho do aluno, de forma positiva ou negativa. Podemos identificar que todas as falas vão na direção de que é de fundamental importância a parceria da professora e da escola com as famílias e vice-versa. Vemos na fala da P1 que os seus alunos que apresentaram maior dificuldade de aprendizagem, ao longo do ano, eram alunos cuja participação da família na vida escolar do filho estava comprometida por “n” fatores. A P2 fala em família estruturada e cremos ser importante mostrar o que ela tem a nos dizer sobre isto:

P2 - Estrutura familiar é uma criança que tem casa que tem um pai, não necessariamente aquela estrutura familiar que a gente conhece de pai mãe, mas que se tem só uma mãe que seja uma mãe de verdade, uma mãe que está ali acompanhando, que está dando carinho, que está dando amor, porque eu tenho muitos alunos que são muito, muito simples, mas que tem um pai, que tem uma mãe que está acompanhando, porque não é o dinheiro, é o estar presente, é o afeto, é o chegar em casa, mesmo na maior simplicidade que não saiba nem explicar uma lição, mas deixa eu ver o seu caderno, de estar ali apoiando mesmo porque todo mundo quer isso, todo mundo quer isso e a criança mais do que nunca. (Apêndice 4)

Ela apresenta uma visão sobre estrutura familiar que tem coerência nos dias de hoje, e valoriza a importância de alguém presente na vida da criança, não só presença física e material, mas presença afetiva e afetuosa. Vemos que as professoras procuram valorizar a importância da participação da família e, para isso,

procuram instruí-las da melhor forma, às vezes, até orientando alguns procedimentos de atuação, como fazem as P4 e P5:

P4: Em todas as reuniões de pais eu converso muito com os pais que a parceria é muito importante e eu vejo que os pais que participam acompanhando os filhos, seja trazendo na escola, conversando com a professora, olhando o caderno, ajudando nas lições extraclasse, eu vejo que o desenvolvimento dessas crianças acaba se tornando até diferenciado das outras. Então, eu vejo assim o papel da família, que é muito importante na questão da parceria com o professor.

P5: É muito importante a família. Costumo dizer que tem que participar das reuniões de pais. Sempre coloco que é importante ter um elo entre a professora e eles, se não tiver isso eu não consigo trabalhar, tem muitos pais que trabalham, que eu não tenho contato, até mesmo nas reuniões de pais, alguns pais eles trabalham, mas eles comparecem à reunião, então assim é um momento de troca, então eu falo para eles que a gente precisa sempre ter esse elo porque eles são muito importantes. (Apêndice 4)

As P6 e P7, além de entenderem a importância da participação dos pais, trazem um elemento novo e mais crítico, que é a responsabilidade que muitas famílias acabam passando para a escola, tais como ensinar hábitos de higiene, banho, escovação de dentes, procedimentos relacionados a comportamentos e responsabilidades individuais, por exemplo, ensinar a criança a ter autonomia e trazer para a escola todos os materiais necessários ao uso no dia a dia. A crítica que fazem tem fundamento, pois se não usassem parte do tempo com estas atividades de orientações, que em tese é papel da família, poderiam ter mais tempo a dedicar ao papel da escola, no 1º ano, que é o de alfabetizar.

3.4.3.4 – Quarta Categoria: A importância do planejamento de trabalho

Quadro 20 - Como a sua escola organiza o planejamento do trabalho pedagógico

<i>P1: No início do ano a gente recebe um plano anual que é dividido por trimestre e pelas áreas de conhecimento, Português, Matemática, Ciências, História e Geografia e aqui no Florestan Artes e Educação Física porque lá no Átila nós temos professores especialistas e aí esse plano anual é o que norteia o meu planejamento, é feito encima disso, que é dividido nos horários e as demais aulas.</i>
<i>P2: Na escola a gente tem o planejamento anual, que é o norteador do nosso trabalho e encima desse planejamento anual eu faço o meu planejamento semanal, mas é o planejamento anual distribuído por trimestres, porque a gente trabalha por trimestre, é feito assim.</i>
<i>P3: Às terças feiras a gente tem a organização das reuniões pedagógicas e os colegas do mesmo ano do ciclo, nós vamos trocando experiências, informações, atividades, em fim conforme a disponibilidade, seja por email, seja na própria escola, a gente está sempre</i>

trocando informações.
<p>P4: Inicialmente, logo que inicia o ano letivo, a escola faz um planejamento coletivo com todas as séries, com todos os anos ciclo, depois esse planejamento é trabalhado pelos professores que atende o ano ciclo. Os professores ficam agrupados da seguinte forma, 1º ano, 2º ano, 3º ano. Então ali é discutido quais vão ser as metas e os objetivos. São elencados os conhecimentos mínimos necessários para aqueles alunos e posteriormente ao longo do ano o professor vai fazendo o seu planejamento individualmente, mas sempre assim contando com as parcerias, com as trocas dos parceiros. Aqui, particularmente, os professores vêm que o HTPC ainda é pouco pra demanda de planejamento, então nós temos uma rotina que é a comunicação por email. Então além do HTPC, da reunião pedagógica, nós nos comunicamos por email, então fazemos planejamento bem coletivo mandando atividade, sugestões via email. Utilizamos essa tecnologia para estar ampliando, mantendo o contato e tendo troca mesmo.</p> <p>Já tem três anos que mantemos essa troca por email, mesmo os professores que vão pra outra escola ou são remanejados, eles mantêm contato, então acaba trazendo experiência de outra escola. As atividades são sempre discutidas, tem a liberdade de fazer alteração, porém cada professor, utiliza as atividades da forma que fica bem à vontade, tem autonomia para estar utilizando da forma que acha que vai fluir, porém a gente tem essa troca.</p>
<p>P5: A gente faz no começo do ano, já tem lá as habilidades que tem que contemplar. A ATP, (...), nos orienta, olha vocês tem que contemplar isso, isso e isso, então a gente vê lá no 1º ano o que nós temos que contemplar em todas as áreas, daí sentamos a turma do 1º ano e a gente vê o que vai ser proposto em cada trimestre, se vai trabalhar as letras do alfabeto, então a gente costuma colocar sempre a música no início. Vamos trabalhar a letrinha da música que é uma coisa que está mais próximo do cotidiano deles e aí depois mais pra frente a gente trabalha as parlendas, depois as receitas, os bilhetes, porque no final eles já estão mais craques, já tem bastante alunos alfabetizados.</p>
<p>P6: Na verdade atualmente quem organiza esse trabalho pedagógico somos nós alfabetizadoras do ano ciclo. Tem um planejamento anual e em cima do planejamento anual nós é que tocamos o trabalho do jeito que a gente acha que é melhor.</p>
<p>P7: A gente faz o planejamento anual e depois organiza o trabalho no planejamento trimestral, que é o que dá o norte para o nosso trabalho. São os professores mesmo quem encaminham esta organização do planejamento.</p>

Quadro 21 - Como cada professora organiza o seu planejamento de trabalho

<p>P1: Eu baseio todo o meu planejamento semanal no planejamento anual que é entregue pra gente no começo do ano e também divido as minhas aulas, os horário das aulas, Português principalmente é com as atividades de escrita, atividades de leitura, atividades de produção oral, tem a questão de revisão, que eu também tinha um horário pra revisão que eu fazia escritas coletivas e ia retomando com eles, primeiro eles vão falando, eles ditam, eles vão falando e escrevem: aconteceu tal coisa e eu ia escrevendo exatamente como eles me falavam e depois eu ia fazendo todo esse processo de revisão com eles já no primeiro ano que é importante.</p>
<p>P2: O meu planejamento, é todo baseado no planejamento que eu recebo da escola, que é o planejamento anual. Então esse meu planejamento é semanal, então toda semana eu tenho o meu planejamento em cima do anual, porque o anual que é o nosso norte.</p>
<p>P3: Ele é quinzenal, eu vou com a sequência de leitura, as atividades de alfabetização dentro dessa sequência de leitura e a de matemática sempre dentro dos objetivos e ele é quinzenal.</p>
<p>P4: Tem um planejamento coletivo que é discutido no início do ano com o grupo dos professores, tem o planejamento do grupo, ano, ciclo e eu organizo através do caderno de semanário, então eu faço semanalmente o meu planejamento. Retomo ele quando vejo que</p>

tem necessidade, algumas atividades eu antecipo outras eu modifico, então eu estou sempre fazendo esse trabalho. Uma forma que também eu encontrei de estar fazendo o planejamento é utilizando o registro fotográfico para alguns alunos que não registram. Às vezes fica difícil o professor lembrar algumas demandas desse aluno, então eu tenho utilizado esse registro fotográfico, ali eu faço legendas para depois eu refletir em outras atividades para que eu possa estar trabalhando com esse aluno.

P5: Eu tenho meu planejamento, tem um caderno que a escola dá para a gente se organizar semanalmente, e assim eu faço. No meu planejamento tem a parte das histórias, tem a leitura diária, a gente tem a aula com os professores de artes, de educação física, então tudo isso é colocado no planejamento. Valorizo também no planejamento a questão da observação, do registro do que o aluno fez de legal que dá pra eu trabalhar em seguida. Então o planejamento é bem flexível.

P6: Na verdade a gente sempre conversa do que a gente vai fazer em cima do planejamento trimestral, a gente conversa, define o que a gente gostaria de trabalhar, nem sempre a gente trabalha exatamente as mesmas coisas, porque depende muito da sala e do momento, mas eu utilizo aquele caderno de planejamento que a direção da escola nos entrega no início do ano letivo.

P7: Eu faço o planejamento trimestral, que parte do anual, então eu sei o que vou trabalhar naquele trimestre. No meu planejamento eu tenho a leitura diária, já há uns três anos que estamos fazendo assim. A leitura e a ilustração da leitura, eles vão lá perceber os personagens, o cenário, onde se passa a história, em que tempo foi, então isso é todos os dias.

Um dos fatores que contribui efetivamente para um bom trabalho pedagógico em sala de aula é a organização das ações que se darão no dia a dia, e isto se chama planejamento. O planejamento é essencial em qualquer atividade humana e, se bem elaborado, pode render excelentes resultados. Na atuação em sala de aula, isso não é diferente; aliás, o planejamento é o cerne do fazer pedagógico. Nos quadros 20 e 21, temos um “raio X” de como as escolas e os professores envolvidos nesta pesquisa lidam com a questão do planejamento. No quadro 20, constatamos que, com a exceção da P3, todas as outras seis professoras mencionam o planejamento anual que as escolas fazem. Esse planejamento anual faz parte dos princípios que norteiam a gestão democrática nas escolas, onde o mesmo deve ser elaborado coletivamente com a participação de todos, inclusive a comunidade escolar. Vemos que as professoras que o mencionam tem nele o norteador do seu planejamento semanal, quinzenal ou trimestral, conforme o apresentado no quadro 21.

A P4 apresenta no seu planejamento um elemento novo na sua forma de registro, ou seja, ela faz um registro fotográfico de algumas de suas ações para facilitar o trabalho com alunos que ainda não tem o domínio da escrita:

P4: Uma forma que também eu encontrei de estar fazendo o planejamento é utilizando o registro fotográfico para alguns alunos que não registram. Às

vezes fica difícil o professor lembrar algumas demandas desse aluno, então eu tenho utilizado esse registro fotográfico, ali eu faço legendas para depois eu refletir em outras atividades para que eu possa estar trabalhando com esse aluno. (Apêndice 4)

Um trabalho de alfabetização que, de fato, eleva o nível de aprendizagem dos alunos requer do professor uma grande competência no domínio das ferramentas alfabetizadoras, clareza do seu papel, clareza do papel da escola, atitude de pesquisador, ter clareza do nível de desenvolvimento de cada aluno e um bom planejamento. O espaço para a concretização deste processo é a escola. Oliveira (1997) corrobora com esta visão, quando afirma que:

O processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança – num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido – e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo de crianças. Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. (p. 62)

Diante deste entendimento e dos quadros apresentados, podemos observar que, para todas as professoras, a ação de planejar é uma ação inerente ao trabalho do professor alfabetizador. Por isso, cada uma tem nele o foco principal de suas ações.

3.4.3.5 – Quinta Categoria: Instrumentos de avaliação de desempenho em leitura e escrita

Quadro 22 - Critérios e instrumentos usados para avaliar o desempenho em leitura e escrita dos alunos

P1: Como eu disse tem um instrumental da sondagem de escrita que ele é dividido em quatro espaços, onde tem a sondagem inicial que a gente faz logo que eles ingressam aqui na escola, primeiro, segundo e terceiro trimestre. Lá é ditado de campo semântico, a gente dita quatro palavras e uma frase, sendo que começa com uma polissílaba, depois trissílaba, dissílaba e uma monossílaba e normalmente como é do campo semântico, são palavras relacionadas entre si. Assim você pode avaliar como a criança chegou e como ela está saindo no final do ano. A gente observa isso e eles também e no final do ano eu mostro pra eles.

P2: É a atividade de leitura. Eu procuro assim quinzenalmente estar fazendo sondagem de leitura com eles e de escrita também, quando eu não consigo quinzenalmente eu faço mensalmente essa sondagem, para estar averiguando os avanços das crianças (...), geralmente mensalmente, quando dá quinzenalmente porque primeiro ano é tudo muito individual, então tem que chamar um por um para estar vendo se consegue ou não, por isso

<i>eu trabalho com sondagens, sempre.</i>
<i>P3: Eu acho que depende da fase, mas no geral, critérios para avaliar a escrita, é a escrita que ele apresenta ao longo do dia a dia, e tem alguns alunos que não tem essa escrita. Com material manipulável ele registra essa escrita de algum um jeito, que são os instrumentos que eu utilizo e com o registro em folha, (...), até porque é um aluno às vezes com autonomia ainda sem estar desenvolvida, bastante inseguro, então eu utilizo esses dois instrumentos: ou o registro em folha ou o material manipulável. Sempre no dia a dia, porque como eu falei são alunos em formação, inseguros, uma única avaliação para eles não é o suficiente e de leitura, é a leitura diária, aquilo que ele acompanha as pequenas palavras que ele já consegue ler, sempre com sílabas simples e depois vamos complexando isso, mas é uma avaliação diária, constante.</i>
<i>P4: Primeiro eu utilizo o relatório de observação de como é a rotina desse aluno, também utilizo muito as atividades diárias dos alunos e levo muito em consideração o caderno, a organização do aluno e o que eu vejo no dia a dia dele. Levo também como principal instrumento a teia diagnóstica que é feita individualmente com o aluno, então ali eu posso detectar algumas atitudes, algumas dificuldades que o aluno tem, porque ele ali está mais próximo e faço observações para posteriormente fazer atividades diferenciadas com esse aluno e dar um atendimento diferenciado para ele.</i>
<i>P5: É como eu falei, na sondagem a gente usa bastante isso. Não tem como ver o que ele está pensando, o que ele está fazendo, em que mundo que ele está? Se ele aprendeu, se ele não aprendeu, a gente usa a sondagem, fora isso geralmente eu coloca bastante a questão da leitura, principalmente para os silábicos alfabéticos, as crianças que a gente vê que vai avançar e não vai. Não adianta só fazer a sondagem e não fazer a intervenção, os dois tem que estar ligado.</i>
<i>P6: Na verdade a gente faz um acúmulo de material durante o trimestre, que é o tempo que a gente tem para avaliar, que seria a avaliação formal da escola, mas no caso nós alfabetizadoras aqui da escola, como a gente trabalha já algum tempo juntas, a gente acaba discutindo acho que todo dia tudo o que acontece com cada criança, tanto que quando chega no conselho a gente consegue falar uma do aluno da outra e até dizer, olha, lembra que você fez isto e você disse que ele respondeu assim, eu acho que a gente acaba na verdade avaliando o tempo todo, porque a gente conversa muito o tempo todo sobre o que eles fazem...</i>
<i>P7: Tem uma sondagem inicial que a gente percebe como ele está chegando para nós. No dia a dia, com as atividades de leitura e de escrita. Que tem escrita que é espontânea e todos trimestres fazendo a sondagem que a gente prepara junto para cada um dos alunos.</i>

A avaliação é um processo inerente à atuação do professor em sala de aula. Na alfabetização, é de fundamental importância ter clareza desse processo para considerar com fidelidade o desempenho evolutivo dos alunos. Cócco (1996) nos apresenta como lidar com a avaliação de uma forma construtiva:

O processo de avaliação está relacionado à maneira como o professor e o aluno veem o mundo, com o modelo didático que utilizam. Assim, temos: avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Além de diagnosticar o erro, cabe ao professor ajudar o aluno a reformular suas hipóteses linguísticas. O aluno constrói o conhecimento num contínuo processo de autorregulação. (p. 97)

Para avaliar o desempenho dos alunos na escrita e na leitura, as professoras utilizam diversas estratégias, desde a sondagem diagnóstica até relatório de

observação e acúmulo de material produzido no trimestre. As professoras P1, P2, P5 e P7, no quadro 22, utilizam em algum momento a sondagem diagnóstica de escrita e de leitura – recurso que serve para diagnosticar o nível de desempenho de cada aluno nos dois níveis, na escrita e na leitura, ao longo do ano:

P1: Como eu disse tem um instrumental da sondagem de escrita que ele é dividido em quatro espaços, onde tem a sondagem inicial que a gente faz logo que eles ingressam aqui na escola, primeiro, segundo e terceiro trimestres.

P2: É a atividade de leitura. Eu procuro assim quinzenalmente estar fazendo sondagem de leitura com eles e de escrita também, quando eu não consigo quinzenalmente eu faço mensalmente essa sondagem, para estar averiguando os avanços das crianças (...), geralmente mensalmente, quando dá quinzenalmente, porque primeiro ano é tudo muito individual, então tem que chamar um por um para estar vendo se consegue ou não, por isso eu trabalho com sondagens, sempre.

P5: (...). Não tem como ver o que ele está pensando, o que ele está fazendo, em que mundo que ele está? Se ele aprendeu, se ele não aprendeu, a gente usa a sondagem, fora isso geralmente eu coloca bastante a questão da leitura, principalmente para os silábicos alfabéticos, as crianças que a gente vê que vai avançar e não vai. Não adianta só fazer a sondagem e não fazer a intervenção, os dois têm que estar ligados.

P7: Tem uma sondagem inicial que a gente percebe como ele está chegando para nós. No dia a dia, com as atividades de leitura e de escrita. (Apêndice 4)

A P3 relata que, para avaliar a escrita, verifica o que o aluno escreve no dia a dia. Mas ela relata também que tem alunos que ainda não têm essa escrita e que, para estes alunos que apresentam insegurança, prefere utilizar material manipulável que possibilita, de forma lúdica, uma melhor visualização e assimilação, pois o aluno o manuseia e, nessa fase de aprendizagem, o material concreto é muito bem-vindo para os processos de assimilação das informações. O outro recurso que utiliza é o registro diário em folha, pois esta ação estimula o aluno a aprimorar sua capacidade de registro e, conseqüentemente, a associação do som à grafia. Em relação ao comportamento leitor, elegeu a leitura diária como uma das estratégias para elevar a competência leitora de seus alunos.

A P4 tem como elementos avaliativos de seus alunos, relatórios que possibilitam realizar um raio X no processo de evolução dos mesmos. Menciona um recurso que já é nosso conhecido, a sondagem diagnóstica, só que o chama de “teia diagnóstica”, porque permite avaliar a evolução ou não do aluno, e o que será necessário de intervenção para o aluno avançar no seu processo de alfabetização.

Além desses recursos, utiliza muitas atividades diárias, a organização do aluno com o seu caderno. Enfim, todos os elementos que permitem interação com o aluno são elementos que podem permitir avaliação do seu processo de aprendizagem.

A P6, quando afirma “na verdade a gente faz um acúmulo de material durante o trimestre”, demonstra alguma semelhança de atitude com a P4, pois o acúmulo de materiais comunga com muitas atividades diárias. O outro elemento avaliativo que menciona é as trocas de informações diárias que faz com sua colega de alfabetização sobre o processo de cada aluno, ao ponto de uma conhecer muito bem o aluno da outra:

P6 (...) quando chega no conselho a gente consegue falar uma do aluno da outra e até dizer, olha, lembra que você fez isto e você disse que ele respondeu assim, eu acho que a gente acaba na verdade avaliando o tempo todo, porque a gente conversa muito o tempo todo sobre o que eles fazem... (Apêndice 4)

Podemos observar que todas as professoras têm uma grande preocupação com o processo avaliatório de seus alunos. Cada uma de acordo com sua experiência de vida, sua visão de mundo e sua concepção didática, utilizam dos vários recursos disponíveis, de forma construtiva para identificarem os avanços dos alunos.

3.4.3.6 – Sexta Categoria: Quando considerar o aluno alfabetizado

Quadro 23 - Parâmetros utilizados pelas professoras para considerar uma criança alfabetizada

P1: Tem a sondagem diagnóstica que eu uso. Para a rede oficialmente eu faço a cada trimestre, pra mim faço quinzenal. Faço com todos os alunos individualmente e aí eu observo a escrita se a criança está utilizando as sílabas corretamente, mesmo que não seja de forma ortográfica, que ainda tem esses erros de ortografia, eu digo que ela está alfabética. Tem também a questão da escrita da frase, observo se ela está escrevendo a frase, mesmo que não esteja segmentada eu considero a criança alfabética, porque a estrutura da frase é complicada também para eles. Agora a questão da leitura ela é um pouco complicada porque tem criança que escreve, mas não consegue ler, vai juntando as sílabas, junta, tem aquela dificuldade ainda e aí no final daquela palavra ela já esqueceu o que tinha lá no início ou não tem o hábito porque a gente também tem várias palavras que a gente se familiariza com elas, a gente meio que acaba lendo automaticamente e aí então se a criança não tem esse repertório é mais difícil pra ela ler. Então tem a questão da escrita e da leitura, mas eu considero ela alfabética, na hipótese de escrita alfabética, pelo diagnóstico. Alfabetizada poderia contemplar os dois se ela lê e escreve o que ela lê.

P2: É quando ela tá lendo o que escreve, quando ela consegue escrever algumas coisas, não ortograficamente, mas quando ela está fazendo uso de consoantes, de vogal, não necessariamente quando ela já começa a produzir algum texto, mas ela consegue ler o que ela escreveu, está fazendo o uso certinho de consoante e vogal, pra mim ela está alfabética.

P3: Eu acredito que uma criança alfabetizada é aquela que lê, compreende o que lê e consegue se expressar através da escrita e das palavras, é uma criança que consegue se expressar. Eu acredito que uma criança que saiba se expressar através da escrita é uma criança alfabetizada.

P4: Eu considero a hipótese de escrita dela, o conhecimento que ela tem a cerca da leitura, em relação aos conteúdos que foram trabalhados, letras, textos, essa é uma criança assim, que tem uma bagagem em relação ao que foi passado para ela, nas atividades que eu trabalhei com ela. Também considero aquela criança que faz com autonomia, aquela criança que tem autonomia de estar desenvolvendo atividade. Uma criança que sabe pesquisar, que mesmo não tendo aquele conhecimento, ela se utiliza de algum recurso que eu deixei na sala ou de algum cartaz ou até mesmo de uma atividade a que ela se reporta, que ela consiga buscar em algum lugar para tirar aquela dúvida que ela tinha.

P5: É a sondagem diagnóstica, é a verificação de escrita. No 1º ano a gente chama o aluno para a sondagem pelo menos 60 vezes, 30 vezes a gente chama para a parte de linguagem, português, para ditar as palavrinhas e a frase, vê se identifica letra, se sabe fazer nome completo, sem apoio, com apoio. Na matemática também 30 vezes, se ele identifica os numerais, se ele sabe contagem, se ele sabe determinada operação, situação problema, por exemplo, de adição, subtração, coisa simples do cotidiano. São 4 sondagens. A gente tem um segmento de atividades, que fazemos o comparativo da 1ª com a última.

P6: Quem escreve e lê um texto. Não só palavras, nem frases, mas aquele que lê um pequeno texto e entende o que leu. Se eu perguntar para ele o que diz o texto, ele sabe me dizer, assim considero alfabetizado. É que temos uma discussão entre nós, alfabetizadoras do Anita, de que a criança que está alfabética na palavra a gente consegue até ver que ele já dominou, até a gente comenta assim, “olha esse aí é listabético ele só faz lista” presta atenção, nós estamos dizendo que ele está alfabético, mas não está alfabetizado, ele dominou o código, ele já sabe, ele sabe que precisa da sílaba, ele já sabe, mas ele ainda não está alfabetizado. Ele está alfabetizado quando ele tá lendo e entende o que ele lê.

P7: Ele tem que estar lendo, escrevendo, entendendo o que lê, tanto é que a gente pede para ele ler o que escreveu e ver se não está faltando nada, uma correção para ele mesmo estar fazendo, e aí a gente considera, que ele esteja escrevendo e lendo.

Os parâmetros utilizados pelas professoras para considerarem uma criança alfabetizada (quadro 23), não são unânimes, são diferentes, porém apresentam convergências e não divergências. A P1 e a P5 deixam bem explícito o método que usam para identificar o processo de evolução da escrita dos alunos, que é um instrumental chamado de “sondagem diagnóstica”, que elas mesmas mencionam ser um instrumental utilizado na Rede para avaliar o desempenho dos alunos ao longo de todo o ano. A seguir, apresentamos o modelo que é utilizado na Rede Municipal de Educação de Diadema.

REGISTRO DA EVOLUÇÃO DE ESCRITA INDIVIDUAL

SONDAGEM INICIAL	1º TRIMESTRE
NOME: _____ 1 - _____ 2 - _____ 3 - _____ 4 - _____ 5 - _____	NOME: _____ 1 - _____ 2 - _____ 3 - _____ 4 - _____ 5 - _____
2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
NOME: _____ 1 - _____ 2 - _____ 3 - _____ 4 - _____ 5 - _____	NOME: _____ 1 - _____ 2 - _____ 3 - _____ 4 - _____ 5 - _____

Com esse modelo de sondagem, acreditamos ser possível acompanhar o processo de evolução da escrita do aluno desde a primeira sondagem, que se realiza no início do ano letivo, até a última, que é realizada no final do ano. Nesse modelo de sondagem, realiza-se um ditado com quatro palavras e uma frase. A primeira deve ser uma palavra polissílaba, a segunda, uma trissílaba, a terceira, uma dissílaba, e a quarta, uma monossílaba. Para concluir, é ditada uma frase que seja do campo semântico de uma das palavras apresentadas. Esse procedimento se repete ao longo do ano, a cada trimestre, com as mesmas palavras e frase. Este mapa de registro permite ao próprio aluno acompanhar seu processo de evolução ao longo do ano. Esse registro também dá elementos durante o ano para o tipo de intervenção que o professor precisa fazer para desafiar o aluno para o avanço. No final, o professor tem elementos para classificar em que nível o aluno se encontra.

Contribui para esse entendimento Cócco (1996), quando argumenta que:

As investigações sobre a psicogênese da língua escrita permitem ao professor atuar como mediador no processo ensino-aprendizagem e fornecer pistas para o aprendiz tornar-se alfabético. Atividade essencial,

nesse processo, é a sondagem diagnóstica, que capacita o educador a conhecer as hipóteses das crianças envolvidas no processo de alfabetização.

Para realizar a sondagem escolhe-se quatro palavras (uma polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba, nessa ordem) e uma frase de um mesmo campo semântico (mesmo assunto). Por exemplo: dinossauro, jacaré, gato e boi; o gato dormiu na sala. Pedese, então, que as crianças escrevam do jeito que souberam. (p. 67).

As outras professoras não abordam diretamente o modelo que usam para diagnosticar, mas cada uma tem suas estratégias para identificar o avanço de cada aluno na alfabetização. As P3, P6 e P7 comungam da mesma concepção de quando é que uma criança está alfabetizada:

P3: Eu acredito que uma criança alfabetizada é aquela que lê, compreende o que lê e consegue se expressar através da escrita e das palavras, é uma criança que consegue se expressar. Eu acredito que uma criança que saiba se expressar através da escrita é uma criança alfabetizada.

P6: *Quem escreve e lê um texto. Não só palavras, nem frases, mas aquele que lê um pequeno texto e entende o que leu. Se eu perguntar para ele o que diz o texto, ele sabe me dizer, assim considero alfabetizado. Ele está alfabetizado quando ele tá lendo e entende o que ele lê.*

P7: *Ele tem que estar lendo, escrevendo, entendendo o que lê, tanto é que a gente pede para ele ler o que escreveu e ver se não está faltando nada, uma correção para ele mesmo estar fazendo, e aí a gente considera, que ele esteja escrevendo e lendo. (Apêndice 4)*

Elas entendem que uma criança alfabetizada é uma criança que escreve um pequeno texto, lê e entende o que lê. Corrobora com esse entendimento, também, a P1 quando afirma: “Então tem a questão da escrita e da leitura, mas eu considero ela alfabética, na hipótese de escrita alfabética, pelo diagnóstico. Alfabetizada poderia contemplar os dois, se ela lê e escreve o que ela lê”. Só após este processo, as professoras consideram a criança alfabetizada.

A P2 tem um entendimento um pouco diferente das demais, considera uma criança alfabetizada, quando ela:

P2: *É quando ela tá lendo o que escreve, quando ela consegue escrever algumas coisas, não ortograficamente, mas quando ela está fazendo uso de consoantes, de vogal, não necessariamente quando ela já começa a produzir algum texto, mas ela consegue ler o que ela escreveu, está fazendo o uso certinho de consoante e vogal, pra mim ela está alfabética. (Apêndice 4)*

Ela não coloca como pré-requisito que o aluno, para estar alfabetizado, necessariamente, tem que estar produzindo textos, mas o importante é que o aluno consiga ler o que escreveu, mesmo que não seja um texto. Para finalizar a análise, veremos como a P4 concebe esse processo. Ela parte da hipótese de escrita da criança e considera todo o processo desenvolvido com ela em todos os contextos, como os conteúdos trabalhados, e dá destaque para as crianças que demonstram autonomia e que sabem agir conscientemente, utilizando de recursos explícitos deixados na sala. Quando um aluno preenche esses pré-requisitos, ela o considera alfabetizado. Podemos concluir que a P4 tem uma visão diferenciada das demais, e que isso faz parte da diversidade de ações possíveis no processo educacional – para chegar ao objetivo final, que é a alfabetização, existem diversos caminhos.

A seguir, para ilustrar, podemos observar como ocorre a evolução da escrita das crianças. Selecionamos o registro de evolução, sondagem, de duas alunas que participaram da pesquisa no ano de 2012. Vemos, nos dois exemplos, em que situações se encontravam cada uma das crianças na sondagem inicial no mês de fevereiro. Observamos que ambas estavam pré-silábicas, porém a Aluna 1 tinha uma escrita um pouco melhor do que a Aluna 2, que apresenta um número maior de letras para registrar as palavras ditadas. Na segunda sondagem, realizada dois meses depois, em abril, embora tenham apresentado pequenos avanços, ainda foram classificadas como pré-silábicas. Na terceira sondagem, realizada no início do mês de agosto, é notório o grande salto evolutivo de cada uma – suas escritas estão classificadas como silábica-alfabética. Observamos que, nos mais de três meses que se passaram, avançaram de forma extraordinária. Na quarta sondagem, no terceiro trimestre, no mês de novembro, as escritas foram classificadas no último nível desse processo, que é o nível alfabético. Para que elas leiam, escrevam e entendam o que leem, para que sejam consideradas alfabetizadas, é uma questão de intervenções mais direcionadas para o salto de qualidade, que é a produção de pequenos textos, como bilhetes, parlendas, poesias e músicas. Na perspectiva construtivista, é a qualidade desta intervenção que gera o bom resultado, a boa prática alfabetizadora. cremos que é por testemunhar esse maravilhoso processo que as professoras se definem como alfabetizadoras, vendo nele sua grandiosa responsabilidade.

SONDAGEM INICIAL FEVEREIRO 2012		1º TRIMESTRE	
NOME: LAURA	Pré-silab	NOME: LAURA	Pré-silab.
1- BAAU	MARIPOSA	1- BAAU	
2- OABU	FORMIGA	2- BAN	
3- UBAU	URSO	3- UORS	
4- BULASO	CÃO	4- OPU	
5- BUASO D BSRAU	O URSO ESTÁ NO CIRCO	5- OUP OPIRRTIOI UOIPR	
2º TRIMESTRE		3º TRIMESTRE	
NOME: LAURA - GABRIELA - LAEMEE BARRA		NOME: LAURA SAMPAIO ALONSO BEZERRA	
1- MARI OGA		1- MARIPOSA	
2- FOMIE	SA	2- FORMIGA	
3- USO		3- URSO	
4- CAM		4- CÃO	
5- O USO ESTÁ NO CIRCO		5- O URSO ESTÁ NO CIRCO	

Imagem 2: Amostra de escrita da ALUNA 1

SONDAGEM INICIAL FEVEREIRO 2012		1º TRIMESTRE	
NOME: MARAIA ISABEL		NOME: MARIA ISABEL	
1- MARIPOSA	17/10/03	1- MARIPOSA	24/10/04
2- FORMIGA	P.S.	2- FORMIGA	(Lau. for - migas)
3- URSO		3- URSO	
4- CÃO		4- CÃO	
5- O URSO ESTÁ NO CIRCO		5- O URSO ESTÁ NO CIRCO	
2º TRIMESTRE		3º TRIMESTRE	
NOME: MARIA ISABEL LOPESSILVA		NOME: MARIA ISABEL LOPESSILVA	
1- MARIPOSA	03/08	1- MARIPOSA	
2- FORMIGA	S.A.	2- FORMIGA	
3- URSO		3- URSO	
4- CÃO		4- CÃO	
5- O URSO ESTÁ NO CIRCO		5- O URSO ESTÁ NO CIRCO	

Imagem 3: Amostra de escrita da ALUNA 2

Cócco (1996) corrobora com a visão dessas etapas de aprendizagem que acabamos de ver no processo de evolução das alunas acima:

Os estudos de Emilia Ferreiro e outros pesquisadores contemporâneos contribuíram para a prática pedagógica testando e organizando as concepções da criança sobre a linguagem, mostrando que a alfabetização é um longo processo, em que o aprendiz observa, estabelece relações, organiza, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até chegar ao código alfabético usado pelo adulto. Da mesma forma que o ser humano nasce, passa pela infância e adolescência, até atingir a idade adulta, a criança apresenta “fases” ou “níveis” de desenvolvimento quanto a construção do pensamento em relação à linguagem escrita. (p. 36)

3.4.3.7 – Sétima Categoria: Procedimentos para os alunos que apresentam dificuldades

Quadro 24 - Medidas efetuadas pela professora ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita

<p><i>P1: Aqui na escola a gente tem a proposta do “agrupamento”, que é quando a gente consegue fazer o acompanhamento dessas crianças de acordo com a hipótese delas. Então elas são separadas, cada criança de acordo com a hipótese em que se encontra com um professor responsável e ali você tem condições de dar atividades específicas para aquelas crianças.</i></p>
<p><i>P2: Quando a criança tem dificuldade, a gente comunica aos pais, os pais tem que tomar ciência. Se a gente percebe (...) que é algum problema de fono, a gente encaminha para a fono, se é alguma questão psicológica a gente encaminha para o psicólogo ou para o pediatra e na sala de aula além de fazer esses encaminhamentos, eu trabalho normalmente com atividades diferenciadas, porque a sala não é homogenia. Eu tenho alunos alfabéticos e alunos pré-silábicos, então isso é uma coisa do meu planejamento mesmo, já está dentro do planejamento, de estar trabalhando as “sequências didáticas” e dentro dessas sequências didáticas eu estar adaptando com a hipótese de escrita de cada criança. Então a gente faz esse trabalho bem pontual mesmo, (...). Se o aluno é pré-silábico ele não vai conseguir desenvolver a mesma atividade de um aluno que é alfabético, eles fazem a mesma atividade mas com grau de dificuldade diferente. Uma outra coisa que a gente faz aqui, isso é uma prática da escola, é o agrupamento.</i></p>
<p><i>P3: A escola entende esse aluno de seis anos como em formação, então não se usa o termo que ele tem dificuldade de aprendizado, então mesmo aquele aluno que você percebe que tem um ritmo diferente, que você percebe algo que destoe, esse aluno não tem ainda nenhum tipo de encaminhamento, o que a gente tem é conversa com a família, traz ele um pouco mais próximo da sala, do docente, de mim um pouco mais próximo, tem algumas atividades diferenciadas, mas entende que esse aluno tem somente um ritmo diferenciado. Atendimento de outras instituições para o primeiro ano não existem a princípio, o CAIS outras instituições não existem, porque ele está em formação, está sendo observado ainda, mas sempre que é notada alguma dificuldade é um aluno apresentado no conselho de classe para as outras colegas e para a coordenação e se tem esses encaminhamentos dentro da escola, nada sai ainda do primeiro ano.</i></p>
<p><i>P4: Primeiro eu me baseio muito na observação, então eu sempre faço relatórios, eu prefiro ser bem descritiva na questão de como aquele aluno estava, como está sendo o desenvolvimento dele. Observando se o rendimento dele não está sendo de acordo com o esperado, eu comunico à coordenação. Solicito que alguém observe o aluno, algumas vezes quando necessário vem um atendimento especializado pelo Cais. Caso o Cais não atenda é sugerido à família que procure um especialista, um psicólogo ou fono dependendo do caso ou não sendo necessário esse atendimento com esse especialista, eu costumo fazer muitas reuniões com a família e tento orientar a família para que ajude também em casa, eu passo algumas orientações. Muitas vezes alguns casos são referentes mais a questão de indisciplina, comportamento que acaba interferindo no processo de alfabetização do que da</i></p>

própria dificuldade da criança em si.

P5: Quando detectamos, isso já é passado imediato para a direção da escola. Por exemplo, (...) eu tive no caso uma aluna que (...) demorou pra avançar, ela demorou, mas avançou, no caso dela eu conversava constantemente com os pais, com a avó, porque eram pessoas que estavam sempre na escola, nas reuniões e também se preocupavam e sempre assim nos conselhos e fora do conselho eu sempre passava para direção e para a ATP. No caso da ATP, ela sempre acompanhou indo na sala. Marcava com antecedência o dia para entrar na sala de aula. Ela ia para acompanhar. Ela fazia até verificação de escrita com alunos em situação de aprendizagem, defasado.

P6: Na verdade a gente vai colocando o aluno sempre o mais perto possível, para a gente ficar mais atenta, e fazer o que puder com ele. Começa geralmente a diferenciar dentro das atividades propostas, atividades que sejam possível ser trabalhadas com ele, mas isso é uma coisa muito particular de cada professor e de cada sala de aula, porque geralmente na escola não tem um projeto nem um outro trabalho para ajudar. Algum tempo atrás a gente até teve um auxílio das ATPS, mas já tem uns três anos que a gente está fazendo isto sozinhas em alguns casos quando a gente chama os pais na reunião, a gente geralmente conversa com esses pais dizendo o que a gente tem observado que a criança não está avançando o quanto esperávamos. Propõe atividades que o pai também possa fazer com a criança, de leitura de observar o que ela está fazendo na escola, mas isto é uma coisa muito do professor, do professor da sala. Nós também fizemos um caderno de lição de casa pra todas as crianças, mas focando sempre naqueles que tão com mais dificuldade. O caderno é para todas as crianças, mas aquele que tem dificuldade a gente retoma para ver como é que fez, mas é uma coisa nossa que nós organizamos.

P7: (...) Como eu tava falando de antes quando tinha o Gim (Grupo de Intervenção Metodológica), o Gim é que tinha um projeto, que a gente via resultado, que tirava a criança da sala e ficava com ele lá uma hora, uma hora e pouco, muitas crianças naquele tempo a gente via resultado. Agora de lá para cá, que nem tem esse hoje “o aprender mais” para o 4º e o 5º ano, eu acho que é outra coisa, devia ser desde o primeiro, que é sempre isso, corre atrás do prejuízo, mas tem que ser agora, porque já tem na minha sala eu sei que tem duas crianças que vão precisar de ajuda e não é só agora é o ano que vem o outro e o outro, mas teria que começar agora porque quando chegar lá já se perdeu. Então eu acho que teria que ter um trabalho voltado em cima disso sim, um grupo de apoio, não sei como seria, retomar o Gim, mas já desde o começo, desde o primeiro ano. Sempre converso muito com os pais. Se a gente observa uma criança que já tem a dificuldade, não sabemos o que é, mas chamamos em reunião os pais para firmarmos uma parceria.

Quadro 25 – Qual o procedimento da professora a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita

P1: Primeira coisa é trazer pra perto de mim, literalmente, colocar na minha frente ou do meu lado na disposição da sala, para que eu consiga acompanhar melhor essa criança, se eu vou dar uma atividade pra sala, uma atividade sequenciada, trago a mesma atividade com uma dificuldade diferente pra essa criança, com aquilo que ela precisa e aí também vou propondo outras atividades pra ela, porque se não você acaba só acentuando essa dificuldade se você não faz isso, dar a mesma atividade não faz diferença.

P2: Como eu já havia dito anteriormente, reafirmando, fiz a sondagem, por isso é importante a sondagem, ela tem uma frequência, ou quinzenal, o ideal seria de 15 em 15 dias, mas nem sempre é possível, mas pelo menos mensal, detectei a dificuldade, então vou intensificar atividades focando na dificuldade da criança, se não sabe o alfabeto, vou intensificar a atividade para que possa sanar essa dificuldade da criança, daí a importância da sondagem, porque se eu for fazer a sondagem só por fazer ou só pra saber o que a criança não sabe e não fazer nada, não valeu apenas, então por isso, que tem a sondagem. Então fiz a sondagem detectei que a criança necessita de tal coisa então eu vou trabalhar em cima disso.

<p>P3: Então é reforçando com ela, é sentando mais próximo. É mais próximo fisicamente, porque eu acredito que dá mais resultado. Porque eu acredito que a segurança, autonomia faz parte desta dificuldade e que o professor para o primeiro ano gera mais segurança, então quanto mais próximo fisicamente de mim ele está mais segurança ele tem e mais ele avança. Eu sempre passo essa dificuldade para a Coordenação da Escola para a ATP, para que ela consiga me auxiliar, o que eu posso fazer e dou trabalhos de leituras mais simples, ou com o apoio de imagens para que ele vá se apropriando dessa fala escrita, mas sempre trabalhando individualmente quando percebo a dificuldade mais acentuada.</p>
<p>P4: Quando eu identifico que uma criança tem dificuldade, eu tenho um olhar mais individualizado para ela, essa criança fica mais próxima de mim às vezes eu a coloco literalmente perto da minha mesa para facilitar a orientação de algumas comandas. Converso com ela com muito mais frequência. Tento analisar também outros aspectos, não só pedagógicos, mas vejo se tem alguma influência social, alguma coisa psicológica, não no sentido de fazer o trabalho da assistente social nem do psicólogo, mas no sentido de verificar se essa criança precisa de um suporte além do pedagógico, se ela precisa de uma orientação até mesmo a família. “Essa criança é a que mais eu me dedico, é aquela criança que fica bem próxima a mesa, é aquela criança, que assim literalmente, eu dou a mão para ela e caminho junto”. (grifo meu)</p>
<p>P5: Através da intervenção, que no caso, a gente faz a sondagem e a partir dali eu já vou com a intervenção necessária. Eu uso muito assim as palavras do cotidiano para trabalhar com eles e as letras móveis. Quando eu percebo que está assim com muita dificuldade eu trabalho muito com o concreto, as letras móveis, vamos criar letras, recortar letrinhas, montar pra gente aprender, (...), Faço uma brincadeira, eu trabalho muito com bingo, é aquele bingo que não é preparado é na hora. Eu ensino a eles, olha vamos dobrar a folhinha em quatro ou seis pedacinhos, seis partes, aí a professora vai colocar as letrinhas, você escolhe as letras que você queira colocar, então é assim é criado tudo junto (...).</p>
<p>P6: Conversar com os pais, na verdade a gente aproxima mais da criança.</p>
<p>P7: As outras, chega uma hora que elas tem autonomia e já estão fazendo bem e as que tem maior dificuldade a gente fica mais próximo delas, para trabalhar individualmente, atividades diferenciadas com ela, objetivos diferenciados.</p>

Nos quadros 24 e 25, identificamos na ação das professoras que, quando algum aluno apresenta dificuldades de aprendizagem, realizam intervenções pontuais com os mesmos. Essas intervenções apresentadas são realizadas coletiva ou individualmente. Percebemos que todas as professoras, quando diante dessa situação, propõem algo que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Dentre as ações propostas, destaca-se o “agrupamento”, como mostra a P1, no quadro 24:

P1: Aqui na escola a gente tem a proposta do “agrupamento”, que é quando a gente consegue fazer o acompanhamento dessas crianças de acordo com a hipótese delas. Então elas são separadas, cada criança de acordo com a hipótese em que se encontra com um professor responsável e ali você tem condições de dar atividades específicas para aquelas crianças. (Apêndice 4)

Esta prática é comum nas escolas da Rede Municipal de Diadema. Este processo se dá durante a semana, em uma ou duas vezes, em que o professor responsável por cada grupo de alunos, desenvolve atividades coerentes com o nível

de aprendizagem do grupo, apresentando novos desafios. Cócco (1996) compartilha dessa ideia de atividades em grupo e atividades diversificadas, quando afirma que:

A partir do material investigado em uma sondagem, pode-se refletir sobre o pensamento da criança e perceber sua hipótese linguística. Isso permite a formação de grupos de trabalho e propostas de atividades diversificadas, que objetivem a desestruturação da hipótese que a criança tem a respeito da linguagem escrita, bem como a construção de uma nova hipótese, culminando na reconstrução do código linguístico. (p. 67)

Escrever e ler envolvem um processo contínuo de construção e reconstrução do código linguístico usado pelo adulto. (p. 36).

Além do agrupamento, as professoras desenvolvem outras ações que, no conjunto, podem contribuir para a evolução do aluno, são elas: conversas com a família; conversas com o próprio aluno; comunicação com a equipe gestora pedindo ajuda; desenvolvimento de várias atividades diferenciadas; elaboração de relatórios de registro do processo. Outra ação que, a nosso ver, faz a diferença no fazer pedagógico dessas professoras, é a aproximação física de suas mesas, das crianças que apresentam mais dificuldades de aprendizagem. Isso garante às professoras uma maior assistência, permitindo um acompanhamento diferenciado dos demais:

P1: Primeira coisa é trazer pra perto de mim, literalmente, colocar na minha frente ou do meu lado na disposição da sala, para que eu consiga acompanhar melhor essa criança,

P3: Então é reforçando com ela, é sentando mais próximo. É mais próximo fisicamente, porque eu acredito que dá mais resultado. Porque eu acredito que a segurança, autonomia faz parte desta dificuldade e que o professor para o primeiro ano gera mais segurança, então quanto mais próximo fisicamente de mim ela está com mais segurança.

*P4: Quando eu identifico que uma criança tem dificuldade, eu tenho um olhar mais individualizado para ela, essa criança fica mais próxima de mim às vezes eu a coloco literalmente perto da minha mesa para facilitar a orientação de algumas comandas. (...) **“Essa criança é a que mais eu me dedico, é aquela criança que fica bem próxima a mesa, é aquela criança, que assim literalmente, eu dou a mão para ela e caminho junto”.** (grifo meu)*

P6: Conversar com os pais, na verdade a gente aproxima mais da criança.

P7: As outras, chega uma hora que elas tem autonomia e já estão fazendo bem e as que tem maior dificuldade a gente fica mais próximo delas, para trabalhar individualmente, atividades diferenciadas com ela, objetivos diferenciados. (Apêndice 4)

3.4.3.8 – Oitava Categoria: Material didático utilizado pelas professoras alfabetizadoras

Quadro 26 – O uso ou não do livro didático para alfabetizar

<i>P1: Eu utilizo, mas não uso ele como base, só o livro didático tem dificuldade de utilizar, porque a maioria das atividades as crianças não conseguem fazer com autonomia e não tem muito significado, principalmente para as crianças que não estão alfabetizadas. Eu acho que ainda falta muito para que sejam feitos livros de alfabetização bons que as crianças consigam utilizar.</i>
<i>P2: Sim, a gente recebe o livro didático, esse livro didático eu procuro estar adequando ele de acordo com o planejamento. Então eu busco nele o que o meu planejamento pede, aí eu uso o livro didático, não uso muito o livro didático, até mesmo porque o livro didático não foi um livro escolhido pela escola, escolhido pela rede, então nem sempre ele está de acordo com o planejamento, mas mesmo assim eu vou lá caçar alguma coisa para estar usando o livro didático que também contribui, é algo a mais.</i>
<i>P3: Utilizo o livro da escola, o livro que a rede adotou o nome dele é: “Hoje é dia de Português”.</i>
<i>P4: Livro didático, para alfabetizar, eu não utilizo. Tem um que é fornecido pela prefeitura, porém eu tenho opinião de que eu prefiro fazer atividades. Então a maioria das atividades que eu aplico são atividades que eu planejei, são atividades que são diferenciadas porque o livro em si ele vem muito homogêneo e a sala em si não é homogenia. As crianças elas apresentam diferentes avanços, diferentes dificuldades, cada um está num nível de escrita, então eu trabalho muito com as atividades diferenciadas é uma questão que eu coloco muito para os pais, que é assim, o livro é utilizado sim, mas não é utilizado do capítulo um até o quinto capítulo. Eu utilizo conforme a necessidade, então muitas vezes eu não utilizo o livro e não tenho a preocupação de no final do ano concluir aquele livro.</i>
<i>P5: No início do ano a gente trabalha junto a construção do planejamento, nós montamos muitas atividades, pois temos na escola uma professora com muita habilidade para construir atividades sequenciadas, isto nos ajuda bastante. No início do ano trabalho muito com música, que auxilia para eles pegarem mais fácil. Para eles aprenderem eu vou trabalhando cada letra de música numa semana, junto com o som da música. Em relação ao livro didático, uso os que vem do MEC. Tem o de português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Uso eles no segundo semestre, por que? Porque são livros que subentende que os alunos já sabem mais coisas. No início do ano, com o aluno ainda sem domínio da leitura fica complicado trabalhar com os livros didáticos.</i>
<i>P6: A gente usa o livro porque eles têm três livros, não é exatamente para alfabetizar, porque principalmente os livros que a gente tem são livros com textos enormes, então quando eles chegam eles não estão ainda preparados, mas desde o primeiro dia de aula eles manuseiam o livro, às vezes até para recortar algumas coisas, às vezes alguma imagem de alguma coisa que me interessa e isso eu falo para os pais desde o primeiro dia de aula, não procure a sequência, porque eu vou trabalhando conforme o grupo, às vezes para a leitura de algum texto, de alguma outra atividade que eu fiz para eles terem um outro texto sobre o mesmo assunto, não para alfabetizar, mas eles utilizam o livro didático sim.</i>
<i>P7: Pra alfabetizar não, mas como suporte. Ele tinha que ser um livro melhor, mas acabar com o livro não, porque muitas das nossas crianças, elas acabam aprendendo a utilidade da palavra, ou outras atividades para a palavra e é importante o cuidado com o livro didático porque muitos não tem outro em casa.</i>

Hoje, no Brasil, podemos considerar um grande avanço o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que tem como objetivo dar subsídio ao trabalho pedagógico dos professores através da distribuição de livros para todos os

segmentos educacionais da escola pública em todo o território brasileiro. Portanto, todos os alunos têm direito aos livros. No quadro 26, observamos que todas as professoras participantes da pesquisa mencionam o uso do livro didático. Algumas apresentam uma análise crítica do material, mostrando que ele é inadequado para o uso logo no começo do ano, mas, após trabalharem as bases da leitura e da escrita com os alunos, utilizam-no com restrições, mais adiante, ao longo do ano:

P1: (...) a maioria das atividades as crianças não conseguem fazer com autonomia e não tem muito significado, principalmente para as crianças que não estão alfabetizadas. Eu acho que ainda falta muito para que sejam feitos livros de alfabetização bons que as crianças consigam utilizar.

P5: Uso eles no segundo semestre, por quê? Porque são livros que subentende que os alunos já sabem mais coisas. No início do ano, com o aluno ainda sem domínio da leitura fica complicado trabalhar com os livros didáticos.

P6: (...) não é exatamente para alfabetizar, porque principalmente os livros que a gente tem são livros com textos enormes, então quando eles chegam, eles não estão ainda preparados, mas desde o primeiro dia de aula eles manuseiam o livro (...)

P7: Pra alfabetizar não, mas como suporte. Ele tinha que ser um livro melhor, mas acabar com o livro não, porque muitas das nossas crianças, elas acabam aprendendo a utilidade da palavra, ou outras atividades para a palavra e é importante o cuidado com o livro didático porque muitos não têm outro em casa. (Apêndice 4)

Diferente das demais, a P2 mostra que busca uma adequação do livro didático ao seu planejamento, embora não o use muito: “(...) procuro estar adequando ele de acordo com o planejamento. Então eu busco nele o que o meu planejamento pede (...)”; ou seja, ela dá significativa importância e, dentro das possibilidades, adequa-o à sua realidade. Afinal de contas, para alguns, o acesso a livros vai ser só a este. A P3 menciona o uso, mas não dá detalhes de como o usa. A P4, embora afirme inicialmente que não o usa para alfabetizar, mais adiante acaba confirmando esporadicamente o uso do livro, mas deixa bem claro, para os pais, que prefere preparar todas as atividades que desenvolve, pois a sala é heterogênea e o livro não dá conta de atender a essa diversidade.

Podemos concluir que todas as professoras procuram extrair do livro didático o que está dentro de seus planejamentos e ao alcance dos alunos, mas ele não é o fio condutor do trabalho. O fio condutor do trabalho é aquele planejamento feito no

início do ano vinculado a uma gama de atividades diversificadas e diferenciadas, que cada professora elabora para mediar a aprendizagem dos seus alunos.

Quadro 27 - Tipos de textos para trabalhar leitura com os alunos e como são utilizados

P1: Principalmente cantigas e parlendas, usei bastante, desde o ano passado eu uso com a minha turma porque são textos curtos, são textos conhecidos por eles, são fáceis de memorizar. Trabalho com atividades sequenciadas com esses textos, atividade sequenciada por hipótese de escrita que facilita também o trabalho. Faço bastante ditado cantado, principalmente com cantigas, depois que eu trabalhei bastante com eles leitura na lousa feita por mim, feita por eles, eles já viram o texto, já se familiarizaram, eu trago essa cantiga, ponho no rádio e eles vão acompanhando com o dedo lá, aí eu paro e digo, quero que você pinte a palavrinha tal, assim eles vão adquirindo estratégias para adequar aquilo que está sendo cantado, aquilo que está sendo escrito. Também uso bastante listas, principalmente no início do ano. Listas de tudo, por exemplo, quando eles chegam aqui na escola a gente faz lista dos alunos da sala, então agora vamos separar nessa lista os meninos das meninas, então eles já precisam também ir diferenciando. É bom que você utiliza também a questão da leitura, principalmente nesta coisa de listas, a imagem com a palavra para eles associarem. Sempre faço a chamada deles com as fotos deles pra eles se familiarizarem e aí eles vão também aprendendo a reconhecer o nome dos colegas. Então dá para você separar os meninos das meninas, agora vamos fazer uma lista de materiais escolares, quais materiais escolares que vocês ganharam, então vamos fazer a lista, (...), vamos localizar nesta lista algumas palavras que eu vou pedir para vocês, exemplo, caderno, lápis, etc. Você pode ir aumentando o grau de dificuldade dentro desta lista. Primeiro você pode fazer palavras que começa com letras diferentes e depois você pode colocar palavras que começam com as mesmas letras, depois diferentes, por exemplo, a letra final e aí vai aumentando a dificuldade, a sílaba inicial ou a sílaba final, a sílaba do meio, é muito difícil você ver professor trabalhando com a sílaba do meio da palavra, mas é muito importante. E tem também jogos de leitura, bastante jogos de leitura que dá pra trabalhar com a sala toda, tem aqui na escola o bingo da sílaba inicial, por exemplo, que dá pra você trabalhar a leitura.

P2: Eu uso parlendas, primeiro ano a gente trabalha muito com parlendas, no finalzinho, agora eu parti para os contos, mas primeiro e segundo trimestre são as parlendas, as cantigas que são coisas que são textos curtos e que é prazeroso. Eu sinto prazer com esses textos e as crianças mais ainda e eu trabalho com as sequências didáticas. Sequência didática em cima da parlenda eu vou estar desenvolvendo várias atividades, em cima da parlenda, então eu faço uma cruzadinha com as palavras da parlenda, eu faço um caça palavras com as palavras da parlenda, um texto lacunado com a parlenda. Eu faço um texto fatiando com a parlenda. Texto fatiado é: pego a parlenda na íntegra e eles cortam o texto em palavras e frases, depois eles têm que montar, (...) embaralha e eles têm que colocar na ordem, essa é uma atividade de leitura e é muito legal. (...). Tenho alunos, que são aqueles alunos que estão silábicos, mas que consegue ler, é muito legal localizar ali a palavra que eles têm toda estratégia de leitura, então é muito legal e assim dá muito certo, aí depois com a parlenda mesmo, a gente vai pegando bem nas sílabas que são as unidades sonoras e fatia as palavras, fazendo assim o trabalho vai dando certo.

P3: Este ano nós já utilizamos verbetes, para que eles leiam, parlendas e cantigas e aí agora no último trimestre, eu estou dando pequenos livros infantis porque alguns já tem esse domínio do texto e da leitura de textos, mas no começo, para a maioria deles foi verbetes, parlendas e cantigas.

P4: O texto que eu mais gosto de utilizar são as músicas que são bem próximas à realidade das crianças. As crianças tem um repertório musical, porém eu tento apresentar a música que não seja só do modismo, mas eu tento apresentar músicas educativas e vejo que é o que mais incentiva as crianças, o que mais cativa porque a música não tem só o foco na leitura e na escrita, ela tem o movimento, ela tem outras questões também culturais. Além da música gosto muito de trabalhar com parlendas, com adivinhas, que são textos curtos, (...) e acaba sendo textos lúdicos, então eles acabam memorizando com mais facilidade, eles acabam

entendendo, porque são textos mais do contexto cultural, então é mais fácil também para os pais ou para a mãe estar passando alguma informação referente aquele texto.

P5: Então no início do ano é como já falei, eu gosto de trabalhar com as músicas, então eu trabalho muito com cartaz grande, porque geralmente a gente dá o pequeno texto das músicas para eles, lá na carteira dele, os xerocado, e aí eu coloco a letra da música no cartaz grande. A gente faz a brincadeira de roda, por exemplo, ciranda cirandinha, então assim tem a parte da mesa ali, que eles têm que escrever a gente tem que fazer junto, mas tem a parte do lúdico também, então eu faço tudo junto eu começo com a música e aí depois em agosto, setembro trabalho as parlendas, que são as sequenciadas que a gente faz. Essa sequenciada, a gente trabalha da seguinte forma: tem lá o texto da galinha choca por exemplo, então a gente tem: a leitura, o recorte da sílaba, o ditado das palavrinhas para circular. Este é um exemplo de atividade sequenciada. Outra coisa que faço muito é a sequenciada com letra de música, vamos agora circular as letrinhas que a professora ditar, vamos circular a sílaba ou a palavra que a professora ditar. Depende do andamento da turma e aí tem o recorte das sílabas, tem palavrinhas, tem a parte de montagem da historinha, de recorte das palavras. A ATP da escola sempre nos alerta (...) para trabalharmos o significado, a oralidade das crianças em cima dessa história, em cima dessa parlenda. Tem também um trabalho de escrita e leitura que faço com os alunos que é de receitas.

P6: Poema, contos, lenda, música, parlenda, tudo o que puder ser lido, que eles trazem da rua, às vezes eles trazem, eles acham coisas e perguntam o que está escrito, vamos ler o que está escrito, tudo que é possível ser lido, claro que às vezes é preciso você dar uma olhada, mas tudo que é possível ser lido eu leio, não tenho preconceito não.

P7: Trabalho muito com livros. No começo a gente é que apresenta os livros, aí depois acabam trazendo, olha trouxe esse livrinho para você ver. A mesma coisa acontece com o DVD, a gente começa apresentado, depois eles vão trazendo os filmes. A gente assiste, comenta, desenha, faz a listagem. Eles gostam muito de leitura.

Identificamos, no quadro 27, uma grande riqueza no fazer pedagógico das 7 professoras. Vemos aqui verdadeiros planos de aula, com riqueza de detalhes como nos mostra a P1:

P1: Principalmente cantigas e parlendas, usei bastante, desde o ano passado eu uso com a minha turma porque são textos curtos, são textos conhecidos por eles, são fáceis de memorizar. Trabalho com atividades sequenciadas com esses textos, atividade sequenciada por hipótese de escrita que facilita também o trabalho. Faço bastante ditado cantado, principalmente com cantigas, depois que eu trabalhei bastante com eles leitura na lousa feita por mim, feita por eles, eles já viram o texto, já se familiarizaram, eu trago essa cantiga, ponho no rádio e eles vão acompanhando com o dedo lá, aí eu paro e digo, quero que você pinte a palavrinha tal, assim eles vão adquirindo estratégias para adequar aquilo que está sendo cantado, aquilo que está sendo escrito. Também uso bastante listas, principalmente no início do ano. Listas de tudo, por exemplo, quando eles chegam aqui na escola a gente faz lista dos alunos da sala, então agora vamos separar nessa lista os meninos das meninas, então eles já precisam também ir diferenciando. É bom que você utiliza também a questão da leitura, principalmente nesta coisa de listas, a imagem com a palavra para eles associarem. Sempre faço a chamada deles com as fotos deles pra eles se familiarizarem e aí eles vão também aprendendo a reconhecer o nome dos colegas. Então dá para você separar os meninos das meninas, agora vamos fazer uma lista de materiais escolares, quais materiais escolares que vocês ganharam, então vamos fazer a lista, (...), vamos localizar nesta lista algumas palavras que eu vou pedir para vocês, exemplo, caderno, lápis, etc. Você pode ir aumentando o grau de dificuldade dentro desta lista. Primeiro você pode fazer palavras que

começa com letras diferentes e depois você pode colocar palavras que começam com as mesmas letras, depois diferentes, por exemplo, a letra final e aí vai aumentando a dificuldade, a sílaba inicial ou a sílaba final, a sílaba do meio, é muito difícil você ver professor trabalhando com a sílaba do meio da palavra, mas é muito importante. E tem também jogos de leitura, bastante jogos de leitura que dá pra trabalhar com a sala toda, tem aqui na escola o bingo da sílaba inicial, por exemplo, que dá pra você trabalhar a leitura. (Apêndice 4)

A P1 demonstra o quanto é envolvida com este processo de alfabetização dos seus alunos. Isso só vem a confirmar a sua opção e paixão pelo trabalho que realiza. Podemos também entender que esse é o resultado da consciência que ela tem do seu papel. Por isso, deixa transparecer nas suas ações o compromisso assumido. Corroborar com este jeito de atuar Cócco (1996), quando afirma que:

A sala de aula deve ser um espaço estimulador que favoreça o contato da criança com uma certa quantidade e variedade de material escrito. Livros, jornais, gibis, revistas e cartazes estimulam a curiosidade a respeito da leitura e da escrita. O registro e a leitura de tudo que for possível em atividades desenvolvidas pelas crianças, como listagens de nomes e palavras, letras do alfabeto, frases, textos coletivos, etc., passam a ser elementos de investigação cotidiana. (p. 52)

Podemos perceber que as P4 e P5, além de trabalharem com parlendas e adivinhações, têm o trabalho mais focado em música. Consideram a música um recurso mais amplo, e que leva para a sala de aula uma ação lúdica. A música pode facilitar o trabalho de alfabetização, pois está presente no cotidiano das crianças e todos gostam. Gostar de algo gera significado e, quando se tem significado, a aprendizagem fica mais fácil.

P4: O texto que eu mais gosto de utilizar são as músicas que são bem próximas à realidade das crianças. As crianças tem um repertório musical, porém eu tento apresentar a música que não seja só do modismo, mas eu tento apresentar músicas educativas e vejo que é o que mais incentiva as crianças, o que mais cativa porque a música não tem só o foco na leitura e na escrita, ela tem o movimento, ela tem outras questões também culturais. (Apêndice 4)

Percebemos que o recurso da parlenda é um recurso que não aparece somente na fala da P7; todas as outras professoras a citam como sendo uma boa estratégia para alfabetizar, pois a estrutura das parlendas permite uma melhor assimilação, com textos curtos: “Parlendas são versos com sílabas ritmadas, recitadas para entreter, acalmar ou divertir as crianças” (CÓCCO, 1996, p. 55).

Portanto, podemos observar que todas as professoras se envolvem “pra valer”, na busca dos recursos e estratégias mais apropriados para a alfabetização de seus alunos. Compartilha desta atitude Weisz (2002), quando nos mostra brilhantemente e metaforicamente que:

Ao professor cabe organizar a situação de aprendizagem de forma a oferecer informação adequada. Sua função é observar a ação das crianças, acolher ou problematizar suas produções, intervindo sempre que achar que pode fazer a reflexão dos alunos sobre a escrita avançar. O professor funciona então como uma espécie de diretor de cena ou de contra regra, e cabe a ele montar o andaime para apoiar a construção do aprendiz. (p. 63)

3.4.3.9 – Nona Categoria: O resultado positivo do trabalho

Quadro 28 – O resultado da alfabetização dos alunos

<i>P1: Aqui no Florestan eu tenho 27 alunos, eu terminei o ano com 16 alunos alfabéticos, 1 pré-silábico que é meu aluno do Cais, 6 alunos silábico com valor, que também avançaram de hipótese até o final do ano, porque eram alunos com bastante dificuldades e 4 silábicos alfabéticos. Agora, eu não sei exatamente quantos alunos pré-silábicos tinham aqui na Escola Florestan, no início do ano, porque eu assumi a turma no meio do ano. Lá na Escola Átila tenho 32 alunos, no começo do ano eu tinha 19 alunos pré-silábicos e agora eu encerrei o ano com 19 alfabéticos, sem nenhum pré-silábico, nenhum ficou pré-silábico.</i>
<i>P2: Eu tenho 25 alunos aqui na Escola Florestan, desses 25, 17 alunos estão alfabetizados, lendo, produzindo início de história, 4 que não conseguiram atingir o objetivo estão silábico-alfabético e outros 4 que infelizmente não conseguiram, (...) atingir o objetivo pro primeiro ano que era sair alfabético, só que se você pega as sondagens, você vai ver muitos avanços.</i>
<i>P3: Eu tenho 32 alunos, 28 alfabéticos, 1 silábico com valor, 3 silábicos alfabéticos. Tem alguns alunos que conseguem escrever já em hipótese alfabética, mas que não tem o domínio da leitura fluente então ele vai silabando até conseguir ler a palavra.</i>
<i>P4: Esse ano eu estou com uma sala de 28 alunos. Esses alunos iniciaram praticamente 100% da sala pré-silábicos, eram alunos que não reconheciam letras, alunos que não escreviam o nome completo, alunos que não entendiam o significado de letras, da escrita, eles ainda não compreendiam a função da escrita e da leitura. Ao longo do ano tive que fazer muitas atividades diferenciadas, fazer trabalho bem pontual mesmo, com alguns alunos, algumas intervenções bem pontuais, até utilizando horários diferentes, horários de especialista para no final do ano conseguir com que esses alunos avançassem na escrita, atualmente eu estou com 15 alunos alfabéticos, são 5 silábicos alfabéticos, 7 silábico com valor sonoro e 1 silábico sem valor sonoro, então consegui terminar o ano sem nenhum pré-silábico.</i>
<i>P5: Assim 100% não, eu sou muito exigente eu queria que esse ano fosse melhor. O ano passado saíram 27 alfabéticos. Eu tinha 30 alunos e saíram 27 alfabéticos. Esse ano de 30 alunos 25 saíram alfabéticos, só que tem uma desvantagem o ano passado saiu aluno pré-silábico e esse ano não, não saiu nenhum aluno pré-silábico, então 25 alfabéticos, 3 silábico alfabéticos e 2 silábico com valor, então assim não bati a meta, mas eu acho que eu cumpri ali um pouquinho do trabalho.</i>
<i>P6: Não, não estão todos não, ainda falta, eu posso dizer até dizer que eles estão quase, quase todos, mas não são todos. Sairam alfabéticos 20 alunos, 3 silábico alfabético, 4 silábico com valor e 1 pré-silábico.</i>
<i>P7: Todos, não. Numa sala de 32 alunos tenho 22 alfabetizados. Acho 32 alunos, muita</i>

crianças para serem alfabetizadas numa sala de aula, que tem problemas de comportamento, que tem problemas de criança com deficiência. Acho 32 alunos muito, mas o resultado achei que foi bom. Tive 22 crianças alfabetizadas, 6 silábico alfabético, 2 silábico com valor e 2 pré-silábico. Desses que não foram alfabetizados, tenho duas que acho que elas têm que ser investigadas, porque elas não faltam, elas fazem as atividades e você vê que elas não conhecem o alfabeto.

Quadro 29 – Situação de aprendizagem dos alunos ao final do ano de 2012

	Nº de alunos	Alfabético	Silábico- alfabético	Silábico com vogais	Pré-silábico
P1	27	16	4	6	1
P1	32	19	7	6	0
P2	25	17	4	4	0
P2	28	20	4	4	0
P3	32	28	3	1	0
P4	28	15	5	8	0
P5	30	25	3	2	0
P6	28	20	3	4	1
P7	32	22	6	2	2
Total	262	182	39	37	4

Podemos observar, nos quadros 28 e 29, que o trabalho de alfabetização das 7 professoras participantes dessa pesquisa é um trabalho que, de fato, faz a diferença. Observando os dados apresentados pelas P1 e P4, constatamos que a maioria dos alunos chegaram no início do ano letivo com nível de aprendizagem pré-silábico e que, ao final do ano, essa maioria da turma teve uma grande evolução e encerraram o ano alfabetizados. Também percebemos o resultado das outras professoras que têm a maioria dos seus alunos alfabetizados ao final do ano. Na somatória geral, podemos identificar que, dos 262 alunos dessas professoras participantes da pesquisa, 182 finalizaram o ano alfabetizados, ou seja, 68,7% alfabetizados no primeiro ano. Esse é um resultado extraordinário, se considerarmos que a média de alfabetização no Brasil nos três primeiros anos é da ordem de 50%, ao final dos 8 anos de idade. Dados da Prova ABC, aplicada numa parceria do MEC com o movimento Todos pela Educação, no final de 2012, conforme noticiado pelo Site Terra em Junho de 2013:

Os resultados da Prova ABC - aplicada em parceria pelo Ministério da Educação (MEC) e o movimento Todos pela Educação - mostram que o País ainda está longe de atingir a meta de alfabetizar plenamente todas as crianças no máximo até os 8 anos de idade. Os dados da pesquisa, divulgados nesta terça-feira, mostram que metade dos estudantes nesta idade ainda apresenta dificuldades em leitura. A situação é ainda pior quando analisado o desempenho em matemática e português: 63% e 65% dos estudantes, respectivamente, não possuem conhecimento adequado.

A segunda edição da Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização (Prova ABC) foi aplicada no final de 2012 para 54 mil alunos de 1,2 mil escolas públicas e privadas. Metade da amostra é de alunos do 2º ano e a outra metade do 3º ano, ano considerado limite para a alfabetização de acordo com o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic).

Quando levados em conta os dados de todos consultados até o 3º ano do ensino fundamental, a pesquisa mostra que 44,5% apresentaram proficiência adequada em leitura, 30,1% em escrita e 33,3% em matemática para este ano.²

Diante destes dados da prova ABC, consideramos que as 7 professoras investigadas realizam um trabalho diferenciado e de grande sucesso na alfabetização.

Quadro 30 - Alunos que não conseguiram alcançar o objetivo da alfabetização a que a professora atribui a isso

P1: Como eu falei no início, esse ano todos eles, todos os meus alunos que não atingiram o objetivo tiveram problemas na família, de separação, de doença na família, de mãe que tinha que trabalhar o ano inteiro e não tinha ninguém que cuidasse da criança, a criança tinha que se arrumar sozinha para ir para a escola e olhar material, olhar tudo e a criança às vezes não tem autonomia pra isso às vezes até sem material ia pra escola. Então todas elas tiveram essa questão.

P2: É faltas, eles são crianças que faltam muito, tanto aqui como lá, são crianças que faltam muito, porque querendo ou não a rotina do dia a dia eles aprendem, por mais que você mande as atividades para fazer em casa, mas não é a mesma coisa, rotina é o tempo da leitura, leitura do alfabeto, a tua rotina, eles aprendem com a rotina, então se a criança falta ela perde o conteúdo, ela perde aquele elo de ligação. A criança que falta muito não cria vínculo com a professora, não tem vínculo com os colegas, aí vem pra escola desmotivada, sem vontade e isso acaba com a criança, sem contar crianças assim que não tem estrutura familiar nenhuma, então isso contribui. Eu tenho um aluno daqui que eu quase que chorava com ele, teve um passeio super legal do mais educação e ele não pode ir, eu perguntei, Lucas porque você não foi? Ah, professora, eu estava pedindo comida nas casas. Então imagino uma criança que não tem o básico que é a comida em casa, que interesse ele têm em aprender a ler e escrever se ele está com fome? No início do ano nós tivemos a oportunidade de fazer um passeio pelo entorno, na casa dele você entra, uma que ele mora no lixo, é lixo por todo lado, é, dentro de casa você vê os ratos passando, então assim se essa criança não tem o básico, o básico do básico que é uma moradia com saneamento básico, se essa criança sai pra pedir comida, eu

² Notícia "Metade dos alunos com 8 anos de idade ainda tem dificuldades para ler". 25 de Junho de 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/metade-dos-alunos-com-8-anos-de-idade-ainda-tem-dificuldades-para-ler,bdfaee52bbb7f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 17/11/2013

achei que ele aprendeu muito, porque ele saiu escrevendo o nome dele, saiu assim, não sabe todas as letras mas já está reconhecendo algumas, sabe ficar na sala, sentar, consegue ouvir, ele aprendeu muito. Todo esse contexto que contribui.

P3: Tem três alunos que tem especificidade de aprendizagem. Um aluno eu já passei ele para a coordenação. Acredito que ele necessita de um atendimento especializado. Só com a minha intervenção ele caminhou, mas ele caminha num ritmo muito aquém, então eu acredito que ele necessita de um atendimento especializado. Dois alunos foi passado também, eles vem evoluindo, são alunos que chegaram em hipótese pré-silábica, que é aquela sem correspondência nenhuma entre fala e escrita e eles agora começam a perceber, (...) estão silábicos alfabéticos, eles compreendem, mas eles trocam muito, apesar de conhecer todas as letras do alfabeto. (...) acredito que esses três alunos, são alunos com especificidade. Um tem uma deficiência física que é com relação à coordenação motora, mas eu acredito que ela está interferindo no processo de aprendizagem dele, (...), e o outro aluno realmente é uma incógnita, ele tem muitas faltas, ele foi o que menos avançou, ele avançou uma hipótese o ano todo (...), ele não tem uma continuidade no trabalho. Já foi conversado com ele, mas eu não tenho retorno dessa família, que ainda não é parceira, que eu disse que é muito importante.

P4: A principal característica desses alunos que não alfabetizaram foi a frequência. Teve alunos que terminaram o ano letivo com 75 faltas, 72 faltas e também o não comparecimento da família, foi o principal fator. Apesar das convocações o não comparecimento, apesar do envio das atividades extraclasse a não execução dessas atividades, então eu percebia que o aluno não via sentido para estar aqui na escola, a não valorização da educação fundamental.

P5: Essas duas alunas que eu te falei, elas demoraram muito para aprender, porque elas são inseguras, choronas, tem medo, então não tem essa coisa da família participativa. A família protege muito e aí você tem um pouco de dificuldade. Mas elas vão para a série seguinte, sei que elas vão aprender com um pouco mais de lentidão, mas elas vão aprender. Eu queria que elas avançassem mais, mas um pouquinho que elas conseguiram já é alguma coisa.

P6: Tenho aluno com excesso de faltas, o aluno não frequenta, isso é uma questão. Tem a Rebeca que nós estamos investigando é uma criança que a gente investiga pra ver, mas os outros eles estão no processo, no geral da sala você observava que eles tiveram mais dificuldade pra avançar não chega a ser uma criança com uma dificuldade de aprendizagem, mas a aprendizagem deles tem caminhado mais lentamente, talvez se a gente tivesse aí mais uns dois ou três meses, eles estariam alfabetizados.

P7: Eu tenho uma que eu acho que ela tem que ser investigada, porque ela não falta, ela faz as atividades e você vê que ela não conhece o alfabeto, são duas que são assim a Driele e Grazieli. A Driele, eu sei até que é um problema, a mãe já conversou comigo que é uma questão da separação dos pais, que ela não aceita, (...) várias coisas assim. A Grazieli a gente sabe que ela tem uma vida complicada, também já conversei com a mãe, mas não sei o que pode ser, que nem na aula ela participa. As duas, oralmente que nem a Grazieli ela tem oralidade muito boa, mas na mesma hora ela começa falar coisa que não tem nada a ver o assunto foge, eu não sei como professora, o que fazer.

Embora seja um fato os bons resultados apresentados na análise anterior, vemos no quadro 30 que alguns alunos não alcançaram, no 1º ano, o objetivo da alfabetização. Podemos observar que as professoras não ficaram contentes com esse resultado, pois queriam que todos fossem alfabetizados. É compreensível esse resultado, pois, entre os alunos, há aqueles que têm necessidade de um atendimento mais individualizado e, nem sempre, a professora da turma consegue dar a devida atenção que o aluno precisa em razão de as turmas serem numerosas e por causa das demandas dos demais. Outro fator apresentado foi o elevado

número de faltas de alguns destes alunos, como nos mostram as professoras a seguir:

P2 (...) eles aprendem com a rotina, então se a criança falta ela perde o conteúdo, ela perde aquele elo de ligação. A criança que falta muito não cria vínculo com a professora, não tem vínculo com os colegas, aí vem pra escola desmotivada, sem vontade e isso acaba com a criança.

P4: A principal característica desses alunos que não alfabetizaram foi a frequência. Teve alunos que terminaram o ano letivo com 75 faltas, 72 faltas e também o não comprometimento da família, foi o principal fator. Apesar das convocações o não comparecimento, apesar do envio das atividades extraclasse a não execução dessas atividades, então eu percebia que o aluno não via sentido para estar aqui na escola, a não valorização da educação fundamental.

P6: Tenho aluno com excesso de faltas, o aluno não frequenta, isso é uma questão. (Apêndice 4)

Identificamos no posicionamento das professoras que as causas que podem ter influenciado para a não alfabetização destes alunos são externas às suas ações, tais como: número elevado de faltas, falta de incentivo e apoio familiar, alunos ainda sem diagnóstico de atendimento especial, ou condições estruturais limitadas. Isso nos demonstra que, mesmo com todo o empenho das 7 professoras alfabetizadoras, com a gama de ações pedagógicas que podemos observar ao longo da descrição dos seus planejamentos de trabalho (nos vários quadros aqui apresentados), esse é um processo que pode extrapolar a ação pedagógica da sala de aula, ou seja, não é possível ter o controle absoluto de tudo. Perante esse fato, acreditamos que precisamos ter tranquilidade e serenidade para lidar com esse desafio, e não carregarmos uma responsabilidade que não é somente nossa, ao compreendermos que há fatores que são alheios à nossa vontade. Acreditamos que a nova política nacional de alfabetização, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), cujo objetivo é o de que todos sejam alfabetizados até os oito anos de idade, possa colaborar com a minimização destes fatores.

Quadro 31 – Cada professora fala do resultado positivo do seu trabalho

P1: Eu acredito que primeiro parta de mim por eu gostar muito de trabalhar com isso, por me interessar, por sempre estar buscando coisas novas. Quero investir cada vez mais na minha formação, também dentro desta área da alfabetização, então acho que isto depende em primeiro lugar de mim, de meu interesse. Outra parte fundamental é a troca com os outros professores, de atividades, de experiências, professores mais experientes, na alfabetização, que já trabalham há outros anos, então a gente sabe aquilo que dá certo aquilo que não dá, por que você tem condições de falar isso não deu certo então eu não vou fazer, aí você já não perde tempo. As formações da escola contribuem, investimento nos jogos que são muito importantes, principalmente agora com essa mudança para nove anos, as crianças estão

chegando mais cedo para serem alfabetizadas (...). Elas precisam desse momento da brincadeira, tanto o brincar por brincar, mas também assim que elas aprendam de forma divertida, porque se não a escola se torna um lugar muito chato, elas não tem vontade, elas não tem vontade de aprender e isso desmotiva. Tem o “mais educação” que ajuda muito. Era uma coisa que antes eu não acreditava que era importante que interferia em alguma coisa, mais hoje eu vejo que sim.

P2: Primeira coisa, eu acho que não só na alfabetização, mas em tudo na nossa vida é o gostar, é a paixão de fazer o que você está fazendo e eu sou apaixonada pelo primeiro ano, as mães ficam me dizendo, vai dar aulas pro segundo ano, eu falo para elas não, porque a minha paixão é o primeiro ano, a alfabetização, é assim algo mágico, algo gratificante pra mim. Então é uma coisa em primeiro lugar que eu gosto muito e por gostar muito eu vou procurar fazer o melhor, para fazer esse melhor eu busco formações, porque não adianta só você gostar, mas se você não está se preparando pra isso. Então desde que eu entrei aqui na rede, todo ano tem formação. Tem as formações que a própria escola propõe também. Procuo aprender com os meus colegas, essa troca de experiência é muito legal e a própria experiência. Eu estou desde o ano passado com o primeiro ano, o ano passado foi bom, esse ano eu acho que foi melhor ainda, porque eu já cheguei muito mais segura, (...) não que eu saiba tudo, porque eu não sei, eu ainda tenho muito que aprender, o ano passado eu aprendi muita coisa e esse ano consolidei algumas e tenho muito mais coisas a ser consolidadas, é isso.

*P3: A parceria com eles, eu acho que mais do que bases teóricas ou filosóficas ou sociológicas ou fundamentos teóricos, acho que a parceria com o primeiro ano é fundamental. Ao terminar uma sondagem de escrita com o aluno, que no começo do ano era silábico com valor, eu sentia que ele agregava vogais às palavras e ele já produz frases, a última sondagem com ele, ele já produz frases e pequenos textos. Eu fiz a sondagem, mostrei pra ele a evolução, dei parabéns, elogiei, mostrei o que ele tinha conseguido e pedi para que ele levantasse, ele saiu da minha mesa, que a sondagem é feita individualmente, ele saiu da minha mesa e voltou e falou assim pra mim **“obrigado você por me ajudar a chegar lá”**. Então a partir do momento que a criança também percebe que você está como facilitadora de um processo que é dela, que você está ali só pra auxiliá-la, é isso que faz o sucesso, do trabalho.*

P4: A princípio seria o fato de que sempre costumo olhar o aluno individualmente, pensando nele como indivíduo que tem suas características, que tem as suas questões específicas, então sempre costumo trabalhar com atividades diferenciadas com esses alunos. Outro fator também é a parceria com a família. Vejo que os alunos que eu consigo estabelecer parcerias com as famílias, eles mudam, tanto pedagogicamente como socialmente. São crianças que ao longo do ano, vejo que eles terminam o ano bem melhores do que iniciaram, de outra forma, com conhecimento além. Superando expectativas tanto da professora, como da família. São crianças que acabaram tendo uma aprendizagem bem significativa.

P5: Às vezes eu fico pensando assim, nossa, caramba, que legal que nem o ano passado, a minha turma praticamente quase todos saíram alfabéticos, esse ano, quase todos de novo e tem professor que brinca comigo e fala, e aí Rose esse ano vai ser quantos alfabetizados? (...) Eu sempre peço, sou uma pessoa muito religiosa, sou católica, então quando eu recebo a lista das crianças da sala que eu peguei, eu peço para Deus, “olha meu Deus, me ajuda, eu espero que eu faça um bom trabalho, que eles me aceitem e que eu possa também aceitar eles”. Acho que acima de tudo, você tem que se dar bem com as crianças. Sou uma pessoa que eu pego muito no pé dos alunos. Sou muito exigente, quero que eles aprendam, porque eu quero o melhor para eles, (...). Acredito que o que ajuda muito também é o trabalho com os pais, eu acho que esse sucesso que você diz aí é o contato com os pais, eu tinha um elo muito grande com eles, então tinha a criança com dificuldade eu sentava com eles já falava, opa vem cá, o que está acontecendo? Então eu acho que o contato é fundamental, você ser aberto também, ouvir críticas, às vezes críticas que vai te deixar no chão, mas que são importantes para você crescer. Outra coisa que valorizo é ouvir as pessoas do seu entorno, o que elas trazem para você aprender, então eu acho que é bem isso.

P6: É o trabalho, a gente trabalha pra caramba o tempo todo, da hora que estas crianças entram até a hora que elas vão embora e depois em casa e por telefone. É, a gente realmente

ficar focado no que eles têm que aprender, do que eles têm que saber, procurando exercícios diferentes o tempo todo, que ajuda que facilita, coisa que pode ajudar coisa que pode facilitar.

P7: Trabalho e dedicação. Não é fácil, tem dia que você está só o pé, mas você está lá firme. É muito compensador, ver eles lendo. Outro dia a menininha chegou assim, professora, eu aprendi a lê, “oi” e ela escreveu “oi” na lousa, nossa ela estava tão feliz e a gente também porque você vê o resultado de um trabalho feito. É muito compensador.

Quando nos propomos a desenvolver um trabalho com seriedade e compromisso, vemos os resultados positivos desse processo. O que podemos constatar no quadro 31 é a sensação do dever cumprido, é o reconhecimento de um trabalho que deu resultados positivos, de um trabalho individual e de equipe, com muitas parcerias. Tudo isso só foi possível porque essas professoras demonstram dedicação e muito empenho na opção que fizeram, tanto pela busca por mais formação para se capacitarem mais, quanto pela dedicação aos trabalhos de elaboração de atividades que vão ao encontro das necessidades dos alunos. Percebemos que todas têm uma verdadeira paixão por alfabetizar, e que isso influencia e interfere nos resultados, pois o fazer pedagógico tem um significado que o torna prazeroso. Tudo isto sentimos nas falas a seguir:

P1: Eu acredito que primeiro parta de mim por eu gostar muito de trabalhar com isso, por me interessar, por sempre estar buscando coisas novas.

P2: Primeira coisa, eu acho que não só na alfabetização, mas em tudo na nossa vida é o gostar, é a paixão de fazer o que você está fazendo e eu sou apaixonada pelo primeiro ano (...)

P3: Então a partir do momento que a criança também percebe que você está como facilitadora de um processo que é dela, que você está ali só pra auxiliá-la, é isso que faz o sucesso, do trabalho.

P4: A princípio seria o fato de que sempre costumo olhar o aluno individualmente, pensando nele como indivíduo que tem suas características... Outro fator também é a parceria com a família. Vejo que os alunos que eu consigo estabelecer parcerias com as famílias, eles mudam, tanto pedagogicamente como socialmente (...) tendo uma aprendizagem bem significativa.

P5: Sou uma pessoa que eu pego muito no pé dos alunos. Sou muito exigente, quero que eles aprendam, porque eu quero o melhor para eles, (...).

P6: É o trabalho, a gente trabalha pra caramba o tempo todo, (...). É, a gente realmente ficar focado no que eles têm que aprender, do que eles têm que saber, procurando exercícios diferentes o tempo todo, que ajuda que facilita (...)

P7: Trabalho e dedicação. Não é fácil, tem dia que você está só o pé, mas você está lá firme. É muito compensador, ver eles lendo. É muito compensador. (Apêndice 4)

Isso nos mostra que é possível para a escola realizar um trabalho de qualidade com a participação de todos os seus atores, envolvidos como sujeitos, na construção desta teia alfabetizadora.

3.4.3.10 – Décima Categoria: O papel da equipe gestora e sua visão do processo

Entrevista com a Assistente Técnica Pedagógica (ATP)

Quadro 32 – Qual o papel da ATP

O ATP hoje, coordenador pedagógico, ele tem a função de acompanhar, monitorar aprendizagem das crianças. Acompanhar o trabalho pedagógico do professor. Fazer formação continuada dentro da escola nos horários de HTPC e formações específicas na secretaria de educação.

Quadro 33 – A relação da função de ATP com os professores alfabetizadores

É uma relação bem próxima, porque a gente faz esse trabalho de acompanhamento dos alunos. Quais são as dificuldades que os alunos apresentam com relação à alfabetização e quais as possibilidades de auxiliar, de contribuir com esse professor na maneira de garantir que os alunos terminem o ano do ciclo cem por cento alfabetizados.

Entrevista com a Formadora dos professores alfabetizadores

Quadro 34 – O papel da formadora dos alfabetizadores

F: Olha esses quase quatro anos que eu fiquei como formadora, o papel fundamental foi o de fazer as professoras acreditarem que as crianças pobres, que as crianças de escolas públicas são capazes de aprender e que nós não precisamos de recursos extremos de áudio visuais, se a gente tem só o livro didático, se a gente tem só o giz e a lousa, só o lápis e o papel, com isso é possível a gente fazer a criança aprender e outra coisa também a gente tem falado tanto de alfabetização, de letramento eu acho que o meu papel fundamental nesses tempos de formação foi falar sobre a possibilidade de alfabetizar letrando, de trazer o código pra sala de aula, de discutir o código, mas de discutir o uso desse código também.

Entrevista com os Gestores (2 gestoras e 1 gestor)

Quadro 35 – O que é ser diretora(or) e qual o papel pedagógico no comando da unidade escolar

G1: Bom, é uma responsabilidade enorme? E o trabalho do diretor é fundamental tanto na parte administrativa quanto no acompanhamento das atividades e avaliações pedagógicas. Acredito que tenha este papel o coordenador pedagógico, mas o diretor também tem que estar muito próximo dessa realidade, para poder fazer as intervenções necessárias.

G2: Diretor é uma peça fundamental na escola, porque ele deve articular com professores e o grupo de funcionários para que as coisas se concretizem. O diretor tem que atuar no pedagógico da escola porque só a função administrativa, qualquer um poderia fazer. Acho que o administrativo faz parte, porém, é necessário que o diretor cumpra o objetivo principal da escola que é o pedagógico, senão não seria necessário um profissional da educação para

atuar lá.

G3: *Eu acho que o ser diretor, ele vai além da questão burocrática, sim com certeza, eu sei que tem algumas redes que o diretor só faz essa questão, até porque tem uma figura de uma outra pessoa pra cuidar da questão pedagógica. Em Diadema na forma que estamos organizados, ainda se faz necessário que o diretor acompanhe sim. Eu acho que quando você pensa uma educação de qualidade, ela vai muito além da parte burocrática. Eu acho que o diretor deve entrar na sala de aula e acompanhar, você não deve só sugerir, mas aplicar um jogo junto com o professor. O planejamento tem que ser flexível e o grupo eu acho que ele tem essa necessidade e nós sentimos ele mais próximo quando ele sabe que ele pode entrar na minha sala e falar assim, olha eu preparei essa atividade de leitura, mas eu não sei se está adequada você pode dar uma olhadinha e me dar uma sugestão*

Quadro 36 – Ao diretor da escola, cabe envolvimento com a alfabetização dos alunos nas primeiras séries?

G1: *Sim, total envolvimento. Eu acho que todo o trabalho realizado na escola, exige sim um acompanhamento do diretor, e os resultados tanto de alfabetização com relação às aprendizagens, eles são importantíssimos, porque só assim a gente consegue acompanhar de fato como está sendo o ensino da escola e de fato o trabalho de acompanhamento do diretor e do coordenador.*

G2: *Cabe. Acho que ao diretor da escola cabe tudo, ele tem que estar envolvido com todos os anos do ciclo, não só com alfabetização, mas a alfabetização como processo importantíssimo que é base para todos os outros anos, o diretor tem que estar envolvido, tem que ter acompanhamento.*

G3: *Com certeza eu acho que é aquela coisa que eu já falei é você pensar no 1º ano com foco lá na frente, então o que eu vou fazer, o que nós vamos propor no coletivo da escola, diretor, professor, coordenador pedagógico que nós temos aqui em Diadema. O que nós podemos propor pra essas crianças, para que elas cheguem menos defasado lá no 5º ano. Nós temos um dado que é bem interessante aqui na escola e que nos fortalece, nesse sentido de saber que a nossa responsabilidade é também com o pedagógico, que foi o nosso dado do IDEB que subiu, então isso é uma coisa que para nós nos deu muita segurança de saber que nós estamos indo no caminho certo, conseguimos detectar onde estão algumas falhas, mas nós vamos ajustando (...). O IDEB da nossa escola ele foi superado. A nossa meta projetada era 4.9, que é baixa ainda, nós sabemos, mas ele subiu foi para 5.4, superou o previsto e nós sabemos ainda que não é o ideal, mas foi um grande avanço.*

Quadro 37 – Como é a participação do diretor na atuação com os professores alfabetizadores

G1: *Nos momentos de formação pedagógica, no acompanhamento dos cadernos de planejamento, na construção do plano anual. De acordo com as avaliações apresentadas nos conselhos, as propostas de intervenções feitas junto aos professores, e o acompanhamento em sala se for preciso.*

G2: *Na escola, eu atuo juntamente com a coordenadora pedagógica. A gente faz os controles, verifica com o professor o que é que ele está necessitando no dia a dia, atua nos projetos juntamente com eles, nos conselhos de classe. A gente sempre levanta e faz acompanhamento dos alunos que estão sendo alfabetizados: porque ainda estão sendo alfabetizados, se estão tendo dificuldade, que tipo de apoio o professor precisa para que essa alfabetização seja concretizada.*

G3: *Além do acompanhamento que eu falei, nós garantimos esse acompanhamento do caderno de planejamento, essa devolutiva, nós também participamos do planejamento, (...) a organização do planejamento em si, eu acho que um desafio para o 1º ano foi conseguir trabalhar os objetivos propostos, sem perder o foco. Auxiliar o professor, providenciar*

materiais quando necessário, porque o professor de 1º ano não tem como usar muito o caderno, então não adianta você ficar passando coisas na lousa, às vezes um jogo é estimular esse grupo levar o jogo isso foi um ganho aqui nessa escola, nós tínhamos caixa de jogos, a rede está bem abastecida, nós temos muito material para trabalhar. Eu acho que tem alguns jogos, alguns recursos que o professor ele não tá preparado, mas que existe recurso sim eu acho que o nosso papel é detectar essas falhas eu vou te dar o exemplo do material dourado, nós temos o material dourado, quando nós fomos perguntando pro grupo, mas vocês não usam, eu não sei usar. Então nós puxamos uma formação, então é sempre assim, a necessidade, qual é a necessidade real do grupo, só o material não dá conta, você tem que interagir com esse material, você tem que levar esse material. O MEC mandou materiais muito bons, a secretaria através da ATP proporcionou uma formação muito bacana. E assim o que nos dá muito prazer é perceber as professoras circulando com esse material e levando para a sala e você entrar na sala e perceber que a criança, ela não está copiando e que o professor já tem claro que não vai garantir a alfabetização com a lousa cheia porque eu posso usar o lúdico também é uma brincadeira, é um jogo e aí quando os professores começaram a se apropriar desses materiais é que nós fomos percebendo e limpando o meio de campo, então tá, eu vou usar a letra móvel e só dou aquele monte de letrinhas pra ele, porque era isso que acontecia, eu estou usando a letra móvel, estou fazendo o que você disse, mas não está surtindo efeito. Então desce para a sala, nós acostumávamos descer para a sala para acompanhar, para observar e assim o bacana era que elas nos recebiam muito bem e não era aquela coisa a diretora está vindo me espionar, era uma parceria mesmo.

Um trabalho de sucesso na alfabetização dos alunos tem, também, a parceria com a equipe gestora. Estamos caracterizando como equipe gestora os diretores e assistentes, a coordenação pedagógica e a formadora. A estes também atribuímos importância no processo de alfabetização, desde a organização do planejamento de trabalho da unidade escolar, das formações dos professores, do acompanhamento do trabalho pedagógico em sala, até os encaminhamentos administrativos. Podemos constatar estas atribuições nos quadros 32, 33, 34, 35, 36 e 37. Um bom trabalho se constrói com uma equipe comprometida, e isso nós podemos ver nas falas dos gestores nos quadros mencionados acima. Vejamos como a equipe gestora compreende o seu papel:

ATP: O ATP hoje, coordenador pedagógico, ele tem a função de acompanhar, monitorar aprendizagem das crianças. Acompanhar o trabalho pedagógico do professor.

F: Olha esses quase quatro anos que eu fiquei como formadora, o papel fundamental foi o de fazer as professoras acreditarem que as crianças pobres, que as crianças de escolas públicas são capazes de aprender.

G1: (...) o diretor também tem que estar muito próximo dessa realidade, para poder fazer as intervenções necessárias.

G2: Diretor é uma peça fundamental na escola, porque ele deve articular com professores e o grupo de funcionários para que as coisas se concretizem. (...). Acho que o administrativo faz parte, porém, é necessário que o diretor cumpra o objetivo principal da escola que é o pedagógico, senão não seria necessário um profissional da educação para atuar lá.

G3: Eu acho que quando você pensa uma educação de qualidade, ela vai muito além da parte burocrática. Eu acho que o diretor deve entrar na sala de aula e acompanhar, você não deve só sugerir, mas aplicar um jogo junto com o professor. (Apêndice 4)

Em Diadema, um fator que contribui positivamente para a construção de um trabalho em equipe é a concepção democrática da gestão. Prática essa exercida na rede desde a implantação da eleição direta dos diretores e assistentes. Essas experiências da gestão democrática contribuem positivamente para a consolidação de uma proposta pedagógica mais participativa, que tem como consequência uma ação pedagógica alfabetizadora mais eficaz.

Quadro 38 – O entendimento sobre o que é ser um professor alfabetizador

<i>ATP: Professor alfabetizador é aquele que promove, que tem condições, capacidade ou habilidade de promover a alfabetização desses alunos dentro do ano do ciclo alfabetização na idade certa.</i>
<i>F - Na minha opinião o professor alfabetizador é aquele que ensina o aluno a aprender a ler e escrever, mas também que ensina o aluno a usar essa leitura, essa escrita. Que o aluno saiba escrever bilhete, que ele saiba ler mesmo que no início seja pequenos textos que ele seja capaz de compreender o que ele está lendo.</i>
<i>G1: Olha, é um professor que tem que ser “compromissado, responsável”. Um professor que inove sempre. Na verdade hoje, hoje não, já há algum tempo a forma que a gente alfabetiza as crianças não é mais só aquela questão de “giz, lousa, livro didático”, eu acho que é lançar mão de jogos pedagógicos em sala de aula, o reagrupamento dessas crianças. Levar todas essas questões em consideração, no sentido de aproveitar qualquer oportunidade que a gente tenha para alfabetizar, independente de ser brincando, jogando, lendo um livro, contando uma história, eu acho que é isso, você lançar mão de todas as ações que você tem e aproveitar as oportunidades que estão aí.</i>
<i>G2: Professor alfabetizador ele tem que ter, eu não digo que vocação, mas ele tem que ter uma afinidade muito grande com o processo de alfabetização, porque não é simplesmente chegar lá e alfabetizar. Ele tem que ter todo um traquejo e tem que ter toda uma formação, e gostar de fazer esse trabalho porque é um trabalho muito difícil, porque o processo de alfabetização, principalmente nas criancinhas de 6 e 7 anos, não é só ensinar o processo, é ensinar ele a se organizar, organizar caderno, organizar rotina, ser realmente um aluno de ensino fundamental e entrar no processo. Não é simplesmente pegar, dar letra móvel e passar atividade, vai além disso e é muito trabalhoso, então o professor tem que gostar de alfabetizar, e ele tem que se sentir preparado para alfabetizar, pelo trabalho que isso envolve.</i>
<i>G3: É você saber que é necessário ter o planejamento, que eu vou utilizar “n” recursos além da lousa e caderno. É você, acho que acima de tudo saber que vai ser um eterno estudante, porque é o tempo inteiro, uma coisa não deu certo eu busco outra e respeitar também a individualidade de cada um, eles não vão aprender no mesmo tempo. É aquilo que nós falamos a então eu vou preparar atividade separada, sim e vai ter momentos que eu vou dar a mesma pra todo mundo. Eu acho que não é orientar o professor numa perspectiva falsa, então não adianta eu ir lá e falar assim todos os dias você vai ter uma atividade para o pré-silábico, para o silábico. Você sabe que isso não funciona, quem entra em sala de aula sabe que não é assim, acho que tem que ter o professor alfabetizador, é isso. Acho que ele tem que estar bem consciente do que ele quer, das metas que ele quer atingir, dos recursos disponíveis e saber que ele vai ser um eterno estudante. Sempre vamos estar buscando.</i>

No quadro 38, podemos conferir qual é a visão que cada membro da equipe gestora tem do papel do professor alfabetizador:

ATP: Professor alfabetizador é aquele que promove, que tem (...), capacidade ou habilidade de promover a alfabetização desses alunos dentro do ano do ciclo (...)

F - Na minha opinião o professor alfabetizador é aquele que ensina o aluno a aprender a ler e escrever, mas também que ensina o aluno a usar essa leitura, essa escrita.

G1: Olha, é um professor que tem que ser “compromissado, responsável”. Um professor que inove sempre.

G2: Professor alfabetizador (...), ele tem que ter uma afinidade muito grande com o processo de alfabetização. (...) o professor tem que gostar de alfabetizar, e ele tem que se sentir preparado para alfabetizar, pelo trabalho que isso envolve.

G3: É você saber que é necessário ter o planejamento, que eu vou utilizar “n” recursos além da lousa e caderno. Acho que ele tem que estar bem consciente do que ele quer, das metas que ele quer atingir, dos recursos disponíveis e saber que ele vai ser um eterno estudante. Sempre vamos estar buscando. (Apêndice 4)

Vemos que, na visão dos gestores, o professor alfabetizador que constrói resultados positivos é aquele que tem consciência da responsabilidade do seu papel, é aquele que se preocupa com sua formação e competência profissional, que demonstra afinidade com a faixa etária das crianças a serem alfabetizadas, que acredita que toda criança pode aprender, que vivencia a assiduidade, que é pesquisador e tem a alfabetização como foco, que tem verdadeiro compromisso com o trabalho que faz, resultado de uma escolha.

Quadro 39 – Existe ou não um perfil para um bom professor alfabetizador

ATP: Eu acho que ele tem que primeiro gostar dessa faixa etária, é uma faixa etária diferenciada, gostar desse trabalho de alfabetizar. De apresentar as letras do alfabeto, fazer todo esse trabalho de alfabetização. Ser professor frequente, não pode ser um professor que tem algum problema de falta e que tenha um trabalho sistematizado e planejado. Estabelecer rotina.

F: Existe, ele precisa ser um professor que goste de criança pequena, ele precisa ser um professor paciente porque ele vai ter que falar dez vezes a mesma coisa e que seja um professor que goste de lidar com a descoberta da criança, que ela todo dia está descobrindo algo. Então tem que ser um professor que tenha disponibilidade para ser muito sensível ao processo de aprendizagem do aluno. Porque essa fase requer muita sensibilidade do professor, para ele perceber qual fase que o aluno está para atuar, porque o aluno não vai sair da fase que ele está de construção da escrita sozinho, ele precisa da intervenção do professor e a intervenção do professor ela é de extrema importância. Então o professor precisa ter muita sensibilidade pra fazer intervenções.

G1: *Eu acho que não tem que ter um perfil, porque é difícil. Vamos pensar num professor que ingressou, ele chega numa escola onde tenha só os anos iniciais para alfabetização, como a gente vai falar "professor você tem perfil ou não tem perfil". Eu acredito naquele professor que ele tá aberto a sugestões, que se coloca a disposição pra aprender, e que ouve qualquer crítica que seja em relação ao seu trabalho como positiva, para melhoria. Hoje, de repente acompanhando o trabalho de alguns professores da rede, a gente consiga sim identificar qual que é o perfil do professor, mas os ingressantes é muito difícil porque como é que você vai falar que o professor tem perfil ou não, eu acho que ele tem que estar disponível sim, disponível a aprender, a participar de cursos de formação, mas que a gente consiga traçar um perfil eu acredito que não.*

G2: *Não, (...) existem perfis, um perfil não, mas perfis existem. (...) Eu acho que o professor tem que ter as seguintes características: ser paciente, ser acolhedor com a criança, para desenvolver vínculos, para que a criança entre nesse processo, são algumas das características principais. E seja um professor que troque com o grupo e que converse muito com a família, para que a família colabore, e que a família também entenda que o processo de alfabetização, as crianças quando saem do infantil e chegam no fundamental, que elas começam a ser alfabetizadas, os pais estranham também, então tem esse link com os pais, porque as crianças só querem brincar, estão acostumadas com muita brincadeira na educação infantil e quando entram no fundamental, essa brincadeira dá uma diminuída, não é que acaba mas ela dá uma diminuída, aí o professor também tem que ter a característica de introduzir a alfabetização com brincadeiras, com jogos, para que criança também não sinta tanto isso. Então o professor tem que ter essa característica de também brincar, brincar alfabetizando, de não ter aquele modelo tradicional de alfabetização porque se não acaba atrapalhando o processo.*

G3: *Eu acho que não existe um perfil eu acho que você vai construindo esse perfil. Esse ano eu tenho o exemplo de uma professora de matemática da EJA que pegou uma turma de 1º ano. Ela demonstrou interesse em suplementar e eu tinha uma sala de 1º ano que já estava há três semanas sem professor, então ela, mas eu vou conseguir? Professora de matemática, você quer que eu seja sincera, nem eu sabia se ela ia conseguir, mas eu acredito na questão da ensinagem, eu acredito que você pode aprender se você buscar você consegue atingir seus objetivos. Lembro que nas duas primeiras semanas eu sentei muito com ela, na aula do especialista tirava essa professora da sala, contrariando até as normativas da secretaria que é do professor ter que acompanhar, e aí nós fizemos meio que um estudo das hipóteses, aquela coisa bem básica mesmo, (...) o que caracterizava cada uma, que tipo de atividade para favorecer o avanço de cada uma dessas hipóteses. Entreguei muito material para ela, entreguei uma pasta com algumas sugestões e assim é muito gratificante no final do ano você ver essa pessoa falar gente como é bom alfabetizar, eu não sabia que eu seria capaz, então eu acredito que não tem perfil, você constrói. Acho que quem constrói esse perfil é você.*

Para a viabilidade de muitas funções na vida profissional, é desejável que se tenha perfil adequado para aquela ação. No quadro 39, podemos identificar qual é o entendimento da equipe gestora sobre o perfil alfabetizador. Apesar de não estar claro nas suas falas, é possível perceber nas entrelinhas sua importância. Como vemos, nenhum deles defende que o professor alfabetizador tenha que ter um perfil definido *a priori*, mas consideram importantes algumas características:

ATP: Eu acho que ele tem que primeiro gostar dessa faixa etária, é uma faixa etária diferenciada, gostar desse trabalho de alfabetizar. (...). Ser professor frequente, não pode ser um professor que tem algum problema de falta e que tenha um trabalho sistematizado e planejado. Estabelecer rotina.

F: (...) ele precisa ser um professor que goste de criança pequena, ele precisa ser um professor paciente porque ele vai ter que falar dez vezes a mesma coisa e que seja um professor que goste de lidar com a descoberta da criança que ela todo dia está descobrindo algo.

G1: Eu acredito naquele professor que ele tá aberto a sugestões, que se coloca a disposição pra aprender, e que ouve qualquer crítica que seja em relação ao seu trabalho como positiva, para melhoria.

G2: Eu acho que o professor tem que ter as seguintes características: ser paciente, ser acolhedor com a criança, para desenvolver vínculos(...)

G3: Eu acho que não existe um perfil eu acho que você vai construindo esse perfil. Acho que quem constrói esse perfil é você. (Apêndice 4)

Com essas características apresentadas, entendemos que se constrói o perfil. Esse entendimento passa pela consciência do professor alfabetizador. Das 7 professoras alfabetizadoras que participaram desta pesquisa, podemos afirmar que todas contemplam essas características, que foram sendo construídas ao longo das suas atuações profissionais e, com isso, construíram um perfil de alfabetizadoras.

Quadro 40 – A que cada um atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização

<i>ATP - O planejamento, o trabalho planejado e sistematizado, a identificação com essa faixa etária, é ele se identificar com essa fase com esse período da alfabetização mesmo onde as crianças estão nesse momento de descoberta e a formação continuada.</i>
<i>F - Atribuo o sucesso de alguns professores na alfabetização, principalmente em primeiro lugar por acreditarem que as crianças são capazes de aprender, estes professores conseguem fazer intervenções pontuais, percebendo as dificuldades individuais. Estes professores fazem uso de situações didáticas que envolvem situações de letramento, ou seja, envolvem os alunos com situações reais de leitura e escrita. Porém sei que fazer intervenções individuais, não é tarefa fácil para o professor, o mesmo precisa ser organizado com o seu trabalho e disposto a enfrentar a dinâmica puxada do trabalho.</i>
<i>G1: O trabalho do próprio professor. A “dedicação, o compromisso”, as formações que a ele é proporcionada por toda a equipe, tanto da escola, da secretária. Eu acho que é uma soma de ações, mas o principal, o principal resultado eu acho que é o professor, porque independente de qualquer formação que ele venha a receber, se ele não estiver disponível a realizar de fato lá o “compromisso” dele, não adianta eu querer você querer se o professor não quiser.</i>
<i>G2: A dedicação e a formação, porque ele pode ter alguma experiência profissional, mas se ele não tem uma formação boa que acompanhe todo esse processo de modernização que existe, que a criança diferente aprende de forma diferente, e que ele precisa se formar pra ele chegar nesse aluno, então a formação e a dedicação são coisas essenciais porque demanda muito trabalho e o professor tem que se desgastar muito. Então ele tem que ter a consciência que ele vai se desgastar, ter muito trabalho, mas ele consegue dar conta, e para ele dar conta, ele tem que ter uma boa formação.</i>
<i>G3: Eu vou te responder uma coisa que tá atrelada com a outra, eu acho que é “meta e foco no objetivo”, eu acho que quando o professor ele pega o planejamento e ele não se afasta daquele planejamento, eu estou falando da escola Átila, porque nós construímos juntos, ele consegue o sucesso.</i>

Como podemos observar no quadro 40, é possível afirmar que o ponto de vista da equipe gestora sobre o sucesso dos professores alfabetizadores está vinculado “ao planejamento, à sistematização, à identificação com a faixa etária”. Está vinculado à crença que o alfabetizador tem de que “as crianças são capazes de aprender”. Está vinculado ao trabalho do próprio professor, quando este tem “dedicação e compromisso”. Está vinculado à sua disposição em “participar das formações oferecidas na escola ou na secretaria de educação”. Está vinculado à crença da construção coletiva do planejamento, não se afastando das metas e mantendo “foco no objetivo”. Acreditamos que os professores alfabetizadores que adotarem estas orientações e vivenciarem estas práticas poderão ter grandes chances de realizar um trabalho de alfabetização de sucesso.

Quadro 41 – A que cada um atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização

<p><i>ATP - A identificação, a falta de habilidade pelo trabalho com essa faixa etária com esse trabalho específico e com as exigências que esse trabalho demanda por que é bem desgastante. Você precisa ter um tempo mesmo dedicado a pensar nas diferentes atividades. Atividades que estejam de acordo com os níveis de escrita de cada criança que atenda as necessidades de cada criança e a falta de regularidade, frequência e trabalho sistematizado.</i></p>
<p><i>F: É pensar que as crianças são pequenas de mais para aprender e que elas são incapazes. Tem professores que não consegue alfabetizar, eles acham que as crianças são pequenas demais para aprender ou que elas não conseguem, que elas são incapazes. Então eu vejo isso na nossa rede, coitadinho, ele é pequenininho, ou então eles não conseguem, eles tem muita dificuldades.</i></p>
<p><i>G1: É um conjunto de ações. Eu acho que o sucesso e o insucesso é o professor, o professor e a equipe que também está por trás. Não adianta o professor estar super, ultra, mega afim, se ele também não tem o apoio da gestão. Eu acho que os dois contribuem, são a soma de ações.</i></p>
<p><i>G2: O principal é a falta de formação do professor. Acho que na educação todos os professores tem que se dedicar, “dedicação” é pra todos, principalmente para alfabetizar. Se você não tem formação para alfabetizar não vai alfabetizar mesmo, porque você vai tentar alfabetizar no coletivo, alfabetizar de forma totalmente tradicional, aí não dá certo. Você tem que ter uma excelente formação para alfabetizar, se você não tiver formação, o aluno não aprende, (...). Tem a questão de muito aluno por sala, mas se o professor tem formação ele consegue dar conta, mas se você não tiver formação você pode ter pouquíssimos alunos por sala que você não vai conseguir.</i></p>
<p><i>G3: Acho que uma das primeiras coisas é o professor achar que ele vai dar conta de tudo eu acho que ele acaba se frustrando porque ele já vai com aquela expectativa de que a eu vou alfabetizar 100% e (...) de não respeitar a questão do trabalho coletivo. Acho que sozinho você não funciona, nós acreditamos e buscamos muito essa questão do trabalho coletivo, então se eu estou trabalhando com a alfabetização eu tenho lá tantas hipóteses diferentes na minha sala, se eu trabalhar no coletivo, se eu tenho o mesmo objetivo, eu estou trabalhando com o mesmo gênero, porque que eu vou fazer quatro ou cinco atividades diferentes só pra minha turma se eu posso me reunir com as minhas colegas e cada uma fazer. Então uma das coisas eu acho que é esta questão do trabalho coletivo, quando você não tem isso você trabalha de uma maneira isolada eu acho que não funciona muito bem, você tem que saber que vai haver momentos que essa criança, ela vai sair da sua sala, assim como nós temos a experiência do agrupamento para isso dar certo o grupo tem que constituir mesmo enquanto coletivo.</i></p>

Conforme o que observamos no quadro 41, podemos afirmar que o ponto de vista da equipe gestora sobre o insucesso dos professores alfabetizadores está vinculado: à “falta de habilidade para o trabalho com esta faixa etária”; à crença de que “as crianças são pequenas demais para aprenderem e são incapazes” para isso; à não oferta de apoio da gestão da escola; “à falta de formação do professor”; à crença do professor de que “ele vai dar conta de tudo sozinho”. Podemos estabelecer um paralelo com as ações que levam ao sucesso afirmando que o insucesso é agir de forma contrária: à falta de compromisso com a alfabetização; à falta de planejamento e sistematização; à crença no individualismo; à indisposição para as formações. São essas atitudes e esses comportamentos que poderão contribuir para um resultado improdutivo na alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Saber ler e escrever é condição necessária à participação na sociedade letrada em que vivemos. É pré-requisito para a cidadania.”

(Maria Fernandes Cocco)

Embora seja praxe a utilização do termo “considerações finais”, quero aqui deixar meu posicionamento de que as reflexões que seguem não pretendem fazer uma finalização ou conclusão definitivas das questões arroladas no presente trabalho, mas deixá-las em aberto para novos olhares, novas reflexões, pois, a nosso ver, a construção do conhecimento é uma ação humana dinâmica e está sempre num processo evolutivo.

Partindo desta visão de compartilhamento, entendemos que este é um trabalho que aconteceu não a várias mãos, como comumente se diz, mas por várias mentes, desde o início da construção da história da humanidade. Nossos primeiros mestres lançaram suas primeiras ideias que foram se espalhando por todos os “cantos”, assim como o **canto** de galos na madrugada – um pega o **canto** do outro e o leva para mais longe, e outro pega o **canto** de outro, e assim se espalha a cantoria dos galos por todos os “cantos”, todos os lugares onde os galos existam, tratando assim de enaltecer as manhãs, para dar boas vindas ao nascer de um novo dia.

O nosso trabalho de pesquisa “pegou” um destes **cantos**, que identificamos como “boas práticas de alfabetização” na Rede Municipal de Educação de Diadema. Partimos do pressuposto de que, ao identificá-las, podemos contribuir para o estímulo a outros professores na busca por inspiração de novas práticas alfabetizadoras.

Tecendo a Manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

(João Cabral de Melo Neto)

Acreditamos que a dinâmica da construção do conhecimento siga essa lógica, e é por isso que entendemos que a produção do conhecimento não é uma ação individual do ser humano, mas sim uma ação de resultado da construção coletiva, pela qual um pega o conhecimento de outro, e outro pega o conhecimento de outro, que pega de outro ao longo de toda a história cultural das sociedades humanas. O resultado desse processo são as novas reflexões que vão sendo tecidas, na trama da tênue teia da vida, que nasce a cada manhã, prometendo um novo dia.

Acreditamos que é este novo dia que nos brindará com as respostas às questões que motivou a realização deste trabalho de pesquisa. E é por acreditarmos no nascimento deste novo dia para a educação no Brasil, que nos lançamos ao mar e permitimos que ele nos navegasse pelos caminhos das salas de aula das 7 professoras alfabetizadoras, que gentilmente se dispuseram a participar desta pesquisa juntamente com os 5 membros da equipe gestora, das quatro unidades escolares municipais, na cidade de Diadema, que nos abriram as portas para tentarmos desvendar o que está escondido no caminho dos alunos que percorrem o processo da alfabetização.

Para compreender e abastecer de esperança o nosso caminhar para o nascimento deste novo dia, decidimos navegar pela história recente de duas

experiências educacionais e políticas que fundaram novos paradigmas no cenário brasileiro. Tratamos destes eventos nos capítulos 1 e 2.

No capítulo 1, fomos navegar pela inovadora experiência de implantação do Ciclo Básico na Rede Estadual de Educação de São Paulo, no ano de 1983. Neste capítulo, *Histórico e Fundamentos da Alfabetização no Estado de São Paulo a partir da década de 1980*, fizemos uma abordagem histórica do processo, identificando o contexto político de redemocratização do país à época, que culminou com a eleição direta, depois de alguns anos de ditadura militar no País, de um governo de oposição, pelo PMDB, Sr. André Franco Montoro. Em seguida, identificamos os meandros da implantação da proposta do Ciclo Básico que teve os seus “caminhos e descaminhos” durante os doze anos que durou. Para finalizar este histórico da educação em São Paulo nesses trinta anos, identificamos as políticas implementadas pelo governo do PSDB que sucedeu ao do PMDB, do ano de 1995 até os dias de hoje.

Destacamos, a seguir, alguns pontos positivos de acordo com o nosso ponto de vista. O primeiro deles foi a coragem dos gestores, à época, em atacar um sério problema estrutural que corroía, há algumas décadas, o ensino público no Brasil, que era o fracasso escolar, praticado desde as séries iniciais com reprovação de 50% dos alunos, na passagem da 1ª para a 2ª série. Para isso, esses gestores propuseram a criação do Ciclo Básico. A inovação dessa proposta foi a possibilidade que os alunos teriam para assimilarem o processo de alfabetização em um tempo maior, ou seja, dois anos, este processo foi visto como um “**continuum**”.

Embora muito contestado, em 1986 o CB começa a apresentar os primeiros resultados, conforme nos mostrou Duran (1995): “um acréscimo de 10% dos índices de aprovação dos alunos em relação ao regime seriado anterior” (p.7). Esse era um resultado extraordinário, tratando-se de vidas humanas, pois eram milhares de alunos que ficariam à margem do sistema de ensino fadados ao fracasso.

Um segundo ponto positivo que identificamos foi a implantação de uma proposta pedagógica que revolucionou os processos de alfabetização da época. Proposta essa que apresentou um novo paradigma, o “Construtivismo” de Piaget e Emília Ferreiro, que trouxe para o centro do processo de alfabetização o aluno,

como um sujeito dotado de conhecimentos prévios que precisariam ser considerados, respeitados e desafiados.

Um terceiro elemento positivo que identificamos foi a estruturação de uma nova jornada de trabalho dos professores alfabetizadores, a Jornada Única. Com ela, os professores teriam uma jornada de trabalho de 40 horas semanais, com uma única sala de aula e numa mesma escola. Isso possibilitava ao professor ter horas de planejamento, formação e pesquisa, pois ele ficava com os alunos durante 20 horas. Surgiram aí as atualmente conhecidas horas de trabalho pedagógico coletivo, (HTPCs).

Uma quarta ação positiva que identificamos nesse histórico foi a criação, nos anos seguintes à década de 1990, dos programas de formação dos alfabetizadores como o PROFA, *Letra e Vida* e *Ler e Escrever*. Estes programas tinham como objetivo ofertar aos professores alfabetizadores, por meio de cursos, ferramentas que os possibilitassem, através de um aprimoramento da competência técnica, desempenhar um trabalho de alfabetização mais eficaz.

Finalizamos essa reflexão do capítulo 1 com uma quinta ação que foi a implantação da progressão continuada e a organização do ensino em ciclos. Essa política que, mesmo com suas interpretações equivocadas, trouxe resultados, como a permanência dos alunos na escola sem serem reprovados anualmente e sim só no fim do ciclo, também trouxe a mudança na forma de avaliação, que passou a ser processual. Essa é uma das políticas que vigora no Brasil, até hoje. Queremos deixar registrado que esse modelo carece urgentemente de uma nova e ampla discussão, pois ela não está dando conta dos desafios que a educação nos apresenta nos dias atuais.

Ressaltamos que todas essas reflexões foram de extrema importância para este trabalho de pesquisa, pois serviu para alargar nossa compreensão em relação às políticas educacionais implementadas nos últimos 30 anos. E, à luz dessas experiências, entendemos que todos os processos têm o seu valor.

No capítulo 2, fomos navegar por uma outra inovadora experiência de gestão pública; se a anterior foi na esfera estadual, esta foi na esfera municipal. O capítulo 2, *A Formação Continuada de Professores na Rede Municipal de Educação de*

Diadema, a partir da década de 1980, apresentou uma experiência contemporânea da anterior. Com a redemocratização do Brasil nos anos 1980, no município de Diadema, em 1982, foi eleito para prefeito da cidade um operário e ex-metalúrgico pelo Partido dos Trabalhadores.

Vimos que essa eleição trouxe uma experiência de gestão inovadora, que mudou radicalmente a história de Diadema nos anos seguintes. Uma das mudanças foi a manutenção no poder por 30 anos de prefeitos de esquerda, que governaram a cidade de forma popular e democrática. Veremos, a seguir, algumas das ações positivas mais importantes deste período de 30 anos de governos populares. Dentre elas, daremos destaque para as relacionadas à educação.

Elegemos, como primeira ação, uma que, a nosso ver, é a mãe de muitas outras: a implantação da “gestão democrática” no governo. Foram implantados no município vários conselhos populares que passaram a participar diretamente, através de reuniões e assembleias, das decisões do governo. Identificamos que, com essas práticas de gestão participativa e democrática, Diadema viveu uma revolução na sua forma de ser. E, anos mais tarde, apagou de vez a fama de cidade mais violenta do estado de São Paulo, para se tornar uma cidade com uma qualidade de vida bem melhor, passando a ser muito procurada para investimentos industriais e comerciais. Tudo isso se deu graças à força coletiva dos seus munícipes que participaram ativamente de toda essa história evolutiva.

Uma segunda ação relacionada à educação foi a criação do Serviço de Educação de Jovens e Adultos no município, no ano de 1986. Isso se deu em função de o município ter um elevado índice de analfabetismo que era da ordem de 15%. Esse serviço foi, a nosso ver, inovador em três aspectos: primeiro trouxe para o trabalho a concepção freiriana de alfabetização, em que o aluno era visto como sujeito ativo do processo; em segundo lugar, implementou, para os professores da EJA, uma jornada de trabalho que contemplava horas de formação, estudo e planejamento. Mais de um terço da jornada de trabalho era para estas ações, e isto à época foi algo extremamente inovador. Por último, estimulou a criação de grêmios estudantis nas escolas de EJA, abrindo, assim, um canal de participação democrática dentro das escolas.

A terceira ação inovadora que selecionamos foi a construção do Estatuto do Magistério. Processo esse que contou com participação democrática de todos os professores da rede através de representações por segmentos, e foi muito importante para a valorização da carreira do magistério municipal.

A quarta ação inovadora que escolhemos foi a democratização da gestão escolar. Essa ação veio coroar todos os processos democráticos vivenciados anteriormente, ou seja, faltava a comunidade escolar dar seu veredicto de fato. Foi então, no ano de 1998, implantada a eleição direta para Diretor e Assistente de Diretor, em todas as escolas da rede municipal de Educação. Foi também essa outra ação inovadora, pois permitia a todos os participantes da comunidade escolar exercer sua cidadania, agora não só com a voz, como nos conselhos de escola, mas com o direito decisivo do voto.

A quinta ação inovadora, fechando, assim, o que consideramos de mais significativo na educação ao longo desses anos, foi a construção coletiva e democrática da Proposta Curricular do município. Foram quase três anos de intensa participação dos profissionais de todos os segmentos vinculados às ações da escola. O resultado final foi a elaboração dos Cadernos Curriculares de todos os segmentos educacionais. A nosso ver, foi esta uma das mais profundas e gratificantes experiências de participação que tivemos a felicidade de integrar nesses anos todos, pois ali se decidiram questões de concepção educacional de grande importância para as ações pedagógicas futuras.

Encerramos, assim, nossas reflexões sobre os caminhos percorridos por várias gestões democráticas em Diadema, fechando um longo ciclo de 30 anos, pois, em 2012, foi eleito um novo prefeito que faz parte de outra visão de gestão; visão esta que tem demonstrado, neste ano de 2013, ser centralizadora e autoritária, não abrindo espaço para participação popular e democrática.

Podemos destacar nessas duas experiências, apresentadas no capítulo 1 e no capítulo 2, que ambas, apesar de visões ideológicas diferentes, trouxeram uma gama de ações inovadoras na forma de praticar a educação no Brasil. Apresentamos, a seguir, algumas delas.

Nas duas experiências, o professor merece lugar de destaque. Por exemplo, na política estadual, com a implantação da Jornada Única, em 1988, ele passa a ter uma jornada de trabalho diferenciada, com tempo disponível para formação, pesquisa e planejamento. Na política municipal, com a criação do Serviço de Educação de Jovens e Adultos, em 1986, o professor tem uma jornada de trabalho que também contempla hora de formação, pesquisa e planejamento. Temos consciência de que isto ainda é muito pouco para a verdadeira valorização do magistério, mas, a nosso ver, já é um indício de respeito à profissão.

Outro ponto em comum que queremos destacar é o lugar que o aluno passa a ocupar nas duas experiências. Tanto na rede estadual como na rede municipal, o aluno passa a ser o centro do processo. Com a implantação do Construtivismo na rede estadual, desloca-se o foco para o processo de aprendizagem do aluno, que passa a ser considerado sujeito construtor de seu processo de aprendizagem, tendo o professor como mediador. Ao passo que, em Diadema, com a adoção do pensamento de Paulo Freire, na educação de adultos, o aluno também é considerado o sujeito do processo de aprendizagem, e o professor é concebido como aquele que faz a mediação entre o sujeito, sua realidade e o mundo. Em Diadema, a partir do ano de 1987, acontece, na pré-escola da rede municipal, a introdução do Construtivismo. A educação infantil passa, também, a atuar com base na pesquisa de Emília Ferreiro e Piaget.

Vemos como marco, nessas duas experiências, a construção de um novo paradigma para a atuação dos professores na educação brasileira. Estas ações em São Paulo e Diadema será o disparador de muitas novas práticas Construtivistas Brasil afora.

Um terceiro ponto em comum que vemos é o destaque para a formação dos professores. Nas duas experiências, houve grandes investimentos nesse quesito. Na rede estadual, foram criados vários cursos, desenvolvidos pela equipe técnica da Secretaria da Educação Estadual, e que, em alguns momentos, contou com a presença da própria Emília Ferreiro. Essa jornada construtivista em São Paulo contou com a participação permanente da Prof.^a Telma Weisz, educadora que abraçou a causa construtivista na rede estadual “pra valer”, desde a implantação do Ciclo Básico até os dias atuais, dando formação para os profissionais da educação

de todo o estado. Paralelamente, em Diadema, a presença do Prof. Paulo Freire passou a ser um constante em encontros de formação com os professores, em palestras, seminários, congressos, sempre com o objetivo de levar os professores às reflexões, a partir da perspectiva de estimular práticas pedagógicas mais comprometidas com a transformação da sociedade.

No capítulo 3, *Os Procedimentos Metodológicos e as Análises dos Dados*, apresentamos o passo a passo do desenvolvimento da pesquisa de campo, da organização e análise dos dados coletados. Como nosso objetivo é identificar, na Rede Municipal de Educação de Diadema, “boas práticas alfabetizadoras”, o melhor caminho era o de entrevistar professores alfabetizadores. Para isso, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, através de estudo de caso com 7 professoras alfabetizadoras e 5 profissionais da equipe gestora. Escolhemos como base de pesquisa qualitativa as ideias de Ludke e André (1986). Para dar continuidade ao trabalho de campo, decidimos utilizar a metodologia da Análise de Conteúdo, inspirada em Bardin (1977) e Franco (2008), para trabalharmos com o conteúdo das entrevistas realizadas.

Definidas as bases e os fundamentos metodológicos, partimos para a realização do trabalho de campo que resultou num riquíssimo banco de informações, que pode ser visto no Apêndice 4. As falas dos 12 profissionais participantes desta pesquisa foram elucidativas para as questões postas, conforme veremos a seguir.

No início deste trabalho de pesquisa, levantamos as questões: como dizia Heráclito, “o que ficou escondido neste caminho” que muitos alunos não conseguem se alfabetizar nos três primeiros anos do ciclo? Será que estes alunos não tiveram o privilégio de ter um bom professor alfabetizador? Será que, a esses alunos, não foram apresentadas estratégias que os estimulassem a serem alfabetizados? Será que a esses professores não foram oferecidos cursos de formação permanente e apoio pedagógico que os ajudassem a melhorar suas práticas de alfabetizadores? Será que os professores que atuam na alfabetização não são apaixonados pelo que fazem? Afinal, **o que leva um professor alfabetizador a obter sucesso com o seu trabalho?**

A partir de agora, pretendemos alinhar as ideias e discussões apresentadas ao longo do nosso trabalho, buscando as respostas para cada uma das perguntas

acima elencadas, estabelecendo uma relação reflexiva com as categorias de análises realizadas.

Para a primeira pergunta, “o que ficou escondido neste caminho que muitos alunos não conseguem se alfabetizar nos três primeiros anos do ciclo?”: trazemos para a resposta dessa questão as falas dos gestores no quadro 41, quando creditam o insucesso dos professores alfabetizadores a diversos fatores: a “falta de habilidade para o trabalho com esta faixa etária”; a crença de que “as crianças são pequenas demais para aprender e são incapazes” para isso; a não “oferta de apoio da gestão da escola”; “a falta de formação do professor”; a crença do professor de que “ele vai dar conta de tudo sozinho”. Corroboramos com essa visão dos gestores e vamos um pouco mais além, visto o comprometimento das 7 professoras alfabetizadoras. Podemos afirmar que a falta de planejamento e sistematização; a crença no individualismo; e a falta de compromisso com o processo de alfabetização são fatores determinantes para esconder dos alunos que mais necessitam o caminho da aprendizagem. Em síntese, ficaram escondidas as intervenções desafiadoras que os levariam à alfabetização.

Para a questão “será que estes alunos não tiveram o privilégio de ter um bom professor alfabetizador?”: novamente recorremos às falas da equipe gestora, quadro 38, quando expressam que o bom professor alfabetizador é aquele “que tem habilidade, ensina, é comprometido e responsável, que saiba alfabetizar, se identifica com a faixa etária, e promove a alfabetização de seus alunos”. Concordamos que esse perfil é decisivo para o resultado positivo do trabalho, e acreditamos poder afirmar que os alunos que não tiveram ou não tiveram um professor alfabetizador com estas características, não conseguirão ser alfabetizados plenamente. Contribui para esse nosso entendimento Oliveira (1997), quando afirma:

A criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (p. 62)

Na questão “será que, a esses alunos, não foram apresentadas estratégias que os estimulassem a serem alfabetizados?”, identificamos nos procedimentos das 7 professoras alfabetizadoras que, para um bom trabalho de alfabetização, é

necessária uma série de ações e intervenções para que cada aluno avance no processo. Vejamos quais foram suas ações diante de alunos que apresentaram dificuldades de leitura e escrita: conversas com a família; conversas com o próprio aluno; comunicação com a equipe gestora pedindo ajuda; desenvolvimento de várias atividades diferenciadas; elaboração de relatórios de registro do processo. Tiveram uma ação que, a nosso ver, faz a diferença na realização pedagógica destas professoras, que é a aproximação física de suas mesas das crianças que apresentam mais dificuldades de aprendizagem. Isso garante a elas uma maior assistência, permitindo um acompanhamento diferenciado dos demais. Podemos concluir que os alunos que não desfrutaram de processos parecidos com estes podem ter prejuízos no seu aprendizado.

Quanto à pergunta “será que a esses professores não foram oferecidos cursos de formação permanente e apoio pedagógico que os ajudassem a melhorar suas práticas de alfabetizadores?”, observamos, no quadro 11 – que abordou a questão da participação em cursos de atualização –, que, dos 12 profissionais participantes da pesquisa, 9 têm recorrido à formação e atualização profissional. Cremos poder afirmar que esse não pode ser um fator de responsabilidade para o não desempenho na alfabetização dos alunos em Diadema. Essa postura de não oferta de formação pode ser um fator aceito em outras localidades, não na Rede Municipal de Educação de Diadema, que sempre investiu na formação do seu quadro de professores.

Na pergunta “será que os professores que atuam na alfabetização não são apaixonados pelo que fazem?”, é comum encontrarmos colegas de magistério que não estão atuando na série que gostariam, ou que estão na sala de aula, mas não é o que gostariam de estar fazendo. Isso fatalmente trará interferências negativas para o resultado final do trabalho em sala de aula, e maior ainda será o prejuízo, se for na alfabetização. Podemos constatar que a postura das 7 professoras alfabetizadoras que participaram desta pesquisa é de total comprometimento pela escolha que fizeram – vimos isto no quadro 17, quando responderam à pergunta sobre a opção de serem alfabetizadoras.

Fazer a escolha pelo que queremos é um dos fatores determinantes para o resultado positivo da ação pedagógica, pois, quando realizamos algo que nos dá prazer, apaixonamo-nos pelo que fazemos, e esse fazer passa a ser o nosso

principal objetivo de atuação, que é o de contribuir como mediador da aprendizagem dos nossos alunos.

Diante da pergunta **“O que leva um professor alfabetizador a obter sucesso com o seu trabalho?”**, as respostas foram aparecendo à medida que os 12 profissionais participantes da pesquisa foram emitindo suas opiniões através do roteiro de entrevista. A seguir, destacamos duas falas do ponto de vista das professoras presentes no quadro 32, quando falaram do resultado positivo do trabalho:

P1: Eu acredito que primeiro parta de mim por eu gostar muito de trabalhar com isso, por me interessar, por sempre estar buscando coisas novas.

P2: Primeira coisa, eu acho que não só na alfabetização, mas em tudo na nossa vida é o gostar, é a paixão de fazer o que você está fazendo e eu sou apaixonada pelo primeiro ano...(Apêndice 4)

Como vimos, as professoras têm plena consciência do seu papel. Tudo isto só foi possível porque estas professoras têm dedicação e muito empenho na opção que fizeram, nas buscas por mais formação para se capacitarem mais, na dedicação aos trabalhos de elaboração de atividades que vão ao encontro das necessidades dos alunos. Vemos que todas têm uma verdadeira paixão por alfabetizar, e que isso influencia e interfere nos resultados, pois o fazer pedagógico tem um significado que o torna prazeroso.

A equipe gestora, como vimos no quadro 40, também credita o sucesso do trabalho a um bom “planejamento”, à “identificação com a faixa etária”, à crença de que as crianças pequenas são capazes de aprender, à “dedicação e compromisso”, às formações que recebem, à “meta e foco nos objetivos” planejados.

Chegamos ao final deste trabalho acreditando ter confirmado nossas hipóteses iniciais de que, para a obtenção de sucesso na alfabetização é necessário, para além da formação e atualização, **um forte compromisso e propósitos profissionais** bem como **acreditar que toda criança é capaz de aprender**. Esta nossa visão permeou o tempo todo o posicionamento das professoras e da equipe gestora, participantes desta pesquisa.

Após as muitas leituras realizadas, relacionadas à temática da alfabetização, após o nosso contato com esses 12 profissionais que participaram da pesquisa e após as análises dos dados, podemos concluir este trabalho de pesquisa, afirmando que a resposta à grande pergunta **“O que leva um Professor Alfabetizador a**

obter Sucesso com o seu trabalho?”, e a confirmação das nossas hipóteses, está estritamente relacionada aos seguintes fatores: o compromisso do professor com o trabalho que desenvolve; a competência técnica, ou seja, ter uma sólida formação sobre o como se dão os processos de alfabetização e aprendizagem da criança; a construção coletiva de um bom planejamento de trabalho; a crença do professor de que toda criança pode aprender, cada uma no seu tempo; a proximidade física e afetiva do professor com o aluno que apresenta defasagem de aprendizagem, para realizar intervenções mais pontuais e desafiadoras; a intensificação das conversas do professor com os pais ou familiares; o apoio incondicional da equipe gestora para o professor. Acreditamos que os professores alfabetizadores que adotarem as orientações e vivenciarem as experiências apresentadas, poderão desenvolver “boas práticas de alfabetização” e, conseqüentemente, obter sucesso com o seu trabalho.

Afirmamos ter sido esta uma experiência gratificante e, quiçá, seja o nosso trabalho um dos **cantos** a ecoar por todos os “cantos” onde existam crianças e professores sedentos por compreender, vivenciar e apreender a dinâmica de funcionamento do mundo letrado. Desejamos que este trabalho seja uma inspiração aos professores alfabetizadores para o nascimento de novas perspectivas de vida, para todos aqueles alunos que, no sistema público de ensino, enfrentam dificuldades para se alfabetizarem.

“A democracia, esta forma de governo que todos nós apostamos, demanda, requer, exige indivíduos alfabetizados. O exercício pleno da cidadania é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos. A democracia plena é impossível sem nível de alfabetização acima do mínimo da soletração e da assinatura. Não é possível continuar apostando na democracia sem realizar os esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos e não decifradores).”

(Emilia Ferreiro)

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Leila. Educação Continuada Comprometida com a Transformação Social. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Campinas – UNICAMP, Brasil, 2000.

ALVES, Maria Leila. A Alfabetização na Rede Pública Paulista. In: Ciclo Básico em Jornada Única: uma nova concepção de trabalho pedagógico, vol. 02. São Paulo: FDE, 1990.

ALVES, Maria Leila. Estratégias para a Desmobilização da Educação Humanizadora na Sociedade Capitalista. 2013, (NO PRELO, s/p.).

BAHIA, Norinês Panicacci. O significado de uma década no contexto da democratização do ensino: O Ciclo Básico no Estado de São Paulo 1984 a 1994. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1995.

BAHIA, Norinês Panicacci. Enfrentando o Fracasso Escolar: Inclusão ou Reclusão dos Excluídos. São Paulo: Alexa Cultural, 2012.

BAHIA, Norinês Panicacci. O Fracasso Escolar e a Reclusão dos Excluídos Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP, 2002.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Edições 70, Lisboa/Portugal: 1977.

BRASIL, Cristina Costa. História da Alfabetização de Adultos: de 1960 até os dias de hoje. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12005/CristianeCostaBrasil.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2013.

BRASIL. Decreto Lei nº 8.529, de 2 de Janeiro de 1946. Rio de Janeiro, 1946. Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Primário. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 Out. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação - Estudo sobre a Lei do Piso Salarial, p.3. Brasília, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10241&Itemid=. Acesso em: 20 Set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica – Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Currículo na Alfabetização: Concepções e Princípios. Ano 01 – Unidade 01 – Brasília 2012, p.5. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_1_MIOLO.pdf. Acesso em: 20 Set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica – Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. – Brasília 2012, p.24; 27-28; 37. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Formacao_de_professores_MIOLO.pdf. Acesso em: 20 Set. 2013.

CÓCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antonio. Didática da Alfabetização. Decifrando o Mundo. Alfabetização e Socioconstrutivismo. São Paulo: FTD, 1996.

DIADEMA. Lei Complementar Nº 071, Criação do Estatuto do Magistério, TÍTULO I – artigo 1º, de 19 de dezembro de 1.997. Disponível em: http://www.cmdiadema.sp.gov.br/leis_integra.php?chave=10007197. Acesso em: 31 Ago. 2013.

DIADEMA. Lei Complementar Nº 071, Eleição do Diretor de Escola, Capítulo III Seção v - ARTIGO 58G, de 19 de dezembro de 1.997. Disponível em: http://www.cmdiadema.sp.gov.br/leis_integra.php?chave=10007197. Acesso em: 31 Ago. 2013.

DIADEMA. Lei Ordinária Nº 857/1986, de 30/09/1986. Disponível em: http://www.cmdiadema.sp.gov.br/leis_integra.php?chave=85786). Acesso em: 31 Ago. 2013.

DIADEMA, Secretaria Municipal de Educação de. Diadema Caderno Introdutório, o Movimento de Reorientação Curricular em Diadema. Diadema: Gráfica PMD, 2007.

DIAS, Vagno Emygdio Machado. Ciclos e Progressão Continuada no Estado de São Paulo: Faces de uma mesma moeda. GT: Educação Fundamental n.13. 2005, s/p. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT13/gt131162int.rtf>. Acesso em: 15 Nov. 2013.

DURAN, Marília C. G. Alfabetização na Rede Pública de São Paulo. A História de Caminhos e Descaminhos do Ciclo Básico. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP, 1995.

DURAN, Marília C. G; LOPES, Maria Zilda da Cunha. Proposta preliminar de alfabetização no Ciclo Básico. In: Ciclo Básico em Jornada Única: uma nova concepção de trabalho pedagógico, vol. 01. São Paulo: FDE, 1988

DURAN, Marília C. G. O Ciclo Básico em Jornada Única. Uma Nova Concepção de Trabalho Pedagógico. In: Ciclo Básico em Jornada Única: uma nova concepção de trabalho pedagógico, vol. 02. São Paulo: FDE, 1990.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1986

FIGUEREDO, Ângela Maria da Silva. Formação Continuada de Professores Alfabetizadores: como aprende o professor? Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UESP, 2011.

FRANCO, Maria Laura P.B. Análise de Conteúdo. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade: A Sociedade Brasileira em Transição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GUERRA, L.B. A criança com dificuldades de aprendizagem. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

LAUAND, Jean. Filosofia e Educação – textos e notas. Notandum Libro 16. São Paulo: Porto, 2012.

LUDKE, Hermengarda Alves e ANDRÉ, Marli E. D.A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Luiz. Estratégias de Enfrentamento. Rio de Janeiro, Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.cidadedocerebro.com.br/artigo/0000072/Coping-%E2%80%93Estrat%C3%A9gias-de-Enfrentamento>. Acesso em: 22 Jul. 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Os Sentidos da Alfabetização – São Paulo: 1876/1994 – São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Marta Koll de. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento: um Processo Sócio Histórico. São Paulo: Ed. Scipione, 1997.

SÃO PAULO (ESTADO). Ciclo Básico em jornada única: uma nova concepção do trabalho pedagógico. FDE/SEESP, v. 2, 1990.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Ed. Cortez, 23ª edição, 2007.

SOARES, Regiane. Primeiro prefeito do PT, Gilson Menezes atribui vitória em 1982 à militância petista. Folha de S. Paulo, 10 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u691705.shtml>. Acesso em: 24 Nov. 2013.

SZYMANSKI, Heloísa (org). A entrevista na pesquisa em educação – a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

TERRA, Educação. Metade dos alunos com 8 anos de idade ainda tem dificuldades para ler. 25 de Junho de 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/metade-dos-alunos-com-8-anos-de-idade-ainda-tem-dificuldades-para-ler,bdfae52bbb7f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 17 Nov. 2013

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A Formação Social da Mente. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. O Diálogo Entre o Ensino e a Aprendizagem. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

ZOTTI, Solange Aparecida. Organização do Ensino Primário no Brasil: Uma Leitura da História do Currículo Oficial. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_102.html. Acesso em: 16 Nov. 2013.

APÊNDICE 1 – MODELO DO TERMO DE COMPROMISSO – UMESP – UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO – Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Sebastião de Oliveira Coelho, RG nº 9.003.774-1, mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Norinês Panicacci Bahia, proponho o desenvolvimento da pesquisa intitulada **A ALFABETIZAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DIADEMA: IDENTIFICANDO BOAS PRÁTICAS**, que tem por objetivo “Identificar elementos da prática pedagógica dos professores alfabetizadores que interferem positivamente na alfabetização dos alunos nas séries iniciais” e também buscar na Universidade, **suporte teórico/científico** que colabore com a investigação pretendida, para a identificação do que tem sido produzido no mundo acadêmico nos últimos anos que possa contribuir com o sucesso da alfabetização. Como metodologia para este trabalho será realizada uma pesquisa de campo com roteiro de entrevista previamente definido, a sete professores alfabetizadores da rede municipal de educação de Diadema, em diferentes regiões da cidade. Além dos professores participarão da pesquisa 1 Formador, 1 Coordenador Pedagógico e 3 Gestores. Para tanto, conto com a sua colaboração para a obtenção dos dados para esta pesquisa, observando-se os esclarecimentos abaixo:

ESCLARECIMENTOS:

- 1) A participação nesta pesquisa é de livre escolha com a garantia de sigilo de identificação dos sujeitos que se dispuserem a participar e, ainda, retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma;
- 2) A pesquisa não envolverá nenhum tipo de custo para os participantes;
- 3) A participação na pesquisa não possibilita desconforto ou risco ao participante por se tratar de uma aplicação de questionário e realização de uma entrevista. Caso o participante sinta desconforto em relação a qualquer questão formulada, poderá declinar de responder a mesma.

Diadema, ____ de _____ de 2012.

Sebastião de Oliveira Coelho

Consentimento do(a) colaborador(a)

Estou ciente de todas as informações citadas acima para a realização do projeto de pesquisa.

Nome completo: _____

Assinatura: _____

Diadema, ____ de _____ de 2012

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO PARA PERFIL

Nome da Professora.....Idade.....

Há quanto tempo você atua como professora alfabetizadora?

Nome da Escola que trabalha.....

Nesta Escola, há quantos anos?..... Em que série este ano?.....

Carga horária semanal de trabalho.....

Trabalha em outra rede?..... Qual?.....

Tempo de atuação no Magistério.....

Grau de Escolaridade: 2º grau () Magistério () 3º grau () Pós-Graduação ()

Se Superior, qual?.....

Se Pós-Graduação, qual?.....

Nível sócio econômico: Renda mensal.....

Estado civil.....Tem filhos?..... Quantos? Idade

Escolaridade dos pais: Mãe Pai

Atualização Profissional

Você está frequentando algum curso atualmente?

Sim () Não () Que curso?

Onde?

Fez algum curso(s) de atualização no último ano?

Qual(is)?.....

Sobre sua atuação nesta escola: Qual(is) fator(es) você considera como facilitador(es) para sua atuação profissional?.....

Qual(is) fator(es) você considera como dificultador(es) para sua atuação profissional?.....

APÊNDICE 3A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Pergunta sobre alfabetização

1 – Você é alfabetizadora por opção?

1 - Para você o que é ser alfabetizadora ?

2 - Na sua opinião, quais habilidades básicas são requeridas para as crianças dominarem a leitura e a escrita?

3 – Qual o papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança?

4 - Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

5 - Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

Perguntas sobre cotidiano escolar:

1 - Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

2 - Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

3 - Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

Perguntas sobre o dia a dia do professor:

1 - Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

2 - Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

3 - Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

4 - Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita?

5 – Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais

6 – Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

7 – O que fundamenta o seu sucesso na alfabetização desta turma?

8 – A que você atribui a não alfabetização de alguns dos seus alunos?

APÊNDICE 3B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA FORMADORA

1 – Você que no momento está atuando na formação dos alfabetizadores da rede, você também é alfabetizadora? Já atuou? Por quanto tempo?

2 – Há quanto tempo você atua como formadora na rede?

3 - Para você o que é ser um professor alfabetizador?

4 – Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?

5 – Na sua opinião qual é o maior desafio para um professor alfabetizador?

6 - A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

7 – A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

8 – Fale sobre o seu papel de formadora dos alfabetizadores. Que importância você atribui a ele?

9 - Como se dá na prática o seu trabalho na formação dos professores?

10 – Você tem dados sistematizados, que apontam evolução dos professores que participaram das formações oferecidas?

11 – Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta de formação que você desenvolvem na rede municipal de Diadema?

12– Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?

13 - Que ações você propõe para que alfabetização na primeira série se torne realidade?

APÊNDICE 3C - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA DA COORDENADORA PEDAGÓGICA (ATP*)

- 1 – Qual é o papel de um ATP?
- 2 - Qual é a relação da função de ATP com os professores alfabetizadores.
- 3 – Você já atuou como alfabetizadora?
- 4– Há quanto tempo você atua como professora na rede? Há quanto tempo como ATP?
- 5 - Para você o que é ser um professor alfabetizador?
- 6 – Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?
- 7 – Na sua opinião qual é o maior desafio para um professor alfabetizador?
- 8 - A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?
- 9 – A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?
- 10 – Fale sobre o seu papel de ATP na relação com os alfabetizadores. Que importância você atribui a ele?
- 11 – Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta pedagógica que vocês desenvolvem na rede municipal de Diadema?
- 12– Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?
- 13 - Que ações você propõe para que a alfabetização na primeira série se torne realidade?

*ATP Assistente Técnico Pedagógico

APÊNDICE 3D - ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM O DIRETOR DA UNIDADE ESCOLAR (GESTOR)

1 – Você já atuou como professor, antes de ser diretor (ora)? Em que segmento? Por quanto tempo?

2 - Há quanto tempo trabalha na rede de Diadema?

3 – Na sua opinião o que é ser diretor? O diretor tem papel pedagógico no comando da unidade Escolar?

4 – Ao diretor de escola cabe envolvimento com a alfabetização dos alunos nas primeiras séries?

5 – Como é a sua participação na atuação com os professores alfabetizadores?

6 - Para você o que é ser um professor alfabetizador?

7 – Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?

8 – Na sua opinião qual é o maior desafio para o professor alfabetizador?

9 - A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

10– A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

11 – Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta pedagógica de alfabetização da sua unidade escolar?

12– Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?

13 - Que ações você propõe para que alfabetização na primeira série se torne realidade?

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 1 – ESCOLA DA PERIFERIA

E: Você é alfabetizadora por opção?

P1: Sim sou alfabetizadora por opção, mas é assim, a gente corre o risco no início do ano de não pegar uma turma das séries iniciais, que seria a alfabetização. É uma área apaixonante que eu fui buscar especialização, fui fazer a pós-graduação em alfabetização, porque eu quero me especializar nessa área. Então se eu tiver oportunidade de continuar mais anos com o primeiro ano específico é o que eu quero sou apaixonada pelo 1º ano.

E: Você fez magistério, Pedagogia?

P1: Eu fiz Pedagogia

E: Quando você fazia Pedagogia você já tinha alguma faixa etária definida de trabalho ou isso veio por acaso após você entrar na rede de Diadema?

P1: Não, na verdade eu trabalhava em outra área, eu trabalhava na área administrativa e quando comecei o curso de Pedagoga, já consegui um contrato com a Prefeitura de São Bernardo pra fazer os estágios. Eu trabalhava numa escola de ensino fundamental. Atuava em todas as séries, porque às vezes eu tinha que substituir professores, tinha que acompanhar algum aluno de inclusão e tinha uma diretora que ela sempre falou pra mim, “Aline você vai ser professora para alfabetizar”, ela sempre falou isso pra mim. A princípio eu gostava muito de trabalhar com a terceira série. Durante os três anos que fiquei lá, todas as tarde eu ficava numa primeira série. Era uma professora que sempre pegava primeira série, era professora alfabetizadora e tinha muito sucesso com o trabalho dela. Ela sentou comigo e antes mesmo de eu aprender na faculdade sobre alfabetização, me ensinou. Então isso foi fazendo a diferença, fui criando gosto por isso e ao ver como as crianças se desenvolviam, fui ficando fascinada. Foi por isso que eu sempre quis trabalhar com alfabetização. No meu primeiro ano de rede aqui em Diadema, que foi quando eu assumi uma turma eu peguei quinto ano, porque eu não tive opção de escolha e ai nos anos seguintes eu pude escolher.

E: Aqui na rede você está há quanto tempo?

P1: Há três anos, eu entrei em 2010, na Escola Átila onde estou como titular até hoje e trabalhando com alfabetização nos anos de 2011 e 2012.

E: Para você o que é ser alfabetizadora?

P1: É participar de um processo muito importante que vai além do saber ler, escrever, do ensinar as letras. É fazer parte de um processo de transformação na vida das crianças. Acredito que isso interfira na autoestima, eles se sentem mais motivados, se sentem parte de alguma coisa, sentem importantes, sentem que eles são capazes, que eles conquistaram algo. Então é você fazer parte disso, desse processo, de abrir também um mundo novo para essas crianças.

E: Na sua opinião, quais habilidades básicas são requeridas para as crianças dominarem a leitura e a escrita?

P1: Conhecer as letras do alfabeto, que é importante porque sem isso atrapalha.

E: Tem algum pré-requisito para ser alfabetizado?

P1: Tem e não tem, porque tão vindo direto da educação infantil para o 1º ano, que tem que saber dosar essas coisas também que eles vão aprender agora juntos no primeiro ano. A questão da motricidade, a maturidade e tudo mais o que não impede que ele tenha conhecimento do mundo letrado. Agora pra alfabetizar mesmo, leitura, escrita das palavras, o alfabeto é primordial, a questão do nome ajuda bastante, essas coisas.

E: Qual o papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança? Família tem importância?

P1: Tem total importância, tanto que os meus alunos que tem mais dificuldade, que não foram alfabetizados, são os alunos que tiveram problemas familiares no decorrer do ano ou problemas assim de separação e tudo mais ou também que a mãe não tem ou pai não tem condições de acompanhar. A família tem que fazer uma parceria com a escola. A gente não consegue dar conta de tudo aqui dentro, porque na sala de aula a gente tem 32 alunos e você não consegue fazer o mesmo trabalho com todos de forma mais individual, porque isso leva tempo. Às vezes você consegue dar atenção pra um em um dia e outro, no outro dia e aquele que você deu num dia você só vai retomar lá na outra semana e os pais quando a gente tem realmente uma parceria de conversar o que tem que ser conversado, dele estar ajudando, ou se os pais têm hábitos de leitura, se os pais incentivam sempre, isso faz com que a criança avance, desperta interesse e isso ajuda nesse processo de alfabetização.

E: E você tem conseguido ter essa parceria com os pais aqui na Escola Florestan? E lá na Escola Átila?

P1: Sinceramente lá no Átila tenho mais do que aqui. Percebo que a comunidade aqui é muito diferente, apesar de serem bairros próximos. A comunidade aqui, talvez pela necessidade dos pais, das mães, não tem condições de acompanhar as crianças porque tem que trabalhar muito ou tem muitas crianças pra cuidar, muitos filhos pra dar atenção. Então aqui eu percebo que eu tenho menos parceria do que lá, lá eles são mais participativos.

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P1: Tem a sondagem diagnóstica que eu uso. Para a rede oficialmente eu faço a cada trimestre, pra mim faço quinzenal. Faço com todos os alunos individualmente e aí eu observo a escrita se a criança está utilizando as sílabas corretamente, mesmo que não seja de forma ortográfica, que ainda tem esses erros de ortografia, eu digo que ela está alfabética. Tem também a questão da escrita da frase, observo se ela está escrevendo a frase, mesmo que não esteja segmentada eu considero a criança alfabética, porque a estrutura da frase é complicada também para eles. Agora a questão da leitura ela é um pouco complicada porque tem criança que escreve, mas não consegue ler, vai juntando as sílabas, junta, tem aquela dificuldade ainda e aí no final daquela palavra ela já esqueceu o que tinha lá no início ou não tem o hábito porque a gente também tem várias palavras que a gente se familiariza com elas, a gente meio que acaba lendo automaticamente e aí então se a criança não tem esse repertório é mais difícil pra ela ler. Então tem a questão da escrita e da leitura, mas eu considero ela alfabética, na hipótese de escrita alfabética, pelo diagnóstico. Alfabetizada poderia contemplar os dois se ela lê e escreve o que ela lê.

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P1: Sim é possível, mas depende do olhar do professor para o aluno. Se ele tem essa percepção individual da criança, se ele consegue observar se é alguma coisa que tá acontecendo ou se é alguma coisa própria da criança, alguma outra dificuldade que vai além ali da sala de aula, se ela vai precisar de algum acompanhamento médico, que seja feito o encaminhamento. Para descobrir isso é na conversa com os pais para perguntar se está acontecendo alguma coisa, até mesmo dentro da sala de aula.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P1: Eu trabalho com duplas produtivas. Desde o início do ano depois de fazer a sondagem diagnóstica de escrita eu faço a dupla com uma criança que tem a hipótese de escrita que seja compatível, ou um par mais experiente, mas também não tem uma discrepância muito grande entre eles, por exemplo, um silábico sem valor com um silábico com valor.

E: Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

P1: No início do ano a gente recebe um plano anual que é dividido por trimestre e pelas áreas de conhecimento, Português, Matemática, Ciências, História e Geografia e aqui no Florestan Artes e Educação Física porque lá no Átila nós temos professores especialistas e aí esse plano anual é o que norteia o meu planejamento, é feito encima disso, que é dividido nos horários e as demais aulas.

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

P1: Aqui na escola a gente tem a proposta do agrupamento, que é quando a gente consegue fazer o acompanhamento dessas crianças de acordo com a hipótese delas. Então elas são separadas, cada criança de acordo com a hipótese em que se encontra com um professor responsável e ali você tem condições de dar atividades específicas para aquelas crianças...

E: Cada professor fica com um grupo de alunos?

P1: Sim cada professor fica com um grupo de alunos e aí você tem condições de atender, tanto essas crianças que tem dificuldades, quanto aquelas que já são alfabéticas e também precisam de atividades diferenciadas, porque se não elas começam a ficar desmotivadas dentro da sala de aula, é difícil você gerenciar isso também, porque acaba que eles vão ficando também de lado. Então tem a questão do agrupamento que é uma questão da escola. Eu trabalhei bastante com palavras lacunadas todos os dias com essas crianças que tinham dificuldades, no caso como eu tinha bastante aluno silábico com valor eu fazia palavras lacunadas para eles completarem com as consoantes, depois que eles faziam a escrita dessas palavras eu fazia a correção individual com eles, eu chamava um a um e depois eu fazia na lousa a escrita das palavras do dia e depois as famílias silábicas daquelas palavras, quais as sílabas nós usamos para escrever aquelas palavras. Eu tinha ainda criança que não conhecia todo o alfabeto e eu fazia a leitura do alfabeto também com essas crianças. Tem também a questão da formação que a escola oferece nas horas da aglutinada, que a gente cumpre aqui na escola. Então essas formações foram para contribuir com propostas para serem realizadas com esses alunos com dificuldades.

E: Quantas primeiras séries tem aqui?

P1: Aqui na Escola Florestan tem seis. Lá no Átila nós temos nove turmas, todas no mesmo período.

E: Esses professores alfabetizadores tem um momento específico deles no horário de formação?

P1: Juntos, nós juntos, é a gente teve esse ano em específico, porque foi uma cobrança, eu falo lá pelo Átila, foi uma cobrança nossa, que a gente sentia falta de terem aglutinadas, própria pra planejamento dos pares dos anos da escola e aí esse ano a gente já recebeu um calendário das horas de formação os momentos próprios para planejamento. Fora isso lá no Átila a gente se organizou, os professores do primeiro ano, todas as terças feiras a gente chega um pouquinho antes para cumprir a nossa hora livre lá, fazendo planejamento junto, o que foi muito bom, principalmente porque que a gente tinha dificuldade de preparar as aulas de Ciências, História e Geografia e aí foi o que contribuiu bastante.

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P1: Como eu disse tem um instrumental da sondagem de escrita que ele é dividido em quatro espaços, onde tem a sondagem inicial que a gente faz logo que eles ingressam aqui na escola, primeiro, segundo e terceiro trimestre. Lá é ditado de campo semântico, a gente dita quatro palavras e uma frase, sendo que começa com uma polissílaba, depois trissílaba, dissílaba e uma monossílaba e normalmente como é do campo semântico, são palavras relacionadas entre si. Assim você pode avaliar como a criança chegou e como ela está se saindo no final do ano, a gente observa isso e eles também e no final do ano eu mostro pra eles.

E: Tem uma folha para cada um?

P1: Sim, cada um tem uma, você já chegou a ver?

E: Não

P1: Eu tenho aqui no armário eu vou te mostrar

E: OK

P1: E é legal porque eles mesmos ficam surpresos com isso.

E: Eles veem o processo evolutivo...

P1: Eles veem o processo, às vezes nem eles mesmos acreditam, eles falam, eu escrevia assim? Tem também a escrita, todo trimestre eles precisam escrever o nome, então tem criança que não sabia escrever o nome, escrevia de qualquer jeito lá no primeiro trimestre e agora tá bem bonito escrevendo o nome, vê, lá escrevia com umas letras gigantes e agora cabe aqui nesse espaço pequeno, então é bem legal. Da leitura tem uma lista de palavras, uma frase e também um texto curto, para que eles leiam e a gente avalia assim: leu silabando, leu convencionalmente, não leu, leu a letra inicial, final ou sílaba inicial e final, e tem também o que a gente utiliza, a gente sempre pega um texto curto de memória para ver se ele localiza as palavras lá, então é uma espécie de avaliação de leitura que a gente utiliza.

E: Você lê e ele identifica a palavra

P1: Isso aí, ele já sabe que está lá, a gente já trabalhou já leu com eles, eles já sabem acompanhar, teve todo esse processo na avaliação a gente pede, ó essa daqui é a parlenda da galinha choca, circula pra mim onde está a palavra galinha, então ele sozinho tem que usar alguma estratégia para descobrir, e ele sem auxílio circula a palavrinha.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P1: Eu baseio todo o meu planejamento semanal no planejamento anual que é entregue pra gente no começo do ano e também divido as minhas aulas, os horários das aulas, Português principalmente é com as atividades de escrita, atividades de leitura, atividades de produção oral, tem a questão de revisão, que eu também tinha um horário pra revisão que eu fazia escritas coletivas e ia retomando com eles, primeiro eles vão falando, eles ditam, eles vão falando e escrevem: aconteceu tal coisa e eu ia escrevendo exatamente como eles me falavam e depois eu ia fazendo todo esse processo de revisão com eles já no primeiro ano que é importante.

E: Revisão da ortografia?

P1: Não só da ortografia, mas da estrutura do texto, exemplo, vocês me contaram uma coisa que estava no final da história, vocês me falaram aqui no começo, vamos mudar, vamos escrever no lugar certo, eu fiz bastante isso. Outro exemplo, hoje nós vamos escrever só o começo da história, porque toda história tem que ter começo meio e fim, então vamos fazer o começo. Então eles me contavam só o começo, eu ia anotando tudo e dizia só até aqui é o começo, depois já é o meio da história. E depois disso fui mostrando a eles que precisa corrigir palavras que estavam escritas diferentes, não escreve assim, não tá legal essa daqui é o jeito que eu falo, mas escreve diferente. Depois mostrava que precisava de ponto final, que precisa de vírgulas.

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P1: Eu utilizo, mas não uso ele como base, só o livro didático tem dificuldade de utilizar, porque a maioria das atividades as crianças não conseguem fazer com autonomia e não tem muito significado, principalmente para as crianças que não estão alfabetizadas. Eu acho que ainda falta muito para que sejam feitos livros de alfabetização bons que as crianças consigam utilizar.

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita?

P1: Primeira coisa é trazer pra perto de mim, literalmente, colocar na minha frente ou do meu lado na disposição da sala, para que eu consiga acompanhar melhor essa criança, se eu vou dar uma atividade pra sala, uma atividade sequenciada, trago a mesma atividade com uma dificuldade diferente pra essa criança, com aquilo que ela precisa e aí também vou propondo outras atividades pra ela, porque se não você acaba só acentuando essa dificuldade se você não faz isso, dar a mesma atividade não faz diferença

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P1: Principalmente cantigas e parlendas, usei bastante, desde o ano passado eu uso com a minha turma porque são textos curtos, são textos conhecidos por eles, são fáceis de memorizar. Trabalho com atividades sequenciadas com esses textos, atividade sequenciada por hipótese de escrita que

facilita também o trabalho. Faço bastante ditado cantado, principalmente com cantigas, depois que eu trabalhei bastante com eles leitura na lousa feita por mim, feita por eles, eles já viram o texto, já se familiarizaram, eu trago essa cantiga, ponho no rádio e eles vão acompanhando com o dedo lá, aí eu paro e digo, quero que você pinte a palavrinha tal, assim eles vão adquirindo estratégias para adequar aquilo que está sendo cantado, aquilo que está sendo escrito. Também uso bastante listas, principalmente no início do ano. Listas de tudo, por exemplo, quando eles chegam aqui na escola a gente faz lista dos alunos da sala, então agora vamos separar nessa lista os meninos das meninas, então eles já precisam também ir diferenciando. É bom que você utiliza também a questão da leitura, principalmente nesta coisa de listas, a imagem com a palavra para eles associarem. Sempre faço a chamada deles com as fotos deles pra eles se familiarizarem e aí eles vão também aprendendo a reconhecer o nome dos colegas. Então dá para você separar os meninos das meninas, agora vamos fazer uma lista de materiais escolares, quais materiais escolares que vocês ganharam, então vamos fazer a lista, eles fazem a lista, vamos localizar nesta lista algumas palavras que eu vou pedir para vocês, exemplo, caderno, lápis, etc. Você pode ir aumentando o grau de dificuldade dentro desta lista. Primeiro você pode fazer palavras que começa com letras diferentes e depois você pode colocar palavras que começa com as mesmas letras, depois diferentes, por exemplo, a letra final e aí vai aumentando a dificuldade, a sílaba inicial ou a sílaba final, a sílaba do meio, é muito difícil você ver professor trabalhando com a sílaba do meio da palavra, mas é muito importante. E tem também jogos de leitura, bastante jogos de leitura que dá pra trabalhar com a sala toda, tem aqui na escola o bingo da sílaba inicial, por exemplo, que dá pra você trabalhar a leitura.

E: Eles gostam desse tipos de jogos

P1: Eles adoram, quando você fala jogo é muito legal e é bom quando você faz também o que a gente chama de atividade diversificada, então você divide a sala em grupos, exemplo divide em quatro grupos, eu trago quatro jogos, mas tem um jogo específico que eu quero ensinar, então eu deixo três grupos com jogos que eles já consigam jogar sozinhos que tem autonomia que não precisa da minha intervenção e eu vou fazer a intervenção específica naquele grupo com aquele jogo, eu fiz isso usando bastante um jogo que chama mexe e mexe, ele tem a palavra, ele tem o desenho e dentro da caixinha tem as letras ou as sílabas pra escrever aquela palavra, aí eles precisam montar, já está tudo certinho, aí eles entram muito em conflito, principalmente quem é silábico com valor porque primeiro ele vai usar as vogais, mas vai sobrar, e ele precisa usar aquelas letras aí eles ficam assim, coloca em cheque tudo aquilo que ele sabia sobre a escrita.

E: Não pode sobrar nada?

P1: Não pode sobrar nada eles tem que usar todas as letras e ali eles vão montando, então quando eu faço isso eu consigo fazer intervenção direta com essas crianças e aí depois eles vão rodiziando, fiz com aquele grupo então agora vocês vão para aquele jogo, aquele que tava com aquele vem pro meu. Eu gosto bastante de fazer isso, essas atividades diversificadas.

E: Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

P1: Aqui no Florestan eu tenho 27 alunos, eu terminei o ano com 16 alunos alfabéticos, 1 pré-silábico que é meu aluno do Cais, 6 alunos silábico com valor, que também avançaram de hipótese até o final do ano, porque eram alunos com bastante dificuldades e 4 silábicos alfabéticos. Agora, eu não sei exatamente quantos alunos pré-silábicos tinham aqui na Escola Florestan, no início do ano, porque eu assumi a turma no meio do ano. Lá na Escola Átila tenho 32 alunos, no começo do ano eu tinha 19 alunos pré-silábicos e agora eu encerrei o ano com 19 alfabéticos, sem nenhum pré-silábico, nenhum ficou pré-silábico.

E: Esses alunos que não conseguiram alcançar o objetivo da alfabetização a que você atribui a isso?

P1: Como eu falei no início, esse ano todos eles, todos os meus alunos que não atingiram o objetivo tiveram problemas na família de separação, de doença na família, de mãe que tinha que trabalhar o ano inteiro e não tinha ninguém que cuidasse da criança, a criança tinha que se arrumar sozinha para ir para a escola e olhar material, olhar tudo e a criança às vezes não tem autonomia pra isso às vezes até sem material ia pra escola. Então todas elas tiveram essa questão.

E: E a frequência deles como era?

P1: Aqui no Florestan eles faltam demais, principalmente esses com mais dificuldades, faltaram muito. Tenho apenas uma aluna que não atingiu o objetivo que compareceu em todos os dias, o restante eu tive bastante problema de falta. Lá no Átila nem tanto. Lá no Átila eu tive três alunos que eu precisei fazer encaminhamento para o pediatra e para que fosse feita uma avaliação com psicopedagogo. Mesmo esses alunos que eu precisei fazer encaminhamento tiveram problemas relacionados à família.

E: O que fundamenta o seu sucesso na alfabetização desta turma? A que você atribui esse sucesso?

P1: Eu acredito que primeiro parta de mim por eu gostar muito de trabalhar com isso, por me interessar, por sempre estar buscando coisas novas. Quero investir cada vez mais na minha formação, também dentro desta área da alfabetização, então acho que isto depende em primeiro lugar de mim, de meu interesse. Outra parte fundamental é a troca com os outros professores de atividades, de experiências, professores mais experientes, na alfabetização, que já trabalham há outros anos então a gente sabe aquilo que dá certo aquilo que não dá por que você tem condições de falar isso não deu certo então eu não vou fazer, aí você já não perde tempo. As formações da escola contribuem, investimento nos jogos que são muito importantes principalmente agora com essa mudança para nove anos, as crianças estão chegando mais cedo para serem alfabetizadas é muito importante isso. Elas precisam desse momento da brincadeira, tanto o brincar por brincar, mas também assim que elas aprendam de forma divertida, porque se não a escola se torna um lugar muito chato, elas não tem vontade, elas não tem vontade de aprender e isso desmotiva. Tem o mais educação que ajuda muito. Era uma coisa que antes eu não acreditava que era importante que interferia em alguma coisa, mais hoje eu vejo que sim.

E: O que é o mais educação?

P1: O Mais Educação ele é um projeto da prefeitura, de educação integral, então as crianças que estuda a tarde elas chegam na escola as nove horas da manhã. Elas tem oportunidade de vivenciar educação ambiental, elas tem aulas sobre diversas culturas, fazem atividades de arte, atividades de dança, de música e paralelo a isso elas também tem aulas de alfabetização em língua portuguesa e matemática. Funciona como uma espécie de reforço sempre aliado aquilo que eles estão vendo na sala de aula. Apesar de ser bem cansativo que elas entram as 9:00 e só sai as seis horas da escola. Quem estuda de manhã fica a tarde eu não sei exatamente qual o horário que eles saem a tarde, mas eles ficam direto, toma lanche na escola, eles fazem isto não só no espaço da escola eles saem daqui e utilizam outros espaços fora da escola, mas eu vejo que isso tem contribuído bastante, principalmente as crianças que tem dificuldades elas avançam mais quando elas fazem parte. Esse ano alguns alunos que foram embora sem atingir o objetivo eu aconselhei aos pais que façam parte do mais educação, porque é um auxílio e os pais quem não tem condições de cuidar das crianças a tarde já é também um aliado o período na escola, não fica em casa de bobeira, não fica jogando vídeo game a toa. Se o pai não tem condições de acompanhar tem a sistematização do trabalho aqui também feita com os alunos.

E: Então esse sucesso do trabalho tem todos esses elementos que contribui?

P1: Eu quero falar uma coisa eu acho que a direção da escola ela também é muito fundamental porque a gente enquanto professor você se depara com várias situações, que você tem dificuldades que você não sabe lidar, você tá ali trabalhando já deu cambalhota na sala e seu aluno não vai e quando você tem uma direção que te dá suporte que te dá abertura para chegar e falar estou com problema me ajuda, possibilita isso vai lá para te ajudar não para te criticar é, é muito importante quando você sente que ali você não tem só alguém que está mandando, mas você tem alguém que realmente está participando do seu processo também na sala de aula, como eu to aqui só desde o meio do ano não tenho como mensurar muito isso, mas lá no Átila eu tenho bastante isso, até eu falei ontem, a gente passou por um processo de mudança muito grande que era escola estadual, passou a ser municipal a direção da escola mudou e mudou tudo, desde a questão das crianças que nós estamos recebendo, elas tão chegando com cinco anos e meio. Elas precisam de bem estar e também de aprendizagem. Para isso os professores precisam de um acompanhamento, lá na Escola Átila, as três da coordenação se dividiram, cada uma ficou responsável por um ano do ciclo pra fazer esse acompanhamento, pegava nosso caderno de planejamento, ia lá na sala, sentava com a gente e dava devolutiva, dava atividade delas mesmas, não da secretaria, a ATP também entrou na sala de aula para observar, sentou com a gente, trouxe atividades, exemplo: esse trimestre a gente vai trabalhar com contos de fadas, olha gente eu tenho isso daqui, o que vocês acham? Diante disto vai

de cada professor, você pode guardar isso no seu armário ou você pode usar ou você pode ir incrementado o seu trabalho, então isso é muito importante, isso só acrescenta e é muito bom, isso é que é uma parceria .

E: Professora, agradeço muito pela sua disponibilidade e pela sua contribuição neste trabalho de pesquisa.

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 2 – ESCOLA DA PERIFERIA

E: Você é alfabetizadora por opção?

P2: *Sim por opção, adoro o primeiro ano, sou alfabetizadora sim por opção, adoro o primeiro ano desde que iniciei aqui na rede, já me apaixonei pelo primeiro ano, eu comecei como volante eu ficava muito com o primeiro ano, e assim é fascinante o primeiro ano, é a descoberta então por opção com certeza.*

E: Quanto tempo você está tendo a experiência de alfabetizar?

P2: Há dois anos, esse é o meu segundo ano, dois anos consecutivos e assim muito bom.

E: Esses dois anos foi na mesma escola, ou já passou por outras escolas?

P2: Eu trabalho aqui no Florestan e no Átila, o ano passado aqui eu peguei o segundo ano porque não tive opção de pegar o primeiro ano e lá eu peguei o primeiro ano e esse ano novamente e então, desde o ano passado que eu estou lá com o primeiro ano, esse ano eu consegui pegar aqui também eu tenho dois primeiros anos, o que facilita o meu trabalho. Facilita sim, em muito, porque o planejamento é basicamente igual na duas, muda algum detalhe, mas o que eu faço aqui eu faço lá, as vezes uma coisa dá certo aqui e não dá certo lá e vice versa, são turmas diferentes.

E: E você entrou na rede nessas duas escolas?

P2: Sim eu iniciei no Átila, lá eu tenho sala livre, aqui não, aqui é substituição, mas também com vínculo porque eu tenho dois cargos um de 25 horas e outro de 31 horas e estou nas mesmas escolas deste então, quando iniciei em 2010 lá no Átila, em junho de 2010 e aqui no comecinho de 2011.

E: Para você o que é ser alfabetizadora?

P2: *Pra mim ser alfabetizadora é algo mágico, é um presente, eu poder, pegar aquelas crianças no início do ano, totalmente pré silábicas, que mal sabem escrever o nome, e no final do ano, agora, eu vejo as crianças produzindo, como produtores iniciais, é fascinante, é fascinante poder contribuir um pouquinho para essas crianças. Acho que é um ganho a criança de seis, sete anos sair alfabetizadas, é um ganho para vida dela, então é algo assim extraordinário.*

E: Na sua opinião, quais habilidades básicas são requeridas para as crianças dominarem a leitura e a escrita? Existe algum pré requisito para que a criança consiga aprender a ler e escrever?

P2: Um pré requisito? Acho que não existe, sabe porque? A criança, ela passa por uma educação infantil, onde ela vai desenvolvendo algumas coisinhas, só que eu peguei esse ano, na outra escola, os meus alunos eles não tinham uma noção de alfabeto, mal sabiam escrever o primeiro nome, eu peguei uma turma assim, algumas pessoas fariam eu peguei uma turma totalmente defasada, só que a turminha fraca como alguns diriam. Hoje mais da metade da sala está alfabetizada, então eu não acredito que tenha que ter um pré requisito, tem que saber o alfabeto, não, eles aprenderam praticamente tudo no primeiro ano, não comigo, com o dia a dia entendeu, com as atividades e tudo mais eu só facilitei.

E: Todas as crianças tem a possibilidade de ser alfabetizadas?

P2: Sim, todos aprendem, é claro tem crianças que tem fator psicológico, tem alguma coisa emocional, tem a família, aí são coisas, alguns empecilhos sim, mas um pré requisito pra se alfabetizar não.

E: Qual o papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança?

P2: A família ela é importante. A criança que tem uma família estruturada é uma criança mais segura, uma criança que vem pra escola, como eu posso falar, que tem crianças que não tem essa estrutura familiar, então ela chaga na escola além de aprender a ler e escrever a gente tem que meio que

tentar suprir essa outra necessidade básica dela, de carinho, de afeto, de segurança, de você estar ali trabalhando com a auto estima da criança e por outro lado aquela criança, que tem essa estrutura familiar ela já vem com isso, ela já vem com a auto estima legal, ela já vem com todo esse lado de afeto de carinho, então já está meio que suprido, então é mais fácil.

E: Você pode explicar o que é essa estrutura familiar que você fala?

P2: Estrutura familiar é uma criança que tem casa que tem um pai, não necessariamente aquela estrutura familiar que a gente conhece de pai mãe, mas que se tem só uma mãe que seja uma mãe de verdade, uma mãe que está ali acompanhando, que está dando carinho, que está dando amor, porque eu tenho muitos alunos que são muito, muito simples, mas que tem um pai, que tem uma mãe que está acompanhando, porque não é o dinheiro, é o estar presente, é o afeto, é o chegar em casa, mesmo na maior simplicidade que não saiba nem explicar uma lição, mas deixa eu ver o seu caderno, de estar ali apoiando mesmo porque todo mundo quer isso, todo mundo quer isso e a criança mais do que nunca.

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P2: *É quando ela tá lendo o que escreve, quando ela consegue escrever algumas coisas, não ortograficamente, mas quando ela está fazendo uso de consoantes, de vogal, não necessariamente quando ela já começa a produzir algum texto, mas ela consegue ler o que ela escreveu, está fazendo o uso certinho de consoante e vogal, pra mim ela está alfabetizada.*

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P2: Eu acredito que sim, essa falta de uma estrutura familiar é um dos fatores que contribui, como eu disse antes, a criança que tem essa estrutura familiar que tem tudo isso, é muito mais fácil, então assim é um fator que contribui, porque imagine uma criança, eu tenho uma aluna que tem o pai e mãe preso, é difícil pra ela, uma hora está com o avô outra hora está com tio, não tem uma referência. Então isso dificulta, embora muitas crianças dessa forma consigam se alfabetizar, mas isso dificulta, assim as questões psicológicas, emocionais interferem. Crianças que tem problemas com fono, essas coisas dificultam um pouco, não que não seja impossível, mas dificulta. Eu tenho um aluno que ele é acompanhado pelo CAIS, ele entrou comigo pré silábico e ele saiu quase que alfabetizado e ele tem todo um acompanhamento com psiquiatra, com psicólogo. O CAIS acompanha e mesmo assim ele conseguiu avançar no tempo dele. Esses fatores dificultam, isso não significa que a criança não vai conseguir por conta disso, a criança que tem esses fatores, que impede, elas vão conseguir ser alfabetizadas no tempo delas, do jeitinho delas. Na reunião de pais eu converso muito com os pais para eles não ficar achando que o filho nunca vai conseguir, as vezes até brigando com o filho, não estimulando mais ainda, tento mostrar aos pais que eles conseguem sim, no tempo deles.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P2: Na minha sala de aula as crianças sentam normalmente em duplas, eu procuro trabalhar em dupla, até mesmo por conta das duplas produtivas.

E: O que é duplas produtivas?

P2: A dupla produtiva são alunos que estão com conhecimentos parecidos, sempre um está um pouquinho mais além do que o outro e aquele que tem um conhecimento um pouquinho menor, sempre ele fica como escriba e o outro vai auxiliando, então a gente trabalha bastante, eu procuro trabalhar bastante com isso, em grupo também, individual só mesmo quando eu quero fazer uma sondagem, mas normalmente eles estão em dupla na sala.

E: Como a sua escola organiza o planejamento do trabalho pedagógico?

P2: *Na escola a gente tem o planejamento anual, que é o norteador do nosso trabalho e encima desse planejamento anual eu faço o meu planejamento semanal, mas é o planejamento anual distribuído por trimestres, porque a gente trabalha por trimestre, é feito assim.*

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

P2: Quando a criança, ela tem dificuldade, a gente comunica aos pais, os pais tem quem tomar ciência. É se a gente percebe, que é assim, eu não sou especialista em uma outra área, a gente tem

a percepção, percebe que algum problema de fono, a gente encaminha para a fono, se é alguma questão psicológica a gente encaminha para o psicólogo ou para o pediatra e na sala de aula além de fazer esses encaminhamentos, eu trabalho normalmente com atividades diferenciadas, porque a sala não é homogeneia. Eu tenho alunos alfabéticos e alunos pré silábicos, então isso é uma coisa do meu planejamento mesmo, já está dentro do planejamento, de estar trabalhado as sequências didáticas e dentro dessa sequências didáticas eu estar adaptando com a hipótese de escrita de cada criança. Então a gente faz esse trabalho bem pontual mesmo, nem cansa o aluno. Se o aluno é pré silábico ele não vai conseguir desenvolver a mesma atividade de um aluno que é alfabético, eles fazem a mesma atividade mas com grau de dificuldade diferente. Uma outra coisa que a gente faz aqui, isso é uma prática da escola, é o agrupamento.

E: O que é o agrupamento?

P2: O agrupamento a gente pega todas as crianças do primeiro ano, separa as crianças por hipóteses de escrita, junta todos os alunos pré silábicos do primeiro ano numa sala, silábico com valor em outra e assim por diante, a gente faz isso semanalmente, tem um dia específico que a gente faz o agrupamento e o trabalho vai ser mais pontual, então se o aluno é pré silábico ele tem aquela necessidade, então estão todos na sala pré silábicos e talvez aquele trabalho mais pontual, pode estar sanando as dificuldades.

E: Nessa intervenção pedagógica como que é a participação da Coordenação e do ATP?

P2: Essa ação é uma orientação que vem deles, eles contribui bastante porque é uma prática da rede, assim é uma instrução que a gente recebe da rede, então eles tem uma participação efetiva, de estar ali auxiliando, vendo o que a gente necessita, dando ideias, disponibilizando material. Tem uma participação bem efetiva mesmo no agrupamento.

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P2: É a atividade de leitura. Eu procuro assim quinzenalmente estar fazendo sondagem de leitura com eles e de escrita também, quando eu não consigo quinzenalmente eu faço mensalmente essa sondagem, para estar averiguando os avanços das crianças e porque que eu faço quinzenalmente ou mensalmente, geralmente mensalmente, quando dá quinzenalmente porque primeiro ano é tudo muito individual, então tem que chamar um por um para estar vendo mesmo se consegue ou não, por isso eu trabalho com sondagens, sempre.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P2: O meu planejamento, é todo baseado no planejamento que eu recebo da escola, que é o planejamento anual. Então esse meu planejamento é semanal, então toda semana eu tenho o meu planejamento em cima do anual, porque o anual que é o nosso norte.

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P2: Sim, a gente recebe o livro didático, esse livro didático eu procuro estar adequando ele de acordo com planejamento. Então eu busco nele o que o meu planejamento pede, aí eu uso o livro didático, não uso muito o livro didático, até mesmo porque o livro didático não foi um livro escolhido pela escola, escolhido pela rede, então nem sempre ele está de acordo com o planejamento, mas mesmo assim eu vou lá caçar alguma coisa para estar usando o livro didático que também contribui, é algo a mais.

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita?

P2: Como eu já havia dito anteriormente, reafirmando, fiz a sondagem, por isso é importante a sondagem, ela tem uma frequência, ou quinzenal, o ideal seria de 15 em 15 dias, mas nem sempre é possível, mas pelo menos mensal, *detectei a dificuldade, então vou intensificar atividades focando na dificuldade da criança, se não sabe o alfabeto, vou intensificar a atividade para que possa sanar essa dificuldade da criança, daí a importância da sondagem, porque se eu for fazer a sondagem só por fazer ou só pra saber o que a criança não sabe e não fazer nada, não valeu apenas, então por isso,*

que tem a sondagem. Então fiz a sondagem detectei que a criança necessita de tal coisa então eu vou trabalhar em cima disso.

E: Você tem alguma ação específica em que você faz isso?

P2: Essa crianças que tem dificuldade eu procuro trazer para perto de mim que é isso que você quer saber. Eu busco pra próximo pra chamar a atenção porque a criança geralmente que tem dificuldade é aquela criança que é mais dispersa, que passa o mosquito ela olha pro mosquito e esquece da atividade, então ela perto, e longe de quem possa tirar a atenção dela, então assim tem que trazer para próximo, porque se não, não funciona. A criança precisa de muito acolhimento.

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P2: Eu uso parlendas, primeiro ano a gente trabalha muito com parlendas, no finalzinho, agora eu parti para os contos, mas primeiro e segundo trimestre são as parlendas, as cantigas que são coisas que são textos curtos e que é prazeroso. Eu sinto prazer com esses textos e as crianças mais ainda e eu trabalho com as sequências didáticas.

E: Você pode falar um pouquinho o que é uma sequência didática?

P2: Sequência didática em cima da parlenda eu vou estar desenvolvendo várias atividades, em cima da parlenda, então eu faço uma cruzadinha com as palavras da parlenda, eu faço um caça palavras com as palavras da parlenda. Eu faço um texto fatiando com a parlenda. Texto lacunado com a parlenda.

E: O que é texto fatiado?

P2: Texto fatiado é, pego a parlenda na íntegra e eles cortam o texto em palavras e frases, depois eles tem que montar, então eu embaralho ela e eles tem que colocar na ordem, essa é uma atividade de leitura e é muito legal. Eu trabalho muito com parlenda. Tenho alunos, que são aqueles alunos que estão silábicos, mas que consegue ler, é muito legal localizar ali a palavra que eles tem toda estratégia de leitura, então é muito legal e assim dá muito certo, aí depois com a parlenda mesmo, a gente vai pegando bem nas sílabas que são as unidades sonoras e fatia as palavras, fazendo assim o trabalho vai dando certo.

E: Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

P2: Eu tenho 25 alunos aqui na Escola Florestan, desses 25, 17 alunos estão alfabetizados, lendo, produzindo início de história, 4 que não conseguiram atingir o objetivo estão silábico alfabético e outros 4 que infelizmente não conseguiram, mas que assim eles não conseguiram atingir o objetivo pro primeiro ano que era sair alfabético, só que assim se você pega as sondagens você vai ver assim muito avanço

E: Eles estão pré silábicos?

P2: Não, eu não tenho nenhum pré silábico, esses 4 estão silábico com valor. Eles entraram pré silábicos, não sabiam escrever o nome, eles não reconheciam as letras do alfabeto, não tinham estratégia nenhuma de leitura, não estão alfabéticos, mas já sabem o nome, já sabe o alfabeto, já tem uma estratégia de leitura, então não estão saindo da mesma forma que entraram. Claro, fico triste porque eu queria ter uma sala com todos alfabéticos, triste e ao mesmo tempo muito tranquila, porque eu fiz o meu trabalho da melhor forma possível, sei dos avanços deles, criança que não conseguia nem se comunicar direito e já, já consegue conversar, já reconta uma história, então tudo isso são avanços, são ganhos. E no Átila eu tenho 28 alunos, desses 28, 20 estão alfabéticos, 4 ficaram silábico alfabéticos e 4 que também não conseguiram, então está ali na média, silábico com valor. Só que lá no Átila eu achei que eles avançaram mais do que aqui, porque lá como eu disse no início, lá eu tinha uma sala inteira pré silábica e tinha um único aluno silábico com valor, um único aluno que sabia escrever o nome todo que era Rafael de Souza, os outros não sabiam o nome completo, não reconheciam as letras do alfabeto, então assim analisando como eles entraram e como eles estão saindo e a turminha daqui que já tava um pouquinho mais avançada, então lá eu acho que o ganho foi maior.

E: *Esses que não conseguiram alcançar os objetivos que você tinha se proposto, você atribui a que esse não avanço deles?*

P2: *É faltas, eles são crianças que faltam muito, tanto aqui como lá, são crianças que faltam muito, porque querendo ou não a rotina do dia a dia eles aprendem, por mais que você mande as atividades para fazer em casa, mas não é a mesma coisa, rotina é o tempo da leitura, leitura do alfabeto, a tua rotina, eles aprendem com a rotina, então se a criança falta ela perde o conteúdo, ela perde aquele elo de ligação. A criança que falta muito não cria vínculo com a professora, não tem vínculo com os colegas, aí vem pra escola desmotivada, sem vontade e isso acaba com a criança, sem contar crianças assim que não tem estrutura familiar nenhuma, então isso contribui. Eu tenho um aluno daqui que eu quase que chorava com ele, teve um passeio super legal do mais educação e ele não pode ir, eu perguntei, Lucas porque você não foi? Ah, professora, eu estava pedindo comida nas casas. Então imagino uma criança que não tem o básico que é a comida em casa, que interesse ele tem em aprender a ler e escrever se ele está com fome? No início do ano nós tivemos a oportunidade de fazer um passeio pelo entorno, na casa dele você entra, uma que ele mora no lixo, é lixo por todo lado, é, dentro de casa você vê os ratos passando, então assim se essa criança não tem o básico, o básico do básico que é uma moradia com saneamento básico, se essa criança sai pra pedir comida, eu achei que ele aprendeu muito, porque ele saiu escrevendo o nome dele, saiu assim, não sabe todas as letras mas já está reconhecendo algumas, sabe ficar na sala, sentar, consegue ouvir, ele aprendeu muito. Todo esse contexto que contribui.*

E: *Você tem alguma informação do porque dessas faltas, qual a razão dessas falta?*

P2: *Olha, aqui no Florestan, eles moram longe da escola, muitas crianças moram no sítio Joaninha. Geralmente as crianças que mais faltam aqui, são as crianças do sítio Joaninha, do sítio do Caqui, da Rua Iguaçu que é um lugar que não tem asfalto, tem muito barro, quando chove eles não consegue vir, quando chove aqui eles não vem por conta desta dificuldade do trajeto. Esse é um dos principais fatores das faltas das crianças daqui. Lá no Átila a gente também ainda recebe crianças do sítio e tudo mais, são crianças que faltam bastante. Alguns faltam também muitas vezes até por descaso dos pais. Eu tenho um aluno aqui, que ele não mora no sítio do Caqui, não mora em nenhum desses lugares, ele mora aqui perto, ele fala “**professora eu não vim pra escola porque minha mãe não me acordou**”. Também tem essa falta de compromisso de alguns pais, não são de todos, graças a Deus, porque eu tenho muitos pais que são assim umas gracinhas mesmo, mas também tem essa questão porque a criança não falta porque ela quer, é porque o adulto não trás. Ela depende do adulto pra tudo.*

E: *O que fundamenta o seu sucesso na alfabetização desta turma?*

P2: *Primeira coisa, eu acho que não só na alfabetização, mas em tudo na nossa vida é o gostar, é a paixão de fazer o que você está fazendo e eu sou apaixonada pelo primeiro ano, as mães ficam me dizendo, vai dar aulas pro segundo ano, eu falo para elas não, porque a minha paixão é o primeiro ano, a alfabetização, é assim algo mágico, algo gratificante pra mim. Então é uma coisa em primeiro lugar que eu gosto muito e por gostar muito eu vou procurar fazer o melhor, para fazer esse melhor eu busco formações, porque não adianta só você gostar, eu gosto, mas você não está se preparando pra isso. Então desde que eu entrei aqui na rede, todo ano tem formação. Tem as formações que a própria escola propõe também. Procuro aprender com os meus colegas, essa troca de experiência é muito legal e a própria experiência. Eu estou desde o ano passado com o primeiro ano, o ano passado foi bom, esse ano eu acho que foi melhor ainda, porque eu já cheguei muito mais segura do que no ano passado, queria muito pegar o primeiro ano, mas de certa forma estava insegura porque era o primeiro ano que eu ia pegar uma turminha aqui na rede e tudo mais, só que foi muito bom o ano passado só que esse ano muito melhor. Esse ano eu estava muito mais segura, não que eu saiba tudo, porque eu não sei, eu ainda tenho muito que aprender, o ano passado eu aprendi muita coisa e esse ano consolidei algumas e tenho muito mais coisas a ser consolidadas, é isso.*

E: *Professora, muito obrigado pela sua disponibilidade e pela sua contribuição, neste trabalho de pesquisa.*

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 3 – ESCOLA DO CENTRO

E: Você é alfabetizadora por opção?

P3: *Eu cai na alfabetização por acaso, no processo de remoção eu queria muito voltar para a escola, voltei para o período da tarde tem as séries iniciais e dentro da classificação das escolhas eu cai com o 1º ano pelas opções que ali estavam, então eu cai por acaso não foi uma escolha minha, mas dentro das opções que eu tinha. E ao longo do trabalho é que você vai se encontrando e dando continuidade de uma maneira mais certa. Hoje em dia eu vejo que alfabetizar é ajudar o aluno a adquirir essa habilidade da leitura e da escrita, eu sou um meio facilitador.*

E: Quando você se formou? Você fez pedagogia?

P3: Fiz pedagogia

E: Quando concluiu o concurso de pedagogia, você tinha em mente essa opção de ser professora alfabetizadora?

P3: Não

E: Por isso você diz que caiu na primeira possibilidade ...

P3: Quando eu entrei na rede eu era, eu entrei como volante do 4º ano e eu vim da educação infantil.

E: Você já estava na educação infantil?

P3: Sim. Não na rede municipal de Diadema, mas eu trabalhava na educação infantil e tinha uma sala de última fase que é tida como pré alfabetizadora, mas que foi um desafio ali alcançado, eu fiquei pouco tempo porque logo eu já fui chamada pelo concurso, então foi um ano de novidades. Aqui na rede foi o meu ingresso no ensino fundamental.

E: Em que ano foi o seu ingresso na rede em Diadema?

P3: Foi no ano de 2010, no mês de Maio.

E: Eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre o que é para você ser alfabetizadora? Expandir um pouco esse conceito?

P3: *Eu tenho pra mim assim, que eu sou um meio facilitador, eu tenho que gerar condições, que sejam elas quais forem, para que esse aluno tenha esse domínio da escrita e da leitura, ajudando, auxiliando, confrontando pra que ele chegue até lá, e esse ano foi um ano de descobertas, assim, porque eu que já tive um segundo ano, mas que já era, não era tido como uma classe com maioria para serem alfabetizada, diferente deste primeiro ano agora e você percebe resultados, quando eu me coloco, sim como facilitador, e trocando essas experiências.*

E: Na sua opinião, quais habilidades básicas são requeridas para as crianças dominarem a leitura e a escrita?

P3: Eu acho que é uma questão de estímulo, as habilidades leitoras elas vem com estímulos. É, mesmo que eles venham totalmente cru, dentro desta apropriação da escrita e da leitura. Esses estímulos gerados vão levar às habilidades leitoras e às habilidades de escrita. Eu acho que ele tem que ter sim uma boa coordenação global, para que ele consiga escrever, para que ele consiga pegar no lápis e ter essa grafia da letra, mas eu acho que os estímulos são mais importantes.

E: Qual o papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança?

P3: Eu acredito que a família tem um papel importante com relação até mesmo à parceria da escola, a família que é parceira, que contribui, que faz esse caminho escola casa, que tem as mesmas visões

e objetivos auxilia esse aluno. Aquela aluno que não tem esse auxílio , você trabalhando mais com ele, ele chega junto com outro, mas talvez ele tenha um caminho mais dificultoso.

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P3: *Eu acredito que uma criança alfabetizada é aquela que lê, compreende o que lê e consegue se expressar através da escrita e das palavras, é uma criança que consegue se expressar. Eu acredito que uma criança que saiba se expressar através da escrita é uma criança alfabetizada.*

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P3: Sem conhecê-lo ou numa visão geral, o que pode ser um dificultador

E: É, de uma forma geral você vê que é possível identificar que tem algo que causa a não alfabetização?

P3: Então nessa fase inicial, dos seis anos, eu acho a família um grande dificultador, ela interfere muito no processo de alfabetização das crianças nessa fase.

E: Em que aspecto?

P3: Emocional, a criança que não consegue se concentrar porque ela tem uma série de outros fatores. Dentro da mente ela está sempre pensando em outras coisas, ela tem um situação difícil, ela tem esse fator, fica complicado para ela, lógico que ela consegue, mas ela consegue num processo mais dificultoso. Acho que isso é o principal fator, assim, a família, porque acho que a escola gera esse ambiente alfabetizador, com os estímulos e tudo a gente consegue é contornar essa questão que eu acho da família importante nesse primeiro ano, acho muito importante, a gente consegue contornar de algumas maneiras, mas esse eu acho que esse é o grande dificultador nessa fase dos seis anos.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P3: Então, no primeiro ano fica difícil você lidar com essa disposição o tempo todo, então eles tem atividades individuais onde eles estão enfileirados uma atrás do outro, eles tem a maioria do tempo atividades em dupla e eu diria que cinquenta por cento são atividades em dupla, vinte cinco por cento atividades individuais e vinte cinco por cento atividades em grupo com quatro crianças. Essa é a disponibilidade da sala

E: Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

P3: Às terças feiras a gente tem a organização das reuniões pedagógicas e os colegas do mesmo ano do ciclo, nós vamos trocando experiências, informações, atividades, em fim conforme a disponibilidade, seja por email, seja na própria escola, a gente está sempre trocando informações.

E: Existe um planejamento pré definido no início do ano, como é feito isso para as séries?

P3: *Quando a gente começa no ano do ciclo é apresentado os objetivos e o planejamento do ano anterior, para que a gente tenha como base e decida no novo grupo o que a gente deseja manter ou modificar, então a gente tem uma base já do ano anterior.*

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

P3: A escola entende esse aluno de seis anos como em formação, então não se usa o termo que ele tem dificuldade de aprendizado, então mesmo aquele aluno que você percebe que tem um ritmo diferente, que você percebe algo que distoe, esse aluno ele não tem ainda nenhum tipo de encaminhamento , o que a gente tem é conversa com a família, traz ele um pouca mais próximo da sala, do docente, de mim um pouco mais próximo, tem algumas atividades diferenciadas, mas entende esse aluno, ele tem somente um ritmo diferenciado, atendimento de outras instituições para o primeiro ano não existem a princípio, o CAIS outras instituições não existem, porque ele está em formação, está sendo observado ainda, mas sempre que é notado alguma dificuldade é um aluno

apresentado no conselho de classe para as outras colegas e para a coordenação e se tem esses encaminhamentos dentro da escola, nada sai ainda do primeiro ano.

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P3: Eu acho que depende da fase, mas no geral, critérios para avaliar a escrita, é a escrita que ele apresenta ao longo do dia a dia, e tem alguns alunos que não tem essa escrita. Com material manipulável ele registra essa escrita de um jeito, que são os instrumentos que eu utilizo e com o registro em folha, ele registra de outro, até porque é um aluno as vezes com autonomia ainda sem estar desenvolvida, bastante inseguro, então eu utilizo esses dois instrumentos: ou o registro em folha ou o material manipulável. Sempre no dia a dia, porque como eu falei são alunos em formação, inseguros, uma única avaliação para eles não é o suficiente e de leitura, é a leitura diária, aquilo que ele acompanha as pequenas palavras que ele já consegue ler, sempre com sílabas simples e depois vamos complexando isso, mas é uma avaliação diária, constante.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P3: Ele é quinzenal, quinzenal, eu vou com a sequência de leitura, as atividades de alfabetização dentro dessa sequência de leitura e a de matemática sempre dentro dos objetivos e ele é quinzenal.

E: O que você destaca como importante neste planejamento que você faz?

P3: É sempre destacado mais a leitura, essa sequência de leitura que é feita a cada quinze dias, nesse último trimestre ela foi feita uma por mês, a sequência de leitura mesmo, didática, é a que gera mais resultados então é a que eu foco desde o começo do ano.

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P3: Utilizo o livro da escola, o livro que a rede adotou o nome dele é: "Hoje é dia de Português".

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita?

P3: Então é reforçando com ela, é sentando mais próximo. Eu sempre passo essa dificuldade para a Coordenação da Escola para a ATP, para que ela consiga me auxiliar, o que eu posso fazer e dou trabalhos de leituras mais simples, ou com o apoio de imagens para que ele vá se apropriando dessa fala escrita, mas sempre trabalhando individualmente quando percebe a dificuldade mais acentuada.

E: Esse mais próximo que você fala o que é, explica melhor isso?

P3: É mais próximo fisicamente, porque eu acredito que dá mais resultado. Porque eu acredito que a segurança, autonomia faz parte desta dificuldade e que o professor para o primeiro ano gera mais segurança, então quanto mais próximo fisicamente de mim ele está mais segurança ele tem e mais ele avança.

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P3: Este ano nós já utilizamos verbetes, para que eles leiam, parlendas e cantigas e ai agora no último trimestre, eu estou dando pequenos livros infantis porque alguns já tem esse domínio do texto e da leitura de textos, mas no começo, para a maioria deles foi verbetes, parlendas e cantigas.

E: Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

P3: Não

E: Quantos alunos você tem? Quantos são considerados alfabetizados?

P3: Eu tenho 32 alunos, 28 alfabéticos, 1 silábico com valor, 3 silábicos alfabéticos.

E: Alfabético significa que ele já lê?

P3: Ele lê, e significa que ele escreve.

E: Lê e escreve?

P3: Não

E: Que ele lê

P3: Que ele escreve

E: Que ele escreve, certo

P3: Tem alguns alunos que conseguem escrever já em hipótese alfabética, mas que não tem o domínio da leitura fluente então ele vai silabando até conseguir ler a palavra.

E: E quando esse aluno escreve a escrita dele já é de padrão alfabético?

P3: Já é de padrão alfabético, de base alfabética e o aluno que é silábico com valor cai dentro daquela especificidade que a gente percebe que é um aluno que tem, que precisa de um olhar diferenciado.

E: Hoje você tem 28 alunos alfabéticos, então é um trabalho de sucesso. O que fundamenta o seu sucesso na alfabetização desta turma?

*P3: A parceria com eles, eu acho que mais do que bases teóricas ou filosóficas ou sociológicas ou fundamentos teóricos, acho que a parceria com o primeiro ano é fundamental. Ao terminar uma sondagem de escrita com o aluno, que no começo do ano era silábico com valor, eu sentia que ele agregava vogais às palavras e ele já produz frases, a última sondagem com ele, ele já produz frases e pequenos textos. Eu fiz a sondagem, mostrei pra ele a evolução, dei parabéns, elogiei, mostrei o que ele tinha conseguido e pedi para que ele levantasse, ele saiu da minha mesa, que a sondagem é feita individualmente, ele saiu da minha mesa e voltou e falou assim pra mim **“obrigado você por me ajudar a chegar lá”**. Então a partir do momento que a criança também percebe que você está como facilitadora de um processo que é dela, que você está ali só pra auxiliá-la, é isso que faz o sucesso, do trabalho. E esse do meu aluno eu contei pra todo mundo. Porque ele percebe mesmo o professor como integrante do processo.*

E: Fala um pouquinho de como é esse processo de evolução, como é o sentimento expresso pelo aluno?

P3: Eu acho que é isso eles percebem, a princípio, porque como a gente dá sondagem, eu acho que ele percebem mais no momento da sondagem mesmo, que é quando eles tem em cima a escrita anterior e na mesma folha em baixo o que ele acabou de fazer.

E: Ele faz uma comparação da evolução dele mesmo?

P3: Exatamente. Ali naquela folha mais dinâmica, é aquela velha questão, quem vê no dia a dia não percebe o montante, então se a sondagem foi feita dois meses atrás e ele evoluiu nesse dois meses no dia a dia ele percebeu, mas não percebeu de verdade e com mais eficácia e ali sentado, confrontado com aquela escrita que ele fez a dois meses atrás ele percebe realmente a diferença e aí quando ele lê, a Ana Flávia foi uma, quando eu pedi para ela ler o que ela tinha escrito em Fevereiro e ela não conseguia ler porque ela era pré silábica e não estava escrito nada, e aí ela **“mas não está escrito nada”** ela ficava desesperada, mas não está escrito nada, mas você disse que estava escrito isso, isso e isso e aí ela sorria, ela ficava olhando para os lados, toda sem graça. Então eu acho que é mais que uma satisfação, eles ficam contentes com o reconhecimento, como reconhecimento que é dado ao que eles conseguiram alcançar.

E: E o professor?

P3: É o melhor do primeiro ano, isso, então essa aluna é uma gracinha, e aí eu ficava rindo pra ela, olha Ana Flávia, muito bem Ana Flávia, eu acho que é muito satisfatório, é conturbado esse primeiro ano porque é esse desafio muito grande no começo do ano quando você se dá conta daqueles 32, onde cinco tem base alfabética e o restante que não tem o domínio das letras do alfabeto, então você tem um desafio muito grande e no final do ano lidar com essas conquistas, é mais gratificante pra

mim eu acho até do que para eles que percebam, eles se percebem individualmente e eu percebo o grupo.

E: Você tem alguns alunos que ainda não chegou nesse nível que você gostaria, como é que você entende isso a que você atribui a não alfabetização desses alunos?

P3: Tem três alunos que tem especificidade de aprendizagem.

E: O que é isso?

P3: Um aluno eu já passei ele para a coordenação. Acredito que ele necessita de um atendimento especializado. Só com a minha intervenção ele caminhou, mas ele caminha num ritmo muito aquém, então eu acredito que ele necessita de um atendimento especializado. Dois alunos foi passado também, eles vem evoluindo, são alunos que chegaram em hipótese pré silábica, que é aquela sem correspondência nenhuma entre fala e escrita e eles agora começam a perceber, então eles estão silábicos alfabéticos, eles compreendem, mas eles trocam muito, apesar de conhecer todas as letras do alfabeto. E eu vejo que eles são esforçados, eu acredito que eu fiz um trabalho individualizado com eles, mas falta algo ali que eu não sei se é a maturidade que vai trazer, a maturidade da idade mesmo, ou o que é que falta, eles caminharam muito dentro desse um ano, talvez num primeiro trimestre de um ano seguinte eles alcancem essa hipótese esperada, mas eu acredito que esses três alunos, são alunos com especificidade. Um tem uma deficiência física que é com relação à coordenação motora, mas eu acredito que ela está interferindo no processo de aprendizagem dele, mas como ele ainda não pode ser encaminhado para outros especialistas, só o ano que vem, nós vamos ter essa conclusão, em fim um diagnóstico mais certo. E o outro aluno realmente é uma incógnita, ele tem muitas faltas, ele foi o que menos avançou, ele avançou uma hipótese o ano todo e não aconteceu com nenhum outro aluno, ele não tem uma continuidade no trabalho. Já foi conversado com ele, mas eu não tenho retorno dessa família, que ainda não é parceira que eu disse que é muito importante.

E: Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar de uma forma geral?

P3: Eu queria acrescentar que muitas vezes se fala em perfil alfabetizador, há mas, precisa-se de professoras com perfil alfabetizador e eu não acho que hoje em dia se tenha muita mais, eu acredito que é o trabalho mesmo que dá esse perfil. Eu não acreditava que eu tinha um perfil alfabetizador, pelo que se é falado de um perfil alfabetizador eu acredito que não é o meu perfil, mas é o dia a dia mesmo, é o trabalho que faz com que o resultado apareça, independente de se é desse perfil ou se não é desse perfil, é o trabalhando, é o ali junto com os alunos que você mostra resultado. No ano que vem, eu quero sala de alfabetização de novo.

E: Agradeço a sua contribuição e vou te fazer um última pergunta em função desta última fala sua você acha que um professor que faz opção por alfabetizar e um professor que chega na escola sobrou pra ela aquela sala e ele assume, você acha que o resultado pode ser diferente?

P3: O não gostar não dá resultado também, porque é bem puxado, é muito trabalhoso, é muito trabalhoso você ser o facilitador de um processo de alfabetização de uma criança, de 32 crianças, é muito trabalhoso, é muito trabalhoso você pensar naquele que não está caminhando e você pensar naquele que caminhou e no outro que não caminhou e o que você faz com esse que caminhou porque ele não pode estagnar, você tem que pensar em 32 no geral, no individual, no grupo, no sozinho, em dupla, você tem que formar as duplas pensando naquele que você não vai poder estar a todo momento com ele, mas você tem um que pode estar com ele, é trabalhoso, mas eu acho que quem se esforça, eu me vi assim, já que eu acredito que eu sou desse perfil eu preciso me esforçar duas vezes, três vezes, acho que foi isso que aconteceu. Tinha que esforçar mais por não acreditar ser desse tão falado, julgado, rotulado perfil de alfabetizador.

E: É você está construindo esse perfil

P3: Exato

E: Agradeço muito a sua disponibilidade para essa entrevista, e pela sua contribuição no meu trabalho.

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 4 – ESCOLA DA PERIFERIA

E: Você é alfabetizadora por opção?

P4: Sim, sou alfabetizadora por opção, já tive experiência em outros anos do ciclo e acabei optando por ser alfabetizadora, tanto é que já permaneço no primeiro ano faz um bom tempo.

E: Quanto tempo está com o primeiro ano?

P4: No 1º ano já tem 5 anos

E: Para você o que é ser alfabetizadora?

P4: É iniciar com a criança o processo de conhecimento, de letramento. É ensinar a criança qual é a função da escrita, qual é a função da leitura no sentido social também, a princípio seria isto e posteriormente seria entender, ensinar a criança a entender como que funciona esse código da escrita, esse código da leitura.

E: Na sua opinião, quais habilidades básicas são requeridas para as crianças dominarem a leitura e a escrita?

P4: Primeiro a habilidade inicial seria mesmo o conhecimento das letras, do código, também outra habilidade que eu acho necessário é comportamento leitor. Algumas crianças que entram na escola não tem essa postura de ler livros. Outra habilidade, seria na questão cultural a valorização da cultura não só por meio de livros, mas teatros, filmes e a questão também da criança ser crítica. Inicialmente também a questão da oralidade, a criança saber se colocar e emitir opinião, ser crítica, falar, verbalizar ideias.

E: Qual o papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança?

P4: Em todas as reuniões de pais eu converso muito com os pais que a parceria é muito importante e eu vejo que os pais que participam acompanhando os filhos, seja trazendo na escola, conversando com a professora, olhando o caderno, ajudando nas lições extra classe, eu vejo que o desenvolvimento dessas crianças acaba se tornando até diferenciado das outras. Então, eu vejo assim o papel da família, que é muito importante na questão da parceria com o professor. As famílias que confiam no professor, o professor até se sente a vontade de fazer um trabalho diferenciado, uma atividade mais individualizada porque sabe que pode contar com a família, então é de extrema necessidade assim essa parceria, família e professor, confiança que tem que existir entre os dois

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P4: Eu considero a hipótese de escrita dela, o conhecimento que ela tem a cerca da leitura, em relação aos conteúdo que foram trabalhados, letras, textos, essa é uma criança assim, que tem uma bagagem em relação ao que foi passado para ela, nas atividades que eu trabalhei com ela. Também considero aquela criança que faz com autonomia, aquela criança que tem autonomia de estar desenvolvendo atividade. Uma criança que sabe pesquisar, que mesmo não tendo aquele conhecimento, ela se utiliza de algum recurso que eu deixei na sala ou de algum cartaz ou até mesmo de uma atividade a que ela se reporta, que ela consiga buscar em algum lugar para tirar aquela dúvida que ela tinha.

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P4: Tem a questão de algumas crianças em relação a não frequência, não ter tido a oportunidade de frequentar a escola, percebo que isto é um grande fator. Crianças que não frequentaram a educação infantil. Outro fator também seria a frequência baixa, um grande fator esse, porque a criança que tem a frequência baixa, ela acaba perdendo muito conteúdo, ela acaba perdendo muitas vivências que só acontece aqui na escola. Outro fator também seria o não comprometimento da família e tem algumas

crianças assim, mas eu vejo que é a minoria que tem alguma questão física ou uma especificidade da criança que seria uma fono ou um psicólogo, mas esse eu vejo como um fator menor.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P4: Sinceramente a disposição física da escola eu vejo que isso não favorece muito o trabalho do professor, eu acredito que seria o ideal salas com poucos alunos, poucas mesas, onde o professor tivesse mais liberdade de dispor as mesas de outra forma onde as crianças pudessem trabalhar de forma coletiva, de forma em grupo, então por questão de espaço físico e o grande número de alunos o professor acaba tendo poucas opções de estar modificando o espaço da sala, então muitas vezes trabalho com as mesas individualmente, ou em duplas, ou em alguns momentos em grupo, mas eu gostaria que tivesse cantos, um espaço que a criança tivesse maior movimento na sala, onde ele tivesse recursos como computador, revista, cantos de livro, para que a criança assim se movimentasse na sala, buscasse por si outras formas também de aprender, tivesse autonomia de estar utilizando aquele espaço de outra forma não simplesmente permanecendo sentados ou numa só postura devido a disposição mesmo e os móveis que tem na sala.

E: Você tem uma realidade, como é que você lida com ela no dia a dia?

P4: Eu costumo assim dispor as mesas com frequência, organizo de diferentes maneiras, então eu não tenho uma disposição única que vai até o final do ano, então inicialmente eu deixo os alunos um pouquinho individualmente para estar vendo como eles são, qual perfil, qual agrupamento eu posso estar fazendo com aquele aluno. Depois da sondagem eu vejo qual agrupamento eu posso estar fazendo, qual aluno pode estar sentando com qual, então alguns conseguem sentar em dupla, outros alunos o rendimento é maior em grupo, tem aqueles alunos também que preferem sentar individualmente. Então as vezes eu organizo a sala em dupla, utilizo muito a organização em U e L porque eu acho que é a que eu mais fico próximo do aluno, então em U eu consigo me locomover pela sala atendendo um maior número de alunos, diferente do que se eu tivesse individualmente, tivesse que andar em fileiras, então vejo que o acesso é mais rápido, então assim para fazer um intervenção é muito mais rápido e para resolver algum conflito ali existente. Facilita bastante quando deixo a sala em U.

E: Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

P4: Inicialmente, logo que inicia o ano letivo, a escola ela faz um planejamento coletivo com todas as séries, com todos os anos ciclo, depois esse planejamento é trabalhado pelos professores que atende o ano ciclo. Os professores ficam agrupados da seguinte forma, 1º ano, 2º ano, 3º ano. Então ali é discutido quais vão ser as metas e os objetivos. São elencados os conhecimentos mínimo necessários para aqueles alunos e posteriormente ao longo do ano o professor vai fazendo o seu planejamento individualmente, mas sempre assim contando com as parcerias, com as trocas dos parceiros. Aqui, particularmente, os professores vêm que o HTPC ainda é pouco pra demanda de planejamento, então nós temos uma rotina que é a comunicação por email. Então além do HTPC, da reunião pedagógica, nós nos comunicamos por email, então fazemos planejamento bem coletivo mandando atividade, sugestões via email. Utilizamos essa tecnologia para estar ampliando, mantendo o contato e tendo troca mesmo.

E: Vocês tem isso bem presente entre os professores alfabetizadores?

P4: Já tem três anos que mantemos essa troca por email, mesmo os professores que vão pra outra escola ou são remanejados, eles mantêm contato, então acaba trazendo experiência de outra escola. As atividades são sempre discutidas, tem a liberdade de fazer alteração, porém cada professor, utiliza as atividades da forma que fica bem a vontade, tem autonomia para estar utilizando da forma que acha que vai fluir, porém a gente tem essa troca.

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

P4: Primeiro eu me baseio muito na observação, então eu sempre faço relatórios, eu prefiro ser bem descritiva na questão de como aquele aluno estava, como está sendo o desenvolvimento dele. Observando se o rendimento dele não está sendo de acordo com o esperado, eu comunico à coordenação. Solicito que alguém observe o aluno, algumas vezes quando necessário vem um atendimento especializado pelo Cais. Caso o Cais não atenda é sugerido à família que procure um

especialista, um psicólogo ou fono dependendo do caso ou não sendo necessário esse atendimento com esse especialista, eu costumo fazer muitas reuniões com a família e tento orientar a família para que ajude também em casa, eu passo algumas orientações. Muitas vezes alguns casos são referentes mais a questão de indisciplina, comportamento que acaba interferindo no processo de alfabetização do que da própria dificuldade da criança em si.

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P4: Primeiro eu utilizo o relatório de observação de como é a rotina desse aluno, também utilizo muito as atividades diárias dos alunos e levo muito em consideração o caderno, a organização do aluno e o que eu vejo no dia a dia dele. Levo também como principal instrumento a teia diagnóstica que é feita individualmente com o aluno, então ali eu posso detectar algumas atitudes, algumas dificuldades que o aluno tem, porque ele ali está mais próximo e faço observações para posteriormente fazer atividades diferenciadas com esse aluno e dar um atendimento diferenciado para ele.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P4: Tem um planejamento coletivo que é discutido no início do ano com o grupo dos professores, tem o planejamento do grupo, ano ciclo e eu organizo através do caderno de semanário, então eu faço semanalmente o meu planejamento. Retomo ele quando vejo que tem necessidade, algumas atividades eu antecipo outras eu modifico, então eu estou sempre fazendo esse trabalho. Uma forma que também eu encontrei de estar fazendo o planejamento é utilizando o registro fotográfico para alguns alunos que não registram. As vezes fica difícil o professor lembrar algumas demandas desse aluno, então eu tenho utilizado esses registro fotográfico, ali eu faço legendas para depois eu refletir em outras atividades para que eu possa estar trabalhando com esse aluno.

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P4: Livro didático para alfabetizar eu não utilizo. Tem um que é fornecido pela prefeitura, porém eu tenho opinião de que eu prefiro fazer atividades. Então a maioria das atividade que eu aplico são atividades que eu planejei, são atividades que são diferenciadas porque o livro em si ele vem muito homogêneo e a sala em si não é homogenia. As crianças elas apresentam diferentes avanços, diferentes dificuldades, cada um está num nível de escrita, então eu trabalho muito com as atividades diferenciadas é uma questão que eu coloco muito para os pais, que é assim, o livro é utilizado sim, mas não é utilizado do capítulo um até o quinto capítulo. Eu utilizo conforme a necessidade, então muitas vezes eu não utilizo o livro e não tenho a preocupação de no final do ano concluir aquele livro.

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita?

P4: Quando eu identifico que uma criança tem dificuldade, eu tenho um olhar mais individualizado para ela, essa criança fica mais próxima de mim as vezes eu a coloco literamente perto da minha mesa para facilitar a orientação de algumas comandas. Converso com ela com muito mais frequência. Tento analisar também outros aspectos, não só pedagógicos, mas vejo se tem alguma influência social, alguma coisa psicológica, não no sentido de fazer o trabalho da assistente social nem do psicólogo, mas no sentido de verificar se essa criança precisa de um suporte além do pedagógico, se ela precisa de uma orientação até mesmo a família. Essa criança é a que mais eu me dedico é aquela criança que fica bem próxima a mesa, é aquela criança que assim literamente eu dou a mão para ela e caminho junto.

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P4: O texto que eu mais gosto de utilizar são as músicas que são bem próximas à realidade das crianças. As crianças elas tem um repertório musical, porém eu tento apresentar a música que não seja só do modismo, mas eu tento apresentar músicas educativas e vejo que é o que mais incentiva as crianças o que mais cativa porque a música não tem só o foco na leitura e na escrita, ela tem o movimento, ela tem outras questões também culturais. Além da música gosto muito de trabalhar com parlenda, com adivinhas que são textos curtos, porém para as crianças acaba sendo textos lúdicos, então eles acabam memorizando com mais facilidade, eles acabam entendendo, porque são textos mais do contexto cultural então é mais fácil também para os pais ou para a mãe estar passando alguma informação referente aquele texto.

E: Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

P4: *Esse ano eu estou com uma sala de 28 alunos. Esses alunos iniciaram praticamente 100% da sala pré silábicos, eram alunos que não reconheciam letras, alunos que não escreviam o nome completo, alunos que não entendiam o significado de letras, da escrita, eles ainda não compreendiam a função da escrita e da leitura. Ao longo do ano tive que fazer muitas atividades diferenciadas, fazer trabalho bem pontual mesmo com alguns alunos, algumas intervenções bem pontuais, até utilizando horários diferentes, horários de especialista para no final do ano conseguir com que esses alunos avançassem na escrita, atualmente eu estou com 15 alunos alfabéticos, são 5 silábicos alfabéticos, 7 silábico com valor sonoro e 1 silábico sem valor sonoro, então consegui terminar o ano sem nenhum pré silábico.*

E: Esses alunos que não estão alfabéticos a que você atribui a não alfabetização deles?

P4: *A principal características desses alunos que não alfabetizaram foi a frequência. Teve alunos que terminaram o ano letivo com 75 faltas, 72 faltas e também o não comprometimento da família, foi o principal fator. Apesar das convocações o não comparecimento, apesar do envio das atividades extra classe a não execução dessas atividades, então eu percebia que o aluno não via sentido para estar aqui na escola, a não valorização da educação fundamental.*

E: O que fundamenta o seu sucesso na alfabetização desta turma? E o que fundamenta essa prática?

P4: *A princípio seria o fato de que sempre costumo olhar o aluno individualmente, pensando nele como indivíduo que tem suas características, que tem as suas questões específicas, então sempre costumo trabalhar com atividades diferenciadas com esses alunos. Outro fator também é a parceria com a família. Vejo que os alunos que eu consigo estabelecer parcerias com as famílias, eles mudam, tanto pedagogicamente como socialmente. São crianças que ao longo do ano, vejo que eles terminam o ano bem melhores do que iniciaram, de outra forma, com conhecimento além. Superando expectativas tanto da professora, como da família. São crianças que acabaram tendo uma aprendizagem bem significativa.*

E: Tem mais alguma coisa, em relação a alfabetização, que você acha importante falar que não apareceu aqui nessa entrevista?

P4: *Eu acho importante também que a alfabetização se dê num processo não embasado em teorias tradicionais construtivista, porque cada criança é um ser e ele é único. Costumo falar que eu não sou tradicional ou construtivista, depende do aluno, eu tenho que trabalhar de acordo com o que ele está precisando, então eu costumo mesclar atividades que tenha mais interação, atividades que sejam mais concentração, atividades mais lúdicas porque de acordo com o que o aluno me mostra, qual é o interesse dele, aí eu vou elaborando, vou planejando as atividade de acordo com ele, mas eu acredito muito no trabalho diferenciado, não acredito que assim são atividades ou livros homogêneos que vai transformar uma sala com índice de alunos alfabéticos, mesmo porque cada aluno tem o seu tempo tem a sua maturação, então tem que se levar em consideração isso.*

E: Professora, eu agradeço muito a sua atenção e sua rica contribuição para este trabalho de pesquisa.

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 5 – ESCOLA DA PERIFERIA

E: Você é alfabetizadora por opção?

P5: Sim sou alfabetizadora por opção, porque eu comecei já tem 16 anos que eu atuo na área e eu comecei com pré escola, na época a gente falava que era pré escola, eu trabalhava em creche, com turma de 6 anos e eu sempre gostei dessa faixa etária. Então o 1º ano para mim é uma coisa assim que eu gosto, eu gosto de alfabetizar, porque eu acho que as crianças, elas tem essa garra, essa força, essa vontade, tá mais propício isso nela, nessa faixa etária elas vem com mais animação, são crianças também que a gente observa que tem “n” características, são crianças diferentes umas das outras e eu gosto muito de lidar com essa diferença, por isso que eu me considero alfabetizadora por opção, porque eu gosto.

E: Para você o que é ser uma professora alfabetizadora ?

P5: É como eu acabei de falar, ela tem que gostar, primeiro de tudo, ela tem que gostar de alfabetizar e ela tem que vivenciar, tem que entender que a criança é pequena ainda, a maioria das crianças vem da educação infantil. Tem que entender também que a crianças esta começando no ensino fundamental, que é a primeira fase da vida dela na escola. O ensino fundamental é um mundo diferente para a criança, a escola é muito grande, ele se vê com mesa, com cadeira, com lousa é um sistema totalmente diferente da EMEI, que são mesas em grupo que tem parque interno, parque externo. Então um professor alfabetizador tem que ter esse olhar com a criança, olhar a criança como um todo.

E: Na sua opinião, quais habilidades básicas são requeridas para as crianças dominarem a leitura e a escrita? Existe um pré-requisito pra criança dominar a leitura e a escrita?

P5: Sim, a vivência dela com as pessoas, a gente espera que ela saiba pelo menos as letras do alfabeto, se ela não sabe as letras do alfabeto que ele esteja em contato com esse ambiente, que ela tenha vontade também de aprender, que ela precisa ter vontade, se não, não adianta. Se ela não tiver vontade, alguma coisa está acontecendo ou é a família ou é alguma coisa que ela está passando naquele momento e aí o professor, tem que investigar o que está acontecendo, porque que ela não está aprendendo? Se é questão de visão, se é uma questão de sociabilidade com os outros.

E: Qual o papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança?

P5: É muito importante a família. Costume dizer que tem que participar, das reuniões de pais. Sempre coloco que é importante ter um elo entre a professora e eles, se não tiver isso eu não consigo trabalhar, tem muitos pais que trabalham, que eu não tenho contato, até mesmo nas reuniões de pais, alguns pais eles trabalham, mas eles comparecem à reunião, então assim é um momento de troca, então eu falo para eles que a gente precisa sempre ter esse elo porque eles são muito importantes. Eu falo que nós professores, a gente tem 20% de responsabilidade com os alunos, com o que? Com a aprendizagem deles, com o pedagógico e os pais é o limite, o educar, o cuidar, então eles precisam sim ser parceiros da escola e a escola também ser aberta para eles.

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P5: É a sondagem diagnóstica, é a verificação de escrita. No 1º ano a gente chama o aluno para a sondagem pelo menos 60 vezes, 30 vezes a gente chama para a parte de linguagem, português, para ditar as palavrinhas e a frase, vê se identifica letra, se sabe fazer nome completo, sem apoio, com apoio. Na matemática também 30 vezes, se ele identifica os numerais, se ele sabe contagem, se ele sabe determinada operação, situação problema por exemplo de adição, subtração, coisa simples do cotidiano.

E: Isso é feito individualmente?

P5: Individualmente, cada criança, então eu falo que é 60 veze, 30 para português e 30 para matemática. Fora isso tem as sondagens que nós temos na escola que a gente faz a inicial, a do 1º trimestre, a do 2º trimestre, a do 3º trimestre

E: Oficialmente são 4 sondagens?

P5: São 4 sondagens. A gente tem um segmento de atividades, que fazemos o comparativo da 1ª com a última.

E: Tem um formulário pra essa atividade?

P5: A gente segue as planilhas da rede. De acordo com as planilhas a gente monta a sondagem e já fica pro ano inteiro. Em cada trimestre o que tem que ser contemplado em cada trimestre e ali a gente vai fazendo o trabalho com as crianças em cada trimestre de acordo com a planilha e no final do ano, a gente faz a observação de como aquele aluno começou e como aquele aluno chegou no final do ano. *Fora isso eu sempre vou na mesa, chamo individualmente, ponho pertinho da minha mesa para eu poder ver como é que o aluno está, principalmente aquele aluno que tem mais dificuldade, é um pouco mais lento, não consegue entender, ainda não sabe todas as letras, então eu chamo mais pertinho de mim para poder fazer a intervenção, todo dia.*

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P5: Sim, na questão de “visão” quando eu percebo que um aluno tá muito lá atrás ou no meio ele não consegue enxergar o que tá na parede a ilustração ou na lousa quando eu escrevo ou até mesmo a questão de alimentação. Quando a gente sabe que a criança sempre vai mal alimentada que não toma café no caso o 1º ano é de manhã, então muitas crianças não tomam café, então o rendimento deles, dependendo não tem um bom rendimento no período da manhã não porque ele não toma café, as vezes ele vai pra escola passando mal, ou até mesmo algum problema com a família ou sei lá em casa ou no dia a dia com os coleguinhas, cansaço, então isso é fácil de diagnosticar e aí no caso da família é imediato, eu já chamo a família já converso, já pergunto o que está acontecendo para tentar ajudar se é alguma coisa na escola, já é passado para a direção, para ver o que a gente pode fazer.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P5: *É bem flexível, tem momentos que eu faço aquela letra U, com eles, apesar que é uma sala numerosa e muitas vezes não dá, então tenho que fazer o que acabo fazendo duas, uma dentro da outra, as vezes principalmente quando eu trabalho com recorte de sílabas, eu quero aproximar aqueles alunos com hipóteses de escrita para eles trocar um com o outro, trabalho muito mais em dupla. Nos momentos que eu quero ver individualmente como cada um está pensando, aí sim, cada um na sua mesinha para eu ir passando e verificando como que cada um está.*

E: Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

P5: *A gente faz no começo do ano, já tem lá as habilidades que tem que contemplar. A ATP, a Sandra, nos orienta, olha vocês tem que contemplar isso, isso e isso, então a gente vê lá no 1º ano o que nós temos que contemplar em todas as áreas, daí sentamos a turma do 1º ano e a gente vê o que vai ser proposto em cada trimestre, se vai trabalhar as letras do alfabeto, então a gente costuma colocar sempre a música no início. Vamos trabalhar a letrinha da música que é uma coisa que está mais próximo do cotidiano deles e aí depois mais pra frente a gente trabalha as parlendas, depois as reaceitas, os bilhetes, porque no final eles já estão mais craques, já tem bastante alunos alfabéticos*

E: Então tem uma proposta pedagógica que a escola apresenta no início do ano ?

P5: Tem sim. Exemplo: esse ano nós tivemos um dia, que foi a parada no mês de Março para trabalhar isso. Nós tivemos momentos anteriores a esse que serviu para colocamos em cada trimestre o que queria contemplar e depois nessa parada pedagógica que a rede teve nós fizemos a organização do planejamento para o ano.

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

P5: Quando detectamos, isso já é passado imediato para a direção da escola. Por exemplo, se vejo que eu tenho um, eu tive alunos, eu tive no caso uma aluna que assim ela demorou pra avançar, ela demorou, mas avançou, no caso dela eu conversava constantemente com os pais, com a avó, porque eram pessoas que estavam sempre na escola, nas reuniões e também se preocupavam e sempre assim nos conselhos e fora do conselho eu sempre passava para direção e para a ATP. No caso da ATP, ela sempre acompanhou indo na sala. Marcava com antecedência o dia para entrar na sala de aula. Ela ia para acompanhar. Ela fazia até verificação de escrita com alunos em situação de aprendizagem, defasado.

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P5: É como eu falei, a sondagem a gente usa bastante isso. Não tem como ver o que ele está pensando, o que ele está fazendo, em que mundo que ele está? Se ele aprendeu, se ele não aprendeu, a gente usa a sondagem, fora isso geralmente eu coloca bastante a questão da leitura, principalmente para os silábicos alfabéticos, as crianças que a gente vê que vai avançar e não vai. Não adianta só fazer a sondagem e não fazer a intervenção, os dois tem que estar ligado.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P5: *Eu tenho meu planejamento, tem um caderno que a escola dá para a gente se organizar semanalmente, e assim eu faço. No meu planejamento tem a parte das histórias, tem a leitura diária, a gente tem a aula com os professores de artes, de educação física, então tudo isso é colocado no planejamento. Valorizo também no planejamento a questão da observação, do registro do que o aluno fez de legal que dá pra eu trabalhar em seguida. Então o planejamento é bem flexível.*

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P5: *No início do ano a gente trabalha junto a construção do planejamento, nós montamos muitas atividades, pois temos na escola uma professora com muita habilidade para construir atividades sequenciadas, isto nos ajuda bastante. No início do ano trabalho muito com música, que auxilia para eles pegarem mais fácil. Para eles aprenderem eu vou trabalhando cada letra de música numa semana, junto com o som da música. Em relação ao livro didático, uso os que vem do MEC. Tem o de português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Uso eles no segundo semestre, porque? Porque são livros que subentende que os alunos já sabem mais coisas. No início do ano, com o aluno ainda sem domínio da leitura fica complicado trabalhar com os livros didáticos.*

E: Eles trazem conhecimentos como se o aluno já fosse leitor?

P5: Isso, porque que nem o de português, ele trabalha lá no início as letras do alfabeto com o nome, depois ele vai ficando mais complexo, dá sentido de que a criança já tem uma noção e no início do ano não. A gente sabe que as crianças chegam cruas e até porque eles saíram da educação infantil, e na educação infantil a gente não trabalha com livros, ele chaga lá e vai ter o livro, então ele já vai com medo, se eu já dou o livro, pronto, vou espantar o menino, o menino vai embora correndo. Então eu sempre sigo assim, dou o livro no segundo semestre. Não critico no sentido que o livro é ruim, o livro é muito bom, tanto que eu votei pro livro continuar, porque ele traz uma proposta muito boa, principalmente o de matemática. Os jogos de percurso, são jogos muito bons que dá para você construir com eles situações problemas voltados para o concreto. A gente usa muito o concreto para poder trabalhar dentro da sala de aula as situações problemas, então assim traz uma riqueza muito grande só que tem que ter o momento certo de acordo com a necessidade do grupo.

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita?

P5: *Através da intervenção, que no caso, a gente faz a sondagem e a partir dali eu já vou com a intervenção necessária. Eu uso muito assim as palavras do cotidiano para trabalhar com eles e as letras móveis. Quando eu percebo que está assim com muito dificuldade eu trabalho muito com o concreto, as letras móveis, vamos criar letras, recortar letrinhas, montar pra gente aprender, porque se eu ver que não tá indo nas atividades, faz uma brincadeira, eu trabalho muito com bingo, é aquele bingo que não é preparado é na hora. Eu ensino a eles, olha vamos dobrar a folhinha em quatro ou seis pedacinhos, seis partes, aí a professora vai colocar as letrinhas, você escolhe as letras que você*

queira colocar, então é tudo assim é criado tudo junto não tem nada que eu vou lá e já dou entrega e aí vamos lá.

E: Eles participam da construção?

P5: Da construção, então eu acho que eles pegam muito mais fácil com isso.

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P5: Então no início do ano é como já falei, eu gosto de trabalhar com as músicas, então eu trabalho muito com cartaz grande, porque geralmente a gente dá o pequeno texto das músicas para eles, lá na carteira dele, os xerocados, e aí eu coloco a letra da música no cartaz grande. A gente faz a brincadeira de roda, por exemplo, ciranda cirandinha, então assim tem a parte da mesa ali, que eles tem que escrever a gente tem que fazer junto, mas tem a parte do lúdico também, então eu faço tudo junto eu começo com a música e aí depois em agosto, setembro trabalho as parlendas que são as sequenciadas que a gente faz.

E: Você pode falar o que é atividade sequenciada?

P5: Posso, essa sequenciada, a gente trabalha da seguinte forma: tem lá o texto da galinha choca por exemplo, então a gente tem: a leitura, o recorte da sílaba, o ditado das palavrinhas para circular. Este é um exemplo de atividade sequenciada. Outra coisa que faço muito é a sequenciada com letra de música, vamos agora circular as letrinhas que a professora ditar, vamos circular a sílaba ou a palavra que a professora ditar. Depende do andamento da turma e aí tem o recorte das sílabas, tem palavrinhas, tem a parte de montagem da historinha, de recorte das palavras. A ATP da escola sempre nos alerta para tomar muito cuidado com isso, porque as vezes a gente fica muito nessa parte de montar a historinha, montar a parlenda e corremos o risco de perder o eixo da história, do texto. Ela pede sempre para trabalharmos o significado, a oralidade da crianças em cima dessa história, em cima dessa parlenda. Tem também um trabalho de escrita e leitura que faço com os alunos que é de receitas.

E: Receita de que?

P5: De comida mesmo, receitas de massinha, receita de brigadeiro, de paçoca

E: Eles fazem mesmo no concreto?

P5: Fazem, a gente faz mesmo eu pego os ingredientes e levo pra sala de aula, explico pra eles e aí a gente monta um grupão e aí cada um vai colocando a mão na massa...

Tião: E eles gostam dessa atividade?

Rose: Coisa prática quem não gosta? Depois fica lambendo a mão, mas assim tudo é com organização, porque as vezes as pessoas pensam, é uma bagunça, mas não, se o professor souber organizar direitinho a sala, a disposição da sala, os alunos, eles vão entender, olha, eu não posso agora, fazer isso agora, é a vez do outro, porque não é só eu que estou na cozinha, trinta pessoas e mais a professora, trinta e um, então a gente tem toda essa conversa antes, depois a gente vai para o registro, primeiro a gente faz na prática e depois vai para o registro.

E: Quantos alunos você tem?

P5: Eu tenho 30 alunos. São frequentes. Nos primeiros anos da escola os mais frequentes era a minha turma e o legal que assim, não entrou ninguém e não saiu ninguém permaneceu a mesma lista do início até o fim, então o bom foi isso que eu pude ver cada um, trabalhar cada criança sem perder o foco, ninguém deixou de ir, ninguém sumiu, não tinha muitos alunos faltosos, só um que faltou bastante, mas é um aluno já repetente por falta, então ele faltou um pouco menos esse ano, mas eu já conhecia o histórico dele por ele ser repetente, agora fora ele, os outros presentes. No mais educação presentes também porque a Rita, coordenadora do projeto, sempre vinha me perguntar: Rose quantos alunos você tem hoje aí eu falava, mas porque você está me perguntando, não porque você é meu termômetro e eu porque seu termômetro? Porque eu sei se você tem 19 alunos hoje significa que as outras salas tem menos, tem 14, tem 15.

E: Todos os seus alunos terminaram o ano alfabetizados?

P5: Assim 100% não, eu sou muito exigente eu queria que sei lá que esse ano fosse melhor. O ano passado saíram 27 alfabetizados,

E: O ano passado você tinha quantos alunos?

P5: *Tinha 30 alunos e saíram 27 alfabetizados. Esse ano de 30 alunos 25 saíram alfabetizados, só que tem uma desvantagem o ano passado saiu aluno pré silábico e esse ano não, não saiu nenhum aluno pré silábico, então 25 alfabetizados, 3 silábico alfabetizados e 2 silábico com valor, então assim não bati a meta, mas eu acho que eu cumpri ali um pouquinho do trabalho.*

E: Você acha que é possível conseguir alfabetizar todos os alunos no 1º ano?

P5: *Eu acho que com certeza sim, são alunos que nem esses meus alunos, geralmente todo ano meus alunos chegam 19, 20 pré silábico, a maioria vem cru, cru, e durante o ano eu trabalho muito, eu cobro muito, eu sou muito exigente se eu ver, Tião, que não tá rendendo eu já chamo o pai, vem cá, olha, em casa como você está ajudando o seu filho, porque as vezes eles não sabem ajudar, isso também é normal.*

E: Você orienta os pais?

P5: *Isso, ai eu pego e falo, olha pega isso daqui, as vezes eu faço uma placa grande com o alfabeto grande dependendo da dificuldade da criança, olha em casa vai fazer, vai ajudar o seu filho a fazer isso, pega rótulos, pega coisas que você vai fazer em casa e chama seu filho para perto de você e pergunta para ele o que é aquilo? Ele vai aprender com isso. Incentivo o uso de gibi também, tem pais que não acredita, falam, não professora, mas gibi alfabetiza? Sim, porque não, na minha sala eu tenho gibi, então é uma coisa que eu criei muito com os meus alunos é uma questão do gosto também pela leitura. Dos 25 não vou dizer para você que todos, mas pelo menos uns 15 ou 16 são leitores fluentes, que dão de dez a zero em crianças de segundo ano. Produzem textos grandes, historinhas grandes, as vezes eu pedia para eles inventar uma historinha de fada ou bruxinha e eles vinham com historinhas formidáveis que eu compartilhava no grupo. Então eu acredito que sim, se o professor tiver vontade e ele acreditar, ele consegue. Ele não pode ser pessimista e nem ser assim muito fora do padrão e achar que o aluno não vai aprender e deixa para lá. Falo isto porque tem muito professor que pensa assim, não vai aprender mesmo, deixa pra lá. Eu já não penso assim, eu penso que ele vai aprender. Há não aprendeu? Por que ele não aprendeu? Vamos verificar o que aconteceu e nunca deixar pra trás, eu acho que tem jeito sim. A gente consegue sim, basta querer, ter vontade, ser exigente, ser otimista, conversar com a família. Você pegar ali no pé, mas você também ser amigo, eu acho que isso é o principal, você pega no pé, mas você sabe ser amigo das pessoas, dos alunos, dos pais, da comunidade, trazer eles para você. Mostrar que você está interessado e também pedir ajuda para direção da escola, da ATP, dos pais, das pessoas que estão ao redor da gente.*

E: São quantas turmas de 1º ano, na Escola José Martins?

P5: São 9 turmas

E: E como é a relação de vocês, das nove turmas?

P5: *A relação é muito boa. A gente senta junto para planejar, que nem a questão do início do ano, a gente colocou tudo que nós iríamos trabalhar durante o ano, que nem o ano que vem nós estamos com vontade de novo de pegar o 1º ano. Então, o que a gente já pensou esse ano, olha, isso aqui deu legal, então vamos repetir o ano que vem, olha essa daqui não deu legal então a gente não vai fazer o ano que vem. Então a gente é muito unida, a gente aceita as mudanças, vamos mudar tal coisa, vamos fazer assim, assim, sempre tem essas questões que a gente considera. Nunca um vai falar que é melhor que o outro, que o outro, a gente não tem isso não pelo menos na turma do 1º ano a gente faz um trabalho coeso.*

E: Você tinha comentado de algo de internet o que é mesmo que vocês fazem?

P5: *A gente mantém contato pela internet, sim. Nós temos uma listagem com os emails de todos os professores do 1º ano e a gente vai se comunicando com atividades. Olha, fiz essa sequenciada, vê*

se vocês acham interessante, vê se não tem palavras escritas erradas, dá uma olhadinha, a gente vai tentar fazer isso, dá certo, não dá, então a gente troca muito mesmo.

E: O que fundamenta o seu sucesso na alfabetização desta turma?

P5: As vezes eu fico pensando assim, nossa, caramba, que legal que nem o ano passado, a minha turma praticamente quase todos saíram alfabetizados, esse ano, quase todos de novo e tem professor que brinca comigo e fala, e aí Rose esse ano vai ser quantos alfabetizados? Eu falo, gente eu não sei, eu não sei como eu vou receber as turmas. Eu sempre peço, sou uma pessoa muito religiosa, sou católica, então quando eu recebo a lista das crianças da sala que eu peguei, eu peço para Deus, “olha meu Deus, me ajuda, eu espero que eu faça um bom trabalho, que eles me aceitem e que eu possa também aceitar eles”. Acho que acima de tudo, você tem que se dar bem com as crianças. Sou uma pessoa que eu pego muito no pé dos alunos. Sou muito exigente, quero que ele aprenda, porque eu quero o melhor para ele, eu falo isso para eles, olha eu quero que vocês aprendam, porque quero o melhor para vocês futuramente ao procurar um emprego. Quero que tenha empregos bons, porque hoje em dia está difícil, se a gente não estudar, a gente não vai conseguir nada. Acredito que o que ajuda muito também é o trabalho com os pais, eu acho que esse sucesso que você diz aí é o contato com os pais, eu tinha um elo muito grande com eles, então tinha a criança com dificuldade eu sentava com eles já falava, opa vem cá, o que está acontecendo? Então eu acho que o contato é fundamental, você ser aberto também, ouvir críticas, as vezes críticas que vai te deixar no chão, mas que são importantes para você crescer. Outra coisa que valorizo é ouvir as pessoas do seu entorno, o que elas trazem para você aprender, então eu acho que é bem isso. Eu sou uma pessoa aberta, minha porta da sala está sempre aberta, quem chega lá, Rose tal coisa, você me ajuda? A Luciene, essa professora que faz as atividades sequenciadas ela também tem uma bagagem muito grande, então eu vou lá e pergunto, Lú e tal coisa assim e assim você me ajuda. A gente tem muito essa questão de compartilhar as hipóteses eu faço eu tenho um olhar, você pode ter um outro olhar, então eu chego pra você e falo e aí Tião, o que você acha da atividade dessa criança, ela tá alfabetizada, ela não tá, então são olhares diferentes e isso vai dignificando o nosso trabalho no dia a dia.

E: A que você atribui a não alfabetização de alguns dos seus alunos?

P5: Essas duas alunas que eu te falei, elas demoraram muito para aprender, porque elas são inseguras, choronas, tem medo, então não tem essa coisa da família participativa. A família protege muito e aí você tem um pouco de dificuldade. Mas elas vão para a série seguinte, sei que elas vão aprender com um pouco mais de lentidão, mas elas vão aprender. Eu queria que elas avançassem mais, mas um pouquinho que elas conseguiram já é alguma coisa.

E: Professora, agradeço muito a sua contribuição para este trabalho de pesquisa sobre a alfabetização.

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 6 – ESCOLA DO CENTRO

E: Você é alfabetizadora por opção, por escolha ou outra situação?

P6: Sim, foi por opção

E: Você já trabalha como alfabetizadora há muito tempo? Ou isto é um opção recente?

P6: Eu comecei trabalhando numa igreja como alfabetizadora de adultos, trabalhei uns cinco a seis anos com EJA com alfabetização de adultos, depois eu trabalhei na pré escola com turma de seis anos e quando vim pra cá, pro Anita, eu trabalhei acho que dois anos com segunda série uma quarta e faz seis anos que estou com primeira ano.

Tião: Para você o que é ser uma professora alfabetizadora ?

P6: *É acreditar que a educação tem jeito e que as crianças são capazes. Que você tem que acreditar que todos vão dar conta, se não acreditar que vai dar certo, que o que você está fazendo vai dar certo, aí você já começa mal, então é acreditar que vai dar certo.*

E: Na sua opinião, quais habilidades básicas são requerida para a criança dominar a leitura e a escrita?

P6: Eu acho que não tem pré requisito não, eu acho que as crianças, cada uma vai aprender num tempo, cada uma vai ter seu tempo, mas todas indiscriminadamente vão aprender no tempo delas.

E: Qual papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança? A família tem alguma importância neste processo de alfabetização?

P6: *Na verdade eu acho que a escola tem o papel de alfabetizar e socializar tudo o que a criança precisa, mas se a família fizesse o papel de cuidar dessa criança, o de cuidar mesmo, coisas assim: vai escovar o dente, a gente pode ensinar como escovar o dente, mas não é papel da escola ficar cobrando que a criança escove o dente, a questão do tomar banho, coisas que a gente acaba ensinando para as crianças, que os pais podiam fazer e deixar outras coisas, talvez acrescentasse mais, trouxesse mais conteúdos, mais substância, a gente as vezes perde isso para fazer coisas do dia a dia que a família podia fazer e até cuidar mesmo de trazer material, as vezes você perde um tempão procurando um lápis emprestado. Hoje mesmo tinha uma criança sem lápis e sem borracha, ontem o menino veio sem caderno e hoje de novo.*

E: Na sua experiência, você sente que os pais contribuem com a alfabetização ou poderia contribuir mais, na sua fala isso fica a desejar, você vê que os pais poderiam contribuir mais?

P6: *Quer ver um exemplo, a gente faz leitura diária, eles levam livro toda semana para casa, tem criança que depois de 4 ou 5 dias trás o livro e pede para você ler, não é muiiiiito pedir para pai ler o livro para a criança, mesmo com a vida que todo mundo tem, é possível você ler uma história, uma, duas histórias, isso seria uma coisa que contribuiria com o nosso trabalho, só que você manda para os pais lerem e aí a criança volta no dia seguinte e pede: “professora, meu pai não leu lê para mim, dá para a senhora ler?” Outro exemplo, você manda uma pesquisa com recorte de letras, de jornal, de folder de supermercado para eles fazerem em casa, eles não fazem é difícil, tem crianças que levam o caderno de recorte com o alfabeto para casa e não trazem de volta, ou quando traz, perderam as letras.*

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P6: *Quem escreve e lê um texto. Não só palavras, nem frases, mas aquele que lê um pequeno texto e entende o que leu. Se eu perguntar para ele o que diz o texto, ele sabe me dizer, assim considero alfabetizado. É que temos uma discussão entre nós, alfabetizadoras do Anita, de que a criança que está alfabética na palavra a gente consegue até ver que ele já dominou, até a gente comenta assim, “olha esse aí é listabético ele só faz lista” presta atenção, nós estamos dizendo que ele está*

alfabético mas não está alfabetizado, ele dominou o código, ele já sabe, ele sabe que precisa da sílaba ele já sabe, mas ele ainda não está alfabetizado. Ele está alfabetizado quando ele tá lendo e entende o que ele lê.

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P6: A gente observa muito, mas identificar, a gente não consegue, você sabe que alguma coisa não funcionou, que alguma coisa em algum momento trancou, mas na grande maioria das vezes a gente não consegue identificar. Talvez porque falta um acompanhamento mais sistemático junto com o professor no dia a dia, a gente observa que falta alguma coisa, mas talvez um outro olhar te acompanhando pudesse te dar pistas do que aconteceu em qual momento, mas como a gente está sempre sozinha e ultimamente muito sozinha, falta apoio pra identificar esses casos, porque em alguns casos você imagina, olha o que aconteceu, conversando com a criança ou com a família, olha aconteceu isso em tal momento ou a criança teve algum outro problema quando era menor, mas você não tem dados suficientes sozinha para definir isso, tirando um caso muito específico que você vê o que acontece, caso de criança com multideficiência, alguma coisa assim, você não tem como, não consigo.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P6: Depende da atividade, depende do que a gente está fazendo, tem dia que eles estão individual, tem dia que eles estão em dupla, tem dia que tem grupo de 4 junto numa mesa e noutra tem 2, depende muito do que vai se fazer, não tem uma regra definida, depende do que vai se fazer. Agora geralmente a leitura que é a primeira coisa que eu faço todo dia eu deixo as carteiras do jeito que elas estão quando chego em fileira. Porque se não demora muito tempo para organizar.

E: Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

P6: *Na verdade atualmente quem organiza esse trabalho pedagógico somos nós alfabetizadoras do ano ciclo. Tem um planejamento anual e em cima do planejamento anual nós é que tocamos o trabalho do jeito que a gente acha que é melhor.*

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola ao constatar que algum aluno está apresentando dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita?

P6: *Na verdade a gente vai colocando o aluno sempre o mais perto possível, para a gente ficar mais atenta, e fazer o que puder com ele. Começa geralmente a diferenciar dentro das atividades propostas, atividades que sejam possível ser trabalhadas com ele, mas isso é uma coisa muito particular de cada professor e de cada sala de aula, porque geralmente na escola não tem um projeto nem um outro trabalho para ajudar. Algum tempo atrás a gente até teve um auxílio das ATPS, mas já tem uns três anos que a gente está fazendo isto sozinhas em alguns casos quando a gente chama os pais na reunião, a gente geralmente conversa com esses pais dizendo o que a gente tem observado que a criança não está avançando o quanto esperávamos. Propõe atividades que o pai também possa fazer com a criança, de leitura de observar o que ela está fazendo na escola, mas isto é uma coisa muito do professor, do professor da sala. Nós também fizemos um caderno de lição de casa pra todas as crianças, mas focando sempre naqueles que têm com mais dificuldade. O caderno é para todas as crianças, mas aquele que tem dificuldade a gente retoma para ver como é que fez, mas é uma coisa nossa que nós organizamos.*

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P6: Na verdade a gente faz um acúmulo de material durante o trimestre, que é o tempo que a gente para pra avaliar, que seria a avaliação formal da escola, mas no caso nós alfabetizadoras aqui da escola, como a gente trabalha já algum tempo juntas, a gente acaba discutindo acho que todo dia tudo o que acontece com cada criança, tanto que quando chaga no conselho a gente consegue falar uma do aluno da outra e até dizer, olha, lembra que você fez isto e você disse que ele respondeu assim, eu acho que a gente acaba na verdade avaliando o tempo todo, porque a gente conversa muito o tempo todo sobre o que eles fazem, mas isso é uma coisa muito pessoal nossa, até porque a gente já trabalha junto já há um bom tempo. Então assim é os instrumentos.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P6: na verdade a gente sempre conversa do que a gente vai fazer em cima do planejamento trimestral, a gente conversa, define o que a gente gostaria de trabalhar, nem sempre a gente trabalha exatamente as mesmas coisas, porque depende muito da sala e do momento, mas eu utilizo aquele caderno de planejamento que a direção da escola nos entrega no início do ano letivo.

E: O que é este caderno?

P6: É um caderno com uma grade de planejamento diário para o registro do que você vai trabalhar em cada dia. Eu aproveito a carga horária e aí leitura é diária, no começo do ano geralmente só eu e faço com as crianças na lousa o que eu escrevo. Já a partir do meio do ano eles já começam a ler também, porque vão começando a ler e sempre uma atividade de escrita ou minha ou do coletivo, ou minha pra eles lerem ou do coletivo ou individual. Todo dia tem atividade de leitura, atividade de escrita e todo dia tem pelo menos um tempinho pra eles lerem, livre, nem que seja dez, quinze minutos, mas é uma organização não tão fixa porque tenho agora português, educação física e arte, tem a de biblioteca, que na verdade algumas vezes a gente está saindo da sala também. Geralmente eu faço nesta grade, eu acho que dá uma visualização boa da semana, eu faço por semana esse planejamento.

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P6: A gente usa o livro porque eles tem três livros, não é exatamente para alfabetizar, porque principalmente os livros que a gente tem são livros com textos enormes, então quando eles chegam eles não estão ainda preparados, mas desde o primeiro dia de aula eles manuseiam o livro, as vezes até para recortar algumas coisas, as vezes alguma imagem de alguma coisa que me interessa e isso eu falo para os pais desde o primeiro dia de aula, não procure a sequência, porque eu vou trabalhando conforme o grupo, as vezes para a leitura de algum texto, de alguma outra atividade que eu fiz para eles terem um outro texto sobre o mesmo assunto, não para alfabetizar, mas eles utilizam o livro didático sim.

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita? Qual o procedimento?

P6: Conversar com os pais, na verdade a gente aproxima mais da criança.

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P6: Poema, contos, lenda, música, parlenda, tudo o que puder ser lido, que eles trazem da rua, as vezes eles trazem, eles acham coisas e perguntam o que está escrito, vamos ler o que está escrito, tudo que é possível ser lido, claro que as vezes é preciso você dar uma olhada, mas tudo que é possível ser lido eu leio, não tenho preconceito não.

E: Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

P6: Não, não estão todos não, ainda falta, eu posso dizer até dizer que eles estão quase, quase todos, mas não são todos.

E: A que você atribui a não alfabetização de alguns dos seus alunos?

P6: É o que eu falei, tenho aluno com excesso de faltas, o aluno não frequenta, isso é uma questão. Tem a Rebeca que nós estamos investigando é uma criança que a gente investiga pra ver, mas os outros eles estão no processo, no geral da sala você observava que eles tiveram mais dificuldade pra avançar não chega a ser uma criança com uma dificuldade de aprendizagem, mas a aprendizagem deles tem caminhado mais lentamente, talvez se a gente tivesse aí mais uns dois ou três meses, eles estariam alfabetizados.

E: Vocês não tem nenhum apoio dos profissionais do Cais que atendem, que faz um diagnóstico?

P6: Na verdade é assim, esse ano principalmente, ficou mais difícil ainda, a gente até faz um encaminhamento, mas esse ano não teve atendimento nenhum na verdade, só as crianças que já eram atendidas acabaram dando continuidade, mas os novos que entraram não tiveram atendimento não. Na verdade ficou muito pelo que a gente acha, como a gente faz, sem nenhum atendimento de outra pessoa para dar outro apoio como suporte.

E: Você faz um trabalho de alfabetização que tem sucesso. O que você atribuem a esse sucesso no trabalho? O que fundamenta o sucesso do trabalho de alfabetização de você faz?

P6: *É o trabalho, a gente trabalha pra caramba o tempo todo da hora que estas crianças entram até a hora que elas vão embora e depois em casa e por telefone.*

E: Então o que fundamenta a experiência de vocês é o trabalho, trabalho e trabalho?

P6: *É, a gente realmente ficar focado no que eles tem que aprender, do que eles tem que saber, procurando exercícios diferentes o tempo todo, que ajuda que facilita, coisa que pode ajudar coisa que pode facilitar o tempo todo.*

E: Este procurando pode ser entendido como pesquisa?

P6: É a gente troca muito, a gente conversa com outras pessoas, geralmente as pessoas com quem a gente se relaciona. As vezes eu escuto alguma coisa, leio alguma coisa, como eu tenho contato com a fono, com pessoal do cais muito, então eu estou sempre conversando com elas, as vezes eu falo pra Cida, fulano falou assim, assim, talvez se a gente tentasse isso ou aquilo, a Cida traz alguma coisa que a filha dela faz, a filha dela também trabalha com educação, então a gente acaba trocando muito e até que leitura esses anos, esses dois últimos anos menos, mas eu ainda estava lendo bastante, e a gente estava até discutindo algumas coisas, eu fiz o pró letramento, foi um tempo que a gente discutiu bastante, a Cida não fez mas a gente acabou discutindo do mesmo jeito, porque tudo que eu ouvia lá a gente conversava aqui, *mas é assim eu acho que é trabalho.*

E: Isso é compensador?

P6: É gratificante ver eles lendo.

E: Como é essa sensação quando eles leem?

P6: *É indescritível. Ver a satisfação deles quando eles descobrem que estão lendo é impagável, não tem salário no mundo que compense, porque quando ele lê que ele olha pra você e fala assim, "mas eu li", é muito gratificante.*

E: Tem mais algum comentário que você quer fazer?

P6: *O que eu acho é que todo mundo tinha que vir e ficar pelo menos uns dois ou três anos alfabetizando. Acho que todo mundo precisa dessa experiência, talvez para entender um pouco mais de educação, porque eu acho que eu só comecei a entender um pouco mais sim do processo da educação como um todo quando eu comecei alfabetizar crianças. Creio que todo professor de ensino fundamental deveria passar pela experiência, não como uma tortura, mas se ele tiver disposto a conhecer, vai abrir o mundo. Todo ano você se fala, esse ano eu vou atuar com outra série, vou dar uma arejada, aí você olha assim para a carinha deles, aí pronto você fica lá com o 1º ano de novo. É gratificante encontrar eles depois, que parece bobagem, mas eles nunca esquecem a primeira professora, eles não esquecem é muito engraçado, marca muito, marca muito.*

E: Professora, quero muito agradecer a você pela colaboração ao meu trabalho de pesquisa sobre alfabetização, com esta entrevista.

APÊNDICE 4A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA 7 – ESCOLA DO CENTRO

E: Você é alfabetizadora por opção, por escolha ou outra situação?

P7: Sim, por opção

P7: Você já trabalha como alfabetizadora há muito tempo? Ou isto é um opção recente?

P7: Eu comecei com alfabetização de adultos, trabalhei só com alfa depois fui trabalhar no sindicato dos metalúrgicos trabalhei três anos lá como era alfabetização também, mas na parte da elétrica lá, depois quando vim para o Anita trabalhei também na segunda, terceira uma quarta depois fiquei com o primeiro quase cinco anos no primeiro

E: O que é ser um professor alfabetizador?

P7: *É isso mesmo de acreditar no nosso trabalho, que as crianças são capazes de ser alfabetizadas, eu acho que é um trabalho difícil não é fácil, porque a gente tem que ter uma dedicação mesmo com elas, com as crianças, porque envolve muita coisa com criança pequena eu acho que envolve não só também o trabalho como o relacionamento com eles, o entender um pouco eles, tem hora que a gente tem situações difíceis, mas eu acho que é o acreditar na criança, no seu trabalho de estar lá no dia a dia com eles até conseguir.*

E: Na sua opinião quais habilidades básicas são requerida para a criança dominar a leitura e a escrita?

P7: *Eu já nem sei se tem alguma coisa básica, porque eu acredito que tem que ser possível alfabetizar todas as crianças mesmo aquelas que tem dificuldade de aprendizagem, problemas de comportamento, de especial, criança que nem tem a Fernanda, que ela tem problema de audição, a gente vê que é possível crianças que tem problema de fala de audição. Acredito que não tem.*

E: Não tem pré requisito pra ele ser alfabetizado?

P7: Não, eu acho que tem que se trabalhar em cima daquilo que a criança é.

E: Qual papel ou contribuição você atribui à família no processo de aprendizagem escolar da criança? A família tem alguma importância neste processo de alfabetização?

P7: *Acho que tem muito, porque eles a família esta passando para a escola o papel dela. Se a família ajudasse em casa e fizesse o papel dela, a escola teria mais como trabalhar com as crianças a questão da alfabetização, porque muitas vezes a gente pára uma aula para você trabalhar relacionamento, comportamento, coisas que não seriam papel da escola e do professor. Uma criança que chaga agredindo e batendo e ter que parar uma aula ou um explicação ou alguma coisa pra você trabalhar isso. Que isso também a gente faz agora.*

E: Que parâmetros você utiliza para considerar uma criança alfabetizada?

P7: Ele tem que estar lendo, escrevendo, entendendo o que lê, tanto é que a gente pede para ele ler o que escreveu e ver se não está faltando nada, uma correção para ele mesmo estar fazendo, e aí a gente considera, que ele esteja escrevendo e lendo.

E: Você acha que é possível identificar fatores causais que dificultam a alfabetização de algum aluno?

P7: Não sei se é identificar, mas a gente sabe que com aquela criança alguma coisa acontece pelo dia a dia, comparada a outras crianças, pela observação. A gente não pode falar o que é, eu acho que aí precisaria de um acompanhamento psicológico e as vezes até médico. Eu tenho duas alunas que ela não reconhece todas as letras do alfabeto. Eu tenho vinte alunos alfabéticos, alfabetizados, tenho quatro, de 32, mas eu tenho duas alunas uma principalmente que ela não reconhece as letras do alfabeto, pelo que nós vimos, pelo que nós trabalhamos, pelo que ela fez, já era para ter reconhecido. Então percebe-se que alguma coisa não está certo ali. Frente a isso eu não sei

identificar o que é, mas eu acho que precisa de uma investigação e aí seria clínico, psicológico, não sei.

E: Como você organiza a disposição física de sua sala de aula?

P7: Depende da atividade, como eles estão, as vezes você põe em dupla, mas as vezes a dupla não é produtiva, porque naquele dia eles estão agitados. As vezes colo em círculo, em meia lua, depende do dia e da atividade que for trabalhar.

P7: Como a sua escola organiza o planejamento de trabalho pedagógico?

P7: A gente faz o planejamento anual e depois organiza o trabalho no planejamento trimestral, que é o que dá o norte para o nosso trabalho. São os professores mesmo quem encaminham esta organização do planejamento.

E: Quais as medidas efetuadas por você ou pela escola quando constatado alunos com dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita? O que você faz?

P7: Como eu tava falando de antes quando tinha o Gim (Grupo de Intervenção Metodológica), o Gim é que tinha um projeto, que a gente via resultado, que tirava a criança da sala e ficava com ele lá uma hora, uma hora e pouco, muitas crianças naquele tempo a gente via resultado. Agora de lá para cá que nem tem esse hoje "o aprender mais" para o 4º e o 5º ano, eu acho que é outra coisa, devia ser desde o primeiro que é sempre isso, corre atrás do prejuízo, mas tem que ser agora, porque já tem na minha sala eu sei que tem duas crianças que vão precisar de ajuda e não é só agora é o ano que vem o outro e o outro, mas teria que começar agora porque quando chegar lá já se perdeu. Então eu acho que teria que ter um trabalho voltado em cima disso sim, um grupo de apoio, não sei como seria, retomar o Gim, mas já desde o começo, desde o primeiro ano. Sempre converso muito com os pais. Se a gente observa uma criança que já tem a dificuldade, não sabemos o que é, mas chamamos em reunião os pais para firmarmos uma parceria.

E: Quais critérios e instrumentos você usa para avaliar o desempenho em leitura e escrita de seus alunos?

P7: Tem uma sondagem inicial que a gente percebe como ele está chegando para nós. No dia a dia, com as atividades de leitura e de escrita. Que tem escrita que é espontânea e todos trimestres fazendo a sondagem que a gente prepara junto para cada um dos alunos. O que faz o nosso trabalho ser melhor é isso, é você trabalhar com pessoas que você consegue conversar, porque na verdade você está sozinha, então ter o companheiro, ter o parceiro isso é muito bom.

E: Como você organiza o seu planejamento de trabalho?

P7: Eu faço o planejamento trimestral, que parte do anual, então eu sei o que vou trabalhar naquele trimestre. No meu planejamento eu tenho a leitura diária, já há uns três anos que estamos fazendo assim. A leitura e a ilustração da leitura, eles vão lá perceber os personagens, o cenário, onde se passa a história, em que tempo foi, então isso é todos os dias, faz uns três anos que a gente está fazendo assim direto.

E: Isso na oralidade ou eles fazem algum desenho?

P7: Desenho, no caderninho deles tem o nome da leitura, o desenho, no começo tem a lista de personagens. Então eu vejo para onde caminha. Então eu sei que naquele trimestre eu tenho que trabalhar aquilo. Meu trabalho é voltado para a leitura e escrita.

E: Você utiliza algum livro didático para alfabetizar?

P7: Pra alfabetizar não, mas como suporte.

E: Você acha que o livro didático poderia ser dispensado?

P7: Não, ele tinha que ser um livro melhor, mas acabar com o livro não, porque muitas das nossas crianças, elas acabam aprendendo a utilidade da palavra, ou outras atividades para a palavra e é importante o cuidado com o livro didático porque muitos não tem outro em casa.

E: Como você procede a partir da identificação de uma criança com dificuldades de leitura e escrita? Qual o procedimento?

P7: As outras chega uma hora que elas tem autonomia e já estão fazendo bem e as que tem maior dificuldade a gente fica mais próximo delas, para trabalhar individualmente, atividades diferenciadas com ela, objetivos diferenciados.

E: Quais os tipos de textos você costuma utilizar para trabalhar leitura com seus alunos? Como você utiliza esses materiais?

P7: Trabalho muito com livros. No começo a gente é que apresenta os livros, ai depois acabam trazendo, olha trouxe esse livrinho para você ver. A mesma coisa acontece com o DVD, a gente começa apresentado, depois eles vão trazendo os filmes. A gente assiste, comenta, desenha, faz a listagem. Eles gostam muito de leitura.

E: Todos os seus alunos já estão alfabetizados?

P7: Todos, não. Numa sala de 32 alunos tenho 22 alfabetizados. Acho 32 alunos, muita crianças para serem alfabetizadas numa sala de aula, que tem problemas de comportamento, que tem problemas de criança deficiência. Acho 32 muito, mas o resultado achei que foi bom. Tive 22 crianças alfabetizadas, 6 silábico alfabético, 2 silábico com valor e 2 pré silábico. Desses que não foram alfabetizados, tenho duas que acho que elas têm que ser investigadas, porque elas não faltam, elas fazem as atividades e você vê que elas não conhecem o alfabeto.

E: A que você atribui a não alfabetização de alguns dos seus alunos? Quais são no entender de vocês as razões pra esses não estarem alfabetizados ainda?

P7: Eu tenho uma que eu acho que ela tem que ser investigada, porque ela não falta, ela faz as atividades e você vê que ela não conhece o alfabeto, são duas que são assim a Driele e Grazieli. A Driele, eu sei até que é um problema, a mãe já conversou comigo que é uma questão da separação dos pais, que ela não aceita, eu não sei, várias coisas assim. A Grazielle a gente sabe que ela tem uma vida complicada, também já conversei com a mãe, mas não sei o que pode ser, que nem na aula ela participa. As duas, oralmente que nem a Graziela ela tem oralidade muito boa, mas na mesma hora ela começa falar coisa que não tem nada haver o assunto foge, eu não sei como professora o que fazer.

E: Você faz um trabalho de alfabetização de sucesso. A que você atribui esse sucesso no trabalho? O que fundamenta o sucesso do seu trabalho de alfabetização?

P7: Trabalho e dedicação. Não é fácil, tem dia que você está só o pó, mas você está lá firme.

E: Mas isso é compensador?

P7: É muito compensador, ver eles lendo.

E: Como é essa sensação da professora quando eles leem?

P7: Outro dia a menininha chegou assim, professora, eu aprendi a lê, “oi” e ela escreveu “oi” na lousa, nossa ela estava tão feliz e a gente também porque você vê o resultado de um trabalho feito. É muito compensador.

E: Quero agradecer muito a você pela colaboração dada à minha pesquisa, através dessa entrevista.

APÊNDICE 4B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA ASSISTENTE TÉCNICA PEDAGÓGICA – ATP

E: Obrigado por aceitar o convite para essa entrevista.

E: Qual é o papel de um ATP?

ATP: *O ATP hoje, coordenador pedagógico, ele tem a função de acompanhar, monitorar aprendizagem das crianças. Acompanhar o trabalho pedagógico do professor. Fazer formação continuada dentro da escola nos horários de HTPC e formações específicas na secretaria de educação.*

E: Você está há quanto tempo como ATP?

ATP: Esse é o quinto ano como ATP.

E: Qual é a relação da função de ATP com os professores alfabetizadores?

ATP: *É uma relação bem próxima, porque a gente faz esse trabalho de acompanhamento dos alunos. Quais são as dificuldades que os alunos apresentam com relação à alfabetização e quais as possibilidades de auxiliar, de contribuir com esse professor na maneira a garantir que os alunos terminem o ano do ciclo cem por cento alfabetizados.*

E: Para você o que é ser um professor alfabetizador?

ATP: *Professor alfabetizador é aquele que promove, que tem condições, capacidade ou habilidade de promover a alfabetização desses alunos dentro do ano do ciclo alfabetização na idade certa.*

E: Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?

ATP: *Eu acho que ele tem que primeiro gostar dessa faixa etária, é uma faixa etária diferenciada, gostar desse trabalho de alfabetizar. De apresentar as letras do alfabeto, fazer todo esse trabalho de alfabetização. Ser professor frequente, não pode ser um professor que tem algum problema de falta e que tenha um trabalho sistematizado e planejado. Estabelecer rotina.*

E: Na sua opinião qual é o maior desafio para um professor alfabetizador?

ATP: *É a diversidade na sala de aula, a heterogeneidade que ele encontra na sala de aula. É um desafio grande, promover a alfabetização na idade certa para toda essa diversidade na sala de aula, garantindo os cem por cento de alunos alfabetizados.*

E: A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

ATP: *O planejamento, o trabalho planejado e sistematizado, a identificação com essa faixa etária, é ele se identificar com essa fase com esse período da alfabetização mesmo onde as crianças estão nesse momento de descoberta e a formação continuada.*

E: A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

ATP: *A identificação, a falta de habilidade pelo trabalho com essa faixa etária com esse trabalho específico e com as exigências que esse trabalho demanda por que é bem desgastante. Você precisa ter um tempo mesmo dedicado a pensar nas diferentes atividades. Atividades que estejam de acordo com os níveis de escrita de cada criança que atenda as necessidades de cada criança e a falta de regularidade, frequência e trabalho sistematizado.*

E: Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta pedagógica que vocês desenvolvem na rede municipal de Diadema?

ATP: Os documentos oficiais do MEC, o ensino fundamental de seis anos que tem alguns cadernos que tratam desta questão e os estudiosos que tratam desta questão de alfabetização mesmo, que são a Délia Lerner, a Emília Ferreiro, Ana Teberoski

E: Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?

ATP: Eu acredito que sim os alunos tem potencial e se o professor tem todo esse perfil já descrito anteriormente, mais esse trabalho todo, eu acredito nessa possibilidade e ainda com os recursos físicos necessários, a escola oferecendo todo suporte, sala de aula adequada, mobiliário adequado espaço físico adequado de maneira a garantir esse processo onde possa ter lá as letras expostas, material letrado exposto para esse aluno eu acredito que sim.

E: Na sua experiência de acompanhamento você tem sentido isso na prática?

ATP: Sim. O que a gente não consegue só para aqueles alunos que necessitam de um tempo diferenciado, os alunos com necessidades especiais e um ou outro que tem dificuldade acentuada de aprendizagem, mas fora isso eles apresentam avanço sim dentro do que eu tenho observado, oferecendo essa condições físicas, os recursos e tendo esse profissional que faça esse trabalho é possível.

E: Que ações você propõe para que a alfabetização na primeira série se torne realidade?

ATP: Atividades diferenciadas, atividades desafiadoras que coloca em cheque o que o aluno já sabe que promova desafios e conseqüentemente o avanço. Planejamento. Rotina, você precisa estabelecer uma rotina de atividades na sala de aula, uma rotina de trabalho. Essa rotina tem que ser compartilhada com o aluno ele tem que saber o que ele vai fazer em cada dia, naquele dia, quais são as propostas de atividades e muito material, muita leitura, livros de qualidade, material didático de qualidade, acho que isso já contribui enormemente.

E: Muita leitura de quem do professor, do aluno? Ou de ambos?

ATP: Ambos, mas o aluno tem que ter o contato com a leitura, ele precisa ter bons modelos, ele precisa ter referência. Então quanto mais ele lê, melhor repertório ele tem na leitura dele e o professor tem que ler para também estar acompanhando se o professor não for um bom leitor e não realizar essa leitura também fica difícil.

E: Agradeço muito a sua disponibilidade e colaboração no meu trabalho de pesquisa. Obrigado.

APÊNDICE 4C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA PROFESSORA FORMADORA

E: Você está atuando na formação dos alfabetizadores da rede, você também é alfabetizadora? Já atuou? Por quanto tempo?

F: Atualmente eu estou trabalhando na secretaria de educação, não estou em sala de aula, estou como formadora no programa do Pró Letramento; e como formadora também no programa Aprender Mais, que a gente trabalha especificamente com crianças com dificuldades do 5º ano, crianças que não foram alfabetizadas. Atuei aqui na rede com sala de primeiro ano, tanto na creche como no parcial. Minha experiência aqui, eu tenho oito anos. Tenho 20 anos de rede, desses vinte, oito anos de sala de aula, eu penso que desses oito anos de sala de aula pelo menos quatro tenha sido com alfabetização. Na rede privada eu tenho experiência de dois anos como professora com alfabetização, mais dois anos com segundo ano, crianças que já estavam alfabetizadas, mas a gente trabalhava com produção de textos e na rede privada eu trabalhei durante oito anos na coordenação, mais especificamente ligada a alfabetização também.

E: A alfabetização está presente na sua vida já muitos anos?

F: Tá, eu gosto muito.

E: Há quanto tempo você atua como formadora na rede?

F: Eu comecei atuar em 2010, não 2009, no segundo semestre de 2009 eu já participei do programa pró letramento, já comecei a ser tutora do pró letramento, fiquei no departamento de expansão e em 2010 eu vim para o departamento de formação

E: Para você o que é ser um professor alfabetizador?

F: *Na minha opinião o professor alfabetizador é aquele que ensina o aluno a aprender a ler e escrever, mas também que ensina o aluno a usar essa leitura, essa escrita. Que o aluno saiba escrever bilhete, que ele saiba ler mesmo que no início seja pequenos textos que ele seja capaz de compreender o que ele está lendo.*

E: Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?

F: *Existe, ele precisa ser um professor que goste de criança pequena, ele precisa ser um professor paciente porque ele vai ter que falar dez vezes a mesma coisa e que seja um professor que goste de lidar com a descoberta da criança que ela todo dia está descobrindo algo. Então tem que ser um professor que tenha disponibilidade para ser muito sensível ao processo de aprendizagem do aluno. Porque essa fase requer muita sensibilidade do professor, para ele perceber qual fase que o aluno está para atuar, porque o aluno não vai sair da fase que ele está de construção da escrita sozinho, ele precisa da intervenção do professor e a intervenção do professor ela é de extrema importância. Então o professor precisa ter muita sensibilidade pra fazer intervenções.*

E: Na sua opinião qual é o maior desafio para um professor alfabetizador?

F: Justamente é fazer intervenções produtivas e corretas

E: O que é intervenções produtivas e corretas?

F: Por exemplo quando um aluno faz uma pergunta, nós temos sempre a mania de se o aluno faz uma pergunta, a gente faz outra pergunta encima e há momentos que a pergunta de um aluno, por exemplo se ele me pergunta se uma palavra é com dois **ss** ou se é com **ç**, tem momentos que não adianta eu ficar discutindo, fazendo ele pensar muito sobre isso eu tenho que dizer como que é, se é com dois **ss** ou com **ç**. Agora dependendo da pergunta da criança eu posso fazer outras questões pra ele pensar um pouco um pouco mais, e isso é difícil. Agrupar os alunos, trabalhar com as crianças em sala de aula é de extrema importância. As crianças aprendem muito umas com as outras, então o

professor ele tem esse desafio de estar sempre agrupando os alunos, mas as intervenções, elas precisam ser pontuais.

E: A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

Atribuo o sucesso de alguns professores na alfabetização, principalmente em primeiro lugar por acreditarem que as crianças são capazes de aprender, estes professores conseguem fazer intervenções pontuais, percebendo as dificuldades individuais. Estes professores fazem uso de situações didáticas que envolvem situações de letramento, ou seja envolvem os alunos com situações reais de leitura e escrita.

Porém sei que fazer intervenções individuais, não é tarefa fácil para o professor, o mesmo precisa ser organizado com o seu trabalho e disposto a enfrentar a dinâmica puxada do trabalho

E: A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

F: É pensar que as crianças são pequenas demais para aprender e que elas são incapazes.

E: Tem professores que não consegue alfabetizar?

F: Tem professores que não consegue alfabetizar, eles acham que as crianças são pequenas demais para aprender ou que elas não conseguem, que elas são incapazes. Então eu vejo isso na nossa rede, coitadinho, ele é pequenininho, ou então eles não conseguem, eles tem muita dificuldades. Eu sei que a gente tem um grande número de crianças da inclusão, que realmente são crianças que não tem laudo. O Cais também não sabe qual o problema ainda, mas quando eu vejo crianças no 5º ano hoje que não escreve o nome completo crianças que estavam pré silábicas no começo do ano e chegaram a escrever texto agora e são crianças que não tem outro comprometimento, então são crianças que teriam sido capazes de aprender lá atrás, mas precisou de um trabalho focado, específico de alfabetização que o professor de 5º ano não tem o tempo de fazer o trabalho específico para essas criança aprender, aí a gente vê que o problema foi lá atrás.

E: Fale sobre o seu papel de formadora dos alfabetizadores. Que importância você atribui a ele?

F: Olha esses quase quatro anos que eu fiquei como formadora, o papel fundamental foi o de fazer as professoras acreditarem que as crianças pobres, que as crianças de escolas públicas são capazes de aprender e que nós não precisamos de recursos extremos de áudio visuais, se a gente tem só o livro didático, se a gente tem só o giz e a lousa, só o lápis e o papel, com isso é possível a gente fazer a criança aprender e outra coisa também a gente tem falado tanto de alfabetização de letramento eu acho que o meu papel fundamental nesses tempos de formação foi falar sobre a possibilidade de alfabetizar letrando, de trazer o código pra sala de aula, de discutir o código, mas de discutir o uso desse código também.

E: E isso é alfabetizar letrando?

F: Isso, a gente traz o código pra sala de aula, mas a gente traz o uso social disso também.

E: Como se dá na prática o trabalho de você na formação dos professores?

F: Então assim, nós fazemos uma formação na Unicamp, que a inicial é de uma semana, nós ficamos 8 horas por dia durante uma semana e lá eles dão as diretrizes da formação, depois de dois meses a gente tem mais uma de três dias de 8 horas e depois a última que é mais três dias de 8 horas. Depois que a gente sai de lá a gente volta pra cá e a gente na medida do possível, ou a gente elabora algumas coisas em casa e chega aqui troca uma com a outra, porque a gente não trabalha só com o que a gente viu lá na Unicamp, mas a gente associa também coisas que a gente também já viu em outro lugar que queira complementar, a gente fala há eu pensei nisso, pensei naquilo aí a gente trabalha com os professores. O pró letramento, ele não tem só uma discussão teórica, a gente sempre discute a teoria, mas sempre tem uma atividade para ser feita, para ser discutida em sala de aula, então a gente faz esse papel com o professor também, para o professor aplicar em sala de aula e dar a devolutiva e lá essa última formação que a gente tinha na Unicamp, a gente tinha a oportunidade de lá também discutir o que os professores estavam fazendo em sala de aula, de levar as produções dos alunos pra gente discutir lá as intervenções possíveis porque a gente fala tanto em

intervenção com aluno, mas tem a intervenção que a gente tem que fazer com o professor também. Que foi o caminho que a gente fez com o aprender mais na questão da alfabetização o meu acompanhamento era, as professoras sabiam disso, não era para fiscalizar, mas para acompanhar o trabalho delas para possíveis intervenções que a gente fazia.

E: Você têm, dados sistematizados, que apontam evolução dos professores que participaram das formações oferecidas?

F: Não, infelizmente a gente não tem isso. A gente tem sistematizado quantitativamente os dados do aprender mais, por exemplo, eu tenho, eu posso até te passar esses dados mais claros depois, mas de 148 crianças que foram avaliadas, 130 chegaram ao final do ano alfabéticas e reescrevendo, com problemas de pontuação de acentuação, mas crianças que não estavam alfabetizadas no 5º ano no começo do ano, então de 148 a gente tem 132 que chegaram alfabéticas e o restante estão silábicas alfabéticas. Algumas crianças dessas que estão silábicas são crianças que já foram encaminhadas para o Cais, mas ainda não tem laudo, mas a gente desconfia de algum problema maior. Do pró letramento a gente tem alguns dados que a gente percebe, mas a gente não tem um registro disso, mas em conversas com as diretoras o próprio acompanhamento que a gente faz em sala de aula, do próprio retorno que as alunas dão, a gente sabe que várias professoras cresceram muito com a formação.

E: Nas andanças que você faz pela rede, você percebe que o curso, as formações foram disparadores para mudanças da prática de muito professores?

F: Foi bastante sim. E porque ele não discute só a teoria mas ele discute a prática também. E no caso eu vou ser bem sincera, existem professores que fizeram o curso e que deram um avanço e que já eram professores da rede, agora a gente tem um número muito maior de professores ingressantes que saíram agora da faculdade e que não tinham experiência nenhuma e que se tornaram excelentes professoras alfabetizadores. Elas falam que o pró letramento foi assim uma escola para elas.

E: Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta de formação que vocês desenvolvem na rede municipal de Diadema?

F: *A gente trabalha com a Magda Soares, com a questão da alfabetização e letramento. É isso que a gente está trabalhando com o pró letramento com a Magda Soares, na leitura com a Marisa Lajolo, na questão da ortografia com o Artur Gomes de Moraes, que tem um trabalho muito bom de ortografia. Porque durante muito tempo a gente discutia que, não que o Artur coloca que não se deve com o texto, mas ele coloca que tem alguma regras que precisam ser ou ditas, ou precisam ser explicadas ou você precisa provocar atividades que as crianças daquele atividade ela consegue refletir e perceber que ali tem uma regularidade.*

E: Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?

F: *Acredito, não, não é um sonho, isso é possível e a gente tem visto isso aqui em Diadema. A gente tem um relato de uma professora que ela conseguiu os mesmos resultados na escola particular e aqui na escola pública. Eu que já vivenciei tanto a escola privada com a pública ao mesmo tempo. Então a gente tem os pais que trabalham na escola pública e na escola privada os pais também trabalham, é a mãe o pai, todo mundo trabalha. Na escola pública as vezes a crianças fica com a avó, ou sozinha e na escola privada ela fica com a empregada e todos esquecem mochila, esquecem livros, tudo isto agora sim a situação de letramento que uma criança de uma classe social mais privilegiada está inserida é muito maior, então ela tem os pais leitores, ela viaja mais, ela conhece espaços culturais mais letrados, ela frequenta esses lugares e as nossas crianças estão inseridas numa cultura letrada menor é essa a diferença, então a escola pública ela precisa suprir isso, ela precisa levar o que há de melhor pra sala de aula. E nós temos professores que ainda acreditam que as nossas crianças não são capazes de lidar com isso, a criança rica ele pode, ela pode pegar um livro que está falando sobre Van Gogh, a criança pobre não pode. Então é isso que a gente precisa é lá na escola pública que ela precisa muito mais disso, porque na escola privada ela pode ter isso em outro lugar e não escola pública não, é muito provável que na escola seja o único lugar que ela tem acesso a essa cultura letrada, a família não tem acesso a isso e ela não tem. Então é essa a diferença, mas as crianças, elas são tão capazes quanto. Escola privada tem crianças com deficiências, tem crianças que o médico, o terapeuta não descobriu o que ela tem ainda, que não tem*

laudo ainda, eu tive um aluno que agora eu acho que já descobriu, mas até o momento não tinha, não se sabia qual dificuldade, mas o menino tinha um monte de dificuldade, só que o espaço cultural, o espaço letrado, o espaço cultural que ele estava inserido era outro e ele tinha um série de acompanhamentos é essa a diferença, mas tem crianças com dificuldades, mas as crianças são capazes de aprender. Eu falo isso eu defendo isso as crianças da escola pública elas são capazes de aprender olha eu nunca me esqueço eu acho que eu já contei isso, eu sempre conto isso nos grupos de formação e você já deve ter ouvido isso, eu tive uma turma no Escola Henfil, uma turminha de 5 anos eu tava trabalhando sobre Van Gogh com eles, eu tinha uma aluninha, Denise, muito quietinha, muito tímida, ela praticamente não falava e um dia na hora da saída a mãe dela veio me entregar um recorte pequenininho da revista que tinha aquele quadro do auto retrato de Van Gogh, porque no salão de beleza, ela, a filhinha, a Denise estava esperando a mãe e viu uma revista e pediu para a mãe recortar porque a professora ia precisar, "olha a minha professora vai precisar disso daqui" e ela teve vergonha de me entregar, porque ela era muito tímida e pediu para mãe me entregar e ela toda quietinha então assim essa menina está aprendendo, ela sabe quem é Van Gogh, ela identificou, então assim as crianças são capazes, crianças de 5 anos de escola pública de um lugar de crianças pobres.

E: O que para você é uma criança alfabetizada?

F: É quando ela lê, quando ela escreve, mesmo que pequenas palavras, mesmo que com erros ortográficos ainda, mas que ela consegue interagir no meio social, ela consegue lidar com essa gama de informações, mas que ela pega uma carta ela sabe o que é uma carta, ela pega um bilhete e ela sabe o que é um bilhete e na escrita ela ainda tem erros mesmo porque a gente passa uma vida inteira aprendendo a escrever, mas que ela consiga ler.

E: Você tem mais alguma coisa que você queira colocar?

F: Eu quero colocar que esse tipo de trabalho que você faz, a pesquisa sobre alfabetização é de extrema importância. Eu acho que esse tipo de trabalho depois precisa ser dividido com a rede esse empenho, professores empenhados em acreditar que a alfabetização na escola pública ela é possível. Eu acho que a gente precisa divulgar mais isso, porque a gente sabe que o Brasil tem problema haja visto um programa, um pacto nacional que precisa ser implantado, então a gente tem problema se não, não precisava do programa, não tem esse problema só aqui e não adianta dizer que esse problema está lá no sertão, ela está lá, mas esse problema tá aqui também.

E: Pelo menos 7 anos de frequência à escola.

F: E se ela não tem nenhum problema, se ela não tem nenhum problema patológico qual é o problema então? Porque que essa criança não aprendeu? Porque vai se arrastando, porque o problema vai se arrastando porque é muito fácil lidar com quem sabe, com quem tem facilidade pra aprendizagem. Tem criança que vai praticamente sozinha, mas lidar com aqueles que tem dificuldade é que é o desafio do professor

E: É isso o que tenho sentido, muito trabalho dos professores.

F: Muito trabalho porque você precisa ter aquela sensibilidade para fazer intervenção, você precisa preparar atividades mais específicas para aquele aluno. Não adianta colocar a família como desculpa, mas a família não ajuda, não ajuda e não vai ajudar, a família não ajuda não adianta a gente bater nessa tecla. O papel de ensinar é o papel do professor e hoje as famílias estão ficando menos tempo juntas, então as crianças aprendem na escola a educação que tinha que ter aprendido em casa, as crianças ficam pouco tempo em casa com os pais. Então a escola tá com uma tarefa maior. E esta coisa eles tem que brincar, a escola tem que fazer diferença até no brincar. O brincar na escola tem que ensinar alguma coisa, porque o brincar, uma criança ela é capaz de brincar com uma tampinha na mão, com um botão na mão, com qualquer coisa, então na escola o brincar junto com o professor tem que ser diferente e tem que provocar aprendizagem, porque fora da escola a criança vai ter esse brincar, há, mas ele não tem brinquedo fora da escola, criança não precisa de brinquedo pra brincar, criança brinca com qualquer coisa, ela cria, então na escola até o brincar ele pode brincar aprendendo. Falar do comportamento leitor, de uma criança do 1º ano ela tem que saber mais do que somente pegar o livro e foliar, porque as nossa crianças do berçário já são capazes de fazer isso, ela já pega o livro e folheia, ela já não rasga o livro, ela não põe o livro na cabeça. Então quando chega no primeiro ano ela tem que ampliar isso, eles já pegam o livro a não rasga. Poxa vida, lá berçário ela

já não fazia isso, lá no maternal, no mini grupo ele já era capaz de não fazer, então a gente tem que acreditar que as crianças podem mais

E: Agradeço muito a sua contribuição que será muito importante par esse trabalho de pesquisa.

APÊNDICE 4D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO GESTOR 1 – G1

E: Você já atuou como professora antes de ser diretora?

G1: Sim.

E: Em que segmento e por quanto tempo?

G1: Ensino fundamental. Contando com a outra prefeitura, uns oito, nove anos.

E: Há quanto tempo você trabalha na rede de Diadema?

G1: Dez anos.

E: Na sua opinião, o que é ser diretora? Diretora tem papel pedagógico no comando da unidade escolar?

G1: Bom, é uma responsabilidade enorme? E o trabalho do diretor é fundamental tanto na parte administrativa quanto no acompanhamento das atividades e avaliações pedagógicas. Acredito que tenha o coordenador pedagógico, mas o diretor também tem que estar muito próximo dessa realidade, para poder fazer as intervenções necessárias.

E: Ao diretor da escola, cabe envolvimento com a alfabetização dos alunos nas primeiras séries?

G1: Sim, total envolvimento.

E: Você pode falar um pouco como é isso?

G1: Eu acho que todo o trabalho realizado na escola, exige sim um acompanhamento do diretor, e os resultados tanto de alfabetização com relação as aprendizagens, eles são importantíssimos, porque só assim a gente consegue acompanhar de fato como está sendo o ensino da escola e de fato o trabalho de acompanhamento do diretor e do coordenador.

E: Como é a sua participação na atuação com os professores alfabetizadores?

G1: Nos momentos de formação pedagógica, no acompanhamento dos cadernos de planejamento, na construção do plano anual. De acordo com as avaliações apresentadas nos conselhos, as propostas de intervenções feitas junto aos professores, e o acompanhamento em sala se for preciso.

E: Para você o que é ser um professor alfabetizador?

G1: Olha, é um professor que tem que ser compromissado, responsável. Um professor que inove sempre. Na verdade hoje, hoje não, já há algum tempo a forma que a gente alfabetiza as crianças não é mais só aquela questão de "giz, lousa, livro didático", eu acho que é lançar mão de jogos pedagógicos em sala de aula, o reagrupamento dessas crianças. Levar todas essas questões em consideração, no sentido de aproveitar qualquer oportunidade que a gente tenha para alfabetizar, independente de ser brincando, jogando, lendo um livro, contando uma história, eu acho que é isso, você lançar mão de todas as ações que você tem e aproveitar as oportunidades que estão aí.

E: Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador, ou não existe Perfil?

G1: Eu acho que não tem que ter um perfil, porque é difícil. Vamos pensar num professor que ingressou, ele chega numa escola onde tenha só os anos iniciais para alfabetização, como a gente vai falar "professor você tem perfil ou não tem perfil". *Eu acredito naquele professor que ele tá aberto a sugestões, que se coloca a disposição pra aprender, e que ouve qualquer crítica que seja em relação ao seu trabalho como positiva, para melhoria.* Hoje, de repente acompanhando o trabalho de alguns professores da rede, a gente consiga sim identificar qual que é o perfil do professor, mas os ingressantes é muito difícil porque como é que você vai falar que o professor tem perfil ou não, eu acho que ele tem que estar disponível sim, disponível a aprender, a participar de cursos de formação, mas que a gente consiga traçar um perfil eu acredito que não.

E: Na sua opinião, qual é o maior desafio para o professor alfabetizador?

G1: *Alfabetizar 100%. E quando eu falo de alfabetizar 100%, é garantir que mesmo os alunos que sejam de inclusão, que eles possam ser de fato incluídos no processo de alfabetização. Acho que a participação da família, ela é fundamental também, muitas vezes a gente não consegue. É claro que não justifica as crianças não serem alfabetizadas porque a família não participa, é claro que contribui aquela família que é mais ativa, mas eu acredito que é isso, é de fato incluir no processo de alfabetização os alunos que por algum motivo não conseguem alfabetizar.*

E: A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

G1: *O trabalho do próprio professor. A dedicação, o compromisso, as formações que a ele é proporcionada por toda a equipe, tanto da escola, da secretária. Eu acho que é uma soma de ações, mas o principal, o principal resultado eu acho que é o professor, porque independente de qualquer formação que ele venha a receber, se ele não estiver disponível a realizar de fato lá o compromisso dele, não adianta eu querer você querer se o professor não quiser.*

E: A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

G1: *É um conjunto de ações. Eu acho que o sucesso e o insucesso é o professor, o professor e a equipe que também está por trás. Não adianta o professor estar super, ultra, mega afim, se ele também não tem o apoio da gestão. Eu acho que os dois contribuem, são a soma de ações.*

E: Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta pedagógica de alfabetização desta unidade escolar?

G1: *A gente segue a proposta construtivista. Falar pra você que o tradicional não dá certo e que o construtivismo da super ultra mega certo, eu estaria mentindo. É uma soma de trabalhos e ações que dá muito certo, e a gente investe neste tipo de situação. Nem ao céu e nem ao léu.*

E: Mas, a base para isto é o construtivismo?

G1: *Sim, o construtivismo. Acredito que é mais forte o construtivismo, com certeza.*

E: Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos na escola pública na primeira série, ou isto é um sonho impossível?

G1: *Acredito que é possível alfabetizar todos os alunos, salvo os alunos com laudo médico, alguma coisa que impossibilite o desenvolvimento, mas eu acredito sim.*

E: Que ações você propõe para que a alfabetização na primeira série se torne realidade?

G1: *Além do acompanhamento do trabalho pedagógico feito com o professor, das orientações, as formações, acho que todos os professores que atuam nos anos iniciais precisam sempre estar reciclando e caso tenha algum aluno que a gente não consiga atingir, que a gente faça os agrupamentos que a gente vem percebendo que ao longo dos anos aqueles alunos que acabam escapando por algum motivo, o agrupamento ele tem dado um resultado super positivo.*

E: Se quiser alguma coisa a mais, fica a vontade.

G1: *Você tinha comentado se alfabetização era problema de aprendizagem ou "ensinagem". Eu acredito que os indícios maiores são de "ensinagem" do que aprendizagem, porque pro aluno aprender o professor precisa ensinar, se o professor não ensina, o problema é de "ensinagem". O que a gente fala muito aqui com os professores: não adianta você fazer todas as formações que tem disponível e não colocar isso em prática. As vezes a gente percebe isso nas avaliações que a gente faz com as crianças, eles falam "Ah mas ele não faz" porque que ele não faz, ele não faz porque não aprendeu ainda, ou ele não faz porque você não ensinou, há eu não passei muita coisa, então não adianta você cobrar da criança aquilo que você ainda não ensinou. Então eu acredito que se há alguma defasagem com relação à alfabetização eu acredito que seja de ensinagem não de aprendizagem.*

E: Agradeço muito sua entrevista pela colaboração nesta pesquisa sobre alfabetização.

APÊNDICE 4D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO GESTOR 2 – G2

E: você já atuou como professor, antes de ser diretor ? Em que segmento? Por quanto tempo?

G2: Sim, sete anos na modalidade fundamental, EJA e infantil.

E: Há quanto tempo trabalha na rede de Diadema?

G2: Na rede de Diadema 8 anos.

E: Na sua opinião o que é ser diretor? O diretor tem papel pedagógico no comando da unidade Escolar?

G2: Diretor é uma peça fundamental na escola, porque ele deve articular com professores e o grupo de funcionários para que as coisas se concretizem. O diretor tem que atuar no pedagógico da escola porque se só a função administrativa, qualquer um poderia fazer. Acho que o administrativo faz parte, porém, é necessário que o diretor cumpra o objetivo principal da escola que é o pedagógico, senão não seria necessário um profissional da educação para atuar lá.

E: Ao diretor de escola cabe envolvimento com a alfabetização dos alunos nas primeiras séries?

G2: Cabe. Acho que ao diretor da escola cabe tudo, ele tem que estar envolvido com todos os anos do ciclo, não só com alfabetização, mas a alfabetização como processo importantíssimo que é base para todos os outros anos, o diretor tem que estar envolvido, tem que ter acompanhamento.

E: Como é a sua participação na atuação com os professores alfabetizadores?

G2: Na escola, eu atuo juntamente com a coordenadora pedagógica. A gente faz os controles, verifica com o professor o que é que ele está necessitando no dia a dia, atua nos projetos juntamente com eles, nos conselhos de classe. A gente sempre levanta e faz acompanhamento dos alunos que estão sendo alfabetizados: porque ainda estão sendo alfabetizados, se estão tendo dificuldade, que tipo de apoio o professor precisa para que essa alfabetização seja concretizada.

E: Para você o que é ser um professor alfabetizador?

G2: Professor alfabetizador ele tem que ter, eu não digo que vocação, mas ele tem que ter uma afinidade muito grande com o processo de alfabetização, porque não é simplesmente chegar lá e alfabetizar. Ele tem que ter todo um traquejo e tem que ter toda uma formação, e gostar de fazer esse trabalho porque é um trabalho muito difícil, porque o processo de alfabetização, principalmente nas criancinhas de 6 e 7 anos, não é só ensinar o processo, é ensinar ele a se organizar, organizar caderno, organizar rotina, ser realmente um aluno de ensino fundamental e entrar no processo. Não é simplesmente pegar, dar letra móvel e passar atividade, vai além disso e é muito trabalhoso, então o professor tem que gostar de alfabetizar, e ele tem que se sentir preparado para alfabetizar, pelo trabalho que isso envolve.

E: Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?

G2: Não, eu acho que assim, existem perfis, um perfil não, mas perfis existem. Tem características que eu acho que em todos os anos mesmo na questão da alfabetização, eu acho que o professor tem que ter uma das características principais: ser paciente, ser acolhedor com a criança, para desenvolver vínculos, para que a criança entre nesse processo, essa é uma das características principais. E seja um professor que troque com o grupo e que converse muito com a família, para que a família colabore, e que a família também entenda que o processo de alfabetização, as crianças quando saem do infantil e chegam no fundamental, que elas começam a ser alfabetizadas, os pais estranham também, então tem esse link com os pais, porque as crianças só querem brincar, estão acostumadas com muita brincadeira na educação infantil e quando entram no fundamental, essa brincadeira dá uma diminuída, não é que acaba mas ela dá uma diminuída, aí o professor também tem que ter a característica de introduzir a alfabetização com brincadeiras, com jogos, para que criança também não sinta tanto isso. Então o professor tem que ter essa característica de também

brincar, brincar alfabetizando, de não ter aquele modelo tradicional de alfabetização porque se não acaba atrapalhando o processo.

E: Na sua opinião qual é o maior desafio para o professor alfabetizador?

G2: Maior desafio do professor alfabetizador é a quantidade de alunos, porque ele tem que fazer um trabalho individualizado. Nesse trabalho tem que fazer um acompanhamento individual, uma intervenção, e isso, a quantidade de alunos, acaba que ele não consegue dar a atenção necessária.

E: Quantos alunos são por sala?

G2: Trinta e dois. Outra questão é da falta. O aluno que falta muito acaba perdendo a sequência, aí sempre está retomando, retomando e retomando. É uma questão que tem que ser trabalhada com o pai, para o pai já encarar a criança de seis anos como uma educação mais formal.

E: A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

G2: *À dedicação e à formação, porque ele pode ter alguma experiência profissional, mas se ele não tem uma formação boa que acompanhe todo esse processo de modernização que existe, que a criança diferente aprende de forma diferente, e que ele precisa se formar pra ele chegar nesse aluno, então a formação e a dedicação são coisas essenciais porque demanda muito trabalho e o professor tem que se desgastar muito. Então ele tem que ter a consciência que ele vai se desgastar, ter muito trabalho, mas ele consegue dar conta, e pra ele dar conta ele tem que ter uma boa formação.*

E: A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

G2: *O principal é a falta de formação do professor. Acho que na educação todos os professores tem que se dedicar, dedicação é pra todos, principalmente para alfabetizar. Se você não tem formação para alfabetizar não vai alfabetizar mesmo, porque você vai tentar alfabetizar no coletivo, alfabetizar de forma totalmente tradicional, aí não dá certo. Você tem que ter uma excelente formação para alfabetizar, se você não tiver formação, o aluno não aprende, eu acho que o principal, tem a questão de muito aluno por sala, mas se o professor tem formação ele consegue dar conta, mas se você não tiver formação você pode ter pouquíssimos alunos por sala que você não vai conseguir*

E: Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta pedagógica de alfabetização da sua unidade escolar?

G2: O construtivismo e o sócio-interacionismo, que estão assim, intimamente ligados. Há casos que a gente tenta de todas as formas alfabetizar a criança, tenta com um método tenta com outro, tenta com uma estratégia tenta com outra, até algumas coisas do tradicional a gente usa também, não pode colocar tudo “não presta”, nós fomos alfabetizados assim. Então acho que você tem que usar todas as maneiras, todas as estratégias para alfabetizar, só que você tem que ter uma linha, e a nossa linha é essa, o construtivismo e o sócio-interacionismo.

E: Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?

G2: *Não, não é um sonho impossível, consegue. Escola particular consegue, por quê que escola pública não consegue? A criança ela aprende. A inteligência da criança, não está no nível sociocultural, socioeconômico. Então ela aprende sim, a gente tem crianças que tem muitos fatores que interferem na aprendizagem, não só de crianças como de adultos, a gente também tem, quando está com problemas, tem uma série de coisas, que a gente também não consegue ter o mesmo nível de aprendizagem. Tem todas essas questões, principalmente nas escolas de periferia a gente tem muitos casos, maus tratos, mas mesmo assim, as crianças nessas características, graças a deus não é a maioria, eles também aprendem. A gente já teve casos aqui de criança que teve uma vida tão sofrida, essa teoria já foi por água abaixo, uma vida sofrida de não ter nem o que comer e a criança aprendeu maravilhosamente bem, então a gente não pode relacionar uma coisa com a outra, atrapalha em alguns casos mas a gente consegue.*

E: Que ações você propõe para que alfabetização na primeira série se torne realidade?

G2: Olha, é manter o grupo de professores. Que um colabore com o outro, que um compartilhe o trabalho. Que esse grupo seja bem informado, que tenha uma boa formação, eu acho que é a principal ação da escola, a manutenção do grupo e tentar investir nele.

E: O seu grupo de alfabetizadores é o mesmo há um tempo?

G2: É o mesmo há três anos, e a gente percebe que todos os anos os nossos índices de alfabetização tem melhorado muito, não só os índices como a qualidade desses índices. Antes a gente ficava “não, vamos alfabetizar, está alfabetizado na palavra”, hoje a gente percebe que eles já estão começando a escrever pequenos textos, a questão verbal mesmo, a oralidade está sendo muito bem trabalhada, então são crianças que se expressam muito melhor. Você não fica só naquela questão de alfabetizar, mas você vai na questão do letramento, e você percebe a qualidade, a qualidade de três anos atrás não é a mesma qualidade de agora, ela é bem superior, tem uma amplitude maior, nas questões das aprendizagens gerais, não só focada naquela questão de alfabetização “ler e escrever”.

E: Você tinha falado de quanto mais cedo alfabetizar melhor?

G2: Quanto mais cedo alfabetizar a criança ela vai avançar mais nos outros anos. Ela vai ter possibilidade de ter muito mais conhecimentos, ter acesso a maiores conhecimentos, então esses conhecimentos que a criança tem vai possibilitar avanços quando passar para ensino fundamental II, para o ensino médio. A partir do momento que o aluno se alfabetiza mais cedo, ele vai ter mais tempo, dentro do ensino fundamental, de aprender mais, de ter mais conhecimento e de aprender mais coisas, de aprender mais conteúdos e desenvolver mais. Uma criança que no segundo ano, que a gente tem muitos casos aqui, que já produz textos, ele vai trabalhar vários tipos de textos, então aumenta o leque. Agora quando você ta alfabetizando, alfabetizando, vai até o quinto ano alfabetizando o aluno fica em defasagem. Compromete as outras aprendizagens, os outros conhecimentos que a criança deveria ter, então isso favorece.

E: Agradeço muito a sua contribuição no meu trabalho de pesquisa com esta entrevista.

APÊNDICE 4D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO GESTOR 3 – G3

E: Você já atuou como professora, antes de ser diretora? Em que segmento? Por quanto tempo?

G3: Sim, eu estou na rede desde 2000 eu entrei na educação eu vim de outra, eu entrei em 2000 eu fiquei 3 anos na educação infantil como educadora infantil e em 2003 eu ingressei no fundamental e fiquei até 2007. Em 2007 eu fui compor a equipe do Gim (Grupo de Intervenção Metodológica) que a princípio trabalhava mais com a ideia da leitura e depois foi ampliando. No Gim eu fiquei dois anos no na escola Anita. Voltei pra sala em 2009 fiquei até Junho e vim pra cá (Átila).

E: Então você já teve experiência como alfabetizadora?

G3: É, trabalhava com alunos de 1º ano, nos anos que fiquei no fundamental, alunos de 1º a 5º ano, mas em 2009 quando eu voltei eu peguei 4º e 5º ano, até porque eu tinha uma coisa comigo, quando eu entrei em 2003 eu ficava horrorizada com o fato que eu acho que foi o que me levou a estudar o tema, então a minha opção em não pegar 4º e 5º era essa, se eu tiver que alfabetizar metade da sala eu pego um 1º ano e aí em 2009 por eu ter ficado fora da sala dois anos eu não tive muita escolha, muita opção de escolha, até porque eu era professora do horário intermediário, tinha duas salas e era dois quintos anos e eu confesso pra você que eu voltei muito apreensiva, era a primeira vez que eu estava trabalhando com esse quinto ano, mas em relação a essa questão da alfabetização e para minha surpresa o número de alunos sem alfabetizar tinha sido reduzida assim muito, e foi até interessante que na época era a Rosana, a Eliana e a Elaine que trabalhou aqui comigo que eram diretoras do União, então o meu olhar era de fora, então eu falei, olha eu estou muito feliz com o salto, de cara fiz a sondagem diagnóstica, então assim me surpreendi muito tanto em matemática, eles tinham adquirido conceitos assim que eu não conseguia imaginar em 2003 trabalhando com eles. Eles vieram com uma bagagem muito boa, então como eu estava chegando na escola foi interessante esse olhar, talvez quem estivesse lá todo esse tempo não tinham percebido, então eu senti que reduziu esse número de alunos que estavam chegando no 5º ano sem alfabetizarem, mas assim ainda não era o ideal, mas eu senti que nos estávamos caminhando.

E: A quanto tempo trabalha na rede de Diadema?

G3: Na rede desde 2000

E: Na sua opinião o que é ser diretor? O diretor tem papel pedagógico no comando da unidade Escolar?

G3: *Eu acho que o ser diretor, ele vai além da questão burocrática, sim com certeza, eu sei que tem algumas redes que o diretor só faz essa questão, até porque tem uma figura de uma outra pessoa pra cuidar da questão pedagógica. Em Diadema na forma que estamos organizados, ainda se faz necessário que o diretor acompanhe sim. Eu acho que quando você pensa uma educação de qualidade, ela vai muito além da parte burocrática. Eu acho que o diretor deve entrar na sala de aula e acompanhar, você não deve só sugerir, mas aplicar um jogo junto com o professor. O planejamento tem que ser flexível e o grupo eu acho que ele tem essa necessidade e nós sentimos ele mais próximo quando ele sabe que ele pode entrar na minha sala e falar assim, olha eu preparei essa atividade de leitura, mas eu não sei se está adequada você pode dar uma olhadinha e me dar uma sugestão. Então assim eu acho que a direção, ela tem sim que responsabilizar pela parte pedagógica e tem que se capacitar pra isso. Nós não temos a resposta para tudo, porque até outro dia nós também estávamos na sala como professores e tínhamos as nossas dúvidas. Então eu acho que esse é papel sim da direção tem a parte burocrática, que você tem que dar conta, mas eu acho que os professores eles não podem ficar com essa responsabilidade só pra eles eu acho que é um trabalho de parceria.*

E: Ao diretor de escola cabe envolvimento com a alfabetização dos alunos nas primeiras séries?

G3: Com certeza eu acho que é aquela coisa que eu já falei é você pensar no 1º ano com foco lá na frente então o que eu vou fazer, o que nós vamos propor no coletivo da escola, diretor, professor, coordenador pedagógico que nós temos aqui em Diadema. O que nós podemos propor pra essas crianças para que elas cheguem menos defasado lá no 5º ano. Nós temos um dado que é bem

interessante aqui na escola e que nos fortalece, nesse sentido de saber que a nossa responsabilidade é também com o pedagógico, que foi o nosso dado do IDEB que subiu, então isso é uma coisa que para nós nos deu muita segurança de saber que nós estamos indo no caminho certo, conseguimos detectar onde estão algumas falhas, mas nós vamos ajustando, mas assim o resultado do Ideb foi muito significativo pra nós. O Ideb da nossa escola ele foi superado. A nossa meta projetada era 4.9, que é baixa ainda, nós sabemos, mas ele subiu foi para 5.4, superou o previsto e nós sabemos ainda que não é o ideal, mas foi um grande avanço

E: Quantas sala de 1ª séries você tem?

G3: Nove turmas.

E: Como é a sua participação na atuação com os professores alfabetizadores?

G3: *Além do acompanhamento que eu falei, nós garantimos esse acompanhamento do caderno de planejamento, essa devolutiva, nós também participamos do planejamento, então assim a organização do planejamento em si, eu acho que um desafio para o 1º ano foi conseguir trabalhar os objetivos propostos, sem perder o foco. Auxiliar o professor, providenciar materiais quando necessário, porque o professor de 1º ano não tem como usar muito o caderno, então não adianta você ficar passando coisas na lousa, as vezes um jogo é estimular esse grupo levar o jogo isso foi um ganho aqui nessa escola, nós tínhamos caixa de jogos, a rede está bem abastecida, nós temos muito material para trabalhar. Eu acho que tem alguns jogos, alguns recursos que o professor ele não tá preparado, mas que existe recurso sim eu acho que o nosso papel é detectar essas falhas eu vou te dar o exemplo do material dourado, nós temos o material dourado, quando nós fomos perguntando pro grupo, mas vocês não usam, eu não sei usar. Então nós puxamos uma formação, então é sempre assim, a necessidade, qual é a necessidade real do grupo, só o material não dá conta, você tem que interagir com esse material, você tem que levar esse material. O MEC mandou materiais muito bons, a secretaria através da Atp proporcionou um formação muito bacana. E assim o que nos dá muito prazer é perceber as professoras circulando com esse material e levando para a sala e você entrar na sala e perceber que a criança, ela não está copiando e que o professor já tem claro que não vai garantir a alfabetização com a lousa cheia porque eu posso usar o lúdico também é uma brincadeira, é um jogo e aí quando os professores começaram a se apropriar desses materiais é que nós fomos percebendo e limpando o meio de campo, então tá, eu vou usar a letra móvel e só dou aquele monte de letrinhas pra ele, porque era isso que acontecia, eu estou usando a letra móvel, estou fazendo o que você disse, mas não está surtindo efeito. então desce para a sala, nós acostumávamos a descer para a sala para acompanhar, para observar e assim o bacana era que elas nos recebiam muito bem e não era aquela coisa a diretora está vindo me espionar, era um parceria mesmo.*

E: Há uma relação de confiança?

G3: Sim, eu falava qual o seu planejamento? Esse, esse e esse, você quer que eu atue com algum grupo, a se você puder ficar com aquele grupo ali, então assim tinha todo um planejamento e nós observávamos e sem melindres mesmo. Então olha, depois aplicou a atividade fizemos as observações algumas vezes até anotávamos chamava a professora, você pode fazer assim, assim e assim. *A letra móvel tem uma coisa muito interessante que todos eles falavam, mas eu dou letra móvel e num está dando certo e as crianças quando chegam na hipóteses silábica alfabética empaca, mas eu não sei mais o que eu vou fazer, sim olha vamos, como que está fazendo com a letra móvel? Há eu entrego e peço pra ele escrever a palavra e ele escreve faltando letras, dá as letras que forma a palavra para criança fora de ordem e pede para ele organizar e aí a gente sempre falava uma coisa se coloca no lugar da criança, você tem um pote de letras, jogam aquilo na tua mesa para você escrever jacaré, você se sente desmotivado, há eu nunca tinha pensado nisso. Pegue as letras que forma a palavra jacaré separa e pede pra ele organizar. Então assim esse contato com os professores, essa possibilidade de estar sempre na sala de aula observando foi que fez que nós melhorássemos também as nossas orientações em relação a intervenção do professor na sala, porque só o caderno ele não dá conta, porque a escrita as vezes ela é muito vaga então assim esse contato próximo com eles é que foi ajustando a nossa intervenção em relação a esses professores do primeiro ano, então isso foi uma coisa que foi positiva também.*

E: Para você o que é ser um professor alfabetizador?

G3: *É você saber que é necessário ter o planejamento que eu vou utilizar “n” recursos além da lousa e caderno. É você, acho que acima de tudo saber que vai ser um eterno estudante, porque é o tempo inteiro, uma coisa não deu certo eu busco outra e respeitar também a individualidade de cada um, eles não vão aprender no mesmo tempo. É aquilo que nós falamos a então eu vou preparar atividade separada, sim e vai ter momentos que eu vou dar a mesma pra todo mundo.* Eu acho que não é orientar o professor numa perspectiva falsa, então não adianta eu ir lá e falar assim todos os dias você vai ter uma atividade para o pré-silábico, para o silábico. Você sabe que isso não funciona, quem entra em sala de aula sabe que não é assim, acho que tem que ter o professor alfabetizador, é isso. *Acho que ele tem que estar bem consciente do que ele quer, das metas que ele quer atingir, dos recursos disponíveis e saber que ele vai ser um eterno estudante. Sempre vamos estar buscando.*

E: Qual é o perfil necessário para um bom professor alfabetizador? Ou não existe perfil?

G3: Eu acho que não existe um perfil eu acho que você vai construindo esse perfil. Esse ano eu tenho o exemplo de uma professora de matemática da EJA que pegou uma turma de 1º ano. Ela demonstrou interesse em suplementar e eu tinha um sala de 1º ano que já estava há três semanas sem professor, então ela, mas eu vou conseguir? Professora de matemática, você quer que eu seja sincera nem eu sabia se ela ia conseguir, mas eu acredito na questão da ensinagem, eu acredito que você pode aprender se você buscar você consegue atingir seus objetivos. Lembro que nas duas primeiras semanas eu sentei muito com ela, na aula do especialista tirava essa professora da sala, contrariando até as normativas da secretaria que é do professor ter que acompanhar, e aí nós fizemos um meio que um estudo das hipóteses, aquela coisa bem básica mesmo, então as hipóteses o que caracterizava cada uma, que tipo de atividade para favorecer o avanço de cada uma dessas hipóteses. Entreguei muito material para ela, entreguei uma pasta com algumas sugestões e assim é muito gratificante no final do ano você ver essa pessoa falar gente como é bom alfabetizar, eu não sabia que eu seria capaz, então eu acredito que não tem perfil, você constrói. Acho que quem constrói esse perfil é você, assim como ela também poderia não ter tido sucesso e acho que assim no 1º ano existe muito essa cobrança ele tem que sair pelo menos alfabético na palavra e eu acho que nós sempre deixamos o grupo muito tranquilo no sentido da questão do tempo da criança. Então ao ponto de fazermos um conselho em que os dados são jogados lá no projetor e o grupo não fica com melindres e ninguém fica com olha você, tem tantos não alfabetizados, mas o grupo tem muita segurança e muita clareza do seu papel e do que fez pra chegar ali no final de ano com tantos, é claro que o professor alfabetizador eles vão muito nesta questão da hipótese, mas a gente também não pode esquecer que ao final do 1º ano muitos alunos, eles já estão alfabéticos a tempo e eles acabam indo pro 2º ano sem produzir um texto, porque o professor fica tão receoso, é como se ele fechasse aquele ciclo e falasse assim, há eu tenho que fazer com ele chegue até aqui, mas daqui pra frente já é com o do segundo ano. Eu lembro muito da professora Eliane Amorim do Anita, que ela pegava as turmas do 2º ano, nós conversávamos muito sobre essa questão, essa transição do 1º pro 2º ano, então o aluno ele chegava lá escrevendo até palavras com segurança, mas ele não conseguia construir um texto e isso é um grande nó, eu acho que pra quem trabalha com alfabetização, porque ela vai além, ele chegou alfabético, mas eu não conclui ainda esse processo de alfabetização. Então eu acho que ainda é um desafio pra gestão garantir que esse aluno, que ele chegou ao final do 1º ano alfabético e que ele inicie uma produção textual já no 1º ano.

E: Na sua opinião qual é o maior desafio para o professor alfabetizador?

G3: Olha eu acho que é ajustar a sua sala de aula há tantas práticas que tem surgido por aí, porque quando você trabalha, nós temos muitos professores que trabalham em redes diferentes, cada rede tem o seu método, cada pessoa fala uma coisa, cada educador tem uma ideia do que seja o melhor método de alfabetização eu acho que o grande desafio é isso é construir o meu método, que método eu vou usar, se é que eu posso falar que é um único método, porque eu acho que quem se depara com uma turma de 1º ano para trabalhar nesta questões da alfabetização *a pessoa vai ter que construir sim a sua prática e aí em acho que em alguns momentos ele vai ter que perceber que ele vai usar vários métodos, ele não vai usar um único que não dá para você fazer isso, eu acho que é isso é construir a sua prática em cima de tantos métodos de tantas ofertas que nós temos por aí.*

E: A que você atribui o sucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

G3: *Eu vou te responder uma coisa que tá atrelada com a outra, eu acho que é “meta e foco no objetivo”, eu acho que quando o professor ele pega o planejamento e ele não se afasta daquele*

planejamento eu estou falando de da escola Átila, porque nós construímos juntos, ele consegue o sucesso.

E: A que você atribui o insucesso de alguns professores que atuam na alfabetização?

G3: Acho que uma das primeiras coisas é o professor achar que ele vai dar conta de tudo eu acho que ele acaba se frustrando porque ele já vai com aquela expectativa de que a eu vou alfabetizar 100% e a falta também de trabalhar de respeitar a questão do trabalho coletivo. Acho que sozinho você não funciona, nós acreditamos e buscamos muito essa questão do trabalho coletivo então se eu estou trabalhando com a alfabetização eu tenho lá tantas hipóteses diferentes na minha sala se eu trabalhar no coletivo, se eu tenho o mesmo objetivo, eu estou trabalhando com o mesmo gênero, porque que eu vou fazer quatro ou cinco atividade diferentes só pra minha turma se eu posso me reunir com as minhas colegas e cada uma fazer. Então uma das coisas eu acho que é esta questão do trabalho coletivo, quando você não tem isso você trabalha de uma maneira isolada eu acho que não funciona muito bem, você tem que saber que vai haver momentos que essa criança, ela vai sair da sua sala, assim como nós temos a experiência do agrupamento para isso dar certo o grupo tem que constituir mesmo em quanto coletivo.

E: Quais são os fundamentos teóricos que embasam a proposta pedagógica de alfabetização da sua unidade escolar?

G3: Olha, nós trabalhamos assim, a questão do Construtivismo ele é muito forte, ela não é só, ela não é a concepção, ela não é a única, mas é hoje em dia acompanhando os cadernos de planejamento eu consigo ver um pouquinho do tradicional sim, nós temos aqui na escola professores que eram do Estado e que as pessoas costumam dizer que professor do Estado é muito tradicional, mas que tem uma bagagem bárbara, a prática que eles tem de conseguir trabalhar todas as áreas é uma coisa assim que eles expandiram pro grupo. Então eu acho que não existe uma teoria, é difícil responder, porque você consegue perceber que as pessoas estão buscando “n” estratégias, “n” métodos, não conseguiria definir uma única.

E: Você acredita que é possível alfabetizar todos os alunos, na escola pública, na primeira série? Ou isto é um sonho impossível?

G3: Eu diria que justamente pelo que nós conseguimos garantir nos últimos tempos em relação a questão do acesso, eu acho que não, eu acho um pouco difícil justamente porque eu recebo alunos de inclusão, não tem uma formação que contemple esse atendimento desse aluno eu acho que na nossa rede nós temos alunos que eles são incluídos, mas eles simplesmente passam pela rede, que nós não conseguimos dar conta, a rede expandiu muito e o atendimento do Cais, ele não dá conta e o professor já é difícil você trabalhar com alfabetização e ainda você pega um aluno altista, então assim eu acho que não frente a essa abertura. Eu acho que isso dificulta e outras situações também, eu acho que a própria falta de opção também do professor que só sobrou o 1º ano.

E: Aqui na sua escola tem alguma sala que chegou todos alfabéticos ao final do ano ?

G3: Sim tenho salas que chegou todos alfabéticos, inclusive alunos produzindo textos muito bons por ser um 1º ano, não é um texto que ele está dentro das normas, pontuado corretamente tem algumas trocas com alguma questões ortográficas, mas com uma sequência lógica bárbara, tem alunos que eles produziram um texto, com o gênero que nós trabalhamos agora pro 1º ano foi contos de fadas, então ele conseguiu fazer a versão dele é de maneira que ele incluiu pedacinho de cada história ou um personagem naquela produção textual. O interessante e uma coisa que ajuda muito você acompanhar esse processo é a questão do portfólio que nós orientamos o grupo a montar, é uma forma de acompanhar, então isso também é uma coisa bem interessante porque você pega aquela aluno pré silábico e ele tá produzindo, mas tivemos sim salas de 1º ano que foram fechadas, todos alfabetizados tem alguma dessas sala que não sei se poderíamos contar nela tem uma criança evadida, mas todos os 31 alunos tirando essa criança eles chegaram alfabéticos

E: Ai você está dando a resposta a pergunta que eu fiz anteriormente que é possível alfabetizar na 1ª série

G3: É possível e depende muito das circunstâncias, mas é uma coisa possível.

E: Que ações você propõe para que alfabetização na primeira série se torne realidade?

G3: Eu acho que a formação de professores é uma coisa que a nossa rede já garante, em cursos muito bons do pró letramento, eu fiz o letra e vida um tempo atrás, mas eu acho o que falta para rede como um todo é o acompanhamento dessas práticas porque por exemplo você vai faz o pró letramento ele é mais focado lá pro final do 3º ano enfim, mais não existe um acompanhamento dessas práticas e eu acho que para o professor ainda é muito difícil. Você vai lá na secretaria faz um formação para trazer aquilo para dentro da sala diante de tantas outras demandas que ele tem, então assim é diário, é planilha, é planilha de alimentação é percurso, tudo isso que parece é besteira o professor reclama de mais, mais vai lá na rotina pra ver como isso funciona. Você conversa com esses professores falta tempo de estudo, falta esse tempo do planejar é uma coisa que nós conversamos muito com eles. Nós abrimos mãos de muito mais que 4 horas por semana para fazer esse planejamento. O 1º ano então o tempo todo é troca de email manda pra escola alguma coisa é impressa aqui outras vão pra secretaria, requer muitos recursos.

E: Agradeço muito a sua contribuição que com certeza será de grande valia para esta pesquisa.